Primeiros povoadores do Brasil

5.ª Serie "BRASILIANA" Vol. 37
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

J. F. de ALMEIDA PRADO

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

Primeiros povoadores do Brasil
1500-1530

2.ª EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1939

A

Afonso d'Escragnolle Taunay

INTRODUÇÃO

Destinava-se o presente volume ao curso de *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* da primeira tentativa de Faculdade de Letras e Filosofia de S. Paulo. Nova diciplina em o nosso ensino superior, muitas foram as dificuldades que encontramos para metodizal-a. Preferimos nestas condições, dar-lhe como norma feitio quasi esquemático, afim de que, á míngua de outras, tivesse pelo menos a virtude da claresa.

Reduzido a quatro o número de capítulos, ainda foram sintetizados no máximo permitido sem prejuiso da matéria, a saber; *O Português na Era dos Descobrimentos; As Primeiras Expedições para o Brasil; Povoadores Europeus Pré-Coloniais;* e o *Indio*, com o qual náufragos, desertores e degredados das expedições, haviam de se mesclar na penumbra da proto-história brasileira.

Dezejariamos alongar-nos sobre os primórdios da obra povoadora, mas tão escassa é a documentação sobre o período do ano de 1500 á instituição das capitanias, que não nos foi possivel. Para compensar a falta de elementos, saimos do quadro traçado, analizando complexos visinhos ou remotos, que poderiam ter influido na época. A história do Brasil desse período, ainda não pode ser regional, é apenas um vago episódio da universal.

* * *

Excluimos propositalmente, no capitulo dos *Povoadores Europeus*, a região em que viveram no Brasil. Assim entendemos, porquanto depois de 1530, estabelecidos os portuguêses, na terra, em contato com a metrópole, fundiram-se os João Ramalho e Caramurú, com os brancos em aumento nos núcleos colonisadores. Tornara-se então problemática a existência de um português solitário, pela hostilidade que se levantou no aborígene contra o invasor.

Coincidiu, o ponto do início da ocupação portuguesa, com o sítio onde o náufrago ou degredado se estabeleceu no litoral. Pareceu-nos destarte exessivo tratar do quadro em que existiu no Brasil, para novamente descrevel-o e com muito mais pormenores, nos volumes sobre as Capitanias que talvês sucedam ao presente.

O índio da época dispõe de documentação tão escassa quanto o primitivo povoador branco. Algumas notícias de cronistas, poucas narrativas de viajantes, cartas jesuíticas, quasi tudo posterior a 1550, compreendem os dados existentes. Tivemos de ir, ante a indigência de subsídios, além do periodo por nós fixado. Só com as informações anteriores não era possivel aprezentar o gentio do descobrimento.

* * *

Várias veses sentimos que parte da História do Brasil está por se escrever. Anotámos durante o trabalho preliminar de documentação, algumas das correções que obras recentes trouxeram ás antigas. Só a *História da Colonisação Portuguesa do Brasil,* contribuiu com as seguintes, colhidas ao acaso no tomo II, págs. 16, 44, 46, 111, 118, 123,

147, 148, 221, 250, 157, 261, 277, 278, 325, 352, 366, 404, 427, e 437, para citar as mais importantes retificações a Varnhagen, Costa Lobo, Capistrano de Abreu, Gaspar Correa, Cândido Mendes de Almeida, Zeferino Cândido, Orville Derby, Stevenson, Denucé e Bras de Oliveira. No III volume, temos igualmente págs. 28, 59, 60, 61, 66, 71, 79, 107, 115, 120, 125, 129, 152, 174 e 288, relativas a Rocha Pombo, Capistrano de Abreu, Frei Luis de Sousa, padre Galanti, Gomes de Carvalho, Paul Gaffarel, João Mendes de Almeida, Ayres do Cazal e Varnhagen. Por sua ves, os sábios colaboradores da monumental *História*, já foram colhidos em contradições, erros e deficiências.

Por aí poderá avaliar o leitor os obstáculos que cerceam qualquer exegese sobre o nosso passado (1).

* * *

Outra falha enorme que o grande público geralmente ignora é a ausência no Brasil de bibliografias críticas. Não sabemos quais são os autores que versaram o assunto que nos interessa, ou si alcançamos um nome, continuamos na ignorância do seu valor, acontecendo não raro o que citava Martim Francisco III, *"Quem quizer desaprender história do Brasil leia Pereira da Silva"*. Somos pois, obrigados a recorrer á benevolência de apenas tres ou quatro eruditos, Afonso de Taunay, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, que for-

---

(1) Na elaboração deste trabalho tinham aumentado com as restrições cambiais impostas aos particulares dezejosos de livros científicos inexistentes nas livrarias do país.

mam o cenáculo destinado a informar quarenta milhões de brasileiros!

Despido de teorias em moda, tão apreciadas em certos meios (2) *Primeiros Povoadores do Brasil* limita-se a intúitos meramente informativos. A experiência das novidades, e dos frutos que dão entre nós, aconselha o maior cuidado na aplicação de doutrinas mal estabelecidas. Não fizemos concessões aos tabús atuais da antropo-geografia ou morfologia social. Sempre acentuámos as nossas incertesas, e juntámos as fontes, não com intenções de alardear erudição, mas para o leitor tornar-se independente do compilador.

Também tivemos o maior cuidado em as nossas apreciações, pois nunca foi tão necessário como hoje ao estudioso, libertar-se de propensões, prevenções ou conveniências pessoais, num supremo esforço para atingir a serenidade com que deve ser lida a História.

Si vero solem ad rapidum lunasque sequentes
ordine respicies, nunquam te crastina fallet
Hora, neque insidiis noctis capiere serenae.
(VIRGÍLIO, GEÓRGICA)

---

(2) V. a crítica aos atuais antropo-geógrafos em *La Terre et L'Evolution Humaine* de Lucien Febvre, III.

I

O português na era dos descobrimentos

A DINASTIA DE AVÍS

O português que ia ocupar o Brasil, passara, não muito antes de 1500, pela evolução de que daremos ligeiro esboço. E' nosso propósito evitar digressões que não estejam diretamente relacionadas com o assunto do livro. Aludimos ás correntes que predominaram na época, sem desenvolvel-as, a despeito da tentação que experimentámos. No passo alusivo ao clero, por exemplo, cuja influência foi imensa nos usos e costumes dos portugueses, só ocorrem indicações referentes á atividade dos mosteiros, mestrados militares, e missão moderadora da Igreja junto aos príncipes. A bibliografia colocada no fim do volume permitirá maior documentação a quem dezejar.

* * *

Depois de longo período de lutas o mestre de Avís conseguiu em 1385 apoderar-se do trono português. Sucederam-lhe tres monarcas do seu sangue, Duarte I, Afonso V e João II, até á aclamação de Manoel o *Venturoso.*

De 1385 a 1495, Portugal quasi sem recursos, dependendo do exterior quanto a gêneros de primeira necessidade, habitado por rude população

de campônios e pescadores, quasi sem agricultura, indústria e comércio, transfigurou-se em uma das mais conhecidas nações da Europa.

João I reinou de 1385 a 1433. A primeira parte do seu governo transcorreu em lutas contra Castela que alimentava pretensões sobre o território lusitano. Era dificil a posição do Mestre de Avís. Continuavam as vitórias dos castelhanos sobre os mouros, e a política dos casamentos, numa perzistente tentativa de unificação dia a dia mais ameaçadora para os visinhos. Conseguida por fim trégua entre Portugal e Castela em 1398, João I viu-se isolado entre a Espanha e o mar.

Havia por essa época, um covil de piratas maometanos em Ceuta, extremamente daninho ás costas portuguesas. Para levar a cabo uma expedição contra eles foi preciso reunir tropas e naus, num esforço felismente coroado de êxito. Começou desse feito de armas o poderio naval português. O infante D. Enrique, terceiro filho do rei, colheu na praça conquistada preciosa documentação sobre a geografia do continente. Percorriam os árabes a África em caravanas, até rios muito ao sul, onde existia tráfico de mercadorias e resgate de escravos. As informações encontradas em Ceuta, juntadas a outras que o príncipe já possuia, orientaram-n'o com segurança para os descobrimentos marítimos (3).

. Falecido o mestre de Avís sucedeu-lhe o filho Duarte I (1433-38). Proseguiram as tentativas do

---

(3) Jaime Cortesão observa na *História de Portugal* ilustrada, que o Atlas de Paris de Abraão Cresques (1375-77) com referências a expedições africanas em busca de ouro, teria influido na campanha de Ceuta.

infante D. Enrique, não somente neste reinado, como na regência do infante D. Pedro, e governo de Afonso V. Estava imprimido o impulso ás descobertas marítimas, e nada mais o deteria, nem a morte do navegador, nem inúmeras perdas de vidas no mar.

Entuziasmara-se o povo, acicatado pela febre de lucro, ante as expedições a África, que voltavam pejadas de cativos negros e mercadorias novas. Todos agora queriam participar de navegações ultramarinas, esquecidos das queixas que antigamente proferiam contra as despesas, julgadas exessivas, do infante.

D. João II (1481-95) ia concorrer para o esplendôr dos descobrimentos. Vencida a turbulência da nobresa, livre de peias, atirou-se o príncipe *Perfeito* ás mais vultosas empresas que Portugal jamais intentara. Tenás, arguto, extraordinariamente versado em assuntos coloniais, D. João II lançou tão dilatadas bases ás conquistas de Portugal, que ainda hoje, apesar da ação do tempo, imponentes domínios lhe remanecem.

Em 1495 expirava quem soube juntar dons políticos ao amor das ciências e artes. Sucedeu-lhe o primo D. Manoel, da càsa de Bragança, de antonomásia o *Venturoso* pela felicidade que teve em colher a messe semeada pelo predecessor. No seu governo Portugal atingiu ao ápice da grandesa. Vasco da Gama descobria o caminho das Índias, Lisboa vencia o comércio do Mediterrâneo, Cabral encontrava o Brasil.

As descobertas trouxeram infelismente prosperidade mais repentina que benéfica. Não se firmavam as riquesas de Portugal em produções do próprio solo, mas em fatores externos sempre

aleatórios. A organisação portuguesa conservou este lado fragil em confronto com as outras potências européas. Não dispunham os lusos da ativa indústria dos flamengos, nem dos recursos de todo gênero da França, nem dos capitaes italianos. Portugal sempre foi tributário de alguem ou de muitos ao mesmo tempo, e o produto da sua coragem e longa pertinácia, tinha de cair, pela força das circunstâncias, em mãos extranhas.

A NOBRESA E O CLERO

Fernão Lopes, cronista de D. João I, descrevendo a alteração da sociedade portuguesa em consequência das lutas pela posse do trono, afirmava ter havido tamanha mudança nos homens e nos costumes "*que se levantara outro mundo novo*". Apesar do exagero, inevitavel em todo historiador antigo português, os acontecimentos haviam de repercutir intensamente no meio em que o escritor vivia. A luta caraterizara-se pela divergência entre povo e grande parte da nobresa, ou melhor, entre a burguesia das cidades, e o esboço de regime feudal que havia no país; a "arraia miúda" declarada pelo mestre de Avís, os nobres por Castela. Serviram os despojos dos vencidos depois da vitória de D. João I, para recompensar os parciais do vencedor. Os defensores do rei de orijem plebeia adquiriram foros de nobresa, exibiram prodigamente o Dom, e absorveram não somente os cargos, como os nomes e linhajens dos proscritos.

Essa nova sociedade, mesclada com a antiga, ia se engolfar no ciclo dos descobrimentos. Rique-

sa, ilustração, fama, derramavam-se sobre os seus brasões com proventos mais sólidos do que si tivessem reconquistado a Terra Santa. A crusada do Extremo Oriente tinha sobre as outras a vantagem de celebrizar e enriquecer. O monopólio do comércio nos mares da Índia, trazia enorme tesouro para as arcas nobres de Portugal. Provocava tambem verdadeira loucura coletiva no povo. O estanco da Pimenta, realizado pelo governo português é um dos episódios mais prodigiosos da história económica do mundo (4).

A corôa dedicou-se ás conquistas como o jogador que arrisca numa cartada a sua fortuna e porvir. Um dos resultados da situação foi aparecer na côrte uma classe quasi parasita — a nobresa palaciana mantida pelo trono — destinada á administração do reino, e que ia ter bela folha de serviços, quando fora da côrte, na direção das colónias. O povo sofreu igualmente grande transformação. Foram os campos abandonados, a indústria continuou despresada, o comércio caiu em mãos de alemães e italianos, emquanto o português encontrava a morte onde havia ouro e especiarias.

* * *

D. João I fôra compelido a distribuir fartas mercês aos que o tinham auxiliado. Ordens religiosas, grandes vassalos, nobres e burgueses, receberam recompensas maiores do que comportavam as rendas do Estado. Mais pródigo ainda foi o fraco Afonso V, que deixou a D. João II

---

(4) v. a continuação desta obra em "*Pernambuco e as Capitanias do Norte*", onde tivemos oportunidade de desenvolver o assunto.

a monarquia onerada, e um grupo de parentes sempre dispostos a se rebelarem assim que se lhes tocava nos abusivos privilégios. As côrtes reunidas em Évora (1481-82), deram ensejo a gerais reclamações do povo contra as exações da nobresa. Vieram as queixas ao encontro das intenções reais. O progresso das idéas da Renacença, consubstanciadas no Direito Romano, difundido pelos glosadores de Bolonha, inspiravam o *Princípio da Autoridade* levantado pelos monarcas contra a anarquia do feudalismo. Os estorvos trazidos á vida do país pela tributação anti-econômica dos grandes e eclesiásticos, uniam os interesses do soberano aos do povo. O abolutismo da época surgiu apoiado na vontade popular. Esta tendência foi alimentada e dirigida por D. João II, até remover a maior parte dos estorvos que antolhavam o poder monárquico. Desde então o rei de Portugal governou absoluto até D. João VI.

A nobresa nunca mais interveio nos destinos do reino, a não ser em 1640 quando conspirava para colocar outro duque de Bragança no trono. A restauração pouco alterou o costume, da escolha entre áulicos dos esteios da Fasenda. Constituiam os nobres tradicionalmente, o elemento guerreiro, que velava pelas armas sobre a integridade e gerência dos bèns da nação, na metrópole e colónias ultramarinas.

Durante o tempo em que Portugal monopolizou a especiaria, os cargos na Índia tornaram-se fator de enriquecimento. Inúmeros foram os abusos então praticados (inspiraram a *Arte de Furtar* onde estão mencionados algumas modalidades do peculato no oriente), cada qual mais nocivo ao

tesouro. Tiveram os governos de ceder percentagem dos lucros a governadores e feitores para salvar o restante. Incrementou-se nesta altura o hábito de luxo contraido pelos grandes chegados ao poder. Por veses tanta era a dissipação que já no oriente se vaporava o produto do proconsulado.

O DECLÍNIO

A nobresa lusa aprezentava no século 15 semelhanças fisicas com o povo da sua terra de orijem. Certos panfletários modernos quizeram, com intenção política, dividir as populações portuguesas em castas, atribuindo aspéto nórdico á aristocracia decendente dos visigodos e tipo mourisco á plebe. Entretanto, viajantes estrangeiros do século 16, notavam em Portugal a mesma confusão étnica que hoje se verifica. Loiros e morenos, ruivos e trigueiros, braquicéfalos ou dolicocéfalos, eram encontrados sem uniformidade na fidalguia palaciana, nos senhores de castelos roqueiros, no burguês das cidades e no homem do campo. Só apareciam equivalências somáticas entre habitantes da mesma região, num espaço muito reduzido. Os visinhos já diferiam, inda fosse pequena a distância.

Nas assembléas do paço, onde se reuniam fidalgos vindos de todo o reino, o minhoto, provavelmente, se assemelharia mais com os próprios servos que a seu par do Algarve, ou Além-Tejo. Nos príncipes de sangue via-se a mesma eterogeneidade. A um D. João III, moreno, tipo bem meridional, seguia-se D. Sebastião, loiro como fla-

mengo, de olhos asues, aparência voluntariosa e obstinada (5).

Ao chegar ás vésperas da ocupação estrangeira, no reinado de D. Sebastião, o germe corruptor das conquistas penetrara em todas as classes. Da grandesa em ocaso só restava, na estirpe dos vice-reis da Índia, a prosápia nobiliárquica, a sêde de fausto, a vaidade exasperada, sob ostentação ocultando miséria.

Salvava-se o ânimo combativo. As praças da África serviam para adestrar os nobres, prestando-se as correrias armadas, levadas a cabo fora de portas contra os mouros, á guisa de training da arte da guerra. Quiz D. Sebastião, inexperiente e insofrido, a glória de "vencedor dos infieis", que imortalizaria seu nome e lhe grangearia o reino dos ceus. Para acompanhal-o em África, os nobres acabaram de comprometer os cabedais na Europa. Dispersaram o que lhe restavam das rapinas do oriente, em armas, cavalos, séquito e outros preparativos de campanha. Pouco se lhes dava arruinarem-se no luxo; o rei os rezarciria depois da conquista com tenças, doações e vice reinados.

O desastre de Alcacer Quibir foi um terrivel abalo para a nobresa duma monarquia, em que desde muito os Welser, Fugger, Marchione,

---

(5) Poder-se-ia objetar que as dissemelhanças dos principes vinham de casamentos com estrangeiras. O mesmo entretanto acontecia á nobresa aliada á da Espanha, além de incursa muitas veses em uniões infamadas de sangue impuro. Aventa o sábio professor lisboeta Mendes Correa, ser o português em média hipertiroideu, hiperpituitário, porventura hiposuprarenal e simpaticotônico.

sorviam as principais fontes de ouro. E a miséria dourada pela visinhança da realesa, sucedeu á prodigalidade subvencionada pela India. Uma opereta de Offenbach lembra o que deviam ser na decadência os fidalgos das Espanhas. Traz á ribalta longo cortejo de palacianos, de categoria decrecente á medida que se adeanta o desfile, até lusido grupo, tão gravebundo e empafioso como os demais, pomposamente anunciado pelo aráuto "*Des seigneurs sans importance*".

Conestágio notou que os nobres portugueses eram os mais soberbos do mundo. A consequência deste fenómeno, invariavel onde houve rápida prosperidade, aparecia na aristocracia decaida em atitudes semelhantes á que inspirava o operetista. Mendigavam os nobres em torno do rei, com a arrogância própria do ofício, olhos fitos nas liberalidades do amo, que lhes permitiriam melhorar de condição.

A nobresa também encontrava meios de subsistência no clero. Pertenciam-lhe de praxe as abadias, bispados e cardinalatos. A Igreja assumira desde séculos carater essencialmente político, e era natural que estivesse ligada á casta superior. Tinha ainda o clero outra missão mais humana. Reprezentava não só parte da classe inteletual, como o elemento moderador do poder absoluto, atuando sobre o rei da infância á morte, atenuando pendores, coibindo impulsos.

Em Portugal o clero fôra propugnador dos movimentos que asseguravam a independência do país (mestrados militares), as navegações (propagação da fé), e educação (os mosteiros abrigavam os copistas, que antes da imprensa, espalhavam o

saber). Na sociedade portuguesa, monopolizava em resumo, o ensino, obras pias e direção de conciências, além de manter sempre vivas as tradições nacionais.

O estabelecimento da Inquisição, por motivos políticos e religiosos, veio acrecentar á tarefa do clero a defesa da unidade da monarquia. Nas tentativas de absorção e povoamento dos domínios ultramarinos, surgiu o missionário incumbido de solidificar os alicerces da conquista. Durante dois séculos o Brasil foi um dos maiores campos em que verdadeiros santos desenvolveram abnegada atividade. Espalhados pelo imenso território, instruiram os brancos, protegeram índios e sacrificaram as suas vidas, com fé igual á dos primeiros apóstolos do cristianismo.

OS JUDEUS

No fim da dinastia de Avís a população cristã, embora de diversa orijem, mostrava-se unida pelo idioma e religião. No sul do país restavam alguns mouros que não chegavam a ter importância. O mesmo não se podia dizer dos ebreus. Calculava-se na época o número deles em 500 mil no total de 5 milhões de habitantes da península ibérica. Em Portugal, perfaziam um quinto da população, constantemente acrecidos pelos que fugiam da Espanha.

Dados de fonte antiga são geralmente incertos e muito exagerados. Não ha dúvidas, no emtanto, acerca da importância dos judeus no reinado

de D. João II. A queda de Andalusia e Granada impossibilitava entre os espanhois a existência de milhares de israelitas, dantes tolerados pelos árabes. Sob o novo regime, traziam aos vencedores sem número de tropeços de toda ordem, religiosos, políticos e económicos. A pressão que por esse motivo vieram a sofrer obrigou-os a expatriarem-se. Do outro lado da fronteira, D. João II, homem prático por excelência, cobrava um tanto por cabeça, transformando as desgraças alheias em nova fonte de renda.

Os limites de Portugal alcançados desde o século 14, tinham-lhe favorecido a unidade, sem problemas étnicos ou morais que acarretassem prejuisos ao reino. Em semelhante terreno, a permanência dos judeus não sucitaria conflito agudo no começo, como acontecera na Espanha ainda em formação, dividida por lutas de raças e crenças. O português, sensual e rústico, é um poderoso elemento de mestiçagem, tão forte que raros são os obstáculos capazes de pol-o em cheque. Não viriam portanto, da sua parte, as primeiras dificuldades da convivência de judeus e cristãos. Outras foram as causas que despertaram finalmente o zelo do rei e o ódio do povo.

* * *

O judeu possue grandes predicados. Um dos mais visíveis é a tenacidade, outro, menos percetivel, é a sutilesa. A julgar pelas aparências dá-nos impressão de espírito irrequieto, anárquico, pouco construtivo, admiravel adaptador, e como tal, convito da superioridade dos seus recursos sobre os de outras raças. O complexo trouxe-lhe

de observadores pouco inclinados á indulgência, a pecha de intrigante (6).

Na realidade os ebreus mostram grande diferenças entre si. Enganam-se os que supõem que só cuidam de dinheiro. Si têm amealhado grandes haveres, é porque séculos de especialização na mercância lhe constituiram uma segunda naturesa, e igualmente sabem que a riquesa e poder são sinónimos. Mas ao lado de Shylock, pode blazonar-se o israelita de longa lista de pensadores, artistas e cientistas, que nunca se preocuparam com bens materiais. E' custoso distinguir em qual dos dois lados, o utilitário e o idealista, ele mais aplicou os dons recebidos de Adonai.

Não é dificil portanto entrever as causas das perseguições que sofre. As suas qualidades e defeitos tornam-no quasi inassimilavel. Evitava o ebreu, a desebraização agrupando-se entre correligionários ativissimos, sectários, exclusivistas, e, por estranha contradição, divergentes. Deste último fato provêm os males de Israel. Nunca a armonia espiritual pôde perdurar entre seus inquietos

---

(6) O motivo desta exprobração foram as repetidas pactuações de israelitas com os invasores dos países onde viviam. Na península ibérica acuzaram-n'os de terem atraido os mouros; no Brasil, os olandeses. Nas guerras napoleônicas auxiliaram a gregos e troianos sem distinção com honrada imparcialidade. Em Portugal, na mesma época não faltou quem os apodasse parciais de Junot. A causa dessa perzistência orijina-se da seita que desobriga o ebreu de fidelidade para com um país considerado estranho inda nele tenha nacido. Atualmente com o arrefecimento religioso, vae aos poucos se tornando lenda a fama de duplicidade do israelita, que em Portugal tem sabido se mostrar tão bom português como D. Fuas Roupinho.

filhos. Onde ha dois judeus, existe comunhão de interesses e o germe de conflito de idéas. Foi o judeu quem assimilou de outrem, sucessivamente o Antigo e Novo Testamento, e o Marxismo, numa sequência antagônica e reciprocamente destruidora (7). O povo eleito de Deus, como lhe chamavam os profetas, não devia ter pátria, afim de um dia recuperar o reino de Jerusalem. A dispersão do israelita parece a sintese da sua psique. Continua o espírito do judeu, errante através dos tempos como os seus passos, atormentado por um misticismo messiânico incompreensivel aos outros homens.

* * *

Vinha de longe a presença de israelitas em Portugal, mas a ipertrofia do número só apareceu no século 16. Deu-se quando o país completava o ciclo da sua unidade política. O coroamento da obra de D. João II não se delimitava nas ambições de um homem; atrás do rei havia um sistema completo (vimos que o povo apoiou o advento do absolutismo) destinado a combater os excessos do feudalismo. A aplicação dos princípios defendi-

(7) "Tres dos mais notaveis conversos deixaram escritos, cuja violencia contra os da sua raça nunca foi excedida pelos mais truculentos adversarios dela. Paulo de Santa Maria, no *Escrinio das Escrituras,* Pedro de Caballeria no *zelo de Christo contra judeus e Serracenos,* Alonso de Espina na *Fortaleza da Fé* exgotaram os argumentos, as insinuações, as injurias contra os que, fieis á crença antiga, como apostatas a eles desprezavam. Por ultimo convem lembrar que foi Alonso quem primeiro levantou em Castela a idéa de uma inquisição contra os judaizantes". João Lucio d'Azevedo. CCCXLVIII 14.

dos pela monarquia, implicava o aproveitamento de todos os recursos e meios da nação a bem da coletividade. Entre outras atribuições cabia á nobresa (reduzida á classe militar sem poder político além das missões que o rei lhe confiava) a conquista e defesa das colónias. O clero difundia o cristianismo nas possessões longinquas (o que vinha a ser a consolidação da posse armada). O povo dava o povoador, como na guerra a tropa anónima. Porém ao chegar á contribuição do judeu, deparavam-se inconvenientes de toda ordem. Começara a sua presença no reino a custar muito mais do que rendia.

Desde que se fez sentir no país o efeito da sua atividade inteletual, material ou moral, despertou antagonismo. Estava a nação empenhada numa empresa gigantesca. Necessitava de ordem interna, dedicação do povo, prestígio para as deliberações da realesa e absoluta obediência de todos. Não podia sem risco distrair uma parcela de autoridade quando a sua vida estava em perigo. Por esse e outros motivos, inquietava-se o governo da egemonia de uma casta rebelde ás suas instituições. Circumstâncias idênticas tinham sugerido a destruição dos templários, e iam deflagrar matanças de católicos em países protestantes, ou de protestantes em países católicos.

Tais choques promanam mais da fatalidade que dos homens. Nem sempre o detentor do poder é o culpado na hora trágica, elaborada muitos antos antes. Milhares de pessoas foram recentemente trucidadas na Rússia, fora de operações militares, em consequência da ação de judeus humanitários, e estamos em pleno século 20! A

conclusão a se tirar dessas repetições são nitidamente a favor de D. João III, e Fernando e Isabel.

Com o correr do tempo os judeus multiplicavam as causas de exacerbação popular. Ciosos da puresa da raça, ou pelo menos, da sua superioridade, esforçavam-se por manter uma união endogâmica que era verdadeiro tumor no corpo do país. A sua intransigência, oposta á dos cristãos, deixava adivinhar o trágico desfecho da convisinhança das suas religiões.

Especializados em processos pouco recomendáveis (8), tornaram-se os judeus, entre outras causas, aborrecidos por se enriquecerem pela usura, espertesas e traficância. Quanto maior era a imprevidência dos cristãos, maior era a opulência dos opressores. No emtanto, a principal fonte de ódios, fôra os governos portugueses cometerem-lhes a cobrança de impostos. A habilidade do israelita tornava-o excelente arrecadador, e, embora em muitos casos, procedesse com menos exação que os funcionários reais, tinha provocado compreensivel malquerença. Era tido por algós e sugador do povo. Sobrevinha para mais, o fanatismo religioso de ambas as partes, que não deixava outra solução além do desaparecimento de uma das fações — ou os judeus cristianizavam-se, ou o rei de Portugal teria de se converter ao judaismo.

Inúmeros meios, sutís ou violentos, foram tentados para resolver a situação. Príncipes utilitários, como D. João II e D. Manuel I, preocupados

---

(8) "Chi ha da trattare con esse loro, e non vi lascia del suo, é uomo chi si puó mandare per tutto..." Carta de Sassetti a Bácio Valori, Lisboa 1578. XXVIII 103.

com os réditos de tesouro, precisadíssimos de dinheiro para acudir ás despesas da política colonial, sentiam a necessidade de ter junto de si preciosos colaboradores como os israelitas. D. João II recebia os ebreus banidos de Castela. D. Manoel expediu em várias ocasiões decretos de proteção aos perseguidos da ira popular. Concedeu igualmente vantagens a capitalistas judeus para explorar comercialmente as conquistas. Porém, a benignidade do soberano agravava a situação dos circuncisos, pois quanto mais progrediam, maior odiosidade despertavam.

As medidas tendentes a remediar o conflito deram resultados deploráveis. Tentou-se converter em massa aos ebreus, o que lhes traria vantagens materiais e poria cobro á agitação popular; mas ao invés do que se esperava, recreceu a intolerância de ambos lados, com interminavel rosário de atrocidades sem nome. Só logrou o *Venturoso* aumentar a fúria dos cristãos, e a desesperada resistência dos judeus, num embate de horror indescritivel.

Si considérarmos a época vemos que o estabelecimento da Inquisição, era um mal quasi necessário, posto que interviesse apenas para minorar a perseguição ao Judeu. O fanatismo do povo cauzava espantosas carnificinas, incomparavelmente mais crueis. O tribunal de Santo Ofício, pelo menos, obedecia a regras até certo ponto favoráveis aos reus. A Inquisição procurava advertir antes de castigar. Só os imprudentes lhe ficavam nas garras, quando se comprovavam reincidências de práticas proibidas. Si algumas dúvidas pudessem perdurar a respeito, bastariam as estatísticas para removel-as do modo mais insofismavel.

O tribunal do Santo Ofício condenou á morte 1.400 indivíduos desde a sua instituição até 1732, ao passo que só no dia 9 de abril de 1506, o povo segundo velhos cronistas, trucidou cegamente além de 2.000 infelises!

No mais, fora do terreno religioso, os da seita incriminada estavam impregnados de lusitanismo, tal como hoje na Alemanha os ebreus mal vistos de Hitler. Até na vaidade pareciam-se com os outros portugueses. Os de Portugal, os Sefardins, alimentavam fumaças de nobresa. Gabavam-se, com algum fundamento, de personificarem a aristocracia "da nação", por serem decendentes, diziam, da tribu de Judá. Dava também na monarquia lusa, justiça em nome do rei, o primeiro dos rabís aos seus correligionários. Era a maior autoridade e figura judia da Idade Média.

Alardeavam grande despreso pelos israelitas de cheiro caprino do norte da Europa — os Asquenasins mestiçados com as populações da Rússia oriental e Polônia (9). Ainda ha pouco, os seus netos, escandalizavam-se quando vinha á baila alguma proesa de "polacos", incriminados no Brasil no tráfico de brancas. A tradição dessa superioridade era, consoante costume israelita, zelosamente conservada pelos peritos em linhajens e questões religiosas.

Espertos, penetrantes, desfrutadores de toda profissão rendosa, os judeus agitavam-se na camada superior do povo. Juntamente com o clero e letrados portugueses, contribuiam para formar a classe intelectual (médicos, financeiros e cientistas em contato com a realesa, não raro influindo

---

(9) V. nota 1 no fim do volume.

nos negócios públicos). Os cristãos nas mesmas condições deixavam-se distanciar na luta pela vida, principalmente os que procuravam acompanhar a aristocracia no que ela tinha de peor.

Por falta de estudos especializados em Portugal, não sabemos até onde penetrou a influência dos judeus nos usos, costumes e mentalidade do povo português. Muito grande nunca devera ter sido. Maior fôra a dos mouros, assimilados, absorvidos na massa popular, expressa na arquitetura, alimentação, idioma, divertimentos, arte e ciume do marido lusitano.

Convém notar, como creem alguns historiadores, certos fenómenos de psicologia coletiva atribuíveis ao judeu, entre outros o estranho culto popular a D. Sebastião (10).

Si a influência moral dos israelitas foi pequena na metrópole, menor ainda poderia ter sido nas colónias. As visitações do Santo Ofício trazem relativamente bastantes denúncias de judaismo, em confronto com os delitos de eresia praticados por cristãos velhos. Em primeiro lugar, devemos a desproporção ao modo de agir e desígnios do tribunal. Em seguida, também se prendia á situação dos judeus, numa grande evidência, ao mesmo tempo que estranhos ao resto da população. Nessas condições, custava-lhes fugirem aos golpes dos perseguidores. Faltava ao "marrano" o poderoso amparo dos parentescos e das amisades, já consideravelmente desfalcado e disperso na metrópole, antes da tentativa de colonisação do Brasil.

---

(10) J. L. d'Azevedo. CCCXLVIII, porém muito vago e discutivel.

OS COSTUMES

A burguesia do tempo de D. João I era, como em geral em todas as nações, o repositório máximo do patriotismo e tradição.

Inspirada pela súbita fortuna deu-lhe a jactância ibérica o veso bem peculiar dos povos meridionais, o da confusão de nomes e apelidos para satisfação de vaidade. "*Todos os portugueses são nobres*", ouviam dizer viajantes antigos, informação corroborada por um ou outro português mais clarividente, como Miguel Leitão de Andrada, que escrevia na *Miscellanea*: "*Quem quer lhe fallassem, se lhe não punheis sobrescrito: AO MUITO ILLUSTRE SENHOR, SENHOR FULANO, se vos arrufava logo, e não vos falava a proposito do negocio*".

O florentino Sassetti dava no século 16 saborosos pormenores da sociedade lusa, principalmente para os que têm algum convívio com portugueses, pois até hoje o povo não mudou (inda descontando naturalmente o exagero do italiano), "*São gente que pouco sabe, e soberba em demasia; tão cabeçudos que ninguem os demove da opinião que tenham formado. Tudo sabem, tudo fazem, deles tudo depende; não ha terra no mundo como a sua*" (11).

Verifica ainda o mesmo Sassetti, que "*são faladores e vãos, quando falam não deixam mais ninguem abrir a bôca, concistindo as tres quartas*

---

(11) O ardente patriotismo português inspira-se no culto do passado. Tanto o historiador luso que se ocupa de descobrimentos, como o mais umilde imigrante, têm neste ponto a mesma comovente mentalidade.

partes das palavras em Vossa Mercê e juras: Pelos Santos Evangelhos! Por este rosto! Por estas barbas!" tudo acompanhado de copiosa gesticulação (12).

Quando ameaçadoras nuvens se adensavam do lado de Castela, o rei cardeal agonisante e as tropas do duque de Alba na fronteira, comentavam a situação: "*Voto a Deus que o mais fraco português vale por doze castelhanos!*" mas terminavam reconhecendo que em pouco teriam o inimigo na praça. Tal era a fôrça do hábito (13).

As informações de Sassetti evocam o português do declínio maritimo, reduzido á lembrança do passado, com a sua fidalguia arruinada, e a plebe passando privações; mas sempre ufanos e jactanciosos da grandesa esvaida. Na época de Sassetti, os fidalgos eram extraordinariamente frugais em casa para ostentar fausto na rua, costume imitado pelo povo, no dizer de estrangeiros coevos que estiveram em Portugal.

Tempos antes, no período de abundância, embalde instituira D. Manoel um rei de armas para regulamentar o uso de honrarias, mandando que vizitasse a Europa para aprender o que na matéria se fazia em outros países; embalde expedira editos contra abùsos em geral, e o luxo em particular — a mania da munificência espetaculosa estava por demais difundida. Os portugueses continuaram numa progressão de tratamento grandiloquente. As formas de cortesias tormavam-se mais cerimoniosas á medida que a ruina se mos-

---

(12) J. L. d'Azevedo, CCCXLVIII, 101.

(13) ib. 101.

trava mais completa, formas que ás veses pareciam aberrantes por se entremearem de interjeições, exclamações, e até elogios da mais suja obcenidade. Assim que um indivíduo subia de condição em Portugal, e se julgava com alguma importância, passava a tratar de *vossência* a seus semelhantes para que os outros lhe retribuissem a mesma excelência.

Sucedia outro tanto quanto aos nomes. A balbúrdia que se estabeleceu sob D. João I permitiu que vilãos da mais baixa orijem, ou cristãos novos dos mais infamados, adotassem por meio de apadrinhamentos, ou sem eles, quaisquer dos retumbantes apelidos da monarquia. Os Sylvas, que se proclamavam decendentes de Rhea Sylvia, e daí remontarem ao seio de Venus, são hoje o nome mais comum do mundo. E' o Dupont, Brown ou Schmidt português. Igual desdita se dava com os Sousas, Albuquerques, Almeidas, e Mascarenhas, com brasões na sala dos veados do paço de Cintra. Dizia Sassetti (in *Novas Epanáforas* XXVIII, 133), *"tanto é Almeida e Noronha e Menezes o fidalgo como o lavrador e o artífice; cada um toma o apelido (alcunha dizem eles na sua língua) que lhe dá na vontade"*.

Os nomes estrangeiros tambem não escapavam do contágio, como em Portugal e Brasil os Bethencourt, Franca, Lemes, Dutras, Lins, Peçanhas, Perestrelos, ou Goes. Por sua ves os judeus, obrigados ao batismo, iam pelo mesmo caminho. Faltava nome em Portugal que designasse o ebreu como em outras regiões os Levy, Goldschmidt, Mendel, Rabinovitch, ou Cohn, e ao depararmos em Amsterdam, Livorno, Salónica ou Bordeus, com netos

de marramos, não é Aron nem Menaseeh que se assinam, mas com os cristianíssimos Fonseca, Pereira, Mendes ou Ribeiro (14).

A vaidade espalhada por todas as classes era um dos males de Portugal. O cronista da viajem dos embaixadores venesianos Tron e Lippómano reparou que "*a gente miuda gosta que lhe dêm o tratamento de senhor, manha esta comum a toda a Espanha*" (15). Fóra das cidades, vegetavam miseravelmente os lavradores no maior atraso e miséria, ainda próximos da servidão da gleba, de que o rei absoluto os tirara. Só nos latifúndios dos mosteiros havia melhor método de cultura, de onde as sobras das colheitas iam abastecer as cidades. Mesmo assim, tantas eram as terras incultas, que Portugal importava desde a mais remota antiguidade gêneros alimentícios, e até, a madeira das naus dos descobrimentos.

Em toda parte, na cidade e nos campos, as artes manuais periclitavam. Trabalhar era um opróbrio. Tanto fidalgos como vilãos, preferiam tentar fortuna em aventuras no oriente a esfor-

---

(14) Só depois da extinção do Santo Oficio é que apareceram nomes ebráicos como Bensaude ou Bensabat vindos em grande parte dè Marrocos.

(15) "Vivem parcamente, porque a plebe pela maior parte é pobre, e os cavalleiros, que se teem em conta de ricos, fundam a opinião da sua riquesa em possuirem uma ou duas aldeias, com trinta ou quarenta vizinhos cada uma, no meio de campinas estereis com vinte ou trinta folhas cultivadas, e tudo o mais inculto, aspero, coberto de pedras, com alguns cazebres mesquinhos, e mal concertados, como eu o experimentei durante muitas semanas daquella viagem". Bernardes Branco, XXXIX 259 II.

çarem-se por conseguir melhoria de existência na própria pátria. Do costume, surgira contrastes na vida portuguesa. No século 16 tinham as habitações de Lisboa aspéto exterior desgracioso. O atraso das artes não dava ensejo a belas construções, mas o interior regorgitava dé objétos de luxo, e com tal abundância, que depois da guerra de 1914, quando houve grande procura de antiguidades na Europa, tornaram-se rendosíssimas as incursões de antiquários pelas províncias lusas. Foram recolhidas nessa ocasião porcelanas da China, tapetes persas do século 16, panos de ras. ourivesaria italiana e pinturas flamengas, que dormiam como lembranças dos tempos idos nos desvãos de casas nobres.

Nos instantes fugazes em que a especiaria incentivava malbaratos, as colónias de flamengos em Lisboa, ou de portugueses nas Flandres, ou de italianos e alemães estabelecidos em Portugal, também contribuiram para a entrada nas habitações de mercadorias de alto preço dos centros industriais da época.

Parece estranho como esta longa importação de objétos de arte não despertasse o gosto do povo. Os portugueses mantiveram-se num pasmoso atraso material em confronto com a Europa civilizada. Mesmo com a Espanha notava-se diferença. A efêmera prosperidade criada pela traficância da Índia, não permitia o armônico desenvolvimento de artes e indústrias no país. Fôra demasiadamente rápida a transição operada em Portugal, de monarquia agrária a potência colonial. Não tivera tempo o povo, de passar de lavrador a artífice. O rojo de ouro, que do oriente se esvaia pelos dedos portugueses em direção de

outros países, atuava mais como dissolvente na vida interna da nação. O vício orgânico de Portugal, na época das conquistas, era o despreso pelo trabalho, a soberba vã e o anseio de cargos bem remunerados, a prenunciar o *seigneur sans importance*, feito de ilusões entre os grandes, e dos males da escravatura entre o povo.

O acaso dos descobrimentos levara os portugueses a deitar mão no empório da servidão negra. As naus das expedições da costa da Africa voltavam carregadas de cravo e também de mercadoria humana. Foi dos primeiros a surgir o comércio de escravos no mercado colonial, desde o tempo de infante D. Enrique. Não é de estranhar que no século 16 Lisboa contasse a enorme proporção de 10.000 escravos de côr, e 7.000 artífices estrangeiros, nos 100.000 habitantes atribuidos á cidade.

Os escravos não compensavam a falta cauzada pela diminuição de trabalhadores mouros, o máximo que podiam alcançar, era suprir o trabalho de que o braço é capás sem auxilio de aprendisado. Não fôra os negros (16) e os estrangeiros,

---

(16) "Já em Portugal a raça negra havia um século, principalmente nas provincias do sul do reino, era empregada nos trabalhos corporais e mesmo agricolas, não sendo raro ainda hoje achar vestigios dessa colonização entre a atual população, como se vê intensamente junto de Alcácer do Sal e nas ilhas adjacentes". Pedro de Azevedo. CLXVIII. III. 192.

E' preciso ver, antes de qualquer conclusão, que em Portugal ficaram as populações muito isoladas entre si. Não havia comunicações longe dos rios navegáveis, por falta de estradas, o que por várias veses provocou fomes, como ademais acontecia em toda a Europa. Daí ficarem

faltaria gente para os misteres mais elementares. A consequência da situação concorria, além dos danos morais, para tornar caríssima a vida portuguesa.

izentas de sangue chamita as regiões vianesas que mandaram povoadores para o Brasil no século 16.

Houve maior mistura nas cidades, mas estas dariam pouca emigração, a não ser para a Índia, e em geral os escravos pouco se reproduziram no cativeiro, por falta de uniões fecundas, e outros motivos. Mesmo que a região sul portuguesa tenha concorrido no século 16 e 17 para o povoamento das colónias, certamente não seria com escravos, que não tinham liberdade para se locomover.

Os ebreus sofriam as mesmas restrições.

II

As primeiras expedições para o Brasil

D. João II aparece no século 15 sob aspéto de astuto financeiro, um "lobo da bolsa" como mais tarde existiram na América, chefiando agentes de toda categoria, a provocar altas e baixas no mercado, sob o maior sigilo. Somente, em ves de ações de petróleo ou estradas de ferro, cuidava o monarca de ouro, especiaria e escravos.

A Espanha colocara-se ao lado de Portugal como perigoso concorrente. Os recursos de Fernando e Isabel creciam com o paulatino aumento do seu território. O pavilhão dos leões e castelos cobria cada ves maior espaço, e reprezentava número mais elevado de populações. O destemor dos espanhois tampouco ficava a dever ao dos visinhos. A política dos reis portugueses teve de improvizar prodígios de habilidade para manter o equilíbrio entre as duas nações, e a despeito da desproporção de fôrças, alcançou em muitas conjunturas avantajar-se.

Era quasi impossivel encontrar um *modus vivendi* seguro para as monarquias, que depois de disputarem o predomínio na península, desavinham-se sobre a posse do mundo novo. Surgiam a cada passo rasões de conflito agudo. Depois da questão política sobrevinham os interesses mercantís, numa série de choques que não dava descanso a conselheiros, ministros e embaixadores.

Desde a mais remota antiguidade, o comércio fôra personificado pelo deus Mercúrio, de pés alados, símbolo da astúcia que deve haver em negócios. As questões desse tempo, vistas através dos arquivos diplomáticos, formam o mais incrivel acervo de sofismas e mistificações imagináveis.

Lembrou-se o papa Alexandre VI de armonizar, para o maior bem da Igreja e da cristandade, as duas corôas desavindas. Propôs uma linha divisória da América partilhando as possessões de cada monarca. Depois de muita discussão, traçou-se o méridiano convencionado em Tordesilhas, que nunca foi ao certo definido, de modo a cada parte interpretal-o como melhor entendia.

Esqueceram-se de indicar os negociadores, de boa ou má fé, a ilha do oceano Atlântico que pudesse servir de ponto de referência ao traçado. Supõe Duarte Leite que D. João II distraira-se propositalmente, em vista da omissão lhe ser favoravel.

Outras nações além de Castela tinham inteteresse em acompanhar os descobrimentos dos portugueses. Mostra Duarte Leite, nas suas eruditas conferências, a espionajem exercida pelos interessados: "*Veneza, Genova, Florença e Ferrara mantinham em Portugal um serviço completo e minucioso de infirmações, das quais parte chegou aos nossos dias, e fornece indicações preciosas que permitem corrigir nossos historiadores ou acudir a suas falhas*". Graças a relatórios desta naturesa, conservados em arquivos italianos, foi possivel reconstituir alguns fatos que os portugueses ciosamente ocultavam. Defendia-se o governo de D. João II interceptando até notícias particulares, afim de resguardar os descobrimentos da cobiça

alheia. A censura chegou á perfeição de encobrir a Venesa e Castela as navegações de Bartolomeu Dias, notavel precursor de Vasco da Gama (17).

• Era contínua a luta entre chancelarias. D. João II sabia a traça dos concorrentes (houve suspeitas de que Américo Vespúcio espionava por conta de castelhanos) e mantinha a sua onde lhe parecia util. Informações portuguesas, áulicos subornados, e comerciantes estrangeiros, traziam o rei ciente do que se passava nas côrtes rivais. Resolução alguma de vulto podia escapar-lhe, e para facilitar a comunicação de Lisboa com os seus agentes, dispunha D. João de um serviço de correios sempre pronto a qualquer hora do dia ou da noite.

A inesperada descoberta de um apagado nauta genovês perturbou a expansão portuguesa. Deu novo alimento ás pretenções de Castela, e mais complicadas se tornaram as relações já trabalhosas entre as duas côrtes. Ao receber a visita de Colombo de volta da América, supoz D. João II que o novo descobridor tivesse errado a localisação das terras, situadas longe das regiões que interessavam aos portugueses. Comtudo protestou contra os empreendimentos dos castelhanos, estribado em autorisações dos papas (para comerciar com mouros, e outros, desde Eugênio IV, assim como doações semelhantes de Nicolau V e Calixto II) alegando ser o vigário de Cristo o único competente no mundo para conceder territórios pertencentes a infieis.

---

(17) Leite, Duarte — "Descobridores do Brasil", CLXXXIV.

"Havia tempos" dizia D. João II, *"de coruja e de falcão"*, e conformou-se momentaneamente na esperança de afastar os espanhois da aurífera Guiné, dos empórios da escravatura, e mais riquesas da África. Não havia para o rei, maior preocupação que os monopólios das mercadorias da Costa de Mina. Só depois de solene compromisso da tripulação em conservar segredo, eram admitidas naus portuguesas naqueles mares; quanto aos estrangeiros, surpreendidos nas parajens proibidas, arriscavam sumário sepultamento no oceano. A respeito das precauções do rei, encontramos dados curiosos em muitas das páginas da *Crónica*, de Garcia de Rezende.

Mas a obra humana é sempre frágil. Por cauteloso e previdente que fosse D. João II, muito mais conhecedor das terras novas do que Fernando e Isabel, servido pelo maior conjunto de cartógrafos, nautas e descobridores da Europa, nunca conceberia que entregava incalculavel riquesa a Espanha. Na região menosprezada não tinham sido descobertas as pérolas de Paria, o ouro do México e Perú, a prata do Potosí. Ainda não se falava no El Dorado, nem da lagoa Parima. Tanto D. João II como seus sucessores — sempre em apuros de dinheiro — para salvar o ouro da Guiné, em vésperas de se acabar, e as especiarias desvalorisadas pela superprodução, cediam á corôa rival justamente o imenso tesouro de que necessitavam.

* * *

Com este espírito, e nessas condições, iniciaram os portugueses o ciclo americano. Talvês começassem-no involuntariamente. A leitura aten-

ta da carta de Pero Vas de Caminha leva a crer que o descobrimento do Brasil foi casual. A comunicação ao rei era secreta, portanto não havia motivos para que evitasse mencionar o êxito de previsões, ou de instruções anteriormente recebidas, que seriam as primeiras lembranças a ocorrerem ao infirmante. Longe disso, a carta dá notícias gerais sobre a "ilha" que viera se juntar ao império português, sem a menor alusão a um mobil premeditado (18).

Não queremos entrar em pormenores que nos levariam muito longe. Poderiamos repetir acerca das primeiras expedições a conhecida reflexão de Humboldt: *"Na história da geografia, como em muito mais cousas, é preferivel não querer explicar tudo"*. Tampouco nos interessa a primasia dos descobrimentos atribuidos aos espanhois, fato sugeito a intermináveis controvérsias. Convém-nos por ora tratar tão somente das expedições que poderiam ter deixado tripulantes no Brasil.

O que ha de indubitavel é a pouca atenção dispensada pelos portugueses á colónia durante os trinta anos que se seguiram ao descobrimento. Ocupados no rendoso monopólio do comércio da Índia, esqueciam de certo modo possessões secundárias. Na falta do ouro, que os portugueses de Cabral indagavam dos índios si existia em o novo domínio, os primeiros gêneros exportados pela

---

(18) Tão importante era a missão de Cabral no oriente, incumbido de confirmar o descobrimento da rota maritima das Índias, que por certo não lhe dariam outra, cheia de perigos, que lhe poderia ser fatal, como demasiadas veses aconteceu a navegadores da época.

Terra da Cruz foram escravos sem préstimo e papagaios. Não tardaria porém a despertar interesse a propriedade corante da Ibirapitanga. A côr vermelha da essência tornou-a tão apreciada que a região de onde vinha recebeu o seu nome. Nos primeiros mapas italianos da América do Sul encontramos o Verzino (que na Itália serviu durante algum tempo para designar ilhas do atlântico); nos franceses Brésil; e por fim Brazil nos documentos oficiais da metrópole. São muito conhecidos para que tenhamos de reproduzil-os, os irónicos versos de Chaucer, comentando a mudança do nome de Santa Cruz feita por cristãos extremados.

Foi também este lenho vermelho a causa da intromissão de bretões e normandos no comércio privativo dos súditos de D. Manoel. Logo nos primeiros anos da colónia, durante o privilégio de Fernão de Loronha, os franceses apareceram ameaçadoramente num litoral onde eram mais bem recebidos que os donos.

* * *

1500 A 9 de março de 1500 partiu para a Índia a esquadra de Pedro Álvares Cabral, composta de 13 unidades. Informa João de Barros que duas pertenciam a particulares, as restantes ao rei. Aparentava portanto a expedição, os mesmos caraterísticos comerciais comuns ás que os portugueses mandavam para o oriente. Das embarcações particulares, uma era fretada por D. Álvaro, tio de D. Manoel I, associado aos italianos Bartolomeu Marchione, Benedetto Morelli e Jerónimo Sernige, a outra, pelo conde de Portalegre, que fôra aio de D. Manoel, também sócio de vários merca-

dores. A frota chegou a 22 de abril um pouco ao norte do Monte Pascal, e partiu da terra descoberta a 2 de maio.

A segunda expedição que tocou no Brasil, tinha aparência ainda mais comercial, pois ha notícia de que toda pertencia a particulares. Contava apenas quatro unidades sob comando de João da Nova. Dois armadores são conhecidos, um era novamente D. Álvaro, que puzera a nau sob direção do seu escudeiro Diogo Barbosa; a segunda era de Bartolomeu Marchione, que a confiara a um conterrâneo o florentino Fernando Vinet. Segundo Gaspar Correa a expedição partiu de Lisboa a 1 de março de 1501. Dessa data discordam Damião de Góes e João de Barros, que a fixam a 5 do mesmo mês. O italiano La Faitada apresenta um cálculo que dá 10 de março. A carta falsamente atribuida a D. Manoel, a 11, e a relação do venesiano Lunardo da Cá Masser, diz meiados de abril. Ha escassa informação sobre a estada dos navios no Brasil antes de continuarem para o oriente. Temos apenas algumas alusões na carta de D. Manoel, publicada em Roma em 1505, e também no pouco que diz Gaspar Correa nas *Lendas da Índia*.

1501

A terceira expedição partiu para o Brasil sob comando geralmente atribuido a Fernão de Loronha, ao qual emprestam orijem ebráica por causa da relação de Lunardo da Cá Masser (19).

---

(19) "Il qual verzi (pau brasil) é appaltado per Firnando della Rogna, cristian novo... el qual... manda al viaggio ogn'anno in detta Terra Nova le sue nave, e homeni a tutte sua spese..."

A orijem ebráica de Fernão de Loronha é posta em dúvida por Antonio Baião. *História da Col. Port. do Brasil*, CLXVIII, II. 278.

Era composta de tres embarcações fretadas por um consórcio de mercadores. Tinha a singularidade de se destinar exclusivamente ao Brasil, e trazia entre os pilotos Américo Vespúcio, compatriota de um dos parceiros da empresa, o mercador Marchione. Pelas informações dos cronistas contemporâneos não temos certeza si partiu de Lisboa a 10, 13 ou 14 de maio de 1501.

1501

A quarta expedição que tocou em terras do Brasil parece ter sido a nau de Estevam da Gama, chegada antes de Afonso de Albuquerque á ilha da Trindade.

1502?

A quinta foi a de Gonçalo Coelho á frente de seis embarcações. Nesta vinha pela segunda ves Américo Vespúcio ao Brasil. A frota partira de Lisboa a 10 de junho de 1503, segundo informação de Damião de Góes, em desacôrdo com o florentino, que dá com mais probabilidades 10 de maio. O destino era Malaca, mas a expedição dispersou-se nas costas brasileiras, e o navio em que estava Vespúcio teve de demorar longo tempo (5 meses?) num porto situado 260 léguas ao sul da baía de Todos os Santos. Aí construiu a tripulação um fortím. A seguir informa Vespúcio que uma bandeira por ele ordenada penetrou no interior das terras. Concluida a incursão, deixou o piloto 24 homens na feitoria recem-edificada e regressou a Europa. Do resto da frota nada se sabe, nem quanto tempo dispendeu em navegações pelo litoral, nem si lhe devemos algumas das denominações que por essa época enriqueceram a toponímia dos primeiros mapas onde ocorre o Brasil.

1503

Parece averiguado que Gonçalo Coelho voltou ao reino antes de 1505, quando recebeu de D. Manoel I o Ofício de Recebedor das Cisas. Entre o

que rezam os cronistas da época e as afirmações de Vespúcio, não se chega a perceber si a expedição fazia parte do contrato de Fernão de Loronha com a fasenda real, ou si pertencia ás expedições da Índia que refrescavam na América.

Depois de Vespúcio chegar a Europa de torna viajem, deu-se fato muito comum numa quadra em que pilotos conhecedores da Ásia e América eram disputadíssimos; foi atraido a Castela pelos espanhois desejosos de se informarem sobre descobertas. As últimas navegações de Vespúcio tinham evidenciado os seus conhecimentos, e, ao passo que os portugueses procuravam ocultar o que descobriam, Vespúcio pelo contrário, alardeava notícias em cartas aos maiores personajens do tempo.

Na Espanha queixava-se o piloto da ingratidão do rei de Portugal que não lhe recompensara os serviços prestados como prometera. Dificil é aquilatar em que consistiam as promessas não cumpridas, admitindo-se que tenham existido. Na opinião um tanto tendenciosa de modernos historiadores portugueses, o padrinho da América não passaria de simples comerciante, nauta improvizado, mediocre cartógrafo, geógrafo e astrónomo, bem recebido de espanhois só pela indigência de pilotos com que lutavam Fernando e Isabel. No emtanto, apesar da pecha de ignorante, Vespúcio contribuiu para a nomenclatura dos mapas, deu muitas indicações certas sobre viajens que realizou, e si algumas são duvidosas, incidia na balda comum aos cientistas do século. A inteligência e atividade, de que deu mostras, devem pesar um pouco a seu favor, mormente num período em que

foi dos raros a deixar relação dos decobrimentos portugueses.

1503 Em 1505 Binot Paulmier de Gonneville declarava no seu depoimento perante o almirantado da Normandia, que dois anos antes estivera no Brasil, numa região onde desde algum tempo embarcações de Dieppe e S. Malô costumavam resgatar. Levado por esta declaração, crê o historiador brasileiro Gomes de Carvalho, que já em 1503 os franceses frequentavam as costas do Brasil em busca de madeiras de tinturaria. A *Relation Authentique* de Gonneville compreende a armação do navio e a narrativa da viajem. Este documento, e o da nau *Bretoa*, somam tudo que possuimos a respeito de pormenores acerca das expedições que vinham ao Brasil.

1504 O relatório de Anchieta, constante da *Annua*, diz ter havido em 1504 no rio Paraguassú um combate entre tres navios franceses e quatro portugueses. Mas como nada encontramos nas crónicas e arquivos dos vencedores, que foram os segundos, o jesuita deve ter sido mal informado, ou fez confusão com sucessos ulteriores (20).

Conjéturas de valor semelhante, levaram o moderno escritor Duarte Leite, e o velho Varnhagen, á suposição de que Gonçalo Coelho tenha estado em nosso litoral por conta de Fernão de Loronha, mais veses do que registam as crónicas do tempo. Efetivamente as alterações da nomenclatura do mapa de Canério sugerem a presença de algum nauta português no Brasil por voltas de

---

(20) A mesma informação, em termos quasi idênticos, é repetida pelo jesuita anónimo autor do manuscrito *De algunas Cousas mais Notaveis do Brasil.*

1505, antes de terminar o privilégio do mercador. Mas afora esta presunção nada mais ha sobre o assunto. 1505

Parece que Dias de Solís e Vicente Yañez Pinzón, costearam o litoral do extremo norte do Brasil em 1508, porém Toribio de Medina (Solís CDXLIX) pouco encontrou a respeito além da crónica de Pedro Martir de Angleria. 1508

Informações certas sobre navegações só aparecem depois com a viajem da nau *Bretoa*, pertencente ao consórcio de Fernão de Loronha, Bartolomeu Marchione, Benedetto Morelli e Francisco Martins. Partiu de Portugal a 22 de fevereiro de 1511, tornando oito meses depois carregada de pau brasil, vários outros produtos da terra, trinta e seis escravos índios e um jardim zoológico em miniatura. Era comandada por Cristovam Pires, constando entre os mestres da equipajem João Lopes de Carvalho, mais tarde piloto a serviço da Espanha. A nau *Bretoa* teve o raro privilégio de transmitir até nossos dias o livro de regimento de bordo. 1511

Em 1512 deu-se a estranha viajem do grupo de portugueses que do Brasil foi ter a Porto Rico. Não existiria mais recordação das suas aventuras sem o processo a que deu causa. Certo Estevam Froes comunicou-se em 1512 da América Central com o rei, pedindo proteção. A caravela em que viajava fôra levada pelos ventos contrários do Brasil a Porto Rico, infringindo involuntariamente o tratado que repartia as posseções ibéricas. Preso pelos espanhois, foi remetido a S. Domingos onde padeceu maus tratos, tendo sido apreendida a embarcação e o que levava a bordo. A causa do infortúnio vinha das desinteligências que os 1512

prisioneiros tinham tido no Brasil, com um tal Pedro Galego, homen semi-gentilisado, de grande prestígio entre a indiada, que obrigara seus patrícios a fugir. Esta caravela pertencia ao armador Cristovam de Haro, "*vecino e mercador de Burgos*", *sócio de portugueses,* (e que ia intervir decisivamente na expedição de Fernão de Magalhães), o qual num requerimento feito em 1519 recordava: "*puede haber seis años, poco más ó menos. que estando* (Cristovam de Haro) *en Lisboa, armó una carabela de mercadorias de rescate para la tierra del Brasil...*". As datas concordam, as da viajem de Froes, e a dos dizeres do requerimento.

Também poderiamos arriscar, através o texto da carta (do português ao rei implorando sua intervenção para ser libertado do cárcere de Porto Rico), provir a forma piramidal dada pela primeira ves á América do Sul pelo cosmógrafo Schoener, das explorações de espanhois e portugueses na costa equinoxial do Brasil, entre os quais João Coelho, habitante da Porta da Cruz em Lisboa.

Na opinião de Varnhagen, houve por esta data navegadores portugueses que estiveram em alguns ancoradouros do litoral norte, além do cabo S. Roque, sem comtudo lhe ser possivel designal-os. Deste ponto, até o "*rio de Cananea*" (assim denominado a 29 de fevereiro de 1504, ano bisexto, dia em que S. Mateus descreve o encontro do divino mestre com a mulher de Cananéa), foi o que se conheceu do Brasil durante muitos anos.

1512 Em 1512, 14, 16 ou 21, partiu de Portugal uma expedição, que se supõe comandada por Cristovam Jaques. Em uma das duas caravelas de que

se compunha ia o famoso piloto João de Lisboa. Deceram os navios a costa sul do Brasil até encontrar um grande rio. A empresa é conhecida de alguns historiadores sob a designação de Nuno Manoel, irmão colaço do rei, que teria sido o comandante, ou um dos armadores. Acerca desta expedição existem as mais desencontradas conjeturas em torno de alguns indícios aceitáveis. A carta do embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos a D. João II alude a uma viajem á América de D. Nuno Manoel, anterior a 1514. *A Newen Zeytung Auss Pressilig Landt* (21) refere-se a uma expedição de 1514, fretada por um certo D. Nuno, e Cristovam de Haro. Foi dirigida em 1516 reclamação de D. Manoel I á côrte de França, contra incursões de franceses nos domínios de Portugal, que poderia proceder de informações do Brasil por intermédio deste D. Nuno. No mesmo ano foi expedido o alvará registado no livro das Reformações da Casa da Índia, relativo a projéto de feitoria e colonisação do Brasil, muito provavelmente também inspirado pela mesma orijem.

Em todo esse período, anterior á colonisação oficial, reinam dúvidas e incertesas, tal a escassês de dados. Encontramos no cronista de D. Manoel, Damião de Góes, a informação de que Jorge Lopes Bixorda "...*que naquelle tempo tinha no tratto do pao brasil que trazẽ desta terra da Santa Cruz*" (Damião de Góes I 118), prezenteara el rei com

(21) Admite Rodolfo Garcia tres viajens de Cristovam Jaques ao Brasil entre 1517 e 1521. Eugênio de Castro considera estabelecida a de 1514, e aceita mais outra, efetuada entre 1516 e 1519, apoiada em o cap. II, 59 e no cap. XIII, da *História da Colonisação Portuguesa do Brasil*, III.

1513

indios *"grandes frecheiros"*. Chegados do Brasil em 1513, segundo o cronista, presupõem uma expedição daquele ano. Infelismente nada mais ha, e faltam-nos meios de verificar a sua autenticidade.

Mais comprovada é a expedição de João Dias de Solís á que *"Dava el Rey gran priesa para que en el principio deste año salisse el armada contra los Caribes y que dos navios que avia mandado apercebir por la costa de tierra firme al Sur e se partissen con brivedad por los zelos que tenia de Portugueses, y por las opiniones de los Cosmografos que se podria por aquella parte hallar passo para las Islas de especiaria* (Herrera 160, Dec. III libro I). Partiu em 8 de outubro de 1515, com tres embarcações, de S. Lúcar de Barrameda, destino aos mares do sul, segundo uns "... Salió *de Lepe a ocho de Otubre deste año*" (1515), segundo outros. Este piloto, de orijem portuguesa, percorreu o Brasil do cabo de S. Agostinho até o de S. Maria. Depois entrou no rio da Prata, e subiu pela margem setentrional até um sítio em que desembarcou com alguns companheiros. Ai foi morto á traição pelos indios. Ante o funesto acontecimento, as naus desferraram deixando aquelas parajens, e seguindo de novo a costa, demoraram-se no cabo de S. Agostinho para carregar pau de tinturaria. Uma das embarcações não pôde acompanhar as outras, naufragou nas visinhanças do porto dos Patos, na ilha de S. Catarina, emquanto as demais conseguiam alcançar a Espanha (22).

1515

---

(22) Nessa época reclamava o Rei de Portugal a pessoa de Solis (de alcunha "Bofes de Bagaço", indigi-

Damião de Góes informa ainda (*Crónica de D. Manoel*), que uma das naus do mercador lisboeta Duarte Tristão, desgarrara do caminho das Indias em 1517, invernando no Brasil. **1517**

Asseveram entendidos de navegações antigas que próximas á expedição de Cristovam Jaques em 1514, houve outras de portugueses, talvês uma delas capitaneada pelo mesmo piloto. Ha probabilidades a favor, temos porém só uma referência explícita em Varnhagen, inspirada por Gaspar Correa: *"Neste numero devemos contar em* 1519 *o navio castelhano D. Luis de Gusman, que em vez de seguir de conserva para a India, com Jorge de Albuquerque, veio desertor e pirata ter aos nossos mares; mas nem sabemos (e quasi preferimos não sabel-o) em que porto meridional buscou abrigo, para refazer-se de leme, deixando nelle cincoenta e tres da tripulação sacrificados pelos indios"*. **1519**

A 20 de setembro de 1519 partiu de S. Lúcar Fernão de Magalhães, que a serviço de Espanha ia empreender a mais extensa aventura marítima da época. Pretendia nada menos que contornar o mundo numa frota de cinco cascas de noses, tripulada por embarcadiços de todos os portos que tinham mandado expedições a América. A 13 de **1519**

---

tado assassino de sua mulhér, etc...) porque saqueara com espanhoes uma caravela do comércio africano. Queria o rei que lh'o remetessem, assim como ao depois, também o produto das incursões de Solís no litoral brasileiro. Alegaram de Castela ser a carga legitima (Herrera, Dec. II, Lib. I, CDXXXVII) e que os portugueses tinham aprizionado sete castelhanos na "Bahia de los Inocentes, "q. como bien sabia, cahia en la demarcacion de Castilla". Afinal os espanhoes em questão foram trocados por onze portugueses vindos das Antilhas.

dezembro surgiu no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 26. Continuou depois a rota até transpôr o estreito que hoje tem o seu nome, vencendo no oceano Pacífico enorme distância, desembarcando por fim numa ilha em que foi morto pelo gentio.

Varnhagen nem sempre contava as fontes de informações da *História Geral*. Somos obrigados a confiar novamente na sua veracidade acerca de uma viajem ao Brasil, atribuida em 1521 ao francês Hugues Roger.

1521

Na carta do embaixador de Espanha, Zuñiga, mandada de Évora em 27 de julho de 1524, existe alusão a duas caravelas, que juntas foram em 1521 ao rio da Prata, e ao passarem por Santa Catarina encontraram 9 náufragos da expedição de Solís. O documento é oficial, destinado a informar o governo espanhol, e embora nada conste em arquivos portugueses, continua digno de fé.

1521

Outra viajem autêntica de que se não conhecem pormenores foi a realizada por Jean Parmentier, piloto do visconde de Dieppe, e poeta, que os contemporâneos elevavam á altura de Jean de Meung. Nas relações de Ramúsio estão traduzidas as notas que deixou sobre o Brasil, descrevendo a costa equinocial bem pouco frequentada na época. A data da viajem continua imprecisa, pois Ramúsio não sabia siquer o nome do "*Gran Capitano Francese*", como designa Parmentier na sua coletânea. Foi por acaso que o pesquisador de arquivos Estancelin pôde identifical-o. Os mesmos documentos (*Crónica de Pierre Grignon*) que serviram para a elucidação do nome do piloto, também orientam acerca da época da viajem.

Deve ter-se efetuada entre 1520 e 25, porém mais provavelmente neste último ano. **1525**

O protestante Crespin alude, na sua *Histoire des Martirs*, á presença de normandos no Rio de Janeiro em 1525, aliados aos indígenas do lugar com quem mantinham relações amistosas. **1525**

Em 1525 temos ainda a expedição de Garcia Jofre de Loaysa, saida no mês de julho de Corunha em demanda das Molucas. A viajem foi inçada de contratempos, até se destroçar perto do estreito de Magalhães. Obrigado pelas avarias teve o comandante de uma embarcação, D. Rodrigo de Acuña, de regressar arribando ao Brasil. Na ilha de S. Catarina havia companheiros de Solis que o auxiliaram, e depois de alguma demora pôde seguir para o Rio de Janeiro e Baía, onde encontrou duas naus e um galeão franceses. **1525** **1525**

No mesmo ano supõe-se que partiram da Espanha duas expedições em direção ao Brasil (23). Uma comandada por Diogo Garcia, de Corunha a 15 de janeiro (ou 15 de agosto, segundo Medina), composta de tres unidades. A outra, de quatro embarcações, sob a chefia de Sebastião Caboto, a 1 de abril. Diogo Garcia parou algum tempo em S. Vicente, e Caboto em Pernambuco, onde os portugueses dispunham de um fortim. **1525** **26** **27?**

Esse estabelecimento é atribuido por alguns autores a Cristovam Jaques, que o levantara na primeira viajem ao Brasil. Outros transferem a fundação para 1526, quando o capitão mor veio á frente de uma flotilha para combater fran- **1526**

(23) Toribio Medina. *Los Viages de Diego Garcia de Moguer*, CDLI 83.

ceses. A segunda ipótese bazea-se em que não é certo ter Cristovam Jaques realmente tomado parte na expedição da *Nova Gazeta* em 1514. Teria ocasião porém de erigir a feitoria na de 1526, pois ha indícios de que chegou a Pernambuco antes dos castelhanos. Toribio Medina esforçou-se por demonstrar que a demora da partida das esquadras espanholas foi longa, acrecentando-se ainda o tempo da viajem. De fato, Diogo Garcia censurava Caboto pelo itinerário que escolhera, afirmando com rasão que a sua rota era de muito preferivel; "*y esta navigación no supo tomar Sebastían Caboto con toda su estrulugia*".

As tres expedições obedeciam a fins iguais, que concistiam em reforçar o domínio de Espanha e Portugal na América e Oceânia. Tinham porém objetivos diferentes; a de Diogo Garcia destinava-se ao Prata, a de Caboto ás Molucas, e a de Cristovam Jaques, a mais poderosa de todas, a varrer normandos e bretões dos mares brasileiros.

Ha indícios de expedições mercantes inglesas para o Brasil em 1530, comandadas por William Hawkins. (Williamson "Sir John Hawkins", CDXCIV bis. v. pgs. 9, 10, 11, 15, 16, 17, 19). Através da sua narrativa vimos a saber que fez tres viajens entre a Inglaterra, África e Brasil, onde tocou em lugar não mencionado. Acamaradou-se Hawkins com os indígenas, levando um dos caciques á côrte da Inglaterra, o qual morreu na volta. Temeram os ingleses pela vida de Martim Cokrane, de Plymouth, refém do índio, felismente nada lhe aconteceu graças ao prestígio de Hawkins entre as tribus.

Com estas expedições terminam as que precederam ou foram contemporâneas de Martim Afonso de Sousa em 1530.

As naus armadas por particulares pouca recordação deixaram. Foram inúmeros franceses e espanhois que resgataram no litoral do Brasil, antes e depois do comércio ser declarado intrelopo, mas deles quasi nada se sabe. Naufrágios perderam documentos interessantíssimos, entre outros está o jornal de bordo de Paulmier de Gonneville, afundado por piratas quando se achava á vista das costas de França. No desastre, desapareceram, não somente a descrição da viajem, como os desenhos do tripulante Nicolau Lefevre que a ilustravam. Podemos imaginar o valor informativo de tão preciosos documentos sobre o Brasil de 1503!

Outras perdas por acidentes, ou pelo descaso, quando não eram propositais, dificultam o conhecimento das expedições ao Brasil. As navegações desautorisadas pelo fisco português ocultavam o quanto possivel a sua atividade. Das empresas ordenadas pela corôa, também não se sabe grande cousa, por várias rasões, tendo sido a principal o terremoto de Lisboa, que destruiu arquivos e apagou vestígios.

CRONOLOGIA

1500	Pedro Álvares Cabral
1501	João da Nova
1501	Fernão de Loronha
1502	Estevam da Gama?
1503	Gonçalo Coelho
1503	Paulmier de Gonneville

150...	João Coelho descobre terras entre o cabo de S. Roque e Maranhão.
1508	João Dias de Solís no cabo S. Roque?
1512	Estevam Froes
1513 ?	A nau que transportou os índios de Bixorda
1514	D. Nuno e Cristovam de Haro
1515	João Dias de Solís
1517	Nau de Duarte Tristão
1519 ?	D. Luís de Gusman
1519	Fernão de Magalhães
1521 ?	Hugues Roger
1521	Dois navios espanhoes em Santa Catarina
1525 ?	Jean Parmentier
1525 ?	Normandos no Rio de Janeiro
1525	Garcia Jofre de Loaysa
1526	As naus encontradas no Brasil por D. Rodrigo de Acuña
1526	Diogo Garcia
1526	Cristovam Jaques
1526	Sebastião Caboto
1526	A nau francesa vista por Garcia
1526	id. vista por Caboto
1530	Martim Afonso de Sousa
1530	William Hawkins

III

Povoadores Europeus pre-coloniais

O mesmo que pensava Humboldt da história da geografia, podemos dizer dos primitivos povoadores brancos do mundo novo, imersos em densa nuvem de falhas e incertesas.

Não é preciso no emtanto a imaginação dos que se apoderaram de episódios verídicos, e os sublimaram em poética fantasia, para considerar prodigiosa a odisséa desses precursores.

Ante a pequena caravela de europeus chegada no Brasil, estendia-se o desconhecido em toda plenitude. A mata era ameaçadora, e nas praias irrompiam canibais mais perigosos que tigres. O clima quente do litoral, as feras, os insétos, o ermo, as febres, tudo se conjugava contra os que se arriscavam em terra.

Devia ter sido terrivel a angústia dos dois degredados que Pedro Alvares Cabral deixou em a nova descoberta, quando no dia 2 de maio de 1500 proseguiu viajem para a India. Tão grande fôra o desalento dos míseros, ao verem enfunar-se as velas da armada, que segundo cronistas da época, até aos índios comovia. Ficavam em terra para aprender a linguajem dos nativos e mais tarde facilitar a penetração dos portugueses, caso voltassem. A história conservou apenas o nome de um

1500

dos sacrificados, que se chamava Afonso Ribeiro (24).

Nunca se pôde elucidar que delito cometera para merecer degredo (25). Várias eram as culpas que no século incorriam a pena (26), porém nem todas infamantes. A noção de criminalidade é talvês a que mais se alterou com o tempo. Cau-

---

(24) Outros parecem lá terem ficado. Um documento do Arquivo de Môdena diz: "Mettero un termine il quale hora ha posto in uso questo Re; tutti coloro quali nel suo regno commettono cose digne de gran pena overo di morte, tutti quelli fa pigliare ne alcun amaza, et servandoli col tempo gli manda in questi lochi et insulle ritrovate, et imponelli questo, che se mai per alcun ritorna a Lisbona perdonali el delito, et fali mercede de cinque cento ducati ma credo io che rari ve ne tornarano, benché in un loco che si chiama Santa Croce, per essere dilectevole di bona aria et de dolcissimi fructi abondante, fugirno cinque marinari dele nave del Re, et non volseno piu tornare in nave, et li restarno". H.ª da Col. Port. do Brasil, CLXVIII 250, II.

De estabelecido sabemos que ficaram no Brasil dois degredados. A carta de Pero Vas acrecenta dois grumetes que fugiram para terra na véspera da partida, todavia sem especificar si lá ficaram ou não. Espiões italianos, que em Lisboa interrogaram marujos recemchegados da expedição de Cabral, elevam o número a cinco, como vimos no documento acima. Com semelhantes dados não podemos chegar a conclusões definitivas. Continuamos admitindo dois portugueses no Brasil em 1500, pois são os únicos de que existe referências em documentos oficiais da época.

(25) A carta de Giovanni Matteo Cretico "do homini banditi, come se dice di sopra, (do homini banditi indicati a morte) li qual si messeno a pianger crudelmente (quando se viram abandonados), e quelli homini de quella terra gli confortavano, dimonstrando haver gran pietá".

(26) Varnhagen CCCXXVII, 284, 285 e 286 *I*, e CLXVIII, ***H.ª da Col. Port. do Brasil*, 177,** II.

sas políticas ou religiosas, ou consequências de complexos sexuais, hoje consideradas somenos, podiam ocazionar exílio, assim como êrros judiciários que golpeassem inocentes. O fato de ser degredado não implicava fosse o reu necessariamente facinora.

Os infelises companheiros de Cabral permaneceram á espera dos portugueses no mesmo ponto em que tinham sido desembarcados, na região de Porto Seguro. Um deles teve a ventura de tornar á pátria. O outro desapareceu tão completamente como si nunca tivesse existido, sem deixar a menor recordação no sítio onde por longos meses padecera.

Depois destes lusos, o historiador Harisse é de parecer (inspirado numa carta de Cantino ao duque de Ferrara) que houve por voltas de 1501 naufrágio de uma nau portuguesa nas costas brasileiras, antes da segunda viajem de Vespúcio. Talvês aportassem nesta embarcação alguns dos misteriosos europeus encontrados no litoral no primeiro quartel do século 16.

1502?

Em 1502, Vespúcio afirma que levantou no Cabo Frio um forte, em que deixou 24 homens. De núcleo relativamente tão importante para o lugar e momento, é provavel que perdurassem vestígios na terra. A presença de brancos no meio de populações indígenas pacíficas, trazia sempre mamelucos.

1502

Mais ao sul tempos depois, em data imprecisa, surge o famoso "Bacharel de Cananéa". De todos os primitivos povoadores é a figura mais discutida, e menos conhecida. Supõe Varnhagen, que não era náufrago, porém degredado para cum-

prir pena. Sobre o modo como veio ter ao Brasil nada se sabe de positivo. O que ha de mais seguro, é a notícia dada por Diogo Garcia alusiva a um português designado por "bachiller" (27). O capitão espanhol veio encontral-o em 1526, ou 27, em S. Vicente, cercado de numerosos genros, todos ha muito moradores na povoação. Pelo cálculo que faziam, alí estavam para mais de 20 anos. Um deles seria Gonçalo da Costa, a menos que fosse o próprio bacharel, com o qual Diogo Garcia contratou partida de índios, a construção de um bergantim, e o abastecimento da flotilha com gêneros do lugar.

Acerca da sua existência não ha dúvidas; onde surgem é quando passam a confundil-o com outros habitantes da região. Aparece na época um povoador de nome João Ramalho, que Varnhagen considera habitante de Piratininga, para onde teria subido em 1508. Pouco temos sobre a data, menos ainda como surgiu Ramalho serra acima. Alonso de Santa Cruz, e Oviedo, mencionam náufragos refugiados na ilha dos Porcos, em ano correspondente á chegada de João Ramalho. Comtudo temos de ficar no terreno das conjéturas, como também acerca de outra figura lendária, Diogo Álvares, o *Caramurú*.

Não ha menino ás voltas com antologias escolares que não conheça as desventuras do náufrago. Provoca o arcabús disparado pelo lusitano

---

(27) Varnhagen, Hª. Geral do Brasil, CCCXXVII. 115. I. A acepção antiga espanhola de bachiller também compreendia na gíria popular homem bem falante porconseguinte, o indivíduo encontrado na praia, não preci. zava ter cursos jurídicos como houve quem supuzesse. v. Dicionário da Academia Española.

na praia pavor e admiração do gentio. Este acontecimento foi descrito pelo poeta,

> *"Do filho do Trovão denominado,*
> *Que o peito domar soube á fera gente;"*

e se tornou popular, não pela exelência dos versos, mas pelo pitoresco do assunto.

O cronista Herrera refere-se ao português que valeu a castelhanos naufragados em 1535 na ponta de Boipeva. Este poderia ser, segundo o visconde de Cayrú, Diogo Álvares. Contara nessa ocasião o providencial bom samaritano, estar ha 25 anos no Brasil. Nem sempre são muito exatas as datas em crónicas antigas. Acrecentava Diogo Álvares, ter comsigo mais 8 (?) companheiros, também salvos de um naufrágio. Não se sabe quem eram, nem de onde tinham vindo, nem si realmente perfaziam este número. Informações mais pormenorizadas existem apenas em relação ao Caramurú, que pelos serviços prestados aos espanhois recebera, no dizer de Accioly, honrosa carta de agradecimentos do imperador Carlos V. Além desses escassos dados, bastante duvidosos, o que mais se pôde averiguar da sua existência no Brasil foi a farta prole obtida de Índias. Como todo homem nas mesmas condições manteve Diogo Álvares muitas concubinas, fato que inspirou a Santa Rita Durão o melancólico episódio de Moema.

1510

Alguns cronistas mencionam, como já vimos, náufragos nas proximidades da ilha dos Porcos, agora Anchieta, no Estado de S. Paulo. Muitos mais deve ter havido em embarcações clandestinas, envoltas em voluntário mistério, pelo risco dos navegantes sujeitos a sanções penais. Porém só

1511 ao chegar no ano de 1511 é que temos informações de boa fonte, com a nau *Bretoa.*

No seu percurso pela costa do Brasil tocou no Cabo Frio, na feitoria fundada por Vespúcio. Querem historiadores portugueses que na época houvesse mais estabelecimentos do mesmo gênero em Pernambuco e Baía. Pensou-se até recentemente que tambem existiam de franceses na região, em vista do comércio do Maraboutan ou Ibirapitanga. O jornal de bordo não dá esclarecimentos, e foi por outras fontes que se soube também do desembarque de João Lopes de Carvalho no Cabo Frio, abandonado pelo comandante da nau, a despeito das instruções recebidas em Portugal antes da partida.

Algum tempo depois, Carvalho se passou com o feitor João de Braga para o Rio de Janeiro, de onde em 1519 aquele embarcou com uma ou duas índias e um filho mameluco na frota de Fernão de Magalhães. O mestiço era o "Niñito", ou "Higito de Juan el Piloto". Foi abandonado com outros tripulantes da nau Victoria na ilha de Borneo. Ignora-se o fim que teve (28).

As recomendações ministradas ao comandante da *Bretoa* revelam um fato estranho numa época em que o litoral das terras descobertas era perigosamente inóspito. Aconselhavam cautela ao chegar em terra, por causa das deserções de marujos, muito comuns ao que parece, "...*como algumas veses já fizeram, que é causa muito odiosa ao trauto e serviço do dito Senhor* (el rei D. Manoel).

São incertas as rasões do costume, atribuíveis tanto a maus tratos dos capitães, como á sêde de

(28) Visconde de Lagoa. Fernão de Magalhães. DCCII, 307. I.

aventuras de homens obcecados pelo ouro. Também podiam derivar de causas sexuais, ante a poligamia e liberdade indígenas. O fenómeno abrangia indiferentemente a portugueses, franceses ou espanhois, sem ser possivel distinguir as determinantes, porque nenhum desertor deixou memórias ou narrativa elucidando o fato (29).

No convívio dos selvajens, adotavam tão completamente os seus hábitos que levantaram suspeitas de brancos terem chegado a comer carne humana! Ferdinand Denis, na *Fête Brésilienne*, menciona: "*on a la certitude que plusieurs d'entre eux poussèrent le goût de l'imitation (et ici l'esprit frémit d'épouvante) jusqu'à partager les terribles festins des Tupinambas. Si Paez trouva à cette époque un interprète portugais qui s'étoit percé la lèvre inférieure et les joues pour y porter les étranges joyaux formant la partie la plus recherchée d'une parure indienne, on ne sauroit mettre en doute que beaucoup d'interprètes français ne se soient fait gloire de revêtir aussi les ornemens bizarres des Brésiliens.*

Il suffit de lire Thevet, Lery, Hans-Staden, pour s'initier à la vie désordonnée et à la conduite quelquefois barbare de ces hommes si féroces, qui

---

(29) Capistrano de Abreu procurava explicar, pela situação privilegiada em que ficariam os degredados como intermediários de negócios depois de atirados ás praias. A ipótese é engenhosa porém insuficiente. Outra explicação também admissivel é a de A. C. Couto de Barros, quando aventa a "thalassophobia", ou enjôo do mar, tão forte que as vítimas imploram sejam atiradas ao oceano, pois preferem morrer a continuar a bordo. (v. igualmente pag. 80 deste volume).

repoussoient parfois jusqu'aux souvenirs de la civilisation".

Em nota da *Historia Geral* Varnhagen acrecenta, a propósito do Pero Gallego que afugentara Estevam Froes para Porto Rico, "*Por ventura o espanhol que no Norte do Brasil se fizera botocudo* (sic)". E, assim como estes muitos outros repetiram a curiosa transformação de europeus em selvícolas.

Sobre as "capitanias" existentes na costa, no mesmo período, nada mais temos. Davam a denominação a simples abrigos onde os marujos recolhiam mercadorias á espera do embarque (30). Não dispomos de provas de que os galpões tenham servido de pouso para franceses pelos sítios onde se elevaram, muito embora houvesse boa armonia entre estes e íncolas.

1515

Temos informações certas, de náufragos em nosso litoral, com a expedição de Solís em 1515. Uma das embarcações do malogrado navarca, perdeu-se no sul, na visinhança do porto dos Patos. Sobreviventes em número de 7, 9, 10 ou 11 (31) re-

---

(30) "Eu El-Rei faço saber a vós, Christovam Jacques, que ora envio por Governador ás partes do Brasil, que Pero Capico capitão de uma das capitanias do dito Brasil, me enviou dizer que lhe era acabado o tempo de sua capitania, e que queria vir para este Reino..." CLXVIII. H.ª Col. Port.ª, 60, III. vide os comentários da mesma página.

(31) O cardeal Cisneiros protestava a 30 de março, 1517, em nome do rei da Espanha contra o aprisionamento dos nove castelhanos, como já vimos adiante. A sua estada por longos meses naquelle sitio havia de ter deixado vestigios na população. v. Toribio de Medina. Juan Diaz de Solís. CDXLIX.

A carta do embaixador Zuñiga ao imperador Carlos V. Varnhagen H.ª Geral do Brasil. CCCXXVII 140. I. dá os

fugiaram-se na ilha de S. Catarina, onde expedições posteriores foram encontral-os. A respeito reina a maior confusão, nem se conhece ao certo quantos, nem si todos eram náufragos, ou si de permeio estavam degredados e desertores. Solís, ao aportar na ilha antes do naufrágio, denomina uma baía *Perdidos*, porque lá encontrara europeus. A carta do embaixador Zuñiga ao rei de Espanha refere-se mais tarde a companheiros do capitão português, estabelecidos e cazados no lugar, vistos por um misterioso piloto castelhano numa viajem efetuada em 1521. Finalmente D. Rodrigo de Acuña, quando tocou em S. Catarina em 1525, perdeu alguns dos seus tripulantes que ficaram em terra atraidos por moradores europeus. Estes diversos elementos foram os mais antigos habitantes brancos do sul (32).

1516-21?

Consta, da suposta viajem de Cristovam Jaques em 1516, 19 ou 21 (carta de Zuñiga) ao Brasil, que se fundou uma feitoria em Pernambuco com um feitor e 12 moradores (33). Além desta viajem, muito obscura, não sabemos si algum esta-

---

embarcadiços de Solís em S. Catarina em número de 9. Avila augmenta para 10. Medina para 11.

(32) A carta de Zuñiga descreve-os "casados". Só podia ser amancebados com índias do lugar. Depois da partida desses cristãos recolhidos pelos conterrâneos, teria ficado a prole? As informações são tão deficientes que não sabemos si algum branco preferiu continuar em S. Catarina, a despeito do que diz Zuñiga "in la tierra... no hay cosa de provecho...".

(33) Atribue-se a feitoria de Pernambuco a Cristovam Jaques. Temos apenas na carta de D. João III, as "capitanias do dito Brasil", que já existiam em nosso litoral antes de 1526 (a carta era datada de 5 de julho do mesmo ano). Si foi construida a de Pernambuco por or-

belecimento, por esse tempo, ou expedição das que se sucederam de Solís a Loaysa, deixaram moradores no litoral. É provavel, mas precizamos aguardar até 1525 para dispor de subsídios históricos dignos de crédito.

A nau de D. Rodrigo de Acuña (da expedição de Loaysa), teve de arribar em 1525 ao litoral de S. Catarina, quando de volta da Patagônia. Encontrou no princípio algum auxílio de castelhanos habitantes do lugar (34). Mais tarde os mesmos passaram a prejudicar D. Rodrigo. Persuadiram aos marujos que era preferivel ficar em terra a correr o risco da viajem num barco em péssimas condições. Não lhes custou convencerem pelo

---

dem de Christovam Jaques, tanto podia ter sido na primeira viajem do navegador (desde que tenha existido) como na segunda. A *Nova Gaseta* descreve uma expedição de portugueses ao Brasil em 1512. D. Manoel expediu alvará colonizador em 1516. Varnhagen. H.ª Geral do Brasil CCXXVII. I. O diplomata Zuñiga refere-se a outra viajem de 1521, atribuida por historiadores portugueses a Cristovam Jaques. Jean Parmentier alude a um fortim em Pernambuco entre 1520 e 25. Seria o mesmo de que fala Caboto? Os tais fortes, ou capitanias, não passavam de simples barracões protegidos por cercas de estacas. Durariam 15 anos? Ou seriam reconstruidos ao cabo de algum tempo? As declarações dos portugueses de Pernambuco, dizendo-se companheiros de Cristovam Jaques no Prata, parecem dirimir as dúvidas que havia sobre a precedência deste sobre Caboto. Medina, Sebastián Caboto, CCVII, I. 141.

(34) Em março de 1526 encontrou D. Rodrigo no porto dos Patos a náufragos, em número talvês de 4, resto dos cristãos que alí vieram ter após o naufrágio de um eerto galião de Solís. D. Rodrigo enviou um clérigo para batizar os filhos destes. T. de Medina. Seb. Caboto. I. 139.

exemplo, rodeados como estavam de índias, numa paisajem paradisíaca, situação mais sedutora que a rude faina de bordo; porém a despeito das vantajens, nem todos foram seduzidos. Parte da tripulação continuou com D. Rodrigo a derrota para o norte, ficando em S. Catarina 32 (?) homens. No Rio de Janeiro, o capitão reuniu sua gente em conselho e rezolveu mudar de itinerário; renunciava ás Molucas pela Baía. Fazia água o S. Gabriel, e não se compreende como pôde neste estado carregar pau brasil. Da Baía, onde perdeu mais 9 homens — desertores ou mortos pelos selvajens — teve de refugiar-se num ancoradouro perto do rio S. Francisco. Por infelicidade lá estavam também embarcando madeira "*el galeon de Mosliense y Lomaria de la dicha Villa, y otro navio de Normandia del rio de la Sena*" como informa Navarrete. Os franceses depois de acudirem a D. Rodrigo, atacaram-n'o repentinamente para se apossarem do S. Gabriel então em restauros. Os espanhoes conseguiram safar a nau e fugir, mas o comandante caiu nas mãos dos corsários com mais 8 companheiros. Em alto mar os fugitivos elejeram seu chefe ao piloto Juan de Pilola, sem que pela nova direção terminasse o fadário dos tripulantes. Não podendo transpor o cabo de S. Agostinho, voltaram a Baía para concluir os reparos do S. Gabriel. No meio do trabalho surgiu outra nau francesa com ameaçadora aparência, contratempo que os obrigou a decer a costa até o Cabo Frio, e mais um porto ao sul onde se prezume terminaram os concertos. Só daí puderam finalmente encetar a definitiva jornada de volta, chegando a Baiona, segundo alguns autores,

1525

em 28 de maio de 1527, dois anos depois de começada a expedição.

Nas suas peregrinações pelo norte do Brasil, passou D. Rodrigo pela ilha de S. Aleixo em Pernambuco, em que dizem ter havido uma feitoria de franceses, tendo visto abandonada na areia, somente alguma farinha e um forno. Indicam os restos que os tripulantes preferiam ficar em segurança a bordo na escala, a levantar habitação no continente. No máximo teriam um rancho para guardar mercadorias ou preparar mantimentos, sendo provavel que tivessem igual aspéto os demais postos de resgate da costa. O único vestígio duradouro da sua passagem eram os inevitáveis mamelucos, que iam surgindo nas tribus afeitas ao comércio do Ibirapitanga e Canafístula. Demorou-se D. Rodrigo e companheiros cerca de 18 meses no litoral pernambucano, suspeitado pelos portugueses de Cristovam Jaques, que ao chegarem prenderam-n'o e o retiveram enquanto não chegavam de Portugal ordens em contrário.

Na *Crónica* de D. Manoel, escreve Damião de Goes, que o rei outorgara muitos privilégios em várias partes de seus domínios, inclusive na Terra de Santa Cruz. Todavia, a maior parte ficou sem efeito por falta de recursos, ou entusiasmo, dos contemplados.

NÁUFRAGOS, DEGREDADOS E DESERTORES

Dos companheiros de D. Rodrigo, que ainda em 2 de novembro de 1528 estavam em Pernambuco, no dizer de Navarrete, sabemos os nomes de Jorge Catan (ou Catorico), Marchin Vizcaino, Bar-

tholomé Vizcaino, Gerónimo Ginoves, Alfonso de Nápoles, Pascual de Negro (ou Negron), e Estevam Gomez. Pelas alcunhas vemos como eram recrutadas as guarnições das naus de Portugal e Castela. Biscainhos, genoveses, napolitanos, talvês mesmo orientais, davam seu contingente aos embarcadiços que vinham para o novo mundo. O *Diario* de Pero Lopes, logo ao depois, falaria em tripulantes portugueses, alemães, franceses e italianos. Foi por conseguinte bem variada a acendência branca dos primeiros mestiços do litoral, que tantos serviços iam prestar á infiltração portuguesa.

A viajem do S. Gabriel informa-nos também, que restavam no momento da visita de D. Rodrigo ao porto de Patos, ainda quatro dos 11 companheiros de Solís. Conhecemos os nomes de dois, Enrique Montes e Melchior Ramires. Quanto aos outros, a diminuição do número não significa tenham perecido. E' possivel que passassem a povoações litorâneas, como Cananéa, S. Vicente ou Cabo Frio, onde se construiam pequenos barcos suficientes para percorrer a costa.

1526

Em 1526 a côrte de Portugal recebia aviso de seu embaixador em França de que se aprestavam navios para o Brasil. Por esta rasão, ou outras que se não conhecem, partiu de Lisboa Cristovam Jaques á testa de uma nau e cinco caravelas, em data incerta do ano de 1526 (35).

---

(35) Frei Luis de Sousa noticiou "*no mesmo* (ano de 1526) *despachou El Rey a primeira Armada que foy em seu tempo ao Brazil; Capitão mór Christovão Jaques*"... Alguns portugueses encontrados por Caboto em Pernambuco disseram ter acompanhado Cristovam Jaques no Prata. v. Medina, CCVII. *Sebastián Caboto,* 125, I.

Uma das embarcações desgarrou da frota e foi ter ás mãos de piratas franceses. A capitânea por ter maior capacidade, no chegar ao Brasil foi carregada de madeira e enviada para Portugal, restando a Cristovam Jaques apenas quatro caravelas. Em Pernambuco, esteve a flotilha no sítio onde se pensa ter havido o estabelecimento atribuido a esta expedição.

Do norte deceram até a Baía, aí surpreendendo a corsários. Empregavam os portugueses embarcações de velas latinas, mais rápidas e manejáveis do que as adversas, principalmente adequadas ao tráfico mercantil. Graças á superioridade foram bem sucedidos nos rencontros, e voltaram a Pernambuco com cerca de trezentos prisioneiros. Mas não soube Cristovam Jaques pela clemência engrandecer a vitória. Muitos dos infelises vencidos foram supliciados com requintes de crueldade. Alguns, entregues aos canibais, foram devorados á vista dos vencedores, outros, enterrados até o pescoço na areia das praias, tiveram lenta agonia, alvos dos pelouros de portugueses e flechas dos índios. Os poucos que escaparam pelas matas foram amparados pelos selvajens com quem mantinham relações.

Depois destes sucessos, que iam despertar enorme comoção em França, Cristovam Jaques aprestou em Pernambuco a sua frota de volta, levando funcionários que parece ter havido por esse tempo na colónia. Com esta notícia ficamos na incertesa a respeito dos habitantes da feitoria em 1526. Disse a Caboto o feitor Manoel de Braga, que estivera no Prata com Cristovam Jaques.

Teria voltado a Pernambuco para substituir o que partira?

1526

Em igual ano aparece na feitoria vindo de Espanha, Sebastião Caboto, que ia semear elementos da sua matalotajem por todo o nosso litoral. Antes porém, começou embarcando um dos habitantes do lugar, o piloto Jorje Gomes, para lhe servir de guia nas terras do sul. Este homem jactava-se de entender a língua dos selvajens, além de possuir informações sobre as minas que havia na região do rio da Prata.

Atribue-se também ao feitor Manoel de Braga, e a outros companheiros, notícias que tenham dado a Caboto sobre a existência no sul de companheiros de Solís, numa zona de extraordinárias riquesas. Deviam ter grande interesse, para o capitan general, a serviço de Espanha, encontrar no decurso da sua navegação base em que pudesse refrescar víveres, e acima de tudo, obter guias das terras regadas pelo rio fabuloso. Desde que se formara a lenda do machado de prata dos companheiros de D. Nuno Manoel, sonhavam todos os navegantes com a região onde fôra encontrado. Nem seria outro talvês o motivo de mais tarde Martim Afonso de Sousa, decer até o rio de Solís com toda a sua expedição.

Não pensava mas o venesiano no itinerário a que se destinava quando saira da Europa. Esquecera-se das instruções do governo espanhol que o mandavam as Molucas pelo perigoso estreito de Magalhães, julgando melhor aviso tentar descobertas mais dadivosas nos resultados, que a gratidão do maior dos monarcas.

Demorara uns tres meses a permanência em Pernambuco, onde os espanhoes da capitania construiram um batel. No dia da partida encontrou Caboto nau francesa na altura da ilha de S. Aleixo. Apesar da severidade da campanha pouco antes terminada por Cristovam Jaques, continuavam os interlopos o seu comércio. Diogo Garcia divizou outra na mesma época e parajens, o que revela a importância da navegação francesa no litoral pernambucano.

Ancorou a seguir na ilha de S. Catarina, em outubro do mesmo ano em que partira de S. Lúcar de Barrameda, batizando-a com este nome em lembrança da sua esposa (36). Ao entrar no porto dos Patos naufragou uma das embarcações, obrigando a expedição a prolongada demora no lugar. Durante a estada na ilha foi terminada uma galeota de 20 bancos, destinada á exploração do grande rio. Neste espaço de tempo alguns tripulantes sentiram febres, "*murieron muchos dellos*", declarou o comandante, mas só pôde Caboto partir em direção ao Prata a 15 de Fevereiro de 1527 (ou 28) levando antigos embarcadiços do D. Rodrigo e dois náufragos de Solís, Melchior Ramirez e Enrique Montes, todos considerados conhecedores daquela região, persuadido de que havia tanto ouro e prata no rio de Solis "*que tão rico seria o pajem como o marinheiro*".

Os perigos e dificuldades da antiga navegação, a escumalha formada pelos tripulantes, a mistura de aventureiros que se arrojavam por mares desconhecidos, eram causa de contínuas insu-

---

(36) J. T. Medina, Seb. Caboto. CCVII. I. 175.

bordinações a bordo das naus. As desventuras de D. Rodrigo de Acuña mostram a energia de que necessitavam os comandantes de caravelas para conter os comandados. Afim de se livrarem dos perturbadores recorriam os chefes frequentemente ao desembarque. Um inglês, Alexandre Selkirk, tornou-se conhecido no mundo inteiro graças ao romance de Daniel de Foe. Viu-se Caboto na contigência de aplicar igual pena a insubmissos antes de partir de S. Catarina. Hostilizado pelo capitão Rojas, deixou-o no Brasil, mais dois cúmplices seus, Mendez e Rodas, desta ves porém, os tripulantes se levantavam contra o navegador infiel a seu amo.

Perseguido pela desventura, continuaram os avatares de Caboto nas marjens do Prata. Levantou um fortim, passou por muitas vicissitudes, perdeu tempo em pesquisa improfícua de ouro pelos afluentes do rio, e quando desanimava, soube de embarcações que chegavam em atitude marcial. Felismente era Diogo Garcia, que depois de descançar no Brasil continuara o seu itinerário, e viera encontrar no rio de Solís o rival, que supunha muito longe, no outro oceano.

1527

Na escala de S. Vicente, onde a segunda expedição espanhola passara bastante tempo, fôra auxiliada pelo "bacharel" e seus genros, moradores na vila aí reunida. Combinou Garcia com os portugueses a construção de um bergantim, e a compra de numerosos escravos índios. A grande nau da expedição, julgada imprópria para a navegação do Prata, foi preparada para o transporte de 800 cativos a Espanha. O exagero do número é manifesto; o que parece mais verídico está

nos pormenores da permanência dos espanhois no porto.

Enumera Diogo Garcia na sua *Memoria*, os socorros que recebeu da gente do bacharel, alí estabelecido "*havia 30 anos*" segundo contavam. Abasteceram a frota, de "*victuallas de la tierra*", carne, peixe, frutas, água, lenha, além do bergantim construido por um dos habitantes de nome Gonçalo da Costa. Este português também conhecia a língua dos habitantes do litoral sul, vantajem que lhe trouxe convite para figurar na expedição.

1527 ou 28 A 15 de janeiro de 1527, ou 28, partiu a flotilha para o porto dos Patos. Informa Garcia que receberam bom acolhimento dos índios. Chama-lhes o capitam general de *carioces*, bem intencionados para com os "*cristãos*", e para com ele, a quem deram milho, farinha de mandioca, "*calabazas*", patos "*e otros muchos bastimentos*". Refeito de víveres continuou para o sul. Semanas depois, mandava de volta por qualquer motivo a Gonçalo da Costa para S. Vicente, o qual, ao passar pelo porto dos Patos, transportou comsigo o capitão Francisco de Rojas.

No povoado do bacharel, os habitantes trataram de construir um bergantim para o capitão, ao mesmo tempo que arrebanhavam os índios encomendados por Diogo Garcia. Antes porém de terminar os trabalhos surgiram os navios de Caboto. Traziam a bordo Enrique Montes e Melchior Ramires a caminho da Espanha. Ia com eles o cosmógrafo Alonso de Santa Cruz, que descreveu no seu *Yslario* o quadro da primitiva povoação: "*Dentro no porto de S. Vicente ha duas ilhas grandes habitadas de indios; e na mais oriental, na par-*

te ocidental della, estivemos mais de um mez surtos. Na ilha occidental têm os portugueses um povoado chamado San Vicente, de dez ou doze casas, uma feita de pedra com seus telhados, e uma torre, para defesa contra os indios em tempo de necessidade. Estão providos de coisas da terra, de gallinhas e porcos de Espanha em muita abundancia, e hortaliça. Teem estas duas ilhas um ilheu entre ambas, de que se servem para criar porcos. Ha grandes pescarias de bom pescado".

Pode-se avaliar, pelas narrativas de contemporâneos, o enorme esforço daquele pugilo de brancos, perdidos na imensidade da América, em luta perene contra os elementos e o gentio. A descrição deixada pelos que os vizitaram, Garcia, Caboto ou Santa Cruz, das culturas que faziam, animais que criavam e embarcações que construiam, dá bem medida dos milagres de engenhosidade despendidos na miseravel povoação, desprovida de tudo, subsistindo tão somente pela energia dos fundadores.

Na praia rodeada de índios e feras, construiam os brancos habitações defendidas como na Europa por uma torre. Nas circumvisinhanças derrubavam matas, arroteavam lavouras, levantavam moinhos e procuravam entrar em entendimento com o aborígene, que seria o seu colaborador como Sexta Feira foi o de Robinson Crusoë. O *Yslario* fala em dez ou doze casas para a população, uma das quais de pedra com telhado, e a torre de defesa, provavelmente do mesmo material. Quanto não teriam custado semelhantes construções, assim como o estaleiro em que se faziam bar-

cos com o durissimo lenho das matas próximas, dificílimo de trabalhar! Tantos prodígios levariam a crer em farto amparo da metrópole, não fosse o completo silêncio de arquivos e cronistas.

Sobre a fundação de S. Vicente, traz Eugênio de Castro, na sua notavel conferência (DIX), explicações muito plausíveis para o êxito de tanta atividade.

Caso não tivessem os povoadores alguma atafona de moajem, comum nas aldeas portuguesas, conseguiriam farinha de mandioca espremendo a raís no Tapetí, desmanchando a massa sobre uma urupema, e o pó num alguidar sobre o fogo onde enxugava e cozia. O armamento que devia haver na torre de defesa, proviria de permutas com a gente das naus clandestinas. Recebiam os povoadores munições e arcabuses a troco de escravos preados nos matos, ou de prisioneiros de guerra cedidos pelos seus amigos índios. E prosegue o douto autor, *"si criavam gallinhas e porcos de Espanha é porque lhes haviam trazido da península íberica casaes a bordo dessas mesmas naus clandestinas; si trabalhavam a madeira, construiam bergantins e os aparelhavam, é que além do "official do risco", que nesse caso seria Gonçalo da Costa, algum outro colono teria habilidades de carpina, petintal, calafate ou bragueiro no estaleiro modesto que existiu nessas ribeiras"*.

A presença de Caboto contrariara no rio da Prata a Diogo Garcia. Fôra o venesiano, ou inglês, incumbido pelo governo espanhol de procurar as ilhas de Tarsi e Ofir, e Cataio Oriental, longe no Pacífico, e não ficar no rio de Solís á procura de

supostas riquesas. A decepção de ambos navegadores pela inexistência do que procuravam, concorria para azedar o desentendimento de ambos.

De volta para a Europa, Caboto abandonou (ou perdeu por deserção), 2 homens no porto de "*San Sebastian*" ao norte de S. Catarina. Era um clérigo de nome Francisco (ou Diogo) Garcia, e um outro tripulante. Ao chegar em S. Vicente, estava o capitan general cada ves menos inclinado á indulgência, pelos aborrecimentos que vinha tendo. Desaviera-se no Prata com Diogo Garcia, e não cumprira as ordens de Carlos V, falta grave, que na Espanha lhe acarretaria o abandono do serviço da corôa castelhana para o da Inglaterra. Sabedor de que Rojas estava na população mandou intimal-o se recolhesse preso a bordo. Respondeu o antigo subordinado, que estavam em domínios de Portugal, onde contra ele nada se poderia fazer, e acrecentava com sarcasmo "*ser melhor mandar-lhe o piloto Henry Latimer, alguns operarios e cinco ou seis marinheiros para a embarcação que estava construindo em terra*" (CDXIII). Dos companheiros encontrados no desterro por Mendes e Rodas, não ha menção; constava que tinham morrido afogados em S. Catarina.

Caboto largou S. Vicente em maio de 1530. Realizara alguns negócios com os povoadores, "barganhas", como diriam mais tarde os decendentes mineiros do bacharel, trocas em que havia um "passamuro roto", anzois, contas e pedaços de ferro. Em troco recebeu 55 índios (ou 60) pertencentes a vários habitantes, entre os quais um certo Fernand Mallo, nome que se supõe corruptela

de João Ramalho. Quando partiu Caboto para a Europa, levou Enrique Montes e suas concubinas, duas índias fôrras, deixando atrás de si em S. Vicente, doze ou quinze tripulantes, que mais tarde (na suposição de Eugênio de Castro) iriam ter ao porto dos Patos.

Oviedo, que historiou a expedição pelas informações dos navegantes, escreve "*diçe Sancta Cruz que avia en este puerto o pueblo pequeño de portugueses, hasta doçe ó quinçe personas que alli se quedaron de los españoles que llevaba Sebastian Gaboto, assi otros tantos cançados dela navegacion, y porque aquellos que esto hiçieran eran hombres baxos y desanimados ó villanos; pues quissieron dexar su viaje constreñidos de su poco ser y desvergüença, y aun porque es cosa comum é muy usada ser los hombres movibles, y donde tocan armadas en tierra poblada acaesçe lo mismo, en especial en hombres comunes y desvergonçados, con los quales han de estar los capitanes muy sobreaviso, para que no les desamparen en tales escalas*" (Oviedo CDL. 812, II).

As duas frotas chegadas ao sul, a de Caboto e a de Diogo Garcia, vizinharam, segundo parece, durante alguns dias em S. Vicente. Depois da partida da primeira, a segunda continuou os seus abastecimentos.

Constavam de cerca de setenta índios, contados pelo tesoureiro da arma Juan Lopez de Pravia. Pertenciam a Gonçalo da Costa, ao bacharel, e "*outras pessoas cristãs que vivem naquella terra*"

que em parte, os negociaram por objétos, e o resto a troco da passajem de Gonçalo para a Europa. Está averiguado que o português chegou em meio de agosto a S. Lúcar de Barrameda, de onde foi chamado a Portugal por D. João III. Provavelmente as propostas de serviço que lhe fizeram na ocasião eram inferiores ás dos espanhois, porque Gonçalo voltou a servir os castelhanos no Prata pelo menos duas veses. Destino semelhante teve Enrique Montes, que logo tornaria ao Brasil com Martim Afonso de Sousa. Quanto aos índios transportados para longe das selvas, não tardaram a morrer no espaço de 4 meses de cativeiro.

A EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFONSO

A expedição de 1530 devia, no pensamento de D. João III, aproximar Portugal das minas da América do Sul. O acesso ás jasidas pensava-se então ser pelo rio da Prata ou pelo Marañon dos espanhois, caminhos que o rei dezejava fossem explorados pelos expedicionários. Na *História da Colonisação Portuguesa do Brasil*, temos a reprodução de um documento, onde não só D. João III enviava Martim Afonso a América por causa dos franceses, como tambem para o "*descubrimento de alguns Ryos que El Rey mandava descubrir*" (CLXVIII, 100, III).

Afirmações de autores antigos fizeram crer por longo espaço em errôneos pormenores acerca da frota de 1530. Diziam que fôra organizada á

custa de Martim Afonso, nesse momento, bem distante da opulência que mais tarde lhe premiaria os serviços. Também afirmaram que a expedição era colonizadora. Revelações posteriores provam que viera sem casais, mas repleta de homens de armas, pólvora e apetrechos bélicos, como soe a uma expedição de conquista.

O regimento dado a Martim Afonso antes da partida, fala em verdade nas pessoas "*que lá quizerem* (no Mundo Novo) *ficar e povoar*", e promovem o capitão mor a governador das terras do Brasil. Tão poucos entretanto ficaram e povoaram, que os termos das recomendações mais parecem meras fórmulas, destinadas a encobrir o verdadeiro mobil da expedição (37). O percurso das naus no mapa não deixa dúvidas sobre os ambiciosos dezejos de D. João III.

Em 1530 a côrte portuguesa estava perfeitamente informada da conquista da Nova Espanha, e da obra de Fernando Cortez. De 1521 a 26, este aventureiro organizara o império colonial de Carlos V na América. Ás produções da superfície do solo, Cortez acrecentava a exploração de inúme-

---

(37) Herrera relata a intensa comoção verificada na Espanha quando se divulgaram os preparativos da expedição de Martim Afonso. (H.ª da Col. Port.ª do Brasil, CLXVIII. 100, III). Diligenciou a Imperatris — na ausência do imperador — em reclamar junto do representante português em Castela contra a incursão de Portugal no rio da Prata e no Marañon. O protesto a ser dirigido pelo Conselho das Indias a D. João III póde ser sustado, "...com boa destreza do Embaixador", que para serenar os espanhoes teve de exibir, "o regimento que Martim Afonso de Sousa levou quando foi ao Brasil". CLXVIII, H.ª da Col. Port.ª do Brasil, 101 e 141, III.

ras minas, principalmente as de Guajajuato, Zacatecas, S. Luis Potosi e Durango, situadas entre o trópico de Câncer e 25°. Em 1529, mais para o sul, era Pizzaro incumbido de conquistar a região pertencente aos Incas. Vemos, através dessas medidas, aos poucos aparecer a mudança de interesse dos governos ibéricos em matéria colonial. Emquanto rendia o estanco da pimenta, eram os espanhoes que procuravam — por meio de agentes seus, como o genovês Colombo, aproximar-se da India. Depois da crise da especiaria e surto metalifero na América (38) inverteram-se as situações, e foram os portugueses que tentaram penetrar nas cabeceiras dos grandes rios, na região onde desde a viajem da *Nova Gazeta*, pensavam existir metais preciosos.

De outra maneira não se concebe o sacrifício imposto ao erário público num momento angustioso para as finanças portuguesas. Refletem as aperturas do tesouro as instruções que João de Sousa levou para Martim Afonso em S. Vicente, "*somente encomendar-vos muito que vos lembre a gente e armada que lá tendes e o custo que com ela fez e faz...*".

A soma de perdas por naufrágios feita pelo conde da Castanheira até meiados do sec. 16 atingia a enorme quantia para a época de 3.352.150 crusados, sem contar a parcela relativa a Guiné e

---

(38) Carlos V galardoou o titulo de cidade imperial a Potosí, hoje Sucre, e brasão de armas, um escudo com a legenda bem verdadeira "Soy el rico Potosi, del mundo, soy el tesoro, soy el rey de los montes y invidia soy de los reyes".

Brasil! Pode-se avaliar pelo prejuiso a sofreguidão do governo luso em descobrir naquela hora ouro a todo o transe.

* * *

Antes da partida de Martim Afonso, demonstra a carta de João Melo da Câmara a D. João III, com o oferecimento de a sua própria custa colonizar o Brasil, o interesse que passou a despertar a colónia quando se espalhou por 1530 a fama de abundante ouro na América. O pretendente pertencia á família dos colonisadores das ilhas da Madeira, São Miguel e São Tomé, que de ha muito se tinham especializado nessa atividade. No momento, João Melo da Camara empenhara-se em acirrada competição com o chefe da frota de 1526, Cristovam Jaques, também dezejoso de terras no Brasil. Ambos candidatos prometiam levar grande número de pessoas em breve tempo para as feitorias, mas não foram ouvidos porque outros eram os planos do governo.

A cobiça de D. João III não tirava olhos da região proclamada aurífera. O Conselho português também se mostrava impressionado pelos repetidos empreendimentos de castelhanos e franceses no sul, e instou para que apressassem quanto antes uma poderosa expedição.

Recaiu a escolha da chefia sobre Martim Afonso de Sousa. Companheiro de infância do rei (seu parente, embora por vias travessas), homem moço, capás, ambicioso e sem demasiados escrúpulos, iria em pouco justificar o acerto da medida. Deu bom desempenho á missão, porque si não encontrou ouro, em todo caso desbaratou a todos os

franceses encontrados no Brasil, e firmou definitivamente a denominação de Portugal na parte da América, que mais tarde imensas riquesas trariam ao erário.

Aumentava a responsabilidade de Martim Afonso no posto de capitão da frota a indignação em França pela cruesa de Cristovam Jaques. No mesmo ano que a armada partia de Lisboa, Francisco I rezolvia outorgar carta de Corso contra navegadores portugueses. O teor do documento exprime a cólera do monarca: *"François I à nos admiraux de France, Normandye, Guienne, Bretaigne et Provence, salut. Comme nous estans derrenièrment en notre pays de Normandye que en Bretaigne et depuis en Provence des grandes et inhumaines cruaultez commises és personnes de noz subgectz dont maintes femmes sont demourées vefves et plusieurs enfans orphelins mendians misérablement leur vye..."* responsabilizando diretamente o rei de Portugal: *"Nous pour ces causes vous mandons, commandons e enjoignons et à chacun de vous en droit soy que vous souffrez permectez et tollérez a tous capitaines de mer, patrons, pilotes, mariniers et à tous aultres navigans, nos subjectz, que en tous les lieux et endroictz soit aux portz sur la mer où ils trouveront les Portugaloys qu'il leur puissent courir sus..."* Tinham os franceses percebido a rasão das crueldades "*...cuidant par la nous tollir le moien et liberté da naviguer sur la mer commune...*" (39), mas não puderam revi-

(39) *Bibliothèque Nationale* de Paris. Sect. Manust. Frans. Regt. Répt. n.º 5503, fol. 58, v.º

dar como esperavam. Absorvidos na guerra contra o poder de Carlos V, não tinham recursos para levar a cabo a vingança. Folgavam com isto os portugueses, que longe de serem vencidos, limparam de concorrentes os mares da colónia.

A frota de 1530 era composta, da nau capitânea, em que ia Martim Afonso; nau *S. Miguel*, comandada por Heitor de Sousa; galeão *S. Vicente*, capitão Pedro Lobo Pinheiro; caravela *Rosa*, capitão Diogo Leite — que já estivera no Brasil com Cristovam Jaques — e caravela *Princeza*, capitão Baltasar Gonçalves, veterano de encontros com franceses. Somava a tripulação 400 pessoas, fidalgos, marujos e homens de armas, portugueses. espanhois, alemães e italianos. Alguns conheciam a América, como Pero Capico (apontado por certos autores como sendo o mesmo que estivera em Pernambuco); Pedro Anes, intérprete, "língua" junto ao gentio brasílico; e Enrique Montes, que deixara uma das suas índias na Espanha e outra em Portugal, promovido a "cavaleiro da casa", provedor dos mantimentos da armada, e informante do rio da Prata, região que percorrera durante muito tempo, segundo Herrera.

Eram quasi discricionários os poderes de que se achava revestido Martim Afonso, como se fazia preciso numa expedição inspirada pela invariavel política de Portugal. As instruções do "Regimento" dadas ao capitão mor, recomendavam boa paz com os espanhois, e cuidado em não tocar nos domínios de Castela situados além do meridiano da demarcação. Mas qual era a linha divisória entre os domínios das duas corôas? A eterna porfia voltava sempre ao ponto de partida.

Pouco antes de Martim Afonso chegar ao Brasil exprimia Alonso de Santa Cruz no seu *Yslario* as pretenções espanholas: "*Estas ilhas* (S. Vicente e S. Amaro), *os portugueses creem ficar no continente que lhes pertence dentro da sua linha de partilha; eles porém se enganam, segundo está averiguado por criados de V. Magestade com muita diligência, por ao cabo de S. Agostinho ou toda a costa do Brasil a situarem mais quatro graus ao oriente do que realmente está, de maneira que a linha não termina no porto de S. Vicente e sim, mais para o oriente, num ponto chamado Sierras de San Sebastian*". Partilhavam a mesma opinião todos os navegadores espanhois, motivo para anos mais tarde o castelhano Cabeça de Vaca, tomar posse da ilha de S. Catarina — escala utilíssima para as embarcações com destino o rio da Prata.

Este ponto de vista foi defendido pelos espanhois até o tratado de Madrid em 1750, pretenção que não impediu Martim Afonso de ultrapassar S. Sebastião, S. Vicente, S. Catarina, entrando deliberadamente no estuário de Solís. Só renunciou o português a levantar estabelecimentos nas marjens do grande rio, pelas dificuldades que lhe sucitaram os elementos. Antes do seu regresso para o norte, chantou entretanto padrões com as armas de Portugal no continente, como sinal da posse de D. João III. É dificil nessas condições averiguar até onde ia a sinceridade da corôa lusa, quando celebrava tratados, ordenava que fossem obedecidos, e aprovava ao mesmo tempo atos contrários ás suas cláusulas.

* * *

Varnhagen descreve a partida da esquadra, cuja orijem viria das revelações de Enrique Mon-

tes e outros, sobre as riquesas da América. Contara o aventureiro em Lisboa, a existência de um rei branco, coberto de ouro e prata, soberano de um grande reino situado no alto dos Andes. De lendas semelhantes, surgiram tais notícias que famílias inteiras teriam embarcado na frota, ansiosas por chegarem ás celebradas paragens. "*Vão para o Rio da Prata!... E bastava esta voz para que não faltasse quem quizesse alistar-se...*"

Não parece provavel que assim acontecesse. Em contradição com os padres Jaboatão e Santa Maria, inspiradores de Varnhagen, levantava dúvidas frei Gaspar da Madre de Deus. "*Pelo que respeita á condução dos cazaes, não posso concordar com o P. Jaboatão; o contrario, do que elle diz, infere-se da Sesmaria das terras de Iriripiranga, concedidas pelo Capitão Mór Gonçalo Monteiro ao Meirinho de S. Vicente João Gonçalves em 4 de abril de 1538. Entre varios titulos da sua Fazenda de S. Anna conservava minha Mãe D. Anna de Siqueira e Mendonça huma Escriptura de troca, que o dito João Gonçalves fez com Antonio do Valle em S. Vicente aos 3 de Junho de 1538, e nella vem copiada a Sesmaria, na qual diz o Capitão mór*:

> "Por Joam Gonçalves Meirinho, mo-
> "rador em esta Villa de S. Vicente, me
> "foi feita petiçam, que lhe desse hum
> "pedaço de terra nas terras de Iriripi-
> "ranga, para fazer Fazenda com os ou-
> "tros moradores, visto como era caza-
> "do com mulher, e filhos em a dita ter-
> "ra, *passa de hum anno, e he o primei-*
> "*ro homem, que aa dita Capitania veio*
> "*com mulher cazado,* sóo com determi-
> "nação de povoar &c."

Se Martim Affonso trouxera cazaes na sua Armada, não allegaria João Gonçalves como serviço especial, ter elle sido o primeiro, que veio cazado, e com mulher; quando muito diria, que foi dos primeiros; menos faria semelhante allegação a Gonçallo Monteiro, o qual era um Sacerdote, que acompanhou ao primeiro Donatario, e ficou Paroquiando a Igreja de S. Vicente, e por isso muito bem saberia, que o Meirinho não fôra o primeiro, se na mesma occasião, e Armada tiverão mais alguns conduzindo suas mulheres".

Como também reparou o P. Galanti, não se pode admitir que Martim Afonso, levasse um ano, um mês e dezesete dias de navegação e combates, antes de acomodar as famílias que trazia consigo. A missão do capitão mor consistia principalmente numa aventura militar. Quizeram ver indícios de que se destinava á colonisação, pelas sementes e instrumentos vários, além de bélicos, que levavam as embarcações. Era porém curial que assim fosse, para eventualmente subsistir com os seus próprios recursos em regiões longínquas de dificil reabastecimento.

* * *

A expedição de Martim Afonso de Sousa partiu de Lisboa a 3 de dezembro de 1530. Depois de ter escalado nas ilhas do Cabo Verde, apareceu em fins de janeiro de 1531 deante do cabo de S. Agostinho. Não tardou a ver navios franceses. Surpreendeu perto do cabo de "Percaari" onde mais tarde se elevou Olinda, normandos ou bretões, obrigando as tripulações a fugir para terra.

Logo a seguir apossou-se de outro vaso francês ao sul do cabo de S. Agostinho. Os prisionei-

ros feitos durante as operações informaram que havia mais navios carregando madeira na ilha de S. Aleixo. Para lá rumou Pero Lopes de Sousa com as caravelas *Rosa* e *Princeza*, e após longo combate, em que os franceses rezistiram até lhes faltar pólvora, foi aprezada uma nau com toda a sua artilharia e carregamento de pau brasil.

Aumentara a frota de Martim Afonso de Sousa com mais duas unidades. Reunidas perto da costa, que Pero Lopes descreve: "*marcada com barreiras vermelhas ao longo do mar, e, no mais, toda chãa e chea de arvoredo*, della vieram a nado índios perguntar-lhes se queriam "brasil" prática seguida por elles com os franceses" (40).

Não ha segurança quanto ao nome da tribu que mostrava ter relações com o inimigo. Pitiguaras ou Caetês, naquele tempo ainda habitavam o lugar, antes que migrações de selvícolas vindos do sul alterassem a distribuição do gentio da costa. Eram amigos dos franceses, e no decorrer das hostilidades entre esses e portugueses tomariam partido dos primeiros. A familiaridade com que os indígenas se aproximavam das embarcações supostas de normandos, demonstra relações antigas, anteriores á Carta de Corso de Francisco I em 1530. Relatam ainda cronistas da época o costume do gentio oferecer raparigas aos estrangeiros.

Foi providencial para Martim Afonso o aprizionamento das naus. Durante a caça muito tinham sofrido as embarcações, e as dos adversários, depois de reparadas, substituiram ás da ex-

---

(40) CDXIII. Rot.º de Pero Lopes de Sousa, Eugênio de Castro, I.

pedição que se perderam ou estavam inaproveitáveis (41).

Depois destes sucessos chegaram os portugueses á feitoria de Pernambuco, onde os esperava a má nova de que o fortim de Cristovam Jaques fôra pouco antes saqueado por um galeão francês. Do estabelecimento destruido é que partira Jorje Gomes, na armada de Caboto, em direção ao rio da Prata, á procura das riquesas prometidas do sul.

Para *"hua casa de feitoria que ahi estava"* transportaram os enfermos da armada em número de seis (?). Em seguida cindiu-se a frota em tres, indo as caravelas *Rosa* e *Princeza* descobrir o rio do Marañon; uma das naus aprezadas partiu para Portugal carregada de madeira; e o resto da expedição rumou para o sul.

Na baía de Todos os Santos encontraram os navegantes Diogo Álvares, o Caramurú, que Pero Lopes informa no *Diario* *"...hum homem portuques, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra..."* Admite Eugênio de Castro, serem as mulheres alvas e *"mui formosas"* vistas pelos viajantes na terra, filhas mestiças do povoador. A ipótese é perfeitamente aceitavel, embora Pero Lopes considerasse alvos a todos os do sítio, o que parece exagero ou falta de observação.

---

(41) A pormenorizada análise que Eugênio de Castro realizou da viajem de Martim Afonso, contém todas as manobras da frota, correntes e ventos, e a nomenclatura dos pontos que costeou no litoral. Tiramos do trabalho do ilustre oficial da armada brasileira todas as informações do presente capitulo.

Muito auxiliou Caramurú a seus patrícios, e em recompensa, quando o capitão mor proseguiu a jornada, deixou-lhe dois homens e *"muitas sementes para experiencia do que a terra dava"*. Na opinião de Varnhagen, um deles seria Afonso Rodrigues, natural de Óbidos, que se cazou com uma filha do Caramurú. Não ha certesa quanto á identidade. O genro de Diogo Álvares também podia ser, como propõe Eugênio de Castro, um dos tripulantes da armada de Simão de Alcazaba, que em 1535 passou pela Baía, dando-se então o casamento.

Em meiados de março de 1531 partiu Martim Afonso para o Rio de Janeiro, e tanto em Pernambuco, como na Baía, não deixou, que se saiba, família alguma das que Jaboatão, e outros depois dele, afirmavam estar a bordo.

Na derrota a seguir os ventos não foram muito favoráveis. Sobreveio ainda um incidente que atrazou a marcha dos navios. Perto da baía de Todos os Santos destacou-se da costa um batel com Diogo Dias, feitor do estabelecimento de Pernambuco saqueado pelos franceses. A embarcação pertencia a uma caravela portuguesa, que na ignorância da nacionalidade dos navios ocultara-se de suas vistas. Incluiu-a Martim Afonso na frota com o nome de Santa Maria do Cabo, e desembarcou em terra os escravos índios que levava.

Na Guanabara ia ser mais longo o descanso da expedição, afetada pelo percurso vencido desde a partida de Lisboa, e pelos combates no Brasil. Levantou Martim Afonso um arraial no ponto posteriormente conhecido com o seu nome. Estava cercado de uma palissada, com *"hua casa*

forte", oficina de ferraria, e estaleiro para a construção de dois bergantins de 15 bancos cada um.

No Rio de Janeiro quiz o capitão mor ter conhecimento do interior e das minas que propalavam haver no sertão. Para esse fim partiram quatro homens, que por dois meses andaram 115 léguas, das quais 65 por elevadas montanhas, e 50 num descampado de grande extensão. O relato da caminhada levou Orville Derby e Luís José Batista a imaginarem que os portugueses tivessem estado em Minas Gerais; Capistrano de Abreu julgava mais cabivel S. Paulo "*pois só nestas* (terras) *havia conhecimento das riquesas do rio Paraguay*" (CCCXXVII, 150, I). Na volta dos exploradores veio um "*grande rei*" que na crónica de Pero Lopes, era senhor daquelles campos. O índio trouxe comsigo algum cristal, e cousa mais interessante, a notícia de que no "*rio de Paraguay havia muito ouro e prata*". Martim Afonso afagou quem lhe dava tão gratas esperanças, voltando o cacique para a taba carregado de presentes.

Do Rio partiu a frota em 1 de agosto em direção a Cananéa. Depois de pequena escala nos Alcatrazes, onde Martim Afonso e o irmão desembarcaram e caçaram, surgiu a expedição em meiados do mês no fundeadouro a que se destinava. Aquele trecho da costa era bem conhecido de Enrique Montes que vinha a bordo. Ia rever em terra a Francisco de Chaves, seu antigo companheiro da frota de Solis. Também Pedro Annes, piloto de um dos navios, talvês tivesse percorrido a região porque entendia a língua dos nativos. Os dizeres dos que tinham estado em Cananéa, como Caboto, D. Rodrigo de Acuña, Diogo Garcia

e outros, asseguravam que deste povoado era facil atingir as minas do sertão.

Dos europeus habitantes nos portos visinhos da costa, e navegantes de passajem, tinham reunido os moradores de Cananea noções sobre o Paraguay e Perú. A informação que deram, convenceu Martim Afonso da oportunidade em mandar uma bandeira exploradora para averiguar onde se encontrava ouro. Comprometeu-se Francisco de Chaves a servir de guia, garantindo trazer em breve 400 índios carregados de ouro e prata. A pequena tropa comandada por Pero Lobo Pinheiro, saiu de Cananéa a 1 de setembro de 1531, subindo a serra em número de 40 bésteiros, e outro tanto de espingardeiros.

Depois da partida desta terceira bandeira do Brasil, zarpou o capitão mor do povoado para o rio de Solís. No trajéto um dos bergantins que acompanhava a frota teve de arribar no porto dos Patos, onde encontrou 15 castelhanos, que ajudaram os tripulantes a construir nova embarcação. As naus tinham rezistido melhor á agitação do mar, frequentemente bravio nesse trecho, alcançando o estuário do Prata. Na mente dos portugueses, estavam próximos do território, que Francisco del Puerto e companheiros, asseveravam pertencer a certo rei de serra acima, de tês clara como a dos brancos, vestido á européa, adornado com chapas de ouro da cabeça aos pés.

A permanência dos portugueses no grande rio foi inçada de dificuldades. Parecia que o Destino se opunha á realisação dos sonhos de Portugal em estender seus domínios nos rios Marañon e Prata. Os elementos se desencadearam com

tal violência que a frota correu risco de se perder. A nau capitânea, acossada pelo temporal, naufragou perto da Ponta Este de Maldonado. No desastre afogaram-se alguns homens da tripulação, salvando-se Martim Afonso, que animosamente ordenou ás embarcações restantes continuassem a exploração do rio. Os portugueses, chefiados por Pero Lopes, correram em bergantins parte do litoral hoje do Uruguai, até que havendo peorado as condições dos navios, deixaram padrões de pedra na terra, como marca da posse de Portugal, e demandaram a 1 de janeiro de 1532 o Atlântico, e a 21 S. Vicente.

JOÃO RAMALHO

Depois de pequeno repouso em S. Catarina, chegaram os expedicionários ao destino, no porto em que sabiam encontrar maiores recursos para as suas necessidades. Era também o local aprazado onde deviam aguardar o regresso da bandeira de Pero Lobo Pinheiro, pois os cálculos supunham 10 meses para a volta da expedição.

Grande expetativa oferecia S. Vicente aos expedicionários. Tantos negócios de índios alí efetuavam os habitantes com os navios de passajem que se lhe podia dar o nome de "Porto dos Escravos". Por várias circunstâncias especiais do lugar, desenvolvera-se o tráfico de índios. As relações dos povoadores com as tribus visinhas; a preferência dada ao ancoradouro pelos navios que iam para o sul; e outros fatores, facilitavam o comércio aos vicentinos.

Era privilegiada naquelas parajens a situação de João Ramalho, certamente o primeiro branco que aparecera além da serra, nos campos de Piratininga. Ligara-se por laços de parentesco a chefes indígenas, o que lhe facilitaria a captura, ou tráfico dos escravizados. Os prisioneiros do gentio eram trazidos pelo português a seus patrícios, constituido assim intermediário entre brancos e selvícolas. Na falta de índios preados no litoral por tribus aliadas, encarregar-se-ia o povoador de encaminhar cativos do interior para as naus. Fizera-se João Ramalho aos poucos homem indispensavel á povoação, e ás expedições que aportavam a S. Vicente.

Ha muitas versões sobre a sua pessoa. Alguns quizeram ver no português um desertor, outros degredado, outros simples náufrago e outros ainda o misterioso Bacharel de Cananéa.

A carta inédita do padre Manoel da Nóbrega, recentemente descoberta nos arquivos Jesuíticos pelo eminente historiador português Serafim Leite, trouxe nova lus sobre o precursor. Em data de 31 de agosto de 1553, enviara o apóstolo a seguinte comunicação a Luís Gonçalves da Câmara:

> *"I. H. S. Pax Christi. Esta escrevo a Va. Ra., estando no sertão desta Capitania de São Vicente, onde fiquei este ano, vindo da armada.*
>
> *O fruto que nesta terra se faz pelas cartas dos Irmãos, que estão em São Vicente, o saberão, porque escreveram de mais perto.*
>
> *Ontem, que foi dia da Degolação de São João, vindo a uma aldea, onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem e onde puz dois Irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecûmenos, dos quais tenho boa esperança de*

que serão bons cristãos e merecerão o batismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora.

Eu vou adeante buscar alguns escolhidos que Nosso Senhor terá entre estes gentios; lá andarei até ter novas da Baía dos Padres que creio que serão vindos.

Pedro Correia foi já adeante a denunciar penitência em remissão dos seus peccados. Levou todos os modos com que mais nos parece que ganharemos as vontades dos gentios. Os moços principalmente vem-se para nós de todas as partes.

Neste campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui aparentados em todo este sertão. E o mais velho deles levo agora comigo ao sertão por mais autorizar o nosso ministério. João Ramalho é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principais homens desta Capitania e todos estes filhos e filhas são de uma India, filha dos maiores e mais principais desta terra.

De maneira que nele e nela e em seus filhos esperamos ter grande meio para a conversão destes gentios.

Este homem para mais ajuda é parente do Padre Paiva e cá se conheceram. Quando veio da terra, que haverá 40 anos e mais, deixou a sua mulhér lá viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos anos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negócio.

Portanto, é necessario que Va. Ra. Envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e da parte de Nosso Senhor lh'o requeiro: porque este homem estiver em estado de graça fará Nosso Senhor por ele muito nesta terra. Pois estando ele em pecado mortal, por sua causa a sustentou até agora.

E pois isto é cousa de tanta importância mande Va. Ra. logo saber a certa informação de tudo o que tenho dito.

Nesta terra ha muitos homens que estão amancebados e desejam casar-se com elas e será grande serviço de Nosso Senhor. Já tenho escrito que nos alcancem do Papa faculdade para nós dispensarmos em todos estes casos, com os homens que andam nestas partes de infieis. Porque uns dormem com duas irmãs e desejam depois que têm filhos de uma, casar-se com ela e não podem. Outros têm outros impedimentos de afinidade e consanguinidade, e para tudo e para remédio de muitos se deveria isto logo impetrar para socego e quietação de muitas conciências.

E o que temos para os gentios se deveria tambem ter e haver para os cristãos destas partes, ao menos até que do Papa se alcance geral indulto. Si o Núncio tiver poder hajam dele dispensa particular para este mesmo João Ramalho poder casar com esta Índia, não obstante que houvesse conhecido outra sua irmã e quaisquer outras parentas dela. E assim para outros dois ou tres mestiços, que querem casar com índias de quem têm filhos, não obstante qualquer afinidade que entre eles haja.

Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor.

E si isto custar alguma cousa ele o enviará de cá em assúcar. Haja lá algum virtuoso que lh'o empreste, porquanto me achei nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas.

Escrevo isto a Va. Ra. para na primeira embarcação mandar resposta a esta Capitania de S. Vicente.

O demais escreverei para a ida dos navios, se me achar em parte para isso; e senão os Padres e Irmãos suprirão. A uma carta, que neste São Vicente recebi, tenho já respondido. As que vierem por via da Baia ainda não as vi. E' mais facil vir de Lisboa recado a esta Capitania do que da Baía.

Vale, Pater. Deste sertão a dentro, último de agosto de 1553 anos.

Filho inutil de Va. Ra.

NÓBREGA".

A revelação da carta corrigiu quantidade de absurdas ipóteses concernentes Ramalho. Acabou de ves com a dedução atribuida a Capistrano de Abreu, de que sendo o atual paulista empreendedor e capás, necessariamente decende de judeus. O mesmo disseram de Fernão de Loronha e seus companheiros; dos portugueses a traficar nas colónias; ou dos aventureiros castelhanos que povoaram no século 17 S. Paulo; tudo sem provas, sem verosimilhança, contrariando a evidência.

João Ramalho era parente do jesuita Manoel de Paiva, que não consta fosse judeu. Além disso, doía a conciência católica do velho povoador, cristão extremado, pela falta de sacramentos da sua união com a índia Isabel. Intrépido como as armas, o capitão alcaide-mor era bemquisto das autoridades reais, que a todos recomendavam fosse obedecido. Eroe de mil refregas contra o gentio (os índios eram o espantalho de judeus pávidos, especialisados em profissões tranquilas), mostrava a mesma têmpera dos soldados portugueses do oriente.

Continua entretanto ignorada a causa da sua vinda ao Brasil. Um drama inteiro está no simples trecho da carta de Nóbrega, *"deixou a sua mulhér lá, viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos anos...* Degredado ou náufrago, desertor ou aventureiro, de qualquer modo fôra trágico o começo da vida deste branco na terra misteriosa e deserta de europeus.

Suspeitavam eruditos que a versão do testamento de Ramalho existente no arquivo de outro patriarca — José Bonifácio — fosse apócrifa. Hoje, os documentos do padre Serafim Leite, autentifi-

cam o teor, em que figuram o nome dos pais de Ramalho e o rol dos filhos nacidos na capitania (v. nota 4):

"João Ramalho, natural de Bouzella. comarca de Vizeu, f.º de João Velho Maldonado e de Catarina Afonso de Balbode e que ao tempo que a esta terra viera, se casara com uma moça que se chamava Catharina Fernandes das Vacas, a qual lhe parece ao tempo que se della partiu para vir cá, que ficara prenhe e que isto haverá alguns 90 anos (eu leio 70 anos retificava o copista) *e que elle nesta terra está".*

Abre-se novo campo a conjeturas através do testamento reconhecido verídico. Ramalho, por exemplo, recem cazado não emigraria quando a esposa estava para dar a lus. Incorreu pena de degredo? Si fosse apenas náufrago, tentaria voltar a Portugal o mais cedo possivel. E não o fez. Só mais tarde alcançaria perdão, mas já estava estabelecido na capitania com muitos filhos. Talvês nem siquer lhe concederiam indulto porquanto sua presença era julgada indispensavel no Brasil. Tampouco poderia cazar-se cristãmente com a filha de Tibiriçá. Chama-lhe sua criada no testamento, pelo que deduzimos perzistia deploravelmente longeva a esposa de Portugal.

A irregularidade da situação civil do povoador era o espinho dos jesuitas. Foi motivo de pensar-se durante anos e anos que Ramalho era ereje, judeu, rebelde ao rei, inimigo da fé e dos padres. Anchieta acuza-o de conivência com os filhos, que não só desprezavam o exemplo dos padres como ainda atiçavam os índios contra eles, opinião explicavel pelos incidentes ocorridos entre jesuitas

e mamelucos. Poder-se-ia atribuir ao mesmo fato, as expressões de Baltasar Fernandes, como veremos adeante *"não querendo nada de nossas ajudas"*, rebeldia que porisso mesmo se converteu no dizer do sacerdote, em homem que "não queria nada de Deus". Os assomos, no entanto, não o impediram pouco depois, quando gravemente enfermo, de confessar-se, comungar, e *"por-se em bom estado"*.

Segundo Varnhagen, a ele se referia o mesmo Baltasar Fernandes em carta de 22 de abril de 1568: *"Hum homem branco, que ha 60 anos, está nesta terra..."* sujeito de dificil trato, sempre de má vontade para com os missionários, prevenção vinda das peias que a humanidade dos jesuitas impunham ao aventureiro.

Mais felís em retratos traça Paulo Prado a seguinte imajem de João Ramalho: *"Era um simples português como os outros, e que aqui vivia antes da chegada de Martim Afonso, traficando nas feitorias do litoral. O fato repetia-se com frequencia ao longo da costa; dessa gente dizia Mello da Camara "são homens que se contentam com terem quatro indias por mancebas e comerem os mantimentos da terra". No norte tivemos Caramurú, no sul o bacharel de Cananéa, Antonio Rodrigues, João Ramalho, e muitos outros que o individualismo da epoca isolava pelas praias interminas do litoral"* (42). Discordamos apenas de um ponto da descrição. Parece-nos que Ramalho empregava mais a sua atividade no interior,

---

(42) Paulo Prado. *O Patriarca*, Revista Nova IV S. Paulo.

nos campos de Piratininga onde morava o Tibiriçá, do que percorria o litoral. Mas este reparo não passa de mera presunção na falta de dados mais precisos.

Ha pouquíssimas indicações sobre os primeiros povoadores. Voltamos novamente a citar Paulo Prado, onde trata da incertesa que envolve a época: "*Deante de tanta confusão de nomes e datas é permitido admitir a existencia de diversos Ramalhos. Em toda essa metade do século XVI — na historia da America e tratando-se especialmente de embarcadiços — a identidade de nomes é fato corrente. No Chile, por exemplo, pela mesma epoca, aparecem diversos Juan Fernandez, homonimos do descobridor das ilhas que têm esse nome. Toribio Medina cita nada menos do que 6 Juan Fernandez*". Efetivamente são em extremo desencontradas as notícias que sobre João Ramalho dão os cronistas. O brigadeiro José Arouche de Toledo Rendon, decendente do povoador, quiz deslindar algumas informações acerca do antepassado. Reuniu os documentos que pôde sem lograr êxito a despeito de longas pesquisas (43).

Menos ainda possuimos sobre os feitos do mais antigo dos Ramalhos. A carta de Tomé de Sousa, de 1.º de julho de 1553, ao rei, com informações da colónia, refere-se ao extraordinário homem: "... *fiz capitão della* (vila de S. André) *a Johão Ramalho natural do termo de Coimbra que Martin Afonso ya achou nesta terra quando cá veyo. Tem tantos filhos e netos, bisnetos e descendentes delle que ho non ouso dizer a V. A., não tem cãa*

---

(43) V. nota 2.

na cabeça nem no rosto e anda nove legouas antes de yantar..."

A robustês do povoador parecia confirmada na carta de Baltasar Fernandes, no trecho em que fala do "velho" tido como Ramalho, de "... *quasi 100 anos, estando entre os indios e vivendo não sei de que maneira, e não querendo nada de nossas ajudas nem ministerio, deu-lhe Deus de rosto com um accidente, além de muitos corrimentos e pontadas que tinha*". Mas a despeito da avançada idade (44) conseguiu o ancião rezistir mesmo sem os socorros da rudimentar medicina dos jesuitas. Atualmente ezita-se acerca do personajem citado pela missiva, porque diz a carta: "*Veio em tanto um filho seu, que pousava daqui huma legoa, a dizer-nos que seu pae morrera, e suspeitando nós que não seria ainda morto, foram dois Padres cedo a correr pelas agoas que estavam pelo campo por onde haviam de passar por ser grande chêa. Chegados á casa do miseravel velho que não queria nada de Deus, veio Deus a visitar com os nossos, porque o que estava dantes já morrendo, em máo estado, acudio-lhe Deus com a confissão que fez bôa, pondo-se em bos estado e commungando; mas não morreo daquelle accidente, sinão anda para isso aparelhado e posto na verdade, esperando por sua hora. Cedo lhe virá*". Á vista da apreciação "*não queria nada de Deus*" poder-se-ia duvidar tratar-se do homem enaltecido por Nóbrega, que afirmava "*conservou esta terra até agora, por causa de Deus!*" Mas já vimos que havia paixão

---

(44) A carta data de 1568 e Ramalho devia ser homem feito quando naufragou no Brasil por voltas de 1508.

nas informações escritas durante conflitos com decendentes turbulentos do português, e não devemos acreditar muito na irritada apreciação de Anchieta, "*Quem na verdade é espinho, não pode produzir uvas*", a menos que, fatos ulteriores á carta de Nóbrega em 1553, tenham rompido as relações de primeiro amistosas entre jesuitas e Ramalho. Na mesma época em que Nóbrega escrevia a Luís Gonçalves da Camara, um filho do povoador, acompanhava o padre nas incursões pelo sertão.

Em Ulderico Schmidel encontramos curiosos aspétos da atividade de Ramalho. Esteve o alemão em 1553 em Santo André, que lhe produziu efeito de um covil de bandidos, tal a fisionomia dos habitantes. Pareciam selváticos como índios, e muito mais robustos, produto das mulheres mais formosas do sítio e de um branco de excecional complexão. O chefe deles, Johanes Reimelle — como lhe chama o viajante — não estava no momento, mas um dos filhos ofereceu hospitalidade. Generoso fôra para o beneficiado se exprimir tão desfavoravelmente sobre os da vila. Naquele tempo como hoje, quanto mais bem recebidos entre nós os estrangeiros, mais venenosos se mostram. Voltando ás informações de Ulderico, vemos que Reimelle era o homem mais poderoso da região, mais do que o seu próprio soberano. "*Havia guerreado e pacificado a provincia reunindo 5.000 índios emquanto o rei de Portugal só ajuntaria 2.000* (45).

---

(45) V. nota 3.

Percebemos através duma sucinta enumeração da vida de João Ramalho, como a de M. E. de Azevedo Marques, seus ingentes esforços para proteger os europeus da capitania. Os primeiros tempos das povoações paulistas, S. Vicente, S. André, Maniçoba e S. Paulo, estão condensados na ação dos homens brancos da terra. Não foram poucos os atos meritórios do genro de Tibiriçá (a união de europeus com filhas de maiorais obedeciam em geral ao rito gentílico, condenado pelos padres), auxiliando decisivamente os portugueses, quando pareciam tão frágeis os *palanques*, e tão precário o abastecimento do espaço cercado, que bastaria um pouco de perzistência do índio para arruinal-o completamente. O malogro das tentativas de certos donatários, empreendidas pelos que não souberam de princípio evitar desavenças com o gentio, dá-nos o valor desta contribuição. Tivessem infelises colonisadores, como Francisco Pereira Coutinho, encontrado a mesma ajuda que recebeu Martim Afonso em S. Vicente, outro teria sido o seu destino.

Acompanhou João Ramalho ao capitão mor nas entradas que fez no planalto de Piratininga. A pacificação dos caciques que tomaram o nome de chefes portugueses foi obra sua. Fundou ainda a vila mais tarde denominada S. André por Tomé de Sousa, atalaia avançada da "Borda do Campo", protetora do vale do Tietê e vigia do caminho do mar. Para ali transferiu-se com toda a prole mameluca, dos sítios onde dantes morara, segundo alguns, na praia do Tumiarú, nas visinhanças de S. Vicente o velho. Feito capitão mor da vila, com o privilégio de "*só ele ter resgate com os*

indios de Piratininga" (46), governou com prepotência. Documentos da época enumeram as multas que aplicava aos moradores, como patriarca inflexivel, cioso das suas prerogativas. Em 1534 figura como testemunha da posse da sesmaria doada a Pero de Goes por Martim Afonso; "...*levei comigo a João Ramalho e Antonio Rodrigues, linguas desta terra*", escrevia Pero Capico, escrivão.

Em 1560 mudou-se por ordem do governador geral Mem de Sá para a vila de São Paulo. Crecera a hostilidade entre portugueses e indios, tornando-se necessário reforçar a defesa das povoações, unificando-as. Aqui temos mais uma lenda retificada pelas cartas de Nóbrega (a dirigida da Baía ao provincial de Portugal, divulgada pelo padre Serafim Leite). A mudança da população de Santo André para a vila de São Paulo dera-se a pedido dos próprios santo-andreénses, e não pela necessidade de acabar com abusos cometidos pelos filhos de Ramalho. Tanto isto é certo, que o veterano logo foi aclamado capitão mor de S. Paulo.

Em 1562 Ramalho é escolhido pela câmara e povo capitão da gente que deve ir ao sertão exterminar os Tupiniquins. Os indígenas ameaçavam a vila, e os moradores só recobrariam a tranquilidade quando o inimigo dizimado e atemorizado, perdesse ânimo de assaltar os brancos. Dois anos depois recuzaria Ramalho o cargo de vereador (47). Deviam pezar-lhe as privações e aventuras

(46) Eugênio de Castro, "Roteiro de Pero Lopes de Sousa", CDXIII. 413.

(47) No livro de vereança de S. Paulo, em data de 15 de fevereiro de 1564, consta João Ramalho ter recusado o cargo, sentindo-se velho, com mais de 70 anos.

na terra para onde viera cincoenta e tantos anos antes. Mas si não houve engano sobre a sua pessoa, alcançou de fato notavel longevidade. O documento do arquivo de José Bonifácio, concede ao ancião de Baltasar Fernandes vida ainda no ano de 1580! (48).

Da abundante prole que deixou, inumeravel segundo Tomé de Sousa, só pôde obter Azevedo Marques o nome de 5 filhos, atribuidos a Martira, Bartira, Burtira (49), ou Mbcy, batizada com o nome de Isabel, filha de Tibiriçá. Foram Beatriz Dias, cazada com o português Lopo Dias; Francisco Ramalho, por alcunha o *Tamarutaca,* cazado tres vezes, a primeira com a india Francisca, e a terceira com outra índia de nome Justina; da segunda mulher nada se sabe. António de

---

(48) "A veracidade, porém, desse testamento que nunca ninguem viu no original, nem mesmo frei Gaspar — soffre um rude ataque com a publicação da carta de Thomé de Sousa. Verifica-se que João Ramalho não nasceu em Barcellos como escreveu Pedro Taques, nem em Broucella como interpretou o frade santista, nem em Boucella ou Vougella freguesia da comarca de Vizeu, como diz a cópia do testamento escripta pelo proprio punho de José Bonifacio e divulgado por Washington Luis". João Ramalho — affirma Thomé de Sousa — era natural do termo de Coimbra", escreveu um historiador. Tendo-se verificado a exatidão do testamento na maior parte dos seus termos, podemos também admitir a data. Deve ter falecido Ramalho pelo menos perto de nonagenário.

(49) *Burtira* ou Bortira flor da árvore em Tupí, segundo Rodolfo Garcia. Bortira ou Ybotyra, a flor, DLIV, 205. O y pronunciado como o u francês. O termo mameluco foi objeto de acurado estudo por parte do prof. da Universidade de S. Paulo, Dr. Plínio Ayrosa, in. *Termos tupís no Português do Brasil, S. Paulo,* 1937.

Macedo, cazado; Victorino Ramalho, cazado, morto pelos Tupiniquins nas imediações de S. Paulo; e Joana Ramalho, cazada com Jorge Ferreira, lóco tenente em 1556 de Pero Lopes de Sousa em Santo Amaro. Difere a enumeração de Silva Leme (50) que depois de pacientes buscas em documentos do Brigadeiro Arouche, Conselheiro José Bonifácio de Andrada, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e outros, elevou a decendência conhecida de João Ramalho para 9 filhos, de acordo com o seu testamento: André Ramalho; Joana Ramalho, cazada com Jorge Ferreira; Margarida Ramalho; Victorio Ramalho; Antonio de Macedo; Marcos Ramalho; João — ou Jordão — Ramalho, e Antónia Quaresma (51).

POVOADORES VICENTINOS

Os mesmos genealogistas consideram o português António Rodrigues contemporâneo e êmulo de Ramalho. São frequentes as alusões dos informantes dos primeiros tempos da povoação de São Vicente, a este povoador, sem comtudo trazerem mais pormenores. Pelo que se depreende do depoimento de Diogo Garcia prestado em Sevilha (52), Ramalho, Gonçalo da Costa e António Rodrigues, pertenceriam talvês ao número dos náufragos citados por Oviedo, salvos nas imediações da ilha dos Porcos.

---

(50) v. DLVIII. Silva Leme, *Genealogia Paulistana.* Suplemento, 65.

(51) v. nota 4.

(52) Medina. El Portugues Gonzalo de Acosta. CDL.

Torna a aparecer depois dessa data o nome de António Rodrigues, na ocasião da assinatura da sesmaria concedida a Pero de Goes, na fortalesa de Tumiarú, onde se ergueria a futura Ribeira das Naus. Deste homem, diz Silva Leme não ter encontrado referência na lista dos primeiros habitantes de S. Paulo, mencionados no documento descoberto pelo Dr. Ricardo Gumbleton. Outro manuscrito do século 18, de autoria de um filho do capitão Diogo Gonçalves Moreira, traz a decendência de "*Antonio Rodrigues e Antonia Rodrigues, de que procederam, Antonio Rodrigues; Pero Rodrigues; Garcia Rodrigues; Isabel Velho*". Verificou Silva Leme que esta nomenclatura não confere com os apontamentos do historiador e genealogista do século 18, Pedro Taques (53). Viveu Antonio Rodrigues com a filha de Pequirobi, maioral de Ururai (?), batizada mais tarde com o nome de Antónia Rodrigues. Da união, segundo Silva Leme, houve outra Antónia Rodrigues, que se cazou com o português António Fernandes, e teve 5 filhos enumerados na *Genealogia Paulistana.*

Os outros povoadores, do documento do Dr. Ricardo Gumbleton, são Pedro Afonso; Gaspar Afonso; Domingos Luiz Grou; Bras Gonçalves e Pedro Dias. Em parte alguma temos informações sobre o modo como vieram ao Brasil. Infere-se que alguns foram certamente contemporâneos de Martim Afonso em S. Vicente, mas ignoramos si chegaram com o capitão mor. Conseguimos saber

(53) V. DLVIII. Silva Leme, "Genealogia Paulistana", I, 46.

tão somente por várias indicações de cartórios, que a maioria teve uniões com indias das visinhanças de S. Paulo. Assim, Pedro Afonso (dos Gagos e Afonsos da ilhas de Portugal, na opinião de Silva Leme).... *"resgatou nos campos de Piratininga uma tapuya que como prisioneira tinha sido reduzida ao captiveiro, e com ella casou"* (54). Gaspar Afonso (irmão ou sobrinho de Pedro Afonso) cazou-se com Madalena, filha de Pedro Afonso. Domingos Luis Grou, da familia Luis Anes Grou, de Portugal (apud Silva Leme), cazou-se com uma india conhecida por antonomásia terminada por Guassú, filha do cacique da aldea de Carapucuiba nas visinhanças de M'boy. Bras Gonçalves cazou-se com a filha do cacique de Ibirapuera, batizada com o nome de Margarida Fernandes. Quanto a Pedro Dias, último da lista do Dr. Ricardo Daunt, achávamos na primeira edição desta obra, que devia ser incluido com restrições, no rol dos companheiros de Martim Afonso.

É qualificado por Silva Leme como *"leigo jesuita desligado dos votos por Santo Ignacio de Loyola"*, mas no segundo volume da *Ha. da Companhia de Jesus no Brasil* do padre Serafim Leite, vem a explicação que procurávamos. Diz o sábio Jesuita, *"Antes de concluir esta matéria de saidas da Companhia, deslindemos um facto, que tem sido muito explorado literàriamente. Em 1566, estava na Baía "o Ir. Pero Dias, ainda noviço, nascido cá na terra". O seu nome já não se acha no catálogo de 1567. Saíu da Companhia nesse meio tempo.*

---

(54) V. Silva Leme, *"Genealogia Paulistana"*, DLVIII. 2. I.

Dêle se escreveu a seguinte notícia, aliás romance: "Pero Dias foi leigo da Companhia de Jesus, e não podia casar, mas foi tal a simpatia, que o gentio lhe votava, e tal a incistência de Tibiriçá de têl-o por genro, que êle obtida a precisa licença de voto, casou-se com a princeza Terebebé, que foi baptizada Maria, e tomou o apelido de Grã pelo respeito que votava ao padre da Companhia Luiz da Grã".

...A lenda é maviosa! Mas os documentos são inexoráveis. Pedro Dias era "nascido cá na terra". Mameluco, provavelmente. E o noviciado não o fêz em Piratininga, mas na Baía". Serafim Leite II. 454. DXXVII. Em todo caso ainda alcançou os afonsinos, pois uniu-se a primeira ves com uma filha do cacique Tibiriçá de Inhapuambuçú, e a segunda com Antónia Gomes da Silva, filha de Pedro Gomes e Isabel Afonso, filha de Pedro Afonso.

As mesmas minguadas informações vamos encontrar em relação aos portugueses que estavam em São Vicente antes de Martim Afonso. Supõe-se que foram, o misterioso "bacharel"; João Ramalho; António Rodrigues; Jorge Pires; Duarte Peres (ou Pires); Pedro Colaço; padre Pedro Correa; mestre Cosme; Jorje Ferreira; Luis de Goes; Jerónimo Rodrigues; Belchior de Azevedo; sem contar aventureiros como Enrique Montes; Diogo Garcia ou Melchor Ramires, que lá estiveram muitas veses de passajem.

Alguns desses são confundidos por homonímia, ou descuido na grafia de nome, com reinois que vieram na expedição de 1530, entre os quais

havia Domingos Leitão, Pedro Capico, Rui Pinto, Pero Goes da Silveira, Francisco Pinto e padre Gonçalo Monteiro. Dá o genealogista Silva Leme mais povoadores da mesma expedição, que se estabeleceram na capitania de Martim Afonso, cazados com filhas de portugueses antecessores, ou índias puras, ou com mulheres brancas vindas depois. Nesse número estão Enrique da Cunha; João de Prado (55), tido na *Nobiliarquia* como fidalgo de reconhecida nobresa em Olivença, genro de Pedro Vicente e Maria de Faria, ambos naturais de Portugal, também incluidos por Silva Leme na lista dos povoadores afonsinos; e João Pires, de alcunha o *Gago*, que trouxe do Porto, onde morava seu filho Salvador, cazado ((ou cazou-se mais tarde no Brasil) com Maria Rodrigues, da mesma cidade. Ambos Pires habitaram Santo André da Borda do Campo, de que João Pires foi por 1553 o primeiro juís ordinário.

E' enorme a atual decedência desses poucos portugueses. Parte consta na *Genealogia Paulistana*, em forma muito lacunosa, não por descaso do paciente genealogista, mas pelas dificuldades em obter informações de época tão remota (56). Só nos foi possivel apurar decendência por varonia de povoadores supostos afonsinos em quatro

---

(55) O documento exposto no Museu Paulista (Ipiranga) está firmado João de Prado.

(56) Já vimos que os livros do cartório de S. Vicente foram destruidos no século 17, e que o terremoto de Lisboa consumiu com inúmeros arquivos oficiais e particulares em Portugal.

familias paulistas. De Enrique da Cunha provêm em linha reta masculina os Almeida Prado (57), Marcondes Romeiro e Godoy Moreira; de Pedro Dias, os Toledo Leme, familia desconhecida atualmente. De João de Prado não ha decendência por varonia, em compensação é imensa a feminina espalhada pelo centro e sul do Brasil. O mesmo sucede aos Pires, e á prole dè João Ramalho.

Povoadores do norte

O grande sonho de Martim Afonso de Sousa era, como indica Eugênio de Castro, transformar o antigo porto dos Escravos, em porto das Minas. Não permanecera inativo o capitão mor emquanto esperava a bandeira de Pero Lobo. Numa primitiva picada de indios (que foi acesso para S. Paulo até 1560, para os que vinham do mar), enveredou em direção aos campos de Piratininga, com os seus homens de armas, brancos do lugar, e índios mansos. No território do aliado Tibiriçá, fundou a vila á beira do rio, que o Diario de Pero Lopes chama Piratininga a "*nove leguas distante da Villa Praieira de São Vicente*". Lá deixou o fidalgo a João Ramalho com poderes; a seguir, doou terras a Pero de Goes (que alguns quizeram erradamente fosse irmão de Damião de Goes); a Rui e Francisco Pinto; tratou com zelo da organisação das duas vilas, provendo para que nada lhes faltasse na sua ausência, e apreensivo pela demora de Pero

(57) V. nota 5.

Lobo Pinheiro, armou uma expedição de socorro sob comando de Rui Pinto e Pero de Goes (58).

De nada adeantou a última providência. A bandeira fôra destroçada pelos índios do sertão. Cançados de esperar, partiram os expedicionários de S. Vicente rumo a Portugal, a 22 de maio de 1532, seguidos pouco depois da nau *N. S. das Candeas*. Foram tres as escalas do trajéto de Pero Lopes em águas brasileiras, quando na volta precedeu a Martim Afonso; a primeira no Rio de Janeiro, a segunda na Baía, e a derradeira em Pernambuco. Aí encontraram duas embarcações francesas, das quais uma caiu nas mãos dos portugueses, e a outra foi a pique em consequência do combate.

A feitoria de Pernambuco no Igarassú tinha sido novamente ocupada por franceses, desta ves pela nau *La Pellerine,* do almirante do Mediterrâneo, barão de S. Blancard. Ficara em terra, no forte levantado onde antes existira o português, o oficial de La Motte com setenta homens de armas. Pero Lopes acometeu-os, auxiliado pelos índios da região, tomando a praça depois de um

---

(58) Pedro Taques tem a seguinte versão:

"Penetrou a serra de Paranapiacaba, e veio ao reino de Piratininga, que então governava Teviriçá. Estando nestes campos de Piratininga, concedeu terras a Braz Cubas, por sesmarias, por Sua Magestade assignada por Martim Affonso de Sousa, e datada em Piratininga a 10 de Outubro de 1532 (6)" P. Taques de Almeida Paes Leme. H.ª da Cap.ª de S. Paulo. DLXI.

Parece-nos haver confusões neste ponto da Historia da Capitania de S. Vicente, embora apoie minuciosamente Pedro Taques as asserções em documentos. A nota 6 diz, "Cart. da Prov. da Faz. Real Liv. do registo das sesmarias tit. 1562 até 1580, pag. 103" DLXI. 66. ed. A. d'E. Taunay, S. Paulo.

cerco de dezoito dias. Estavam ainda por essa época os portugueses em bons termos com o gentio, provavelmente graças aos seis brancos, antigos habitantes da feitoria, que lhes facilitavam entendimento com o aborígene. Em testemunho de gratidão e de boa política, cortejou Pero Lopes a quatro dos principais do lugar encontrados a bordo das naus francesas, tidos por *"reys da terra do Brasil"*. Em Portugal, mandou D. João III, *"agasalhar e vestir de sêda"*, aos confrades, *"com muyta diligencia"* e mais cuidados, como se vê na carta com instruções ao conde da Castanheira.

Em Pernambuco deixou Pero Lopes alguma gente sob o comando de Vicente Martins Ferreira, auxiliado pelo bombardeio Diogo Vaz. Não devia ser elevada a guarnição das ruinas da feitoria, porquanto a revista, passada semanas antes na Baía á tripulação dos dois vasos portugueses, verificara ao todo uns cincoenta homens de armas válidos para a guerra. Com o restante fez-se Pero Lopes á vela, chegando a Lisboa depois de ter explorado o litoral do Brasil e Uruguai, aprizionado ou destruido cinco navios franceses e os seus 300 homens da tripulação, tomado um fortim, e numerosos despojos, a completar opulento *tableau de chasse*.

Não se conhece o trajéto de torna viajem de Martim Afonso. Prezume-se que pela rota habitual da navegação daquele tempo, direção dos ventos e correntes, estado dos navios, e situação dos portos em que deviam procurar abrigo e refresco, o capitão mor teria tocado na Baia e Pernambuco. Na primeira escala estava a povoação de Caramurú, acrecida nos últimos tempos pelos

embarcadiços que Martim Afonso deixara na terra. A falta de novas da viajem não nos permite saber si estes companheiros de Diogo Álvares continuaram no lugar, ou si voltaram a Portugal. Talvês fizessem como Enrique Montes, que levou para a Europa duas índias, ou João Lopes de Carvalho que não se separou do filho mameluco no périplo de Magalhães.

CARAMURÚ

Oviedo cita, dois anos depois da passagem de Martim Afonso pela Baía, a presença de dois castelhanos na povoação de Caramurú. A nacionalidade desses europeus pode estar errada, como também é possivel que os tripulantes desembarcados pelo capitão mor fossem espanhois. Havia grande mistura nas tripulações, constando avultada proporção de castelhanos nas frotas portuguesas, e de lusos nas espanholas. Varnhagen quer que um deles seja o português Afonso Rodrigues, genro do povoador. Eugênio de Castro prefere a informação de Oviedo, admitindo que os dois companheiros do Caramurú, fossem tripulantes do navio de Simão de Alcazaba, naufragado na Baía em 1535.

Descreve Oviedo na sua crónica a povoação mais antiga do norte do Brasil: *"Ali vivia um Diogo Alvares, português, que lhes disse havïa vinte e cinco anos que estava só naquela terra, e se achava mui bem com os índios e o tinham por seu capitão; lhe eram mui obedientes e os tinha tão sugeitos; lhe guardavam tanto acatamento como se nascera senhor deles; que tinha com-*

sigo sua mulher que era india da qual tinha muitos filhos e duas filhas casadas com dois espanhoes que ali estavam. Este assento e povoação de Diogo Alvares seriam até trezentas casas que eram como casarias espalhadas porém á vista uma de outras muitas em que haveria mil homens indios e deram com este Diogo Alvares quatro cristãos que alí se tinham recolhido de uma armada de Portugal que se perdera quatro meses antes; a qual armada levava trezentos homens de que só estes escaparam... (os quaes) a nau S. Pedro levou a S. Domingos na ilha Espanhola. A este Diogo Alvares, deu-se a chalupa a troco de bastimento e tambem lhe deram duas pipas de vinho, e falou-se-lhe em alguma cousa de fé e ao que mostrou, estava bem nella, e deu a entender que vivia naquella costa e soledade para salvar e socorrer aos cristãos que por ali passassem; e disse que havia salvado franceses, portugueses, castelhanos que por aquella costa se haviam perdido" (59).

Parece que outra não era a missão de Diogo Álvares no mundo novo. Continuou a amparar a todos que dele necessitavam, sem comtudo ter pódido salvar mais tarde a Francisco Pereira Coutinho, donatário da Baía. A desgraçada morte do fidalgo veio de complicada questão, que poderiamos chamar política. O levante de índios que o vitimou foi provocado pelos reinois chegados depois de Caramurú, sem caber a Diogo Álvares responsabilidade pelo conflito. Homem brando de nature-

(59) Eugênio de Castro. Roteiro de Pero Lopes de Sousa. CDXIII.

sa, conciliou a amisade dos selvicolas entre os quais vivia. Desambicioso, não procurou penetrar pelo sertão a dentro á procura de ouro, nem escravizar índios, nem vendel-os. Contentou-se em cultivar a terra, criar filhos e intervir junto a seus parentes por afinidade, a favor dos europeus que os elementos atiravam á praia. Pertence ao tipo português pacífico, sedentário, de modestas aspirações, poderoso elemento de fusão de raças, em contraste com o outro homem ibérico, devorado de ambição e cobiça, que pelos seus vícios e violências em toda parte acendia revoltas. Na conquista da América, constantemente ombream os dois tipos; no século 16 houve, em identidade de condições, o pacífico Diogo Álvares ao norte, e o belicoso João Ramalho ao sul.

O Caramurú é qualificado por Jaboatão como pertencente á "*principal nobresa de Viana*". Não diz o frade onde colheu a informação, de sorte que não lhe podemos verificar a autenticidade. A alcunha indígena, Caramurú, significa peixe da espécie das moreas, comum na Baía. Estamos longe portanto da eróica denominação de Filho do Trovão, emprestada ao povoador pelos poetas. Mais corrente era a alcunha que os portugueses lhe davam de *Galego*, como se lê em algumas informações da época, através das quais poderiamos tambem duvidar da orijem vianesa de Diogo Álvares.

No *Catalogo Genealogico* enumera Jaboatão os filhos de Caramurú. Em o *Novo Orbe Seraphico,* alude a um manuscrito em que vem descrita a decendência de Diogo Álvares. Verificamos acerca

dos nomes que o frade escreveu em ambos trabalhos, serem os filhos legítimos os do povoador com a índia batizada com nome de Catarina (em homenajem á rainha de Portugal), filha do cacique protetor do português; e os ilegítimos, os havidos de outras cunhãs.

A prole de Catarina Álvares era feminina, cazada com os europeus que foram surgindo na *Vila Velha,* na esteira do Càramurú. Informa Melo Morais no ***Brasil Histórico,*** o batismo em 1534 de duas filhas "legítimas" do povoador e de Paraguassú, Madalena e Felipa Álvares, no mesmo dia do cazamento delas. E' possivel que o consórcio dos pais tenha também demorado por falta de eclesiásticos no Brasil, precizando Diogo Álvares, a despeito de seus sentimentos religiosos, esperar até que algum clérigo de nau lhe pudesse sacramentar a união.

No *Catalogo Genealogico* traz as seguintes filhas legítimas de Caramurú: Ana, cazada com Custódio Rodrigues Correa, natural de Santarém; Genebra, cazada com Vicente Dias de Beja, natural de Alémtejo; Apolônia, cazada com João de Figueiredo Mascarenhas; Grácia, cazada com Antão Gil, natural de Évora. Os filhos ilegítimos de Caramurú que constam nos trabalhos do mesmo autor, foram Isabel Álvares, cazada com Francisco Rodrigues; Catarina Álvares, cazada com Gaspar Dias, Gaspar Álvares, cazado com Maria Rabelo; Marcos Álvares; Manoel Álvares; João Álvares; Felipa Álvares, ou Dias, cazada com Paulo Adorno; Madalena Álvares, cazada com Afonso

Rodrigues; Elena Álvares, cazada com João Luís; Beatrís Álvares, cazada com António Vas (60).

Pelo cotejo entre os genros de Caramurú que se cazaram com as filhas consideradas legítimas, e os que se cazaram com as tidas por ilegítimas, notam-se efetivamente diferenças de condição a favor das primeiras. Os nomes dos maridos das filhas de Catarina Álvares indicam alguma elevação acima da plebe, o que não acontece com os maridos das bastardas. Só Diogo Álvares, varão do Caramurú, parece ter feito melhor casamento com Maria Rabelo, irmã de Lopo Rabelo escrivão da Alçada. Embora fosse modesto o emprego deste Lopo, demonstra burguesia, ao passo que os nomes de Francisco Rodrigues, João Luís, Afonso Rodrigues e Gaspar Dias, são mais próprios de plebeus, simples marujos, artífices ou homens de armas (61). Daí se pode conjeturar independentemente das indicações de Jaboatão, que houve mais cuidado na escolha dos maridos das filhas de Paraguassú.

---

(60) Mello Moraes DXXXIII. 126. I. prometeu dar a decendência de Caramurú "Diogo Alvares Corrêa teve de Catharina Paraguassú quatro filhas e nove com diversas indias, e no manuscripto antigo que possuimos (1)..." A nota reza "Vide adiante a Genealogia das familias brasileiras", que Rodolfo Garcia informa ser apenas extrato de Jaboatão.

(61) Publicou Sousa Viterbo documentos, com que D. João III elevou a cavaleiros professos de Cristo dois filhos do Caramurú, Gaspar Gabriel e Jorge, e o genro João de Figueiredo, em recompensa de serviços. Varnhagen. H.ª Geral do Brasil. CCCXXVII 261. I.

A respeito dos casamentos das ilegítimas escreveu ainda Jaboatão (62): "*Magdalena Álvares, filha bastarda de Caramurú, cazou com Afonso Rodrigues, que já se dice e no mesmo dia em que cazou tambem Felipa Álvares com Paulo Dias Adorno, e cazaram na igrejinha da Graça e foram ministros d'estes sacramentos o padre frei Diogo de Borba, religioso de S. Francisco, que, com companheiros iam para a India com Martim Afonde Sousa, mandados no ano de 1534 pelo rei D. João III, a fundar lá conventos, e por ocasião dos mares foram arribados á Bahia, a estes foram tambem os primeiros religiozos, que a ella vieram e administraram os sacramentos não só este do matrimonio, mas tambem do baptismo a estas duas filhas do Caramurú, e a outros mais filhos, que tinha assim bastardos de outras indias como aos legitimos da sua mulher Catarina Álvares com a qual havia cazado em França, e estes sacramentos se administraram na igrejinha da Graça, que havia levantado o Caramurú a N. S.; tambem a primeira que houve na Bahia, onde só assistia o Caramurú com estes poucos Portugueses, que haviam vindo de São Vicente*". Os companheiros de Diogo Álvares a que aludia Jaboatão, eram dois foragidos da vila de Martim Afonso, "*Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, que se achava na Bahia em companhia do Caramurú, para onde se havia retirado de São Vicente em uma lanxa junto com Affonso Rodrigues, natural de Obidos, por um homizio, que lá fizeram*".

(62) V. nota 6.

Na igreja de N. S. da Vitória (63), o segundo templo edificado em o norte do Brasil, podia-se ver na sacristia a sepultura de um dos genros de Diogo Álvares. Compunham o epitáfio, as indicações, "*Aqui jás Afonso Rodrigues, natural de Obidos, o primeiro homem que casou nesta igreja no anno de 1534 com Magdalena Álvares, filha de Diogo Álvares Correa* (sic), *primeiro povoador d'esta capitania; falleceo o dito Affonso Rodrigues em 1564*". Na igreja de N. S. da Graça havia a sepultura e retrato de Paraguassú, que o Dr. Melo Morais, informa com prudentes restrições no *Brasil Historico*, reprezentar os traços de Catarina Álvares.

"*Nos ultimos mezes do governo de D. Duarte*", escreve Varnhagen, "*faleceu na povoação do Pereira, junto á Bahia, o celebre Diogo Álvares, Caramurú*" (CCCXXVII, 362, I). A nota de Capistrano de Abreu transcreve Accioly (CDXCV, 205, III): "*Aos cinco dias do mez de Outubro de 1557 faleceu Diogo Álvares Correia, Caramurú, da povoação de Pereira; foi enterrado no mosteiro de Jesus. Ficára por seu testamenteiro João de Figueiredo seu genro*" — *isto escreveu o cura João Lourenço, a folhas 70, de um caderno antigo de obitos da Sé da Bahia, como assegura Jaboatão, Orbe Seraphico, 18 Rio, 1859*".

A viuva do náufrago existiu por longo tempo entre a gente do lugar. Alcançou-a ainda em

---

(63) Accioly concorda com Simão de Vasconcellos quando diz terem sido celebrados unicamente na igreja de N. S. da Graça os ditos casamentos e batisados. Accioly CDXCV. I. Simão de Vasconcellos DLXV, 41. Opinião tambem aceita de Mello Moraes.

vida frei Vicente do Salvador, que a considera *"mui honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade"*; somente chama-lhe Luisa, o que deixa incertesas acerca da identidade. Iguais dúvidas pairam sobre a sua viajem a França. Em todo caso a esposa de Diogo Álvares demonstrou notavel poder de assimilação, atingindo até onde mais flagrante se tornava a diferença entre o branco e o índio (64).

Houve, nos primeiros tempos do Brasil, paralelismo entre os dois povoadores que iam ocupar tanto vulto na história da colonisação, não somente por si, como pela sua decendência. João Ramalho e Diogo Álvares salvam-se de naufrágios, unem-se a índias filhas de maiorais da terra, e criam enorme prole. Sem aquela chusma de mamelucos submetida á diciplina cristã, seria quasi impossivel a tarefa do estabelecimento de portugueses no litoral. Poderia ter-se malograda por completo. Talvês mesmo se fracionasse o Brasil, em mãos de vários possuidores, por não ter quem o defendesse. Tanto os decendentes de um como de outro povoador, colaboraram na luta contra os franceses, ingleses, índios, quilombolas e olandeses. Ambos núcleos, o do norte e o do sul, aliam-se no seculo 17 por laços de sangue, pelo casamento de Valentim de Barros com Cata-

---

(64) "Esta Santissima Imagem que he de escultura de madeyra, levavão os Castelhanos naquella nau, para lá nas terras do rio da Prata a collocarem em algumas das Igrejas, que havião de edificar; mas a Senhora se quiz ficar entre os Portuguesers, e escolheu a devota Catherina Alves para que ella fosse a que lhe edificasse a sua casa". DLV. Santuario Mariano 12, IX.

rina de Goes, e de sua irmã Leonor de Siqueira Goes e Araujo com o irmão de Valentim, Luís Pedroso de Barros, sertanistas de São Paulo, mandados á frente de índios á Baía para combater a invasão flamenga. Luís morreu mais tarde no "*sertão de Serranos, no reino do Perú, onde fizera uma entrada*" segundo informa Pedro Taques.

Num tempo de população insignificante, não era preciso mais para estabelecer parentesco entre a *gens* baiana e piratiningana.

TERMINAÇÃO DA VIAJEM DE MARTIM AFONSO

Em Pernambuco encontraria o capitão mor a feitoria mais uma ves reedificada. Estava sob a guarda do novo feitor Paulo Nunes (substituto ou chefe do antigo, de nome Vicente Martins Ferreira) pouco antes chegado pela caravela *Espera*. Pertencia esta embarcação á armada de Duarte Coelho, filho do navegador Gonçalo Coelho, que permanecia como guarda costa do Atlântico, vigiando os comboios da Índia. Tanto em Pernambuco como na Baía, nesse momento já existia muito mameluco pelas tabas, resultado da convivência dos companheiros de Manoel de Braga e Diogo Dias com a indiada, e ia aumentar com os tres desertores de Pero Lopes fugidos na mata nas vésperas da partida das naus para Portugal. O concurso dado pelos Pitiguares aos portugueses, quando atacaram e venceram o fortim de Igarassú, mostra o acolhimento que então podiam dar os nativos e desertores lusos.

Na Baía o Caramurú informava certa ves á gente de Simão de Alcazaba da existência de europeus ao norte, "*Dixo* (*Diogo Álvares*) *que ochenta leguas de alli la costa adelante tenia el rey de Portugal una fortaleça, de onde le llevan el Brasil, que si llama Pernambuco donde residin ocho o diez personas, y que esperaban de Portugal una armada que yba poblar aquella costa*".

A passajem em Pernambuco de Martim Afonso é admissivel pelo interesse que o capitão mor tinha em vizitar antes da partida do Brasil todos os pontos do litoral onde havia portugueses. A carência de dados sobre esta escala pode ser atribuida á falta de cronista a bordo (Pero Lopes ia distante com o seu *Roteiro*) e pela escassés de acontecimentos dignos de registo.

Sem mais combates, nem outros sucessos, velejou Martim Afonso para a ilha Terceira, onde foi se juntar á armada de sete navios do futuro donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, que escoltava quatro naus de volta do oriente. Todos reunidos, chegaram a Lisboa em meados de 1553. Estivera Martim Afonso ausente de Portugal dois anos e meio.

Da expedição de Pero Lobo Pinheiro não tardaram a saber os habitantes de S. Vicente, que fôra trucidada por índios bravos.

LOCALISAÇÃO DOS PRIMEIROS POVOADORES EUROPEUS DO BRASIL

PORTO SEGURO

Afonso Ribeiro e outro degredado da armada de Pedro Álvares Cabral. **1500**

Diogo Álvares naufraga na Baía e aí constitue família. **1510**

1531 Os dois embarcadiços que Martim Afonso deixou com Diogo Álvares.

1532 Tres desertores de Pero Lopes, escondidos pelos índios da Baía de Todos os Santos.

1534 Segundo Oviedo, dois castelhanos, náufragos da nau de Simão de Alcazaba, tornam-se genros do Caramurú.

1535 Quatro náufragos de uma armada portuguesa, recolhidos por Diogo Álvares, são mais tarde transportados pela nau *S. Pedro* para a ilha Española.

Os filhos atribuidos por alguns autores a Diogo Álvares e índias foram Gaspar, Marcos, Manoel e João. Enumera Sousa Viterbo: Gaspar, Gabriel e Jorge, o genro João de Figueiredo, e uma nora Maria Rabelo. Outros aumentam a lista acrecentando os genros Custódio Rodrigues Correa, Vicente Dias de Beja, Antão Gil, Francisco Rodrigues, João Luís e António Vas. Diverge Jaboatão na sua *Crónica* em que figuram Madalena, cazada com Afonso Rodrigues; Felipa, cazada com Paulo Dias Adorno; Ana, cazada com Custódio Rodrigues Correa; Genebra, cazada com Vicente Dias; Apolônia, cazada com João de Figueiredo Mascarenhas; Grácia, cazada com Antão Gil; Gaspar, cazado com Maria Rabela (sic); Marcos, Manoel e Diogo.

SÃO VICENTE

1503 O cronista Oviedo noticia o naufrágio de uma nau portuguesa nas visinhanças da ilha dos Porcos. Alguns tripulantes que se salvaram passam a S. Vicente. Um deles seria Gonçalo da Costa?

Naufrágio de António Rodrigues e João Ramalho em S. Vicente. 1508?

Alusão pelo navegador espanhol Diogo Garcia á presença de um "bachiller" português, cercado de genros, moradores havia muitos anos naquele sítio. Era o mesmo de Cananea. 1525

Martim Afonso de Sousa, de torna viajem, deixa alguns tripulantes da sua armada em S. Vicente. Data dessa época a crença de que Pedro Afonso, Gaspar Afonso, Domingos Luís Grou, Bras Gonçalves, Pedro Colaço, Padre Pedro Correa, Jorge Ferreira, Luís de Goes, Jerónimo Rodrigues, Pero Capico, Domingos Leitão, Pero Goes da Silveira, padre Gonçalo Monteiro, Belchior de Azevedo, João de Prado, Enrique da Cunha, João e Vicente Pires, tenham sido moradores da vila. 1531

João Ramalho habitou algum tempo Tumiarú, o velho, nas proximidades de S. Vicente, antes de se mudar com a família para S. André.

CABO FRIO

Feitoria levantada por Américo Vespúcio, onde ficaram João de Braga feitor e 24 homens. 1503

A nau *Bretoa* deixa nessa feitoria João Lopes de Carvalho. 1511

CANANEA

Desterro do bacharel de Cananea, supõe-se que transportado pela armada de Gonçalo Coelho. 1503?

Os embarcadiços deixados por Caboto em S. Vicente passam-se para Cananea, segundo alguns autores. 1526

1531 Martim Afonso encontra em Cananea Francisco de Chaves.

RIO DE JANEIRO

1503? Gonçalo Coelho consta ter morado 3 anos á fós do rio Carioca, de 1503 a 1506.

1511 Depois da partida da nau *Bretoa*, em meados de 1511, João de Braga feitor de Cabo Frio, e o piloto João Lopes de Carvalho, mudam-se para o Rio de Janeiro.

CAMPOS DE PIRATININGA

1510? João Ramalho sobe a serra e recebe por esposa uma filha de Tibiriçá. Teve os seguintes filhos conhecidos: André, Vitório, António, Marcos e João. As filhas foram Joana, Margarida e Antónia.

António Rodrigues, povoador contemporâneo de João Ramalho, teve, em S. Vicente e S. Paulo, os filhos António, Pedro Garcia, e uma filha Isabel.

PORTO DOS PATOS

(SANTA CATARINA)

1516 Enrique Montes, Melchor Ramirez, mais oito ou nove companheiros, embarcadiços da armada de Solís, em parte naufragada no Rio da Prata, estabelecem-se na ilha de S. Catarina e talvês Pedro Annes "lingua" dos índios da região.

1526 D. Rodrigo de Acuña deixa em terra 13 ou 15 desertores quando passou pelo Porto dos Patos.

Sebastião Caboto aparece na ilha, recebe os náufragos de Solís mas abandona o capitão Rojas, e os embarcadiços Mendez e Rodas, que mais tarde mudam-se para S. Vicente.	**1526**

PERNAMBUCO

Funda Cristovam Jaques uma feitoria na fós do Iguassú. Ao partir deixa 12 homens sob comando de Manoel de Braga. Um deles foi Jorge Gomes, guia de Caboto na viajem ao Rio da Prata.	**1514** **1515**
D. Rodrigo de Acuña narra ter visto na ilha de S. Aleixo vestígios de franceses. Encontrou restos de farinha, bolacha, anzóes e um forno, indicando permanência de europeus antes da sua escala. Passou ao depois com 8 companheiros a Pernambuco.	**1521** **ou** **1527**
Fuga de Igarassú do feitor Diogo Dias, 2 meses antes da chegada de Martim Afonso.	**1528**
Aumenta a população do rio de Pernambuco com o desembarque de seis enfermos das naus da expedição afonsina.	**1531**
Homísio em terra da tripulação de uma nau francesa aprizionada pelos afonsinos.	**1531**
Destruição da feitoria portuguesa pelos corsários da *Pellerine*, substituida por um forte comandado por Mr. de la Motte com setenta homens de armas.	**1531** **1532**
Tomada desse forte por Pero Lopes de Sousa, que eleva outro na ilha de Itamaracá ou no porto de Pernambuco. Ai ficam Vicente Martim Ferreira, Diogo Vas e alguns soldados. Mudou o comando da feitoria com a chegada de Paulo Nunes na caravela *Espera*, com reforço para a guarnição.	**1532**

PORTO DE SAN SEBASTIAN

(SANTA CATARINA)

1527 . Sebastião Caboto desembarca na ilha de S. Catarina, no sítio que designou Puerto de San Sebastian, o clérigo Diogo (ou Francisco) Garcia, e um marujo.

SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO

1532 João Ramalho e seus filhos, João Pires o *gago*, Salvador Pires, e mais alguns portugueses, moram em Santo André de 1532 a 1553.

Das primeiras navegações na região da Ibirapitanga aparecem desertores europeus que se fixaram entre os indígenas. A carta de Estevam Froes em 1514 conta a conhecida fuga de portugueses após o levante de índios chefiados por um tal Pero Galego, sem dizer todavia de que lugar. Entre os companheiros de Froes estavam Francisco e Pedro Corso. Na singela narrativa de Diogo Álvares, registada por Oviedo, estão também mencionados franceses que o povoador socorrera. Quais eram? Quanto tempo se demoraram ao norte do Brasil? Quais teriam sido os vestígios da sua passajem pelo povoado? São perguntas que ficarão por responder, como a maioria dos acontecimentos desse período sem história, onde se multiplicam os "possivel" e "provavel" do investigador, quando pretende explicar o que desconhece.

IV

Índios quinhentistas do Brasil

E' desconhecida a orijem dos índios do Brasil. Por semelhança em alguns indivíduos, supõe-se que remontam a populações asiáticas e oceânicas. Entre o antigo selvícola, perdurava a tradição de avoengos aportados em barcos, vindos de terras longínquas, que se multiplicaram pelas florestas, campos e cordilheiras do novo mundo (65).

Pesquisas intentadas nestes últimos 40 anos trouxeram dados mais positivos. Atualmente, antropologos americanos como Hrdlicka, que estudou detidamente o nativo da América, e a seguir populações da Mongólia e Sibéria, são partidários da imigração asiática (66).

No Brasil, Ehrenreich chegou, pelo estudo das côres dos índios, á conclusão de que se orijinavam de regiões mais temperadas que as nossas. A pele do aborígene, muito escura em certos grupos, prin-

---

(65) "Que d'idées préconçues, par exemple, sur ces populations du domaine Pacifique, Polynésiens et Mélanésiens, "fils de l'Ocean" comme on disait jadis prétendus autochtones qui, le fait n'est plus à démontrer, ne sont que des émigrants venus de distances infinies parfois...". Lucien Febvre III. 260. Ficaram admirados os europeus do século 18 quando viram nela primeira ves as embarcações do Pacífico, e o grande raio de ação que algumas possuiam.

(66) V. nota 7.

cipalmente no rio da Prata, aprezenta contextura diversa da do negro, mesmo daquele que vive em latitude e clima semelhante. O produto do branco com o amerindio não dá ibridos como o mestiço do preto. Aparentam tambem, os crâneos achados no Brasil, Perú e margens do Orenoco, divergências com o tipo mongol e oceânico, e lembraram a ipótese do auctonismo.

Esses vestígios justificam, para muitos antropólogos, um homem primitivo na América, anterior a qualquer imigração. Até hoje porém, essas pesquisas não se revelaram muito concluintes, mesmo porque existe parco material para base de estudos.

* * *

Ao começar a descrição do nosso indigena, escrevia desalentado A. C. Haddon no livro *As Raças Humanas*: *"São tão insuficientes as informações sobre a história racial da América do Sul que sou obrigado a me contentar de generalidades"*. Por maiores esforços que envidamos no sentido de corrigir essas falhas pouca cousa conseguimos.

Dividiam os portugueses "grosso modo" ao gentio, em duas partes distintas, Tapuias e Tupís, Os primeiros eram moradores em grande número no sertão; os segundos, geralmente no litoral.

Antes que as migrações do sul viessem alterar a localisação dos selvajens no tempo da descoberta, ocupavam os Tapuias o centro, norte e nordeste do Brasil, consistindo seus principais grupos em Gês, Caraìbas, Carirís, e Guaitacases.

GÊS

O etnógrafo Krickeberg deu consideravel extenção aos índios do grupo Gê no mapa em que procurou situar o gentio sul-americano. A área que lhes atribue abrange territórios regados pelos afluentes do Amasonas, e grande parte do curso do S. Francisco, até muito no interior.

Mas este trabalho, bazeado em Lehmann, Outes, Koch-Gruenberg, Rivet e Chamberlain, limita-se a tratar do selvícola ainda existente, omitindo as tribus desaparecidas. Temos pois de completar a sua nomenclatura, com informações de cronistas antigos, referentes ao gentio de que hoje existe apenas lembrança.

No meio dos Gês, ficou no mapa de Krickeberg, uma pequena ilha de Pimenteiras antigos (Caraibas), entre o Piauí e o Ceará, e uma longa faixa de Tupís no litoral, na parte em que houve maior trato com navegantes europeus. O resto das populações de Botocudos, Caiapós, Cherentes, Chavantes, Bugres e outras próximas da costa, ou da zona intermediária com o sertão (67), foi também incorporado ao mesmo grupo Gê.

Este grupo deve o seu nome a Martius. Índios brasileiros por exelência, quasi que só existiram no mesmo lugar desde o descobrimento até hoje. Por esse motivo houve quem admitisse a possibilidade de serem autóctones. Em samba-

---

(67) Designamos por *zona Intermediária* a compreendida entre o litoral e o sertão, limite das terras que o européu e indio da costa nordestina percorriam. Hoje é chamada "agreste" pelas populações locaes.

quís ou furnas da Lagoa Santa, foram encontrados crâneos bastante antigos, em que se divizaram semelhanças com os dos Botocudo.

Blumenbach, que muito se interessou em estudal-o, colocava o seu lugar nos últimos da escala humana. Exames posteriores mostraram tambem semelhanças entre Botocudos e Patagões. Ante a mobilidade do selvajem é admissivel que tivessem chegado do centro do Brasil ao extremo do continente. Comtudo, sempre foi dos maiores traços desses indígenas o apêgo á região que desde tempo imemoriais ocupam. Diferem neste ponto das outras tribus, conservando-se nas florestas dos rios Jequitinhonha, Mucurì, Dôce e S. Mateus, no sul da Baía, no Espirito Santo, Minas, Goiás e Mato Grosso, do fim do século 16 ao começo do século 19.

Foram seus parentes e visinhos, no centro do Brasil, os Caiapós, designados pelos antigos cronistas por Ibirajaras, Bilreiros e Caceteiros. Outros afins do grupo receberam alcunha de Coroados, Bugres e Caigangs em S. Paulo e S. Catarina. Atribuem-lhes ignorância da navegação, pelo fato dos Guaimorés, em fins do século 15, surgirem do sertão de Minas no litoral da Baía, e estacarem deante do oceano sem que dele se soubessem aproveitar, nem para locomoção, nem para alimentação.

CARAIBAS

Outro grupo numeroso é o Caraiba, hoje localizado por Krickeberg na marjem esquerda do Amasonas. Na época do descobrimento, eram vistos desde o sul da Flórida e mar das Antilhas, até

S. Vicente. Pretende Capistrano de Abreu aparental-os aos Pimenteiras, que se estendiam do Piauí a Pernambuco, de ha muito desaparecidos (68). Metraux indica semelhanças na civilisação material dos Caraibas das Antilhas com os Tupinambás, e aventa, com Varnhagen, que os primeiros deceram a América Central em lentas jornadas, durante séculos, até chegar á Amasônia onde ainda se encontram. Von den Steinen prefere situar o centro de dispersão dos Caraibas no Brasil, na área compreendida entre o Tapajós, Amasonas, Madeira, e serras do Norte, Morena e Parecís, de onde partiram em direção norte. A subida para a América Central efetuou-se através de guerras continuas contra os Maipures que ocupavam o percurso. Quando venciam, trucidavam os homens e se apoderavam das mulheres — costume que deu em resultado o elemento masculino falar puro Caraiba, e o feminino da mesma tribu, o Maipure. A ipótese Varnhagen-Metraux parecenos mais plausivel, porém só novas descobertas poderão confirmal-a.

CARIRÍS

Os Carirís merecem especial destaque porque deles decende grande parte da população nordestina. Possuiam idioma próprio e facilmente se mesclaram com os brancos, como observa Cardim: "*Outros do mesmo sertão* (da Baía) *que chamão Cariri, têm lingua diferentes, estas tres nações*

(68) Outros autores preferem juntal-os somaticamente aos Tupinambás.

(Goianá, Taicuyú e Cariri) *e seus vizinhos são amigos dos Portugueses*".

Admitia Capistrano de Abreu, pela repetição de nomes, Orobó, no Espirito Santo, ou Tremembé, Quiririm, em S. Paulo, e ao norte do Brasil, que os Cariris tivessem atingido o sul do país, decendo pelo litoral antes das invasões Tupís. O nome Tremembé é igualmente encontrado no Maranhão, onde os primeiros estiveram. Segundo Capistrano, os Guaianases, Papanases e Guaitacases, gentio antigo da costa centrobrasileira, pertenciam ao mesmo grupo. Neste caso, talvês se parentassem á imensa rêde Guaianá da zona do Capricórnio, ipótese custosa de elucidar com os elementos de que dispomos. Tanto é possivel que os Guaianases tenham subido, como os Cariris decido até os rios do sul. A primeira versão tem mais verosimilhança pelo número de Guaianases que existiram nas proximidades de São Paulo, como si aí fosse o seu *habitat*, e pela tendência geral do gentio dessa região em se dirigir do sul para o norte, quando em grandes migrações.

Pode entretanto ter havido muitas exeções. A lenda inserta no prefácio do *Katecismo Indico da Lingua Carirí*, dá o berço da tribu numa grande lagoa situada ao norte. Pensava Capistrano tratar-se do Amasonas, de onde teriam esses índios emigrado pela costa até colidirem com os Tupiniquins, que os repeliram na época do descobrimento para os sertões da Paraiba e do Ceará. Mais tarde alcançaram o Maranhão, aí deixando os nomes Siridó, Siará, Jucá, Icó e outros, como derradeira lembrança da sua passajem.

GUAITACASES

Eram os Guaitacases senhores do sul de Espirito Santo e norte do Rio de Janeiro, numa extensão que ia do Estado de Minas Gerais ao litoral. Os Guaicurûs, outro ramo consideravel do grupo, viviam no alto Paraguai, nos campos de Mato Grosso, onde no século 17 tornaram-se, juntamente com os seus afins os Paiaguás, o principal obstáculo ao povoamento paulista.

No tempo de Martim Afonso havia uma sucessão de tribus, a maior parte aparentadas entre si, do Paraguai ao sul da Baía, no espaço ocupado pelos Gês de Krickeberg. Começavam alguns nomes pelo prefixo Gua (mau?) como acontecia aos Guanás e Guaicurûs, no Paraguai; Gualachos, no Paraná, Guaianases (69), Guarulhos e Guaramomís em S. Paulo; Guaitacases, no Rio de Janeiro e Espirito Santo; e Guaimorés no sul da Baía. Convém no emtanto notar que o fato de uma tribu ser conhecida de europeus por um nome, nem sempre permite incluil-a nas de apelido semelhante. A respeito escrevia em 1612 Rui Dias de Gusmán na Argentina: "*Guainás, aun que este*

---

(69) O mapa de Reinel indica a ilha dos Gayonos, na futura capitania de S. Vicente. O de Kunstmam II alude á ilha dos Goanás no mesmo setor do litoral. Eugênio de Castro faz a propósito, os comentarios seguintes: "O conhecimento por esse littoral da ilha dos Goanás ou Goianás, em dias tão remotos da conquista, vem nos dar a certeza de haverem taes indigenas habitado as praias da ilha de S. Vicente ou da de Sto. Amaro: a uma dessas ilhas deveria pois caber aquelle apellido". DCXIII.

nombre dan o todolos que non son guaranis puesto que tengan otro proprio" (70).

INDIOS DA SERRA DO NORTE

Podemos ainda acrecentar, á lista das povoações primitivas existentes no Brasil antes da chegada de portugueses, um grupo que até hoje permanece na mesma região. Localizou-se desde ha muito tempo no ângulo formado pela serra do Norte e a dos Parecís, nos confins de Mato Grosso e da Bolívia. A expedição Rondon encontrou esses indios em plena idade da pedra lascada, mais atrazados que os Botocudos de Blumenbach. A necessidade transformou-os no emtanto em agricultores, por não poderem alimentar uma grande população só de caça e pesca. Todos os seus hábitos são rudimentares. Deitam-se no chão, motivo pelo que os Parecís alcunham de Uicacôrê ("Irmão do Chão") aos Nhambiquaras. Porém, a despeito da miséria, têm a faceirice de se adornarem nas festas com mantos de fibras de palmeiras. A ornamentação desses dias é exclusivamente reservada ao elemento masculino. Ao feminino compete o trabalho caseiro segundo a praxe aborígene.

A sua descoberta causou verdadeira surpresa. São tribus que ocupam vasto território desde tem-

---

(70) O caso dos Guaranís citado por Serrano DCCLXX, é caraterístico, "Ademàs de los *guaranies*, su idioma fué hablado por muchas tribus no Guaraní, sometidas a ellos o independientes. Fué um idioma internacional en el oriente americano". O mesmo aconteceria com os visinhos, os Guaianases.

pos muito anteriores aos grandes movimentos de índios no Brasil. Não ha outro caso brasileiro de tão grande aglomeração ficar alheia ao resto do gentio.

TUPÍS

Sobre o ponto de dispersão dos Tupís, antes das grandes migrações que se pôde averiguar, pouco se sabe. Na era do descobrimento houve inúmeras mudanças de localisação de selvicolas no continente. As de maior vulto, que mais importância tiveram e consequências deixaram, foram as dos Tupi-Guaranis. Infelismente também não temos certesa do seu ponto de partida. Para alguns autores, foi do lago Titicaca ou do planalto central do Brasil, para outros, iniciou-se no alto Paraguai. Acerca dessa incertesa vide Estevam Pinto, "Os Indígenas do Nordeste", CCXLVIII, pag. 94 e seguintes.

Em quaesquer das áreas indicadas, existe bom clima, com acentuadas estações de inverno e verão, providas de abundante caça e pesca, aptas para viveiro das tribus que vitoriosamente se derramaram pelo nosso litoral.

Os Tupís despertaram a atenção de Martius, que foi o primeiro entre nós a estudar os selvícolas por meios científicos. Agrupou-os pela língua e procurou delinear os itinerários, que seguiram depois do abandono do alto Paraguai em fins do século 15.

A título de curiosidade, porque o valor científico de Martius diminuiu com o tempo, vamos

reproduzir a dispersão dos Tupis segundo a sua ipótese (71).

Os Tapés, os Patos e Pinarés (a grafia e de Martius), dirigiram-se para o sudoeste, no atual Estado do Rio Grande do Sul; os Biturunas e Guanhanas para leste; os Tamojós, Tupiniquins, Tupinambás para o norte, percorrendo a costa até a Baía; nessa altura, parte da horda continuou para Pernambuco (Potiguaras); parte cindiu-se entrando no sertão, rumo ao Maranhão. Desses, os Amoipiras ficaram na marjem direita do S. Francisco, assim como os Tupinâs, ao passo que os Obacatuaras permaneciam na marjem esquerda. No trajéto dos que iam para o Maranhão, ficaram Topanares no sul do Ceará, emquanto os Caetés se encaminhavam para o litoral. Mais adeante, os Manajós estabeleceram-se no Interior, nas marjens do Itapicurú, e os Taramambás no litoral, entre S. Luís e Pará.

O segundo grupo partiu do mesmo ponto de dispersão, subiu o Tocantins e tomou o nome de Tocantinos na marjem direita do rio, perto da fós, frente aos Tochi-uaras. Dois ramos resta corrente, os Bocas e os Pacajas, demoraram-se tambem fronteiros á ilha de Marajó ocupada pelos Nhengahyvas e Guayanas. Ao sul dos Bocas, localizaram-se outros ramos, entre o Xingú e Tocantins, continuando os Tupinambaranas a marcha

---

(71) in *Von dem Rechtszustante unter den Ureinwohnern Brasiliens.* Atualmente tem decrecido na etnografia a importância dada antigamente ao fator língua, e á repetição de toponímicos como indício de permanência. O nome N. S. de Copacabana no Rio é um exemplo de repetição devido a mero acaso.

para frente até chegar á ilha do mesmo nome, acima dos Mundurucûs, que por sua ves estavam ao norte dos Cahyras e Apiacás do Tapajós.

O terceiro e último grupo migratório dividiu-se a oeste, continuando, os Xareis, pelo rio Paraguai acima, e os companheiros, em direção ao Perú.

No percurso, pararam pelo caminho os Guarajós, Chiriguanos, Cirionôs, e nas marjens do Solimões os Yarumaguas, Omaguas e Teunas.

LOCALISAÇÃO DO GENTIO POR FERNÃO CARDIM E GABRIEL SOARES

Na falta de autores mais antigos, temos de recorrer ás informações de dois portugueses que descreveram o Brasil, quasi na mesma data. Ambos trataram do gentio no fim do século 16 quando já ia adeantado o conhecimento do norte. Mas tiveram certamente oportunidade de conhecerem sucessos bem anteriores. Etnógrafos modernos determinam de 150 a 200 anos, a existência da tradição oral em povos desprovidos de escrita (72).

Eram nossos indígenas dotados de boa memória, e pelo cálculo de Van Gennep poderiam informar, tanto a Gabriel Soares como a Fernão Cardim, acerca de sucessos ocorridos muito antes.

* * *

Soube Fernão Cardim que Tupinambás e Tupiniquins foram as tribus brasílicas que tiveram o primeiro contato com os portugueses.

---

(72) Van Gennep DCCLXXXVI.

Gabriel Soares relata igualmente o fato, e descreve os limites de seus territórios. Os Tupiniquins ficavam no litoral entre os rios Camamú e Cricaré, tendo ao norte os Caités, que "*nos primeiros anos da conquista deste estado do Brasil senhorou desta costa da boca do rio S. Francisco até o rio da Paraiba, onde sempre tiveram guerra cruel com os Pitagoares*". Estes índios também chamados Potiguaras, ou "*Comedores de Camarões* (73), ficavam além Paraiba, mais acima dos Caités, ao sul dos Tapuias do Ceará (Cariris) e a leste dos Tabajaras do sertão. Desses em deante só havia Tapuias desconhecidos até a fós do Amasonas.

A oeste de Porto Seguro estavam os Tupinaés "*nas cabeceiras pela banda do certão*" (G. S.), zona intermediária pertencente a esta tribu, tão afim dos Tupiniquins que chegava a se confundir com eles. Ao sul dominavam os terríveis Guaimorés, outróra moradores no sertão, os quais premidos por adversários superiores em número (provavelmente Tupis que subiam do sul pelo sertão) tinham afluido para o litoral. "*Começou este gentio a cahir ao mar no rio de Caravelas junto de*

---

(73) Na carta escrita a D. João III em 14 abril 1599, Duarte Coelho se refere a "petygoares" e "potiguares", em regiões diferentes de Pernambuco. Esta dissemelhança de grafia continuou por vários anos, e em vários informantes, dando a crer a existência de dois grupos de índios com nome parecido. A incorreção das missivas do tempo, entretanto não permite conclusões seguras.

Porto Seguro e corre estes matos e praias até o rio de Camamû" (G. S.). Deles fazem ambos cronistas monstruosa descrição (74).

Entre Porto Seguro e a capitania de Espírito Santo, encontravam-se Tupiniquins, Tapanases ou Papanases e Guaitacases, todos em lutas constantes, até que os Tapanases abandonaram definitivamente a costa pelo sertão. Livres dos principais adversários, os Guaitacases ocuparam o extenso território que ia do atual Estado do Espírito Santo até o rio Paraiba do Sul. Aí começavam os Tamoios: "*ao tempo que as portugueses descobrirão esta provincia do Brasil, senhoravão a costa delle desde o rio do cabo de S. Thomé até a angra dos Reis, do qual limite forão lançados para o certão, onde agora vivem*" (G. S.), (75).

Em S. Vicente estavam os Guaianases "*os quaes tem sua demarcação ao longo da costa pela angra dos Reis, e d'ahi até o rio de Cananéa, onde ficão vizinhos de outra casta de gentios, que chamão os Carijós* (G. S.). O principal caraterístico dessas populações sulinas, concistia em não serem antropófagas como os Tupís e Tapuias do litoral norte, ou os índios das marjens do Prata. Dos Carijós, pouco sabemos além da suposição que passa-

---

(74) V. nota 8.

(75) Capistrano de Abreu era de opinião que os Tamoios são simplesmente Tupinambás, que mudaram de nome quando foram alcunhados por outros índios "os avôs" ou "antigos". Os literatos do século 19, perpetuaram ao depois a crisma de *Tamoyo* com o uso e abuso que fizeram dessa tribu durante o "indianismo".

ram para Minas Gerais (76). Gabriel Soares e Fernão Cardim dizem apenas que habitavam terras próximas da costa até o rio dos Patos, onde começavam os Tapuias (Charruas?) que também não eram comedores de carne humana, costume mais peculiar das tribus do Capricórnio para cima, ou do cabo de Santa Maria para baixo.

Notamos diferença nos trabalhos dos dois cronistas acerca dos mesmos índios. Dão a perceber mudanças de localisação havidas em brevíssimo tempo. O *Tratados* de Cardim, e *Notícia* de Gabriel Soares, foram concluidos no fim do século 16. Entre um e outro medeam pouco anos; no emtanto aparecem no gentio novos nomes e obliteram-se antigos; localisações são alteradas; divisões e subdivisões estão num livro diversamente do outro.

---

(76) "Os Guayanazes são os Guarulhos que chegaram até Campos. Os Ibirajaras são os Cayapós, os Tupiniquins occupavam o Tieté e parte do litoral. Os Carijós, cuja multiplicidade tanto me deu que fazer, são os Indios dos Jesuitas, capturados nas missões. Mas os Xavantes?... Por palpite penso que suas ligações devem ser Guaycurús". Carta de Capistrano de Abreu a Afonso d E. Taunay, Rio 13. 10. 1917. Não escapariam os Carijós, citados por Cardim e Capistrano, da destruição derramada pelos paulistas caçadores de índios. No século 17 estavam dispersados, parecendo que alguns foram ter ao atual Estado de Minas Gerais. Capistrano na carta não dá a época a que se refere. Parte deve ser do século 17, parte anterior, no que diz respeito aos "Guayanazes que chegaram até Campos". Numa outra carta o mesmo autor volta ao assunto:

"Num ponto o Hermelino de Leão absolutamente não tem razão, considera os Carijós como exclusivos habitadores do Paraná!

Felizmente taes não são exclusivamente carijós — são Carijós *arechanes*. Agora vejo o que diz Ruy Diaz de Gusman, no Cap. 2.º do livro 1.º da *Argentina*: "este

Pode ser que Gabriel Soares tenha coligido dados antes do seu contemporâneo. Neste caso teriamos mais tempo para dar às mudanças efetuadas pelas tribus costeiras, ipótese todavia bazeada em suposições. Do que não ha dúvidas é da extraordinária inquietude do gentio no período do descobrimento.

O trabalho de Fernão Cardim completa o de Gabriel Soares. Ambos concordam em dar os Tupiniquins como habitantes da Baía á chegada dos portugueses, porém divergem na enumeração das tribus da costa daí para o sul. Os Tupiguae, por exemplo, são citados por um cronista como tendo sido importantíssimo, "*erão sem numero, vão-se acabando, porque os Portugueses, os vão buscar para se servirem delles...*" (F. C.) sem

---

(Rio Grande) tiene dificuldad en la entrada por la gran corriente con que sale al mar frontero de una isla pequeña que le encubre la boca y entrando es seguro y anchoroso y se estiende como lago a cujas riberas de una y otra parte estan poblados mas de 20.000 indios guaranies, que los de aquella terra llaman *Arechanes*, no porque en los costumbres y linguages se diferencian de los demas de esta nacion, si no porque traen el cabello revuelto y encrespado para arriba".

Merece mais fé o que diz sobre os Tapes?... Antes do mais, parece-me haver semelhança entre os Tapes e os Amoipiras do rio S. Francisco, estes, galho perdido dos Tupinambás. Os Tapes bem poderiam ser galho perdido dos Tupiniquins.

Lehmann Nitsche publicou na Rev. do Museu de la Plata, um estudo sobre o grupo linguistico Alacaluf a que, segundo carta de 20 do passado, parece filiar os Guayanazes. Conhece o trabalho? que me diz delle? Alacaluf, dá-me certa ideia de guaycurú. Com os Guayacurús eu filiaria antes os Xavantes de S. Paulo e Paraná já quasi extinctos". Carta de Capistrano de Abreu a Afonso d'E. Taunay. Rio 1. 5. 1921.

que o outro faça a eles referência. No Espírito Santo havia nas mesmas condições os Tegmiminós... *"mas já são poucos..."* (F. C.). Onde aparecia o europeu desaparecia o índio. Assim acontecera aos *"Tamuya, moradores do Rio de Janeiro, estes destruiram os Portugueses quando povoarão o Rio"* (F. C.) Melhor sorte tinha o Carijó, ainda a salvo da terrível visinhança, *"...além de S. Vicente como oitenta leguas, contrarios dos Tupiniquins de São Vicente, destes ha infinidade e correm pela costa do mar até o Paraguay"* (F. C.).

Das diferenças entre os dois autores, verificamos ainda que os Tupiniquins da Baía também existiam em S. Paulo, fato desconhecido a Gabriel Soares e citado por Fernão Cardim. Igualmente os importantes Tamoios e Temiminós (ou Tegmiminós) estavam por desaparecer no fim do século 16, segundo Cardim, sem que Gabriel Soares a eles faça a menor alusão. Outra diferença está no interesse acerca de índios. Fernão Cardim dedicou-se aos Tapuias, ao passo que Gabriel Soares quasi só trata dos Tupís.

Cardim é sempre imaginoso ao descrever. *"...Carajá: vivem no sertão da parte de S. Vicente; foram do norte correndo para lá, têm outra lingua"*. Mais pitoresca se torna quando se refere a certos Tapuias. *"...é gente pequena, anã, baixos de corpo* (sic), *mas grossos de pernas, e espaduas, e estes chamão os Portugueses Pigmeos, e os Indios lhes chamão Tapig-y-mirim, porque são pequenos"*. Cae no exagero no retrato dos Camuçuyara: *"...estes têm mamas* (as mulheres) *que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-se na cinta, não*

deixão de ser muito guerreiros, comem gente, têm outra lingua".

A lista de Cardim, si bem que um tanto confusa, é o maior subsídio que temos sobre os Tapuias. A indicação *"estes têm outra lingua"*, sinifica indígena alheio ao grupo Tupí, frase constantemente repetida nas páginas do *Tratados* a dar medida do número de selvajens que visinhavam, sem se confundir, no mapa do Brasil quinhentista.

PRINCIPAIS MIGRAÇÕES CONHECIDAS

Antes de tratarmos dos usos e costumes dos índios que existiram no Brasil, precisamos ver o resultado dos movimentos que executaram no século 16, e a sua passajem pelo mapa geral do gentio da costa.

Do nomadismo de Tupís e Tapuias, e das suas lutas, veio a extrema divisão das tribus. Não paravam nem socegavam, nem mesmo entre os do mesmo grupo mantinham armonia. Pareciam ter a psique do Judeu Errante, acrecentando-se-lhes, para mais, a corajem física. Em geral os índios, no início da migração, esgalhavam-se em inúmeras hordas, dividindo-se e subdividindo-se para com maior facilidade se locomoverem e se alimentarem (77). Pelo trajéto deslocavam outros

(77) "Como se deu a migração? Os indios, sem recursos e tambem sem impedimentos, demoravam num lugar apenas o suficiente para fazer as suas plantações e munir-se dos mantimentos necessarios á continuação da jornada aflitiva. Os grupos tinham de viajar sepa-

indígenas, e no fim de alguns anos a agitação de uma tribu punha em movimento todo o gentio do interior, das serras e do litoral.

Quando Pero Vas esteve na Baía, os Tupís não tinham tido tempo para afugentar todos os Tapuias da costa, ou da zona intermediária com o sertão. Os Guaianases de S. Paulo, Guaitacases do Rio de Janeiro e Espírito Santo, Guaimorés do sul da Baía, Carirís do nordeste, e mais tribus Tapuias, continuaram a rezistir aos invasores, que só puderam caminhar avante desviando-se do território pertencente aos adversários.

Segundo Metraux, o indício de que essas migrações eram recentes no começo do século 16, está na semelhança de cultura dos grupos Tupí-Guaraní do litoral. Chamavam os Tamoios de parentes aos Tupinambás, assim como a outras tribus, mas nem por isso deixavam de se guerrear em família. Os índios, como o resto dos homens, mostravam pronunciada inclinação para as lutas fratricidas (78).

As tribus pouco se fixavam no lugar escolhido para as habitações. Quando chegavam ao lugar que lhe parecia próprio e conveniente, inicia-

---

rados sob pena de esgotarem-se todas as provisões e meios de subsistencia". DCVI, Capistrano de Abreu, pref. da edição imitativa de Claude d Abbeville.

(78) E' extraordinária a capacidade e perzistência do ódio demonstrada pelos índios através de cronistas antigos. Um insignificante incidente podia separar grupos da mesma tribu tornando-os inimigos irreconciliáveis. Constantes eram as quizílias com afins visinhos. Muitos mais motivos de inimisade surgiam com os da gente diversa. A possa do solo, o trânsito por determinados pontos, necessidades económicas, fatores religiosos, ou encontro fortuito, acendiam lutas sem fim.

vam logo a terrivel coivara, ainda hoje feita pelos nossos lavradores. Desbastada pelo fogo, a terra recebia as culturas habituais de milho e mandioca para alimentação, e ás veses, de algodão para agasalho. Os homens caçavam e pescavam, as mulheres preparavam alimentos, as crianças se exercitavam no manejo do arco e flecha, á beira da água, que também lhes proporcionava peixe em abundância. Com o tempo, as enxurradas do verão lavavam a superfície desprotegida tornando-a menos fertil, obrigando os índios a ir morar mais longe, em novo sítio adequado a recebel-os por alguns meses *No Tratado Descritivo do Brasil em 1587* temos alguns dados a respeito: *"E não vivem mais nesta aldea que emquanto lhes não apodrece a palma das casas, que lhes dura tres, quatro annos. E como lhes chove muito nellas passam a aldea para outra"*. O jesuita Navarro conta mais um curioso hábito *"...nada menos fazem do que pegarem em um tição e tomarem fogo á propria casa, donde o fogo pega nas outras por serem de palmas"*.

Outras causas, além das económicas, provocavam migrações de anos que iam do oceano Atlântico ao Pacífico. O desenvolvimento de estudos etnográficos evidenciou a importância das crenças religiosas como fator das grandes mudanças. Notícias antigas coincidem com as de viajantes modernos acerca das lendas da *Terra-sem-mal*, que os índios supunham existir longe, no interior do sertão, ou além mar (79) em lugares onde os

---

(79) Pelas descrições de Strabão, Plutarco, Virgílio e outros clássicos, Camilo Julian (Lucien Febvre III 263), notou a quantidade de raças ("ramassis de races") que foram atraidas pelo mar e se acumularam na Breta-

homens não sofriam nem morriam. Alguns acreditavam que somente nessa região escapariam ao próximo dilúvio universal.

Esses homens de mentalidade semelhante á dos europeus da pre-história, imersos em superstições inspiradas por fenómenos meteorológicos, alimentavam crenças como si tivessem conhecido em remota época sucessos do Antigo Testamento.

---

nha. "C'est le voisinage imperieux de l'Océan, qui a attiré vers les caps et les îles, ce monde de trepassés cette aristocratie de défunts qui les couronne de ses tombeaux. Les peuples anciens de l'Europe, Celtes, Germains et les autres ont cru, presque tous et presque toujours, que les morts immortels s'en allaient par delâ de l'Ocean qui finit la Terre, vers d'autres bords dans les îles lointaines et bienheureuses". H. Hubert reparou (III, 262) que no Daomé o número de tribus aumentava nas proximidades do litoral na proporção que mais se afastavam do sertão, contrariamente á lei por longo tempo admitida, de que as antigas povoações são repelidas para o interior pelas recem chegadas. No Dahomey, as populações vencidas recuam do centro para a periferia, seguidas dos vencedores, que tambem tendem a se dirigir para a costa. Os nossos selvícolas quinhentistas desenvolveram marchas bastante parecidas. Raramente formaram blocos regulares em região certa, fechada, inacessivel ás outras tribus. Em 1500 havia Tupiniquins na Baía e em S. Vicente, Pimenteiras no Ceará e no Amasonas, Cariris na Baía e no Ceará, com enormes intervalos entre si, ocupados por índios hostís. A forma a dar ao seu território seria longas tiras, delimitadas por incidentes geográficos, em que o gentio vagava ora no sertão ora no litoral, até que um grupo contrário mais poderoso enxotasse-o da região. A causa do assalto podia vir como dissemos, de inúmeros motivos, económicos, religiosos ou sexuais. Os Chavantes, por exemplo, atualmente quasi destruiram os Tapirapés tomando-lhes as mulheres em expedições armadas.

Numerosos escritores lembram a propósito de costumes índios, coincidências com os dos judeus da bíblia (80).

A partida da indiada para a guerra ou migração vem descrita nos Diálogos. "*Pois este costume é antiquissímo entre este gentio; a pregação feita* (pelo cacique depois da rezolução dos feiticeiros) *não preparam grandes bagagens, porque cada um leva comsigo o que lhe é necessário para alguns dias; e quando lhe falta, o buscam pelos campos, matos e rios, porque delles se sustentam*". (DCXXXIII, 275.).

Personajens misteriosos concorriam igualmente para mover o gentio. Alguns, de orijem europea, arrastaram centenas de selvícolas atrás de si em aventuras extraordinárias. Autores quinhentistas referem-se a Aleixo Garcia, explorador da região platina no primeiro quartel do século. Rui Dias de Gusmán narra que em 1526 (sic) chefiou este aventureiro uma bandeira no interior do continente, por ordem de Martim Afonso de Sousa.

Conhecedor do gentio, conseguira persuadir à mais de 2.000 índios do Paraguai que o acompanhassem ao império dos Incas. Chegados a Misque e Tomina saquearam as povoações, arrebanharam ricos despojos, e na volta, perto de Presto e Tarabuco, foram surpreendidos pelos Charcas, tribu ferós que marchara ao seu encontro. Cedendo á superioridade do inimigo os paraguaios refugiaram-se em florestas, onde morreu Aleixo Garcia, assassinado pelos próprios companheiros cubiçosos do que ele trazia.

---

(80) V. nota 9.

Historiadores portugueses e brasileiros consideram a este espanhol provavel náufrago de Solis, habitante de Cananéa e adjacências, onde viera a conhecer Martim Afonso. Na opinião dessas autoridades, ter-se-ia enganado Rui Dias de Gusmán apenas quanto ás datas, em vista das outras informações concordarem com documentos oficiais espanhois. Houve efetivamente uma invasão Guaraní no Perú, nos últimos anos do imperador Uaina Capac, assim como migrações de paraguaios para o norte, os quais depois de abandonarem o Perú, estabeleceram-se no sul da Bolívia (81).

Continua porém duvidoso que Aleixo Garcia tenha podido avistar-se com Martim Afonso. O completo silêncio do *Diario* de Pero Lopes depõe em contrário.

Mas não foi Aleixo Garcia o único aventureiro europeu nefasto aos índios. Em Pernambuco, um clérigo português, qualificado mágico por Fernão Cardim, trouxe a dizimação da numerosa tribu Viatã (82).

Claude d'Abbeville também narra o grande êxodo havido por volta de 1605, antes da chegada dos franceses ao Maranhão, de oito a dez mil índios de Pernambuco. Seguiam um feiticeiro branco, que *"les faisoit croire, soit par charme, soit par piperie, qu'il n'estoit pas homme nay de pere ne de mere comme les autres"*... No trajéto, ao chegarem á serra de Ibiapaba, encontraram forte resistência por parte dos Tabajaras. Morreu o

---

(81) Nordenskioeld pretende que os seus descendentes são os atuais Guaraiú e Chiriguanos.

(82) V. nota 10.

feiticeiro no cerco de uma aldeia indígena, e a fome e doenças se encarregaram de dispersar os seus comandados. Um documento francês que foi incluido nos arquivos olandeses quando estes se documentaram sobre o norte do Brasil, traz outra versão: *"Il est de notorieté publique que parmi les Portugais il se trouva un pauvre diable qui sub tromper les Indiens. Il se fit porter par quatre hommes, se donnant pour un grand prophéte, disant qu'il etait immortel, qu'il ne mangeait ni ne bouvait et qu'il descendait tout droit de la bouche de Dieu le Père. Tout cela cependant n'empecha pas qu'il fut tué par la flèche d'un Indien nommé Toucar"*. (Annaes da Bib[a]. Nac. Rio, 1907).

* * *

Era corriqueiro europeus combaterem a outros brancos, valendo-se do índio. São muitos os que assim procederam, como o francês de que se queixa o autor da *Copie d'une lettre par les capitaines des Galleres,* ou o Pero Galego inimigo de Estevam Froes.

Pensa Metraux que esses brancos influiam nas migrações de aborígenes com intúito de descobrir ouro. Os índios, dizia Gandavo, *"acreditam em tudo que se lhes conta, por mais inverosimil que seja"*. Devemos admitir que europeus malandros — nunca houve falta deles — se tenham aproveitado da ingenuidade do selvajem, antes que a convivência com o invasor lhe trouxesse desilusões. A lenda das minas do centro do continente dá certo crédito á ipótese. Foi em parte pelas entradas de índios no interior das terras que se difundiu a crença de ouro dos confins da Amasônia.

Magalhães de Gandavo informa como os Tupís levaram a lenda ao Perú, no decorrer de caminhadas em busca de um lugar onde encontrariam imortalidade e repouso eterno. A narrativa dos peregrinos influiu nas expedições espanholas mencionadas pelo cronista Ortiguera, e ambos autores, o português e o espanhol, concordam ao descreverem os sucessos. Pelo que afirmam, ter-se-ia dado por volta de 1540 grande migração de Tupís, que da Baía, ou Pernambuco, foram ter aos Andes. Levaram anos no percurso irregular, sem rumo definido, atacando ou atacados nas povoações encontradas, o que agravava os meandros e a demora da marcha (83).

A chegada de selvícolas brasílicos á provincia de Chachapoias cauzou espanto. Os Tupís foram identificados pelos peruleiros (portugueses moradores no Perú) que os tinham conhecido antes no Brasil, e o espanto do começo transformou-se em viva comoção quando os visitantes descreveram as maravilhas prezenciadas no trajéto. Contavam os Tupís, terem visto nada menos do que o reino dos Omáguas, onde se encontravam quantidades de ouro e pedras preciosas. O resul-

---

(83) Entre os incidentes, que podiam perturbar a caminhada dos índios, ha um fato curioso registado por Martius na sua passagem pela Baía. Depois de descrever como os selvícolas da sua expedição aproveitavam todos os pequenos animais e insétos para se alimentarem, acrecenta", "Assim se utilizavam para seu proveito de tudo que os cercava, e seguiam o caminho com segura presteza.

Posto que, para evitarmos as baixadas pantanosas, fizessemos, uma volta aos outeiros, os nossos guias índios conservavam sempre fielmente a direcção tomada de

tado da narrativa, foi a bandeira de Pedro de Orsúa destinada a reconhecer o fabuloso país.

Conta Gandavo que os Tupís tinham efetivamente conhecido uma região de grandes cidades, compostas de largas ruas, cheias de oficinas, onde se ornamentavam objétos com pedras e metais de valor. Admiravam-se os habitantes de ver nas mãos dos nossos indios armas e utensilios de ferro. Perguntavam pela orijem, e ao saber que vinham de homens brancos e barbudos da costa oriental, informavam haver do lado oposto outros parecidos. Dezejosos das novidades propunham os peruanos trocas das armas e ferramentas por rodelas (escudos de combate), recamadas de ouro e esmeraldas.

Dessas povoações subiram os Tupís vários rios e chegaram á província de Quito, segundo Nordenskioeld, repetindo-se por toda a parte as cenas de espanto ante as rodelas comprobatórias das afirmações dos forasteiros. Os espanhois compraram-n'as por elevado preço, e do entusiasmo

---

S. S. E. Orientam-se com segurança, através da immensa floresta.

Depois de termos descançado... surgiram entre elles varias duvidas sobre o caminho mais curto, procurando então raciocinar em vez de seguirem somente pelo instincto, até aquelle momento dominante.

Perderam a calma e a segurança.

Depois de nos terem guiado por algum tempo, quebrando para não errarem a volta as pontas dos galhos por onde passavamos, paravam e cahiam em meditação melancolica, da qual só podiamos despertal-os pela afirmação de que a sua orientação estava de accordo com a nossa bussola". Martius, DCCXIII, 121.

que os possuiu naceram as fantásticas lendas das riquesas da Amasônia.

Gandavo mostra-se tão impressionavel quando os espanhois, afirmando que a existência de ouro em grande quantidade no sertão era fato averiguado. Estavam unânimes os indígenas em designar no interior das terras, uma grande lagoa onde nacia o rio S. Francisco, cheia de ilhas auríferas, fartas como as jasidas encontradas pelos espanhois nas visinhanças do Prata. O minério dessa região examinado no Perú rendera 570 crusados de ouro puro por quintal!

Tinha em parte rasão Gandavo, quando antevia riquesas pelo cascalho das serras, ou areia dos rios do Brasil; enganava-se apenas onde se encontravam.

* * *

Ao êxodo de tribus inspirado por crendices, deve-se ajuntar a pressão exercida pelo bandeirante português. Cronistas eclesiásticos, embora sem dar grande importância ao fato, aludem frequentemente á retirada do gentio ante o branco invasor e escravisador. A referência de Cardim ás lutas de certas tribus, que se tinham aliado aos europeus contra *"seus próprios parentes, e outras diversas nações barbaras"*, diz mais que pormenorizadas explicações. Tão intenso fôra o extermínio provindo dessa cooperação que o selvícola do litoral norte, outrora numeroso, desaparecia no tempo do jesuita; *"...e erão tantos os desta casta que parecia impossivel poderem-se extinguir, porém os Portugueses lhes têm dado tal pressa que quasi to-*

dos são mortos e lhes têm dado tal mêdo, que despovoão a costa e fogem pelo sertão a dentro até tresentas a quatrocentas leguas"... Grande parte dos efetivos das bandeiras destruidoras era composta de índios e mamelucos.

Das primeiras espoliações praticadas depois de 1530, temos das mais caraterísticas na dos vicentinos de Martim Afonso de Sousa. Geitosamente, auxiliados pelos náufragos que os tinham precedidos, os povoadores do capitão mor foram se infiltrando no continente. Porém no decorrer de anos, iam talar o gentio da praia de S. Vicente ao Paraguai e Perú. Nada lhes rezistia. Até pendores naturaes lhe facilitavam a tarefa. Os filhos de portugueses nacidos na terra falavam na perfeição a língua dos índios, ."...*principalmente na Capitania de S. Vicente*", dizia o padre Cardim.

O estabelecimento de lusos em Pernambuco, em meados do século 16, também contribuiu poderosamente para a dispersão do gentio. Houve no seu proceder duas fases, como em S. Vicente. A primeira pacífica, emquanto os invasores ainda não se sentiam seguros; a outra violenta, quando os brancos fortificados requizitavam o braço indígena. O velho cacique conhecido de Claude d'Abbeville, rezume a evolução da conquista: "*Au commencement les Pero* (portugueses) *ne faisoient que trafiquer avec eux sans se vouloir autrement habiter. Et en ce temps lá, ils couchoient librement avec leurs filles, ce que nos femmes de Fernambourg et Potyiou* (Paraiba) *tenoint a grand honneur*". Começavam os europeus invariavelmente propondo negócios vantajosos, como verificara o

cacique, mas aos poucos exigiam que os índios trabalhassem para eles na construção de edificações (*"bastir des villes"*), no amanho dos campos, e fortificações, que lhes permitissem dominar as redondesas. O velho acrecentava: *"depois dos escravos resgatados na guerra quizeram ter os filhos"*, numa fome de braços que absorveria a todo o gentio si este não reagisse — e a principal reação concistiu na fuga.

Gabriel Soares de Sousa explica-nos igualmente como Duarte Coelho de Abuquerque, passou da defensiva á ofensiva, começando a hostilizal-o. Agiu com tanto êxito, *"que o fez despejar da costa toda como esta o é hoje em dia, a afastar mais de cincoenta leguas pelo sertão"*. O mesmo repetiu Mem de Sá na Baía, na informação de Gabriel Soares, quando compelia a indiada brava para cincoenta léguas no interior (o cronista sentia como todos nós predileção por certos números). No sul, no Rio de Janeiro, portugueses de vários pontos da costa, uniram-se sob o comando de Salema para eliminar o selvícola. Idênticos fatos se repetiram, não somente no Brasil, mas em toda a América onde o branco pretendia estabelecer-se.

Em meados do século 16 generalizaram-se as hostilidades entre invasores e nativos. Durante algum tempo ainda houve um certo dezejo de entendimento. As uniões de desbravadores com índias predispunha á conservação da paz. Mas interesses vários intervinham e as pendências começavam. Tiranizava o europeu, dominador por índole; vingavam-se os índios rancorosos; revidavam os povoadores; e por fim, a superioridade das armas e organisação dos brancos, e principalmen-

te. o consideravel auxílio do mameluco, dominavam o gentio, de outra cultura, menos sucetivel de unir-se ante o perigo comum.

Esse aspéto do aborigene, as suas contínuas divergências trazia outro motivo de desagregação. A luta de tribus acarretava mais danos ao indígena que todos os seus inimigos juntos. Fernão Cardim dá os Quirigmã como antigos senhores do norte da Baía "*e por isto se chama a Baía Quigrigmurê* (ou Cuirimure na edição de Purchas). *Os Tupinambás os botarão das suas terras e ficarão senhores dellas, e os Tapuyas foram para o sul*". Igualmente os Aenaguig "*foram moradores das terras dos Tupiniquins*" e como os precedentes, delas foram expulsos pelos índios intrusos. Na época do descobrimento, os Tupiniquins ainda estavam de posse do litoral da Baía. Gabriel Soares informa que vieram a sofrer em Ilheus tantos ataques do Guaimurés, ou Aimorés, que "*se foram viver ao certão; dos quaes Tupiniquins não ha já nesta Capitania senão duas aldeas*" (84). O mesmo sustenta Cardim: "*Dos Ilheos, Porto Seguro até Espirito Santo habitava outra nação, que chamavão Tupinaquim; estes procederão dos de Pernambuco e se espalharão por uma corda do sertão... mas já são poucos..* " Assim como eles os Papanazes de Gabriel Soares, também tiveram de abandonar a costa pelo interior sob a pressão do adversário. Muitos eram da mesma orijem, como Tupinambás e Tupiniquins, ambos pertencentes ao mesmo grupo.

---

(84) Os Tupinambás e portugueses contribuiram para expulsar os Tupiniquins, segundo Gabriel Soares.

As migrações provocadas por lutas efetuavam-se em pouco tempo. Quando Gabriel Soares terminou a sua crónica descritiva em 1578, dominavam Tapuias no rio Paraiba ao Amasonas. Anos depois, surgiram na região os Tupinambás acossados por outros índios, e levando tudo de vencida apoderaram-se, segundo Lopes de Moura, do litoral até o Maranhão. Vieram encontral-os aí os companheiros de la Ravardière, conservando ainda viva lembrança do lugar onde tinham habitado primitivamente. Recordavam-se, perdidos nas catingas do nordeste, das remançosas terras que outr'ora lhes tinham pertencido, "*Jadis la demeure de tout les Toupinambous estoït au pays de Cayeté, vers le Tropique du Capricorne, pays trés beau, plein de bois et de forests, d'oú les Portugais les avoient faict sortir pour ne pas se vouloir assugetir aux lois qu'ils leur vouloient donner*" (85).

Atacadas pelos brancos e outros índios, procuravam as tribus interpôr entre elas e os perseguidores, rios, montanhas, distâncias e desertos. Muitas veses o caminho que trilhavam em busca de abrigo era tambem adotado pelos brancos quando se embrenhavam no sertão. Uma das vias naturaes que se ofereciam ás bandeiras, eram os campos e rios que levavam ao *hinterland*. O Tietê, Paraná, S. Francisco, Tocantins, os afluentes do Amasonas, e muitos outros, serviam para os bandeirantes alcançarem onde havia índios que

(85) Claude d'Abbeville DCXIX. He. de la Mission.

prear, ou metais e pedras preciosas para recolher (86).

Raro o grande curso como o Xingú, que se mostrava falto de navegabilidade na maior parte da sua extensão. Entretanto, nem sempre as corredeiras eram obstáculos, porque muitos trajétos se faziam pelas marjens, e, no nordeste, pelo próprio alveo dos rios durante as secas. Também estes serviam de bússola, pelo princípio de que quasi todos os regatos vão ter ao mar, meio de orientação preferido pelos bandeirantes nas primeiras empresas exploradoras.

* * *

Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux enumeram nas suas crónicas tres levas de Tupís que apareceram no Maranhão, antes e durante a ocupação dos franceses.

A primeira foi a dos Tupinambás saudosos das terras de Caeté (87).

A segunda parecia pertencer a uma facção rival, separada por questões comuns a índios, e que tinham degenerado em guerra. Chamavam-se

---

(86) Não eram só os brancos que escravizavam índios. Ainda hoje são inúmeras as tribus que se aproveitam do trabalho de escravos aprizionados em guerra. Yves d'Evreux, DCXCI 50-52-56, e outros autores descrevem-n'a, seria porém demasiado longo para este capítulo tratar do interessantíssimo assunto.

(87) Caité ou "Mato Verdadeiro" ap. Rodolfo Garcia, é denominação commum a várias espécies de índios, como também acontecia por ex. com os "Canoeiros", "Coroados", e no fim do séc. 16 os Tabajaras ou inimigos.

mutuamente de "Tobajaras", ou inimigos, tendo sido dizimada a mais poderosa quando tentara atravessar a serra de Ibiapaba. Compunha-se de mais de 12.000 índios (?), na avaliação de certos autores, chefiados por um tal Mateo, mágico português, morto em combate como vimos.

A terceira migração era comandada por um feiticeiro, desta ves índio. Persuadira aos companheiros reencarnar um velho antepassado da tribu, morto havia muito. Parece que se tratava de Potiguaras, conhecidos dos franceses por "Canibaliers". Encontrou-os no século 17 la Ravardière perto da ilha de S. Ana á procura da *Terra-sem-mal,* muito desfalcados desde a partida, anos antes de Pernambuco, pelas lutas com as tribus adversas e acidentes ao atravessarem rios.

Esta sucinta enumeração das principais migrações havidas depois do descobrimento, pode dar apenas uma pequena idea, da dispersão do aborígene pela orla litorânea no inicio da colonisação.

MAPA GERAL DO GENTIO DA COSTA

Reunindo as informações que existem sobre o gentio do Brasil no século 16, temos lista de tribus bastante desenvolvida no litoral da Baía a S. Vicente, onde as relações de portugueses e íncolas eram comuns, o que não sucedia na costa equinocial e respetivo sertão. Ainda em 1520 (ou 25) passava Jean Parmentier por esse trecho sem notar vestígios de ocupação européa. Ventos e correntes não se prestavam auxiliar a navegantes no litoral compreendido entre o cabo S. Agostinho e

o Amasonas. Era mais facil, para as embarcações de vela, irem diretamente do reino ao Pará, do que da Baía ao rio mar, embora houvesse menos distância. Também no sul, a agitação do golfo S. Catarina, e a ingrata topografia da costa até o Prata, tornavam arriscada a navegação de cabotagem, e incômodo o desembarque.

Mas si estas dificuldades preservaram os índios daqueles trechos do corrosivo contato do branco, privou-nos ao mesmo tempo de informações. Poucos pormenores temos da região, antes de Coelho de Sousa, Luis Figueira ou Syens, Cluyt e Cop em princípios de seculo 17, limitados ás notícias que Fernão Cardim ou Gabriel Soares, obtiveram de alguns missionários e homens de armas conhecedores daquelas parajens (88).

OS ÍNDIOS VISTOS PELOS ANTIGOS VIAJANTES

A primeira informação sobre o Brasil que encontramos em textos antigos é também a mais interessante de todas. Em 1.º de maio de 1500 escrevia Pedro Vas a D. Manoel o *Venturoso* a famosa carta datada *"Deste Porto Seguro, da Vossa ilha da Vera Crus"*. Dos Tupiniquins deixou o seguinte retrato em estilo bíblico: *"Pardos, nús, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham to-*

(88) O mapa junto reune as principais indicações

dos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez signal que pousassem os arcos. E elles os depuzeram. Mas não póde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhes arremessou um sombreiro de penas d'ave, compridas, com uma copasinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miudas, que querem parecer de aljofar, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Altesa".

"...E tomou dous daqueles homens da terra que estavam numa almadia mancebos e de bons corpos. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas".

"...A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nús, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beiço de baixo furado, e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e aparte que lhes fica entre o beiço e o dentes é feita de modo de roque-de-xadrês. E trazem-no alí encaixado de sorte que não os magóa, nem lhes põe estorvos no falar, nem no comer e beber".

"Os cabelos deles são corredios. E andam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pen-

te, de boa grandesa, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da covinha, de fonte a fonte, na parte de tras, uma espécie de cabeleira, de pena de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como cera (mas não era cera), de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia mingua mais lavagem para levantar".

"...E andavam lá outros, quartejados, de côres, a saber metade deles da sua própria côr, e metade de tintura preta, um tanto assulada; e outros quartejados d'escaques".

"Ali andavam entre eles tres ou quatro moças, bem novinhas e gentís, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas tam altas e tam cerradinhas e tam limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos não se envergonhavam".

"...aquele que o da primeira agasalhara... era já de idade, e andava por galantaria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros de verde. E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tam bem feita e tam redonda, a sua vergonha (que ela não tinha!) tam graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado mas todos assim como nós".

"...Este que os assim andavam afastando trazia seu arco e setas. Estava tinto de tintura vermelha pelos peitos e costas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estomago eram de sua própria cor... E a tintura era tam vermelha que á agua lha não comia nem desfazia. Antes, quando saía da água era mais vermelho".

"...Alí verieis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua côr natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e tambem os colos dos pés; e suas vergonhas tam núas, e com tanta inocência descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma".

...Tambem andava lá outra mulhér, nova, com um menino ou uma menina, atada com um pano (não sei de que) aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum".

"...Trazia este velho o beiço tam furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar. E trazia metida no buraco uma pedra verde, de nenhum valor, que fechava por fora aquele buraco. E o Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do Capitão para lha meter..."

"...Neste dia vimos mais de perto e mais á nossa vontade, por andarmos quasi todos misturados; uns andavam quartejados daquelas tintu-

ras, outros de metades, outros de tanta feição como em pano de Ras, e todo com os beiços furados, muitos com os ossos neles, e bastantes sem ossos Alguns traziam uns ouriços verdes, d'arvores, que na côr queriam parecer de castanheiros, embora fossem muito mais pequenos que, esmagando-os entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quando mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam".

"Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas".

Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dous dedos".

"...Resgataram por lá cascavéis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dous verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas côres, especie de tecido assás belo, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá, porque o Capitão vol-as ha de mandar segundo ele disse".

Não houve na época descrição mais arguta, curiosa, e pitoresca, que a do escrivão da frota. Observou tudo, a terra, os gestos e o aspéto dos nativos. Tem côres flamengas, o quadro da turba multa indigena, "*quartejados daquelas tinturas, outros de metades, outros de tanta feição como em pano de Ras*". No entusiasmo com que apreciava as raparigas da terra, desponta o sensualismo português pouco sensivel á côr e raça. Havia influência mourisca nos que se embeveciam com as índias "*tão graciosas*" que podiam inspirar inveja ás portuguesas !

Na Europa, a espionajem dos venesianos logo comunicava, em 27 de julho de 1501, notícias da expedição de Pedro Alvares Cabral. Anunciavam os agentes da Sereníssima que os portugueses tinham descoberto "*uma terra nova, que chamam dos Papagaios, por serem os papagaios longos de um braço e mais, de varias côres, dos quais viram dois* (os espiões em Portugal). *Indicam que a terra e firme, porque correm* (os portugueses) *pela costas duas milhas e mais, sem nunca ver fim. E' habitada por homens nús e formosos*".

Pouco depois seguia relação mais circumstanciada, obtida de um tripulante da frota, conhecida dos bibliógrafos como "*Narrativas do piloto anónimo*", divulgada mais tarde na coleção de viajens de Fracanzio de Montalboddo. Assemelha-se á carta de Pedro Vas sem comtudo a graça, nem os pormenores: "...*são baços e andão nus sem vergonha, têm os seus cabelos grandes, e a barba pelada; as pálpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beiço de baixo furado, e metem-lhe um osso grande como um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde, e assobiam pelos ditos buracos; as mulheres andam igualmente núas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabelos compridos*".

Vespúcio, na carta em que descreve a sua terceira viajem (1501), mostra o índio tão somente, sob aspéto de vorás comedor de carne humana. Era, de todos os narradores, o que mais se aproximava da realidade. Derrama-se em líricos arroubos no tocante á naturesa brasílica, mas instruido pelo espetáculo que prezenciou da antropofogia

dos habitantes, não mantém ilusões sobre o novo paraiso: "*Estando em terra, avistámos no cume de um monte gente que nos contemplou sem ousar descer. Estava nua e era da mesma côr e porte que a outra passada. Esforçamo-nos por que viesse a fala comnosco, sem conseguirmos inspirar-lhe confiança.*

No sétimo dia fomos a terra e achámos que tinham trazido as mulheres, e logo que desembarcámos mandaram muitas ao nosso encontro. Então como viamos que não conseguiamos inspirar-lhes confiança, resolvemos mandar-lhes um dos nossos, que foi um mancebo, e para os tranquilisar entrámos nos bateis. O mancebo dirigiu-se ás mulheres, que logo o rodearam mal chegado junto delas, apalpando-o e contemplando-o com espanto. Estando elas nisto, vimos descer do monte até a praia uma mulher que trazia na mão um grande pau, e chegando aonde estava o nosso cristão acercou-se-lhe pelas costas e, levantando o pau, lhe deu tamanha pancada que o estendeu morto por terra. Imediatamente as outras mulheres o arrastaram pelos pés para o monte, ao mesmo tempo que os homens se precipitaram para a praia armados de arcos, crivando-nos de setas, pondo em tal confusão a nossa gente que estava nos batéis varados na areia, que ninguem acertava lançar mão das armas...

Continuando a navegar, um dia avistámos muitos homens na praia, que contemplavam o prodígio das nossas náus e a maneira como navegamos. ...Verificámos que esta gente (8.º abaixo da linha equinocial, segundo Vespúcio) *era de me-*

lhor condição que a passada... Fizemo-lo nossa amiga e pudemos tratar com ela" (89).

Tinha planejado Vespúcio escrever longamente o que vira dessas expedições, num trabalho sob título *Quatro Jornadas*. Refere-se ao intento na carta ao gonfaloneiro de Florença, Soderini: "*...pacificámos a gente do país, da qual não faço menção nesta viajem, não porque não a vissemos e praticassemos com infinita, pois fui pela terra dentro acompanhado de trinta homens algumas quarenta léguas, onde vi tantas cousas que renuncio a contal-as reservando- as para as minhas "Quatro Jornadas"*.

Infelismente a intenção nunca passou de projéto, e não podemos saber como eram os selvajens que Vespúcio praticara *"com infinita"*. Na carta a Soderini, o navegador se referia a índios do sítio em que á sua vista tinha sido devorado um rapás da frota. Os outros, mansos, pertenciam a uma região que se supõe o Cabo Frio, mais ao sul dos de ânimo traiçoeiro.

Paulmier de Gonneville, na *Relação Autêntica* da sua viajem do Brasil em 1503, deixou vários trechos de grande interesse. Fez tres escalas na costa, duas ao norte do Capricórnio, outra ao sul. Dos índios da última, assegura que eram "*...gens simples, ne demandant qu'a mener joyeuse vie sans grand travail; vivant de chasse et pesche, et de ce que leur terre donne de soy et d'aucunes légumages et racines qu'ils plantent; allant my-nuds, les jeunes et communs spéciallement,*

---

(89) Extraido da trad. de Malheiro Dias, H.ª da Col.º Port.ª do Brasil, CLXVIII, II.

portant manteaux, qui de nattes déliées qui de peau qui de plumasseries, comme sont en ces pays ceux des Egiptiens et Boemes qu'ils sont plus courts, avec manière de tabliers ceints par sus les hanches, allans jusques aux genoux aux hommes et aux femelles á my-jambe; car hommes et femmes sont accoutrés de méme manière, fors que l'habillement de la femme est plus long.

Et portant les femelles colliers et brasselets d'os et coquilles; non l'homme, qui porte au lieu arc et flesche ayant pour vireton un os proprement asseré et un espieu de bois trés dur brulé et asseré par en hault; qui est toute leur armure.

Et vont les femmes et filles teste nue, ayant leurs cheveux gentiment teurchez de petits cordons d'herbes teintes de couleurs vives et luisantes. Pour les hommes, portant longs cheveux ballants, avec un tour de plumasses hautes, vive-teintes et bien atournées.

...Et sont les habitations des Indiens par hameaux de trente, quarante, cinquante, quatrevingts cabanes, faites en manières de halles de pieus fichez joignant l'un l'autre, entrejoints d'herbes et feiulles, dont aussy lesdits habitans sont couverts; et y a pour cheminée un trou pour faire aller la fumée. Les portes sont de bastons proprement liez; et les ferment avec clefs de bois, quasiment comme on fait en Normandie, aux champs, les estables.

E leurs lits sont de nattes douces pleines de feiulles ou plumes leurs couverts de nattes, peaux, ou plumasseries; et leurs ustencilles de ménage, de bois, même leurs pots à bouillir, mais induis d'une manière d'argille bien un doigt d'espais, ce qui empesche que le feu ne les brulast,

Item disent avoir remerché ledit pays estre divisé par petits cantons, dont chacun a son Roy; et quoy ledits Roys ne soient guières mieux logez et acoustrez que les autres...

...ledits Roys portant les plumasses de leur teste d'un seule couleur; et volontiers leurs vassaux, du moins les principaux, portant à leur tour de plumasses quelques brins de plumes de la couleurs de leur seigneur, qui estoit le verd pour celle dudit Arosca leur hoste".

Os selvajens ás vezes admiravam e reverenciavam os brancos. Demonstravam desejo de aprender a lidar com a artilharia das naus para empregal-a contra os índios inimigos. Todavia Gonneville não reparou que fossem antropófagos, indício de que pertenciam á região compreendida entre Cananéa e as lagoas do sul, onde a antropofagia era pouco praticada.

Despediram-se os franceses partindo para o norte, sem ensinar aos índios como se faziam os objétos que tinham visto nas mãos dos hóspedes, "*qui estoit autant leur promettre que qui promettroit à un Chrestien or, argent et pierreries, ou luy aprendre la pierre philosophale*".

Na segunda escala "*passez le Tropique Capricorne*" encontrou Paulmier de Gonneville gentio completamente diverso do precedente. "*Item disent que là ils trouvèrent des Indiens rustres, nuds comme venants du ventre de la mère, hommes et femmes; bien peu en ayant couvrant leur nature; se peinturant le corps, signamment de noir; levres trouées, les trous garnys, de pierres vertes proprement polies et agencées; incisés en maints endroits de la peau, par balafres, pour paroistre plus beaux fils; ébarbez my-tondus. Au reste,*

cruels mangeurs d'hommes; grands chasseurs, peschcurs et nageurs; dorment pendus en lits faits comme un rets, s'arment de grands arcs et massues de bois, et n'ont entre eux ne Roy ny maistres...

O primeiro contato com os canibais foi trágico. Traiçoeiramente atacaram os marujos que tinham decido á praia, mataram-n'os e comeram-n'os. Desgostosos com o acidente, escalaram os franceses, *cent lieus plus loin... ou ils trouvèrent des Indiens pareils en façons mais de ceux-cy ne receurent aucun tort; et quand ils eussent machiné, ils n'en fussent venus à chief, parceque le cas advenu faisoit qu'on ne s'y fioit*".

A Nova Gaseta da Terra do Brasil datada de 1515 descreve as aventuras de um navio que fôra ao Novo Mundo armado por um certo D. Nuno e Cristovam de Haro. A impressão que os viajantes trouxeram do selvícola era favoravel, pelo que narrou o piloto ao reporter. No gênero é o mais antigo interview sobre índios. "*E dizem que quanto mais para o cabo tanto melhor a gente, de bom trato, de índole honrada. Não ha neles nem um vício, a não ser que um povoado guerreie o outro. Não se comem porém uns aos outros, não fazendo prisioneiros. Dizem que o povo é de muito boa e livre condição, não havendo naquela costa leis nem rei, a não ser que ouvem os velhos entre eles e lhes obedecem, como na terra do Brasil inferior. Tambem é todo o mesmo povo; só tem outra lingua*".

A descrição quadra com a de outros viajantes que conheceram o gentio do litoral entre o Capricórnio e o Cabo de Santa Maria. Os naturais do lugar aproveitavam a indumentária de peles cruas

dos animais mencionados na *Gaseta;* "*...são cosidas juntas, como em nossa terra se fazem os cobertores de peles de lobos*". Porém o trecho mais interessante versa a crença dos índios em um paraiso além mar, causa das longas migrações do aborígene: "*Assim tendes as novas notícias. Sob a coberta do navio está carregada de pau brasil, e na coberta cheio de escravos, rapariguinhas e rapasinhos. Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra da promissão*".

Depois da *Gaseta* a viajem mais antiga, com pormenores de índios do Brasil, é a encetada em redor do mundo por Fernão de Magalhães. Na relação do cronista Pigafetta, temos alguns passos bem semelhantes ás cartas de Vespúcio (90). "*Os Brasilienses não são cristãos, nem tampouco idólatras, porquanto nada adoram; o instinto natural é sua única lei. São longevos, pois frequentemente alcançam cento e vinte anos, e muitas veses até cento e quarenta. Andam nús, tanto as mulheres como os homens. Suas habitações compõe-se de longas cabanas que chamam boi, e dormem em redes de algodão chamadas hamacs, atadas pelas pontas a fortes moirões. As lareiras estão no solo. Um desses bois contém ás veses cem homens, com suas mulheres e filhinhos; são por conseguinte sempre rumorosos. Suas barcas, que eles chamam canoas, são feitas de um tronco de árvore cavado a poder de pedras afiadas; porque as pedras substituem o ferro, que não possuem. Tão grandes*

---

(90) V. nota 11.

são essas arvores que numa só canoa cabem até trinta, e mesmo quarenta homens, que vogam com remos semelhantes ás pás dos nossos padeiros. Ao vel-os tão negros, sujos e calvos, sentimos impressão de estar deante de embarcadiços do Styx.

Os homens e mulheres são bem conformados, de aparência semelhante á nossa. Ás veses comem carne humana; mas somente o dos seus inimigos. Não o fazem nem por necessidade, nem por predileção, mas pelo costume que neles se espalhou da seguinte maneira. Uma velha que só tinha um filho, vi-o morto por inimigos. Tempos depois, o matador foi aprisionado, e trazido a sua presença, sedenta de vingança a índia atirou-se sobre ele como um animal ferós, e rasgou-lhe uma espádua com os dentes. Este homem teve a sorte, não somente de se salvar das mãos da velha e fugir; como ainda de tornar aos seus aos quais mostrou a marca dos dentes deixada nos ombros e contou (talvês ele mesmo assim pensasse) *que os inimigos tinham tentado devoral-o vivo. Para não desmerecer em ferocidade, resolveram os da sua tribu comer realmente aos inimigos aprisionados em combate, e estes fizeram o mesmo. Entretanto eles não os comiam logo, nem vivos; porém espedaçam-n'os, e repartem as postas pelos vencedores. Cada qual leva para casa o que lhe coube, defuma-o e em cada oito dias assa um pequeno pedaço para comer. Soube deste fato por João Carvalho, nosso piloto, que passara quatro anos no Brasil.*

Os Brasilienses pintam o corpo, e principalmente o rosto de estranho modo e diversas maneiras, tanto as mulheres como os homens. Têm os

cabelos curtos e lanosos, sem pelo sobre parte alguma do corpo, porque se depilam. Usam uma espécie de túnica de penas de papagaio sobrepostas de modo que as maiores, as das asas e da cauda, formam cinta e que lhes dá aspéto estranho e risivel. Quasi todos os homens mostram no lábio inferior tres orifícios onde colocam pequenos cilindros de pedra com duas polegadas de comprimento. As mulheres e as crianças não têm este incômodo ornato. Acrescente-se que estão completamente nús pela frente. Sua côr é mais azeitonada que negra. Seu rei tem nome de Cacique.

Existe neste país grande número de papagaios; tantos que nos davam oito ou dez por um espelhinho. Possuem tambem bonitos gatos selvagens amarelos, semelhantes a pequenos leões.

Alimentam-se de uma espécie de pão redondo e branco, que não nos agradou, feito com a medula, ou melhor, com a parte mole de uma certa árvore, que sabe um pouco á leite coalhado. Possuem igualmente porquinhos que nos pareceram ter o umbigo nas costas; e grandes passáros cujo bico se assemelha a uma colher, desprovidos porém de língua.

Muitas veses para obterem um machado ou facão, eles nos ofereciam como escravos uma, e até duas raparigas, mas nunca suas mulheres; ademais, elas recusar-se-iam, pois a despeito da libertinagem das moças solteiras, é tal o seu pudor depois de casadas que não consentem siquer serem beijadas pelos maridos durante o dia. Incumbidas dos trabalhos mais pesados, são frequentemente vistas a decer do morro com pesados cestos sobre a cabeça; mas nunca estão sós, porque os mari-

dos — extremamente ciosos — acompanham-n'as sempre, com flechas em uma das mãos e o arco na outra. Este é de madeira do Brasil, ou de palmeira negra. Quando as mulheres têm filhos colocam-n'os numa rêde de algodão suspensa a seu pescoço. Poderia ainda dizer muitas mais coisas dos seus costumes; mas deixarei sob silêncio para não ser muito prolixo.

Estes povos são extremamente crédulos e bons; e seria facil leval-os a se tornarem cristãos. O acaso fez com que tivessem por nós veneração e respeito. Reinava desde dois meses grande seca na região, e como coincidisse a chuva com a nossa chegada, não duvidaram em nos atribuir o auspicioso acontecimento".

Referia-se Pigafetta ao que vira na baía do Rio de Janeiro, acima do lugar mencionado pela *Nova Gaseta.* O piloto Jean Parmentier acrecenta pormenores sobre o resto do gentio da costa então conhecida dos europeus: *Entre o rio do Maranhão e o cabo de S. Agostinho encontram-se povos dos quais alguns são pacificos e sociáveis, e outros conservam hábitos belicosos; vêm-se choças e tabas* (des maisons et des chateaux) *recobertas de cascas de árvores. Os homens assim como as mulheres andam nús; têm por armas arcos e flechas com pontas de ossos ou madeira duríssima. Os nobres e pessoas de categoria mais elevada ostentam buracos no rosto em que colocam pedras brancas e azues curiosamente esculpidas.*

Os colares com que se enfeitam são como rosários de escamas de peixe, amarrados nas costas trazem enormes penachos. Quando tomam parte em banquetes em que deve ser comido um

adversário pintam-se de várias cores para mais se aformosearem (pour ajouter à leur gentillesse), *outros cobrem-se de penas da cabeça aos pés, o que não deixa de ser curioso de se ver.*

Mostra-se a população mais afavel aos franceses do que aos portugueses. Suas casas e roças são rodeadas de cercas (palissades); *ambos sexos andam nús sem constrangimento. Estão armados como os seus visinhos, ignoram o dinheiro, e não sabem contar além do número dos seus dedos, inclusive os dos pés".*

Na éra dos descobrimentos havia grande mistura nas tripulações. Encontravam-se portugueses a bordo de navios franceses, alemães a bordo dos portugueses, ingleses e italianos a serviço dos espanhois, quando acaso não estavam todos reunidos na mesma caravela. Um desses mercenários, o piloto Jean Alfonse, o Jean Fonteneau natural de Saintonge, conhecido de Rabelais que estivera no Brasil em embarcações do cristão novo Duarte da Paz, escreveu notícia sobre os domínios do rei de Portugal. Lescarbot julgava-a fantasiosa pelos muitos erros que a deturpavam, pois só a conhecia através dos extratos do poeta Mellin de Saint Gelays. Daí a possivel injustiça na afirmação de que "*si les voiages de Jean Alfonse avoient peu estre adventereux pour quelqu'un, ce n'avoit certes pas esté pour le marin*". O piloto descreve o Brasil pela parte que viu, ou seja a mínima, exagerando a que não conhecia, consoante o costume do tempo. Dava por limites á colónia portuguesa, o rio Maranhão e o polo Antártico "*...Il est habité le Brésil par trois nations, les Topinambaulx, les Anassoux et les Tabejares, lesquels sont au-dedans*

de la terre, et ont continuellement guerre avec les aultres; et quand un de ces sauvages a été fait prisonnier, celui qui le tient est obligé de luy donner six mois d'espace pour le graisser avant qu'il le tue, et lui bailler tout ce qu'il demande, et sa propre fille pour coucher avec luy. Et si elle engroisse et elle ayt enfant masle, il será mangé après qu'il sera grand et gras, car ils disent qu'il tient du père, si c'est une femelle ils disent qu'elle tient de la mère qui doibt pas estre mangée".

A descrição está acorde com o que sabemos dos Tupinambás e visinhos. Não ha motivo para supor com Lescarbot que seja inverídica ou fantasiosa. Continuando, informa o piloto existir a poligamia (outro pormenor certo) e a fidelidade das mulheres aos maridos... *"Et sont des bonnes gens à nous chrestiens, et est bienheureux celuy qui en peut avoir un pour nourrir".* A parte relativa ao Amasonas é pormenorisada, e, como lembra Gaffarel, não deixa de impressionar como tão pouco tempo depois da descoberta, um estrangeiro na situação de João Afonso conhecia as lendas do lago Parima, situado numa riquíssima região pertencente ao monarca revestido de ouro!

Um seu contemporâneo, tambem grande piloto, e cosmógrafo para mais, Guillaume le Testu, traçou portolano dedicado ao almirante Coligny, acrecido de notas colhidas muito antes nas longínquas paragens onde estivera. Dos índios do Brasil conta: *"Tous les habitants de ceste terre sont Sauvaiges n'ayant cognoissance de Dieu. Ceulx qui abitent à l'amont de l'équinoctial sont malings et mauvais mangeans de chair humaine. Ceux qui sont plus eslongués de l'équinoctial estant plus*

aval sont traictables. Tous les dicts sauvaiges tant de l'amont que de l'aval sont nutz ayant leurs loges et maisons couvertes d'ecorches de bois et de feuilles. Ils menent ordinairement guerre les uns contre les autres, c'est assavoir ceulx des montagnes contre ceulx du bord de la mer".

As relações de viajantes como Schmidel, Thevet, Staden, Lery, La Popellinière, Leblanc, Knivet, Mocquet e outros, não nos interessam por emquanto, e estão fartamente divulgadas. Preferimos a extensa, mas interessantíssima descrição de Michel de Montaigne, brilhante coletânea dos conhecimentos da época acerca dos Tupís.

Gabava-se o famoso humanista de ter recolhido preciosas informações de um seu criado que estivera 10 ou 12 anos na Guanabara. Das narrativas deste homem, antigo companheiro de Villegagnon, coligira Montaigne dados para futuras digressões filosóficas. A verdade porém é um pouco diferente. O capítulo dos "Canibais" dos *Ensaios*, muito se parece com o livro de Jean de Lery. Um autor moderno (91), demonstrou no cotejo das duas obras, semelhanças tão flagrantes, que o trabalho de Montaigne adquire visos de apropriação indébita. Mas a despeito dessa liberdade, tão comum entre literatos, interessam-nos sempre comentários saidos da pena de um espírito eminente.

A respeito dos Tupís do Rio de Janeiro diz Montaigne: "*Ils sont assis au long de la mer, et*

---

(91) Gilbert Chinard. DCXV.

fermez du costé de la terre de grandes et haultes montaignes ayants, entre deux cent lieus ou environ d'estendue em large. Ils ont grande abondance de poisson et de chairs qui n'ont aulcune ressemblance aux nostres; et les mangent sans aultre artifice que de les cuire, Le premier que y mena un cheval, quoy qu'il les eust practiquez à plusieurs aultres voyages, leur feit tant d'horreur en cette assiette, qu'ils le tuerent à coups de traicts avant que le pouvoir recognoistre. Leurs bastiments sont fort longs, et capables de deux ou trois cents ames, estoffez d'escorce de grands arbres, tenants à terre par un bout, et se soustenants et appuyants l'un contre l'aultre par le faiste, à la mode d'aulcunes de nos granges, desquelles la converture pend iusque à terre et sur le flancq. Ils ont du bois si dur qu-ils en coupent, et en font leurs espees et des grils à cuire leur viande. Leurs licts sont d'un tissu de cotton, suspendus contre le toict comme ceulx de nos navires, à chascun le sien; car les femmes couchent à part des maris. Ils se levent avec le soleil, et mangent soubdain aprez s'estre levez, pour toute la iournée; car ils ne font aultre repas que celuy là. Ils ne boivent pas lors, comme Suidas dict de quelques aultres peuples d'orient qui beuvoient hors du manger; ils boivent à plusieurs fois sur iour et d'autant. Leur bruvage est faict de quelque racine, et est de la couleur de nos vins clairets; ils ne le boivent que tiede. Ce bruvage ne se conserve que deux ou troix iours; il a le goust un peu piquant, nullement fumeux, salutaire à l'estomach, et laxatif à ceulx qui ne l'ont accoustumé; c'est une boisson tres

agreable à qui y est duict (92). Au bieu du pain, ils usent d'une certaine matiere blanche comme du coriandre confict: i'en ay tasté; le goust en est doulx et un peu fade. Toute la tournée se passe à dancer. Les plus ieunes vont à la chasse des bestes, à tout des arcs. Une partie des femmes s'amusent ce pendant à chauffeer leur bruvage, qui est leur principal office. Il y a quelqu'un des viellards qui, le matin, avant qu-ils se mettent à manger, presche en commun toute la grangee, en se promenant d'un bout à l'aultre, et redisant une mesme clause á plusieurs fois, iusques à ce qu'il ayt achevé le tour, car se sont bastiments qui ont bien cent pas le longueur. Il ne leur recommende que deux choses, la vaillance contre les ennemys, et l'amitié à leurs femmes; et ne faillent iamais de remarquer cette obligation, pour leur refrain, "que se sont elles qui leur maintiennent leur boisson tiede et assaisonee". Il se veoid en plusieurs lieux, et entre aulstre chez moy, la forme de leurs licts, de leurs cordons, de

---

(92) ..."emquanto estive com eles (índios Guajajaras) vi beberem muitas cuias de *caui* e nunca percebi o mais leve symptoma de embriaguez — pelo simples facto do *caui* não conter alcool...

O que se verifica é uma forte tendencia á producção de gazes intestinaes, de modo que, algum tempo após as libações do *caui*, o ambiente torna-se insupportavel...

Preparam o *caui* com o succo da mandioca recenmente ralada e esprimida no tepiti; põe-se a ferver até ficar com a concistencia xaroposa, deixam então esfriar e tomam-no ás cuias". Froes de Abreu DCXLVIII, 127.

Não ha dúvida que os índios tiveram várias bebidas fermentadas, mas de pouco teor alcoólico. A falta de alambiques não permitia grande proporção de alcool.

leurs espees, et brasselets de bois, de quoy ils couvrent leurs poignets aux combats, et des grandes cannes ouvertes par un bout, par le son desquelles ils soustiennent la cadence en leur dance. Ils sont raz partout, et se font le poil beaucoup plus nettement que nous, sans aultre rasoir que de bois ou de pierre. Ils croyent les ames eternelles; et celles qui on bien merité des dieux estre logees à l'endroict du ciel où le soleil se leve; les mauldites, du coste de l'occident.

...Ils ont leurs guerres contre les nations qui sont au delá de leurs montaignes, plus avant en la terre ferme, ausquelles ils vont touts nuds, n'ayants autres armes que des arcs ou des espees de bois appointees par un bout, à la mode des langues de nos espieux. C'est chose esmerveillable que de la fermeté de leurs combats, qui ne finissent iamais que par meurtre et effusion de sang; car deroutes et d'effrouy, ils ne seavent que c'est. Chascün rapporte pour son trophee la teste de l'ennemy qu'il a tué, et l'attache à l'entree de son logis. Aprez avoir long-temps bien traicté leurs prisionniers, et de toutes les commoditez dont ils se peuvent adviser, celuy qui en est le maistre faict une grande assemblée de ses cognoissants. Il attache une chorde à l'un des bras du prisonnier, par le bout de laquelle il le tient esloigné de quelques pas, de peur d'en estre offensé, et donne au plus cher de ses amis l'aultre bras à tenir, de mesme; et eulx deux, en presence de toute l'assemblee, l'assoment à coups d'espee. Cela faict, ils le rostissent, et en mangent en commum, et en envoyent des loppins à ceulx de leurs amis que sont absents. Ce n'est pas comme on pense, pour

s'en nourrir, ainsi que faiscient anciennement les Scythes; c'est pour representer une extreme vengeance; et qu'il soit ainsi, ayants apperceu que les portugais, qui s'estoient r'alliez à leurs adversaires, usoient d'une aultre sorte de mort contre eulx, quand ils les preoient qui estoit de les enterrer iusques à la ceinture, et tirer au demourant du corps force coups de traicts, et les pendre aprez; ils penserent que ces gents icy de l'aultre monde (comme ceulx qui avoient semé la cognoissance de beaucoup de vices parmy leur voisinage, et qui estoient beaucoup plus grands maistres qu'eulx en toute sorte de malices), ne preuvient pas sans ocasion cette sorte de vengeance, et qu'elle debvoit estre plus aigre que la leur, dont ils commencerent de quitter leur ancienne pour suyvre cette cy".

Da síntese de Montaigne, translús fato tristemente comum no princípio da civilisação da Améca. Não só o branco muitas veses ultrapassava o selvagem em ferocidade, como ainda quasi sempre o corrompia. Gabriel Soares de Sousa encontrou o selvícola já pervertido por cincoenta anos de visinhança com europeus (93). A orijem dos

---

(93) Os índios em geral mostravam-se pouco sensuais. As índias é que procuravam os brancos, preferindo-os aos homens da sua raça; eram "namoradeiras" como lhes chama Gabriel Soares. Observações de missionários, no maior centro indianista que houve na América do Sul, confirmam a algidês do gentio. Existe no Paraguai a tradição de várias medidas postas em prática pelos padres ante o perigo do despovoamento. Em cada "redução" havia dia e hora certa para os índios cuidarem de perpetuar a espécie. Em determinada noite da semana, depois dos casais acomodados, uma sineta dava sinal do desempenho dos deveres conjugais. No princí-

vicios que censura nos indios vemos em parte explicada por Montaigne, quando diz que os invasores "... *estoint beaucoup plus grand maistres qu'eulx en toute sorte de malices*".

Nem todos os portugueses, que o livro V das Ordenações do Reino atirava ao Brasil, seriam monstros de ignomínia, mas tampouco seriam santos. Velava em Portugal a Inquisição pela moralidade pública, espantalho dos judaisantes e dos reus de pecados nefandos. Os desterrados pelas Ordenações, ou os que se afastavam discretamente das vistas do Santo Ofício, contribuiram na colónia para muitos abusos, até a chegada dos Jesuitas, que procuraram levantar o nivel moral dos povoadores e cristianizar o gentio.

Descreve igualmente Montaigne a maneira do selvajem tratar os prisioneiros de guerra, tal como vem nos mais exatos viajantes da época. Vimos onde se documentou, não fazendo mais que preceder Linschoten e muitos outros, os quais ao lado do seu juntavam de outrem.

A vítima desafiava os algoses, lembrava as derrotas que lhes infligira, incitava-os a apressarem o sacrifício, ameaçando-os com a vingança que os companheiros tirariam da sua morte. Tra-

---

pio, o ato só pudera realizar-se mensalmente, a seguir, a poder de muito sermão e ameaças das penas do inferno, passou a ser um pouco mais a meude. Blas Garay deu curso á lenda no livro *El Comunismo de los Jesuitas en el Paraguay*. DCL.

Tanto no Paraguai, como bem longe, nas populações brasileiras muito mestiçadas com indios, foram notadas tambem as pequenas dimensões do penis pelos médicos incumbidos da debelação de epidemias.

ta também Montaigne da poligamia e das canções dos índios; *"i en ai une aultre amoureuse, qui commence en se cens: "Couleuvre, arreste toi, arreste toi, couleuvre, à fin que ma soeur tire le patron de ta peincture la façon et l'ouvrage d'un riche cordon que ie puisse donner à ma mie; ainsi soit en tout temps ta beauté et ta disposition preferee à tous les aultres serpents "... Or, i'ay assez de commerce avec la poesie pour iuger cecy, que non seulement il n'y a rien de barbarie en cette imagination, mais qu'elle est tout a faict anacreontique. Leur langage (dos índios fluminenses), au demourant, c'est un langage doux, et qui a le son agreable, retirant aux terminaisons grecques.*

A' guisa de fecho, Montaigne aduz comentários, que desta feita lhe pertencem.

"Trois d'entre eulx ignorant combien coustera un iour à leur repos et à leur bonheur la connoissance des corruption de deçà, et que de ce commerce naistra leur ruyne, comme ie presuppose qu'elle soit desia avancee (bien miserables de s'estre laissez piper au desir de la nouvelleté, et avoir quitté la doulceur de leur ciel pour veoir le nostre!) feurent à Rouan de temps que le feu roy Charles neufviesme y estoit. Le roy parla à eulx longtemps. On leur feit veoir nostre façon, nostre pompe, la forme d'une belle ville. Aprez cela, quelqu'un en demanda leur advis, et voulut sçavoir d'eulx ce qu'ils y avoient trouvé de plus admirable: ils respondirent trois choses, dont i'ay perdu la troisieme, et en suis bien marry; mais i'ennay encores deux en memoire. Ils dirent qu'ils trouvoient en premier leiu fort estrange que tant de grands hommes portants barbes, forts et ar-

mez, qui estoient autour du roy (il est vraysemblable qu'il parloient des Souisses de sa garde), se soubmissent à obeir à un enfant, et qu'on ne choisissoit plustost quelqun d'entre eulx pour commander. Secondement (ils ont une façon de langage telle, qu'ils nomment les hommes moitié les uns les aultres), qu'ils avoient apperceu qu'il y avoit parmy nous des hommes plens et gorgez de toutes sortes de commoditez, et que leurs moitiez estoient mediants à leurs portes, descharnez de fain et de pauvreté, et trouvoient estrange comme ces moitiez icy necessiteuses pouvoient souffrir une telle iniustice, qu'ils ne prinssent les aultres à la gorge, ou meissent le feu à leurs maisons.

Ie parlay à l'un deux fort longtemps, mais i'avois un truchement qui me suyvoit si mal et qui estoit si empesché à recevoir mes imaginations, par sa bestise, que ie n'en peus tirer rien qui vaille. Sur ce que ie luy demanday "Quel fruict il recevoit de la superiorité qu'il avoit parmy les siens?" (car c'estoit un capitaine, et nos matelots le nommoient roy), il me dict que c'estoit. "Marcher le premier à la guerre". De combien d'hommes il estoit suivy; il me montra une espace de lieu, pour signifier que c'estoit autant qu'il en pourroit tenir en une telle espace; ce pouvoit estre quatre ou cinque mille hommes".

O que sabia de selvajens inspirou a Montaigne a reflexão: "*Tout cela va pas mal; mais quoi! ils ne portent point de hault de chausses*", perfeitamente cabivel a muitas experiências sociais dos nossos dias.

* * *

Os antigos mapas são ornados com figuras de par com indicações geográficas. Sobrexedia a preocupação decorativa dos desenhistas á da exatidão (94). Hoje o defeito adquire virtude compensadora, quando aparecem índios, porquanto nos informa do seu aspéto e indumentária. A cartografia portuguesa sempre se mostrou rica de manuscritos e pobres de mapas impressos. Vinha a rasão, principalmente da falta de gravadores, a dificultar reproduções dos documentos originais. Também havia interesse por parte do governo, em conservar secreto tudo que se relacionava com as colónias. Os documentos relativos ás descobertas ficavam ocultos na poeira dos arquivos, quando não eram roubados por espiões estrangeiros sequiosos de informações sobre minas de ouro.

Auxílio algum podemos receber por esse meio dos portugueses acerca da localisação e aspéto de índios. Tornou-se preciso esperar a atividade comercial dos gravadores olandeses, para conseguirmos algumas indicações sobre nomes, aparência e costumes do gentio.

Relatavam esses mapas os conhecimentos, que então havia das colónias europeas, tanto no seu contorno geográfico, como em várias particularidades obtidas relativamente ao Brasil, em informações nem sempre certas de autores franceses.

---

(94) No século 16 o cartógrafo português Pedro Nunes lamentava excesso de ornatos dos mapas de Lisboa, pois os autores "só sabiam de muyto ouro, muytas bãdeyras, alifantes e camelos e outras coisas iluminadas", com prejuiso do lado prático.

Nos mapas anteriores a 1530, durante muito tempo esquecidos, poucas figuras de índios encontramos. Uma ou outra exeção apenas como no anónimo do começo do século (1506?) conhecido por Kunstmann II, em que vemos um selvajem assar mulhér no espeto como na Alemanha assavam frangos. Mais ornado e informativo é o esplêndido atlas português atribuido aos Reinel, em que o Brasil aparece numa folha de pergaminho inteiramente iluminada, de surpreendente efeito decorativo. Foi dos números sensacionais da exposição da Galeria Mazarina, comemorativa em 1931 de quatro séculos de colonisação francesa. O catálogo redigido pela comissão chefiada por Charles de La Roncière informa (95); "*Ce magnifique atlas antérieur au fameux voyage autour du monde de Magellan, auquel participèrent une quinzaine de Français, contient une carte du Brésil, qui est une veritable leçon de choses: singes et perroquets se jouent dans les forêts ou des sauvages coupent le fameux bois du Brésil, c'etaient lá nos articles habituels d'importation. La cartographie dieppoise et havraise dériva directment de cette hidrographie portugaise. Non loin de Pernambouc, est l'ile Saint-Alexis, où le Lyonnais Du Péret fonda, en 1530, la première colonie française, colonie éphémere, car les Portugais nous en chasserent l'année suivante*". A data do atlas é atribuida ao ano de 1516, e a autoria, "*Peut'être a l'atelier de Magellan*".

---

(95) Citamos com devidas reservas v. a respeito Armando Cortesão, "Cartografia Portuguesa", XCI-21-|.

Figuras de Tuppim Imbas, Tououpinambaoults ou Tupinamboys, segundo alemães, franceses ou ingleses, só as vemos em livros dessa orijem, do segundo quartel do século 16. Nos autores portugueses nada consta, pelo mesmo motivo que tão indigente torna a cartografia das colónias e da própria metrópole. Em meados do século 18 não havia mapas de Lisboa ao alcance de viajantes, "*Não existe ainda planta gravada desta cidade*", comentava Twiss nas suas impressões de Portugal. Entre os artistas lusos do século 16, acaso aparece um índio na *Adoração* de Jorge Afonso, e, mesmo com o auxílio de estrangeiros, a iconografia do selvícola brasileiro continuou indigentíssima. No emtanto, o índio impressionava favoravelmente o europeu da época. Deixando de parte o português, apreciaram franceses, alemães e italianos, a plástica do gentio, que eliminava os recemnacidos defeituosos. Frases elogiosas e qualificativas como: "*Bem conformados*"; "*Assim nuas não pareciam mal*", ou "*graciosas*", são comuns nesses documentos.

Ronsard ia mais longe. Considerava o indio como vivendo numa perfeição igual á da Idade de Ouro. E criticava Villegagnon por querer civilizá-lo: "*Docte Villegagnon, tu fais une grande faute de vouloir rendre fine une gent si peu caute*"...

O homem de certas tribus dispunha, embora meão, das armônicas proporções dadas pela vida agreste. Séculos após Mateus Crético informar que os selvícolas do Brasil eram "*homeni nudi e formosi...*" oficiais da marinha de guerra francesa, familiarizados com o genio das colónias, pre-

conizavam nas forças armadas, exercícios físicos semelhantes aos dos selvajens na sua existência diária (96).

Viajantes alemães modernos, que estiveram entre Carajás e Meínacûs tambem louvaram as formas desses índios, que lhes recordavam a estatuária antiga. Iguais músculos longos, peitorais largos, ipertrofia do tronco, aproximando inesperadamente um Chavante ao Marte Borghese, ou um "Canoeiro" de Mato Grosso ao Discóbolo. Efetivamente, o desenvolvimento de alguns índios dão-lhes parecença com o tronco dessas estátuas. cujos oblíquos são tão entumecidos que encobrem quasi a linha da cintura. Também se assemelham os dedos e mãos pequenos, e outras partes do corpo em analogia com o ideal grego. Estabelecia Aristófanes (97) a antítese dos efeminados avessos á ginástica, "*pálidos, ombros estreitos, peito encovado, traseiro seco, sexo longo...*" e o atleta paradigma, de "*largas espáduas, traseiro carnudo e pequeno sexo...*", caracteristico da belesa pagã.

Quizeram alguns panigeristas do índio vel-o como Feidipos admirava o atleta das olimpiadas. Outros, como Orville Derby, perceberam semelhança de ornatos de objétos brasílicos com os dos helenos. Autores franceses notaram a coincidência entre a ornamentação da cerâmica descoberta no tesouro de Cuenca, com o friso clássico conhecido por "Grega". Mas de similitudes espontâ-

---

(96) A cultura física racional do tenente Hebert, praticada pouco antes da guerra de 1914 em Joinville le Pont e no Colégio de Atletas de Reims.

(97) Ridder et Deona, "L'art en Grèce", DCCLVII, 106.

neas, criadas por leis universais da arte decorativa, poucas conclusões podemos tirar. O que ha de influência do Velho Mundo sobre o Novo, na éra dos descobrimentos, consiste unicamente na maneira como o europeu da Renacença ideava o aborígene americano.

COSTUMES DO GENTIO

A semelhança entre o nosso índio e o homem de civilisações antigas, inda visto por um humanista imaginoso, cessava na aparência do sistema muscular de algumas tribus, ou num vago ornato de uma cuia. Mesmo o amerindio do Amasonas, tido por alguns superior em civilisação material ao das bacias do S. Francisco e Paraná, era incomparavelmente inferior a seu visinho dos Andes. O que sabemos do aborígene brasileiro do século 16, pelos autores antigos, confirmados por cientistas modernos, mostra-n'o em geral incapás de constituir uma nação mesmo nos moldes materiais mais primitivos (98).

Os traços comuns a Tupís e Tapuias vêm reforçar esta opinião. Predominava além disto em ambos o ânimo vingativo, que em algumas tribus degenerava na antròpofagia. Alguns contavam pelos dedos das mãos e dos pés, e para indicar número superior — escrevem velhos cronistas — mostravam os cabelos. Empregavam linguajem

(98) Exetuando talvês os Guaicurús, cuja importância, número e estratificação social, estão sendo estudadas pelo douto etnólogo Prof. Herbert Baldus.

aglutinante, e gramática como a das crianças civilisadas (99). A despeito da lenda das Amasonas, vigorava em toda a América superioridade dos homens sobre as mulheres, que eram poupadas quando caiam prisioneiras de inimigos. Reinavam superstições, o que proporcionava poder aos feiticeiros. Poucos índios conseguiam poder, no sentido político das aglomerações mais adeantadas; o que todavia não significa ausência de organisação. No geral o selvícola só reconhecia primasia do mais habil em tempo de guerra. Alguns nem esse costume tinham, os designados Chavantes, por exemplo, ignoravam termo para exprimir chefe (100).

O defeito principal do aborígene, o que mais concorria para classifical-o, éra a sua instabilidade. Sempre mostrou um nomadismo nocivo para as condições de vida. Do civilisado, o que mais lhe interessava, eram os vícios e os meios de satisfazer as paixões. Os males que contraía no contato dos brancos, apanhavam-n'o desprevenido

---

(99) Sempre no ponto de vista de crónicas e relatos de viajantes e missionários, porque estudos modernos têm trazido muitas surpresas neste campo.

(100) Os Chavantes das primeiras informações do povoamento do sul, não tinham esse termo (v. também Froes de Abreu DCXLVIII 113). Aos Carirís e Sabujás faltava igualmente a palavra *amigo* (Spix e Martius, DCCXIII 32). Esses índios, com efeito, não tinham vocábulos correspondentes, entretanto podiam dispor na prática de chefes e de amigos. Em todas as populações pertencentes á bacia do Paraguai e adjacências, encontramos muitas veses a mesma aparente falha. Tanto numa tribu Chavante ao sul de S. Vicente, como bem mais longe, entre os velhos Matacos da zona norte da Argentina, não havia

sem defesa. Como também o seu organismo não reagia a moléstias importadas.

Em certos indivíduos, principalmente Tupí, não falta inteligência para compreender a civilisação. O selvícola sob o ensino de mestres pacientes revela-se por veses tão assimilador como o branco. Provêm-lhe as deficiências de outras causas extremamente complexas.

Quantidade de fatores devem ter contribuido para a profunda diferença entre as condições de Tupinambás e Guaimurés, ou mais impressionante ainda entre Caraibas e tribus visinhas e os Incas ou Aztecas. Como explicar, o progresso de uns, e atraso de outras? Os Incas lembraram os egípcios, porque como eles adoravam o sol, e deixaram monumentos que provocam assombro. Os nossos Tupís e Tapuias em nada lhes podem ser comparados; o seu papel na civilisação material brasileira viria a ser quasi idêntico ao do negro, não fosse a invenção da farinha de mandióca que tanto participou da conquista da América Portuguesa. Si ha um resto marcante da sua passajem pelo imenso território que outrora povoavam, manifesta-se principalmente no espírito irrequieto, rixento. vingativo, das populações nas veias das quais corre o seu sangue.

---

chefes fora de guerras; "Puede decirse que durante el tiempo de paz los *matacos* no tienen gobierno, pues sus caciques no son obedecidos como jefes". Serrano, DCCLX, 104. Viajantes antigos citam porém caciques com grande poder. Já dissemos que não se pode generalizar em se tratando do índio; algumas tribus, como as Guaicurú tinhas classes dirigentes bastante definidas; mas de um modo geral predominavam em todos os grupos os fenómenos decorrentes do nomadismo.

O que nos valeu foi o absoluto predomínio do branco no Brasil, casta privilegiada, sem a qual o nosso território de ha muito se teria fragmentado em diversas posseções europeas (101). Deixado a si mesmo, o índio estagnava e vegetava. Tal como vivia, nunca progrediria, nem lhe era possivel. Longe de criar os elementos que modelam as nacionalidades, continuava disperso e errante. Nem sabemos si alguns não eram degenerados. Nunca suas crenças tiveram o sentido politico das religiões nas raças nobres. Limitaramse, na voz de cronistas e missionários, a reverenciar espíritos benéficos, temer os tenebrosos, recear o trovão, ou sentir desejo de uma Terra-semmal em que não fosse preciso trabalhar para subsistir. O índio sempre tendeu a dispersar-se. Em matéria do coletivismo pacífico parou no mutirão (102).

No emtanto, sentiu como os habitantes de outros continentes, a necessidade de um ser em que tivessem começado as cousas deste mundo. Pelos cronistas de outrora, sabemos que os Tupinambás mantinham tradição de Monan, que se desdobrava em Mair Monan, possuidor de toda a ciência, mestre da maneira de governar, "*...la manière dont il se falloit gouverner*", informa Thevet.

Dessas semi-divindades mortais, também provinham os conhecimentos úteis da tribu (103). Autores portugueses, ou que escreveram em lín-

(101) V. nota 12.

(102) Capistrano de Abreu. Capítulos de História Colonial.

(103) O número de conhecimentos variou segundo a tribu. v. a nota 13 no fim do volume.

gua portuguesa, como os jesuitas, transmitiram-nos outra crença de certos índios do litoral. Era a lenda de um espírito favoravel, o Pai Sumé, ou Zomé do selvícola, que os primeiros missionários supuzeram tratar-se de S. Tomé. Este personajem, igualmente civilisador, ensinava o cultivo da mandioca e mais plantas comestíveis. Tinham os Tupí-Guaraní além de Monan, Sumé, Viracocha, Ñanderuvuçú, Nacoerí, e outras divindades parecidas, sem número de mitos relativos a fenómenos meteorológicos. A lembrança de entes civilisadores e eróicos como Ñanderuvuçú, confundia-se com a imajem do antepassado dos índios, criador da humanidade.

Havia curiosas superstições na vida do selvajem. Thevet narra que os índios prezavam a carne de animais rápidos para se tornarem mais destros na perseguição dos inimigos derrotados. Capistrano de Abreu afirma o contrário nos seus resumos do selvícola, quando diz que evitavam a carne do veado para se não entibiarem. Ambos autores podem estar certos porque não ha regra geral para o índio. O que não padece dúvidas, é que o antropófago aproveitava todos os pretextos e ocasiões para comer carne humana. Tanto os inimigos como os próprios membros da tribu, em caso de morte natural, serviam para o caldeirão de barro. A justificativa é que variava: alegando quasi sempre o conviva, que assim adquiria as qualidades do defunto, e daí, passaram alguns ao horrivel costume de beberem caldo de carne em decomposição.

Linschoten (DCCV. 48. II), foi dos que através informações de coevos fez uma resenha da re-

ligião do gentio quinhentista, a qual embora ligeira poderá ser consultada com proveito e assim igualmente, no que diz atavios usuais ou de cerimônias, arvoradas pelas tribus do litoral.

Os ornatos exprimiam ás veses sinificação simbólica. Cocares, colares, pulseiras, conferiam qualidades propícias. Os colmilhos e garras de onça transmitiam virtudes iguais ás dos felino na caça ou guerra. Na informação de Cardim, os Guaitacases *"correm tanto que a corço tomão a caça"*, e para acrecerem tão vantajosa agilidade procuravam alimentos que lhes dessem poderes sobrenaturais. Os Bacaerís, seguindo o mesmo espírito, acreditavam que o ano tem dias mais compridos quando o sol é transportado por animais lentos, e mais curtos si ligeiros. A crendice da assimilação das qualidades dos mortos pelos que os devoravam deve ter muito concorrido para a difusão da antropofagia (104).

Notava-se na vida afetiva do indígena práticas denunciadoras de afabilidade. O Tupi tratava bem da próle e do estrangeiro considerado hóspede. Ao ver o visitante derramava copioso pranto. Lamentava as fadigas e perigos por que passara no caminho e demonstrava pesar de não o ter conhecido antes. O hóspede devia acompanhar o choro, ou pelo menos cobrir o rosto com aparente mágua. Podiam cessar as lágrimas a rogo do homenageado, mas o pedido era descortês. Mandava o Bom-Tom deixar que as lágrimas secassem á vontade de quem as vertia. Daí por deante, decreciam as formas protocolares para

---

(104) V. nota 14.

reinar cordialidade; estava recebido o estrangeiro na tribu pela "saudação lacrimosa".

Quando os visitantes eram muitos, e a sua presença um acontecimento, a receção podia ser mais grandiosa. Algumas tribus simulavam batalhas, a indiada masculina toda enfeitada com enormes cocares, ornatos e armas dos grandes dias. Davam-se as danças de circunstâncias, ocupando a coreografia consideravel lugar na existência do gentio. Aparentava, carater religioso, guerreiro ou antropofágico. Acompanhavam-n'a frequentemente melopeas cantadas em côro, enumerativas dos feitos da tribu e dos antepassados, enaltecidos por comparações com animais e cataclismas. Havia tambem danças festivas, terminadas por bebedeiras e prejuisos para os bons costumes, tal como entre os civilizados (v. Y. d'Evreux DCCXCI. 50. e Linschoten DCCV. 36. II). Eventualmente os festejos eram entremeados de lutas e outros exercícios em que os rapases mostravam a força e destresa.

Do intercâmbio com europeus, sobrevinham novos esportes, como os desafios para ver quem transportava a maior distância pesado tronco de árvore. Em certas tribus, e ocasiões, as mulheres entravam nas danças ao lado dos homens, misturando-se todos na mesma fila ou roda. Variavam os fins da dança com o momento, servindo até para regime quando os índios, á procura da *Terra-sem-mal,* dezejavam diminuir de peso para mais facilmente subir ao ceu.

As guerras, tanto navais como terrestres, absorviam toda a atenção e recursos do gentio da

costa (105). Os exercícios bélicos eram frequentes. Desde pequeninos os selvicolas começavam a se adestrar no arco e flecha, de que dependiam a alimentação e o êxito da guerra. A natação, navegação e outros exercícios aquáticos, variavam pela orijem das tribus. Algumas eram como peixes na água. Outras visinhas, nas mesmas condições, tinham horror ao mar e aos rios.

O costume que parecia mais incompreensivel ao estrangeiro europeu era a couvade. Em muitras tribus, tanto do litoral como do interior, a índia parida, continuava no trato da vida diária, sem interrupção, ao passo que o companheiro ficava de molho na rede, vizitado por parentes e amigos (106). Nos hábitos familiares também ha-

---

(105) Em princípios do século 16 além dos combates em terra, davam-se grandes recontros navais entre grupos inimigos da costa. O Diario de Pero Lopes descreve o que assistiu na Baía de Todos os Santos, "A gente desta terra he toda alva; os homes mui bem dispostos, e as mulheres fermosas, que não ham nenhua inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Não tem os homes outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerras hus com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hua banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz setenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos; e pellejaram desd'o meio dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grande cerimonias, presos por cordas, e depois de mortos os assavam e comiam", CDXIII.

(106) Gilberto Freyre desenvolve uma tese nova sobre couvade na sua monumental *Casa Grande e Senzala*, 127. Esse costume fôra praticado antigamente nas

via particularidades curiosas. Consideravam parentes aos filhos dos irmãos e recuzavam esta qualidade aos das irmãs. O produto de um guerreiro da tribu com mulhér inimiga era admitido na comunhão, ao passo que o de inimigo com mulhér da taba era indesejavel, e como tal servia para os tios com ele se banquetearem.

* * *

Mudava a proteção do gentio segundo a latitude. Quanto mais ao sul, na região temperada, maior preocupação de defesa contra as estações; quanto mais ao norte, na região cálida, descaso por acessórios desnecessários naquela altura. Oviedo, informado por viajantes espanhois, escreve que em S. Catarina morava o selvajem em cabanas de madeira, bem feitas, com os interstícios tapados de barro, e seteiras para a defesa. Esta descrição se assemelha as de outros viajantes, como Paulmier de Gonneville que esteve nas mesmas parajens.

Longe, ao norte, diferiam as moradias. Informa Cardim, que os Obacoatiara "*vivem em ilhas no rio de S. Francisco, têm casas como cafuas debaixo do chão*" (107). Os Guaranaguaçú "*vivem em covas*". Os Piraguaygaquig "*vivem debaixo de pedras*". Nem todos porém procuravam abrigo, por tosco que fosse; alguns levavam

---

sociedades primitivas da Europa, Ásia e América, DCLVII, 45. Talvês fosse também um atestado de paternidade. O Dicionário de Etnologia do Prof. Herbert Baldus traz copiosa informação a respeito.

(107) Gabriel Soares atribue igual costume aos Guaianases, mas acrecenta que cuidavam das "camas", forrando-as de "ramo e pelles de animaes que matão".

ao extremo o seu nihilismo, como os Curupehé, que não tinham habitações; "*são como ciganos*", diz Cardim. Outros, como se vê nos papéis existentes em Lisbôa, no arquivo da Academia dos Renacidos, eram lacustres. "*Os indios Goytacazes*" descrevia um deles, "*habitavam antigamente no meio das agoas desta lagôa* (108) *em casas armadas sobre esteios, emulação informe da culta veneza, para assim se acautelarem melhor das incursões dos outros indios, seus inimigos*" (Lamego, DXXVI. 2.° I.).

O conforto que os índios ensaïavam na construção de cabanas era completado por agasalhos rudimentares. Os do sul vestiam-se peles de caça; os do norte preferiam andar "*nús sem vergonha*", segundo o cronista, a não ser em exeções, como a citada por Cardim, "*Ha outra nação que chamão Pahi; estes se vestem de pano de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como saio, não tem mangas*".

Brandônio em poucas palavras descreve um interior índio. A mobília limitava-se a "*...rede, em que dormem e de uma cuia que é um meio cabaço, em que vão buscar agua com haver na communidade tres ou quatro formas de barro em que cozem a farinha, feitos ao modo de alguidares; e com isto somente se têm por mais ricos do que Creso com todo o seu ouro*" (DCXXIII. 271). Aproveitavam os selvícolas a matéria prima que tinham á mão. Assim, de Cananea para cima, onde abundavam pássaros brilhantes, a principal preocupação indumentária da indiada era

---

(108) Lagoa Feia perto de Campos, Estado do Rio de Janeiro.

enfeitar-se com suas penas. Todos os anos empreendiam expedições para arrebanhar araras, papagaios, periquitos, tucanos, guarás, sanhaços, e outras aves de côres vivas. Quando rareavam, destruidas pelo consumo, recorriam os caçadores a processos artificiais para colorir as penas brancas de aves comuns. Algumas tribus colavam-n'as diretamente sobre o corpo, outras, mais adeantadas, trançavam redes sobre as quais prendiam-n'as. Os Tupinambás possuiam carapuças, mantos, cocares, colares, ligas e toda casta de ornatos, para uso principalmente dos homens nas ocasiões de combate ou festa. Nos outros dias, a paramentação reduzia-se a tinturas para o corpo, das quais as mais comuns eram de genipapo e urucú.

Em vários museus da Europa estão cuidadosamente conservados enfeites dos índios primitivos da costa. O manto de penas de Copenague figura desde 1690 nas coleções da casa real. E' considerado como tendo pertencido a Maurício de Nássau, que o levou para a Alemanha com outras lembranças do seu governo no Brasil. Menos bem sucedido, o exemplar existente em Basilea, servia em outros tempos nos festejos carnavalescos da paquena cidade de Aarau. O de Paris esteve no "Cabinet du Roi", onde no antigo regime francês eram guardadas as curiosidades exóticas, e hoje está no do Trocadero, sobre um manequim reprezentando chefe Galibi das Guianas. Supõe Metraux que se trata do manto de Thevet. O de Berlim foi obtido por troca de objetos com o museu de Florença; talvês tenha orijem ainda mais antiga e ilustre.

De todos existentes na Europa o mais bélo é o de Copenague. Provavelmente foi apartado dos mantos oferecidos pelos índios a Maurício de Nássau. O principe era magnífico, rodeado no Brasil de artistas, e não seria de todo improvavel, que um Franz Post ou Ekhout tenha prezidido á escolha.

As armas traziam também penas e enfeites; Thevet cita "*plumes... pour garnir boucleirs*". Tacapes e clavas dos sacrifícios humanos mereciam particular cuidado. Descreve Martim de Nantes, a propósito de armas ornadas, o espetáculo que prezenciou numa expedição punitiva contra o gentio. Vira as águas de um rio cobertas de flechas multicores quando os índios vencidos procuravam fugir a nado.

Estes exemplares de arte brasílica, deviam mover grande efeito quando novos, com as penas rutilantes, ainda no frescor dos seus matises. Neles rezidia o melhor da intuição decorativa do selvajem, perito na "arte plumária", assim como no trançado de fibras de cestos, ataduras, e outras habilidades. Menos apreciáveis eram as manifestações de garridice a poder de gilvases e riscos, em que se enumeravam, numa ilustração viva, as proesas dos guerreiros. Rapavam parte do cabelo e furavam beiços, orelhas e faces, para colocar ossos e pedras nos orifícios. Em algumas tribus era costume esmagar o narís das crianças, em outras deformar-lhes a cabeça, raras as que não procediam a qualquer alteração física, suposto aformoseamento.

Os primeiros europeus, que na costa estiveram á mercê do gentio, sentiram natural assombro ao

ver ornamentação dos Tupinambás. Muitos assistiram a contra gosto as danças dos indígenas no ritual em que deviam ser comidos. Hans Staden escapou dos canibais, e pôde descrever a desagradavel cena, em que os índios, de beiços furados, rosto lanhado, testa sob imenso cocar, o corpo semi-pintado e semi-oculto por manto de penas, floreavam ameaçadoramente com instrumentos de suplício na atitude de avantesmas.

As danças necessitavam instrumentos de música, que variavam de tribu para tribu, no geral improvizados segundo inspiração própria, ou por imitação de visinhos. As canas dos brejos foram aproveitadas, e pela natural sequência dos fatos, criaram repetições, como a flauta de Pan encontrada entre os Parintintins.

Depois de morto tinha o índio muitos destinos. Os Cariris pulverizavam os ossos de restos queridos, e depois comiam-n'os para que nada mais restasse. Reuniam á homenagem aos mortos, um reforço de alimentação. Tribus menos práticas, como os Tupiniquins do sul, encerravam os companheiros falecidos em urnas de barro antes de enterra-los. Muitas foram encontradas em várias regiões do Brasil, o que presupõe certo desenvolvimento da arte cerâmica. Citamos este nome porque vem lembrado em documentos antigos, mas outras tribus, pertencentes aos mais dissemelhantes grupos, mantinham iguaes costumes. Brandônio conta nos *Diálogos* como encontrara numa cova *"inumeraveis alguidares, que por serem muitos, me não arremeço a querer-lhe signalar o numero, que cada um deles tinha em si de ossada de um defunto inteira com a caveira em*

cima, porque parece haver servido aquella cova de mortuario antigo do gentio", (DCXXXII. 53).

Na caça ou guerra, o arco não desfere frechadas mortais além de 60 metros. Quando os selvícolas tinham de se haver com animais de grande porte, cavavam "mundeus", ou esperavam o alvo até distância favoravel para traspassal-o. Daí provinha a maneira de combater dos índios, quasi sempre ocultos e traiçoeiros.

Para a caça miuda empregavam flechas especiais, com bolas de algodão na ponta, afim de atordoar os pássaros sem lhes estragar as penas. Os Carios do sul do Brasil também faziam do esqueleto e couro do veado "*bicos das frechas e dumas bolas de arremeço que usão para derrubar animais ou homens*" (F. Cardim DCIX. 36). Na guerra, certas tribus atiravam setas ervadas. Cardim enumera os Anacajús, Guaiós e Paraguaig, que adotavam este meio de combate. Outros índios preferiam "*frechas grandes como chuços, sem arcos, e com ellas pelejão*" como sucedia aos Obacoatiara; ou como os Igbigrapuajara (Ubirajara) "*Senhores de paus tostados agudos*"; ou ainda como os Guaimurés, que "*quando justão com os contrarios fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros*". Os Cariris no dizer de Herkmans, arremeçavam azagaias que não encontrando osso atravessavam o corpo de um homem nú. Faziam também pequenos machados de cabo comprido.

Na pesca recorriam ao arpão, ou "*cabaços que metem debaixo dagoa*" informava Jorge Lopes Bixorda a Damião Góes; ou lhe deitavam estupefacientes, recolhendo sem muito custo o peixe que vinha á tona. Faziam algumas tribus, barragens

toscas, gamboas, onde imobilizavam cardumes, que depois de apanhados e cozidos lhes permitiam viver durante alguns dias sem preocupações.

Na paz o homem gozava de prolongado descanso emquanto tinha de comer. Deixava-se ficar na rede, numa total indiferença por tudo que o rodeava, até a fome o despertar do letargo. Sua vida era um natural reflexo da sua versatilidade. Transcorria alternada de períodos de "dolce farniente", e intensa agitação, nos dias em que os brancos apareciam na costa á procura de madeiras (109). O mapa atribuido aos Reinel mostra os índios em plena faina, cortando o brasil e a canafístula, transportando os troncos ao ombro, realizando numa semana o duríssimo trabalho que pediria muito mais tempo a europeus depauperados pelo clima (110).

CONCLUSÃO

Pela maneira como o índio vegetava, nú, exposto ás insídias da terra e fúria dos elementos, queimado pelo sol, lavado da chuva, crestado do frio, alguns viajantes decidiram ver nele o Spartano descuidoso de intempéries. Assim o consi-

---

(109) v. Herbert Baldus, "Ensaios de Etnologia Brasileira", onde ha um importante capítulo sobre o trabalho do índio.

(110) Temos exemplo da atividade que os índios podiam mostrar, nos Potiguaras, "senhores de Paraiba, 30 leguas de Pernambuco", do século 16 (Cardim). Derrubaram esses índios em pouco tempo extensas florestas com os machados trazidos pelos brancos.

derou Lescarbot, que recorria sofisticamente a Aristóteles para enaltecer o canadense da Nova França. O mesmo ia-se repetir com a quasi totalidade das narrativas de viagens, que trouxeram elementos de propaganda teórica aos literatos do século 18.

O índio do Brasil contribuíu, como os demais da América, para a formação da lenda do selvajem brando, amavel, sem religiões incômodas pelos sacrifícios que impõem, pacifista e principalmente izento da noção de propriedade dos civilizados, causa maior de todos os males. *"C'est de la distinction entre le tien et le mien que proviement tous les maux de la societé humaine"*, dizia o artificioso selvajem de Lahotan. Com os diálogos deste autor, de moral duvidosa, aparece cincoenta anos antes de Rousseau o princípio fundamental do *Discurso sobre as Orijens da Desigualdade* (111).

No século 16, o humanismo da Renacença sugestionava os autores que se interessavam pelo gentio. Grotius convencera-se de que os índios eram decendentes dos antigos germanos admirados por Tácito. Publicou o *De Origine Gentium Americanorum*, versando a semelhança entre a língua alemã e a dos índios norte-americanos. Brébeuf comparava os discursos dos caciques aos de Tito Livio. Yves d'Evreux cita todos os seus autores favoritos, para demonstrar a inocência dos Tupinambás, que andavam nús e exibiam plástica formosa, certamente do agrado de Pittacus, ou de Crates o *Filósofo*. O padre Lejeune ia além, pro-

(111) Gilbert Chinard, DCXVI.

clamava que vira sobre os ombros de índios, as cabeças de Augusto, Pompeu, Otão e Júlio Cesar.

Autores modernos atribuem aos jesuitas a propaganda do aborígene americano na Europa, através das *Cartas Edificantes*. Lembram que a Companhia de Jesus alimentara o sonho de criar repúblicas teocráticas na Califórnia, Brasil e Paraguai, com o material humano do lugar. A primitivês do índio parecia-lhes terreno fertil, apto a produzir farta messe para quem soubesse cultival-o. Houve efetivamente, missionários pertencentes a outras ordens religiosas, como o entusiasta Du Tertre, que viram o selvícola tal como o "Homem da Naturesa" de Rousseau; os jesuitas do Brasil, pelo contrário, sempre demonstraram, conhecimentos muito mais exatos a respeito do gentio.

As consequências da propaganda, claramente perceptivel de Montaigne aos românticos, veio mais de outra casta de narradores. Seguiram a Lahotan infinidade de fantasias, transformando o índio de então, que hoje nos parece tão imperfeito como os outros homens, num ser de raras qualidades, exemplo de virtudes para brancos corrompidos (112).

---

(112) V. nota 15.

NOTAS

1

Pag. 25

"Os Judeus da Peninsula julgavam-se o patriciado da raça, despresavam os de outra origem, não se uniam por matrimonio com elles, não os admittiam no templo nem mesmo no cemiterio; e este sentimento conseguiam impô-lo aos proprios christãos. Em Bordéus os Judeus de Avinhão e os de origem allemã, para não serem expulsos, faziam-se ante auctoridade passar por portuguezes. Os conceitos de Isaac Pinto que dizia, escrevendo a Voltaire — "um judeu português de Bordéus e um judeu allemão de Metz parecem dois entes absolutamente diversos" — admittia-os a administração publica". CCCXLVIII, 378.

Os Judeus de orijem ibérica têm, segundo Weissenberg, indice cefálico menor que o dos russos, poloneses e alemães. O número de dolicocéfalos é de 14,6 p. 100 nos Spaniols da Europa Oriental, e de 1 p. 100 nos russos. Os primeiros contam 25,4 p. 100 de braquicéfalos, os segundos 81 p. 100. Os Levitas se assemelham aos Aaronidas, ambos pretendentes á casta privilegiada, e ambos com predomínio de braquicéfalos. Os Judeus da Ásia central, formam uma grande maioria de braquicéfalos, 72, p. 100, e a quasi totalidade com cabelos castanhos. O Judeu ruivo dolicocéfalo seria produto do meio, ou mais provavelmente da miceginação.

2

Pag. 102

Pedro Taques de Almeida Paes Leme refere na sua *Nobiliarquia* como se perdeu o arquivo da Câmara de S. Vicente. Aludindo á súbita loucura de Manoel Vieira Collaça, a quem estava confiado o cartório da Vila, menciona a destruição dos livros num dos seus acessos: "...lamentamos o livro grande chamado *Tombo*, porque nelle se achava escrito com pureza da verdade, o dia, mez, e anno da fundação daquella villa, a chegada do seu primeiro fundador dito donatario Martim Affonso de Sousa, com as forças, que trouxêra do reino para a conquista dos barbaros indios habitantes dos sertões do sul, o numero dos navios, em que com elle tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo-se menção dos merecimentos e qualidades de cada um delles, e dos sujeitos que vinham já casados, e sem familias, attrahidos do reino de Portugal pelo convite do donatario Sousa, que tinha conseguido esta transmigração com o real aggrado do Sr. Rei D. João III, de cujos creados, com fôro de cavalleiros fidalgos, vieram muitos sujeitos, que propagaram familias nobres em S. Vicente, derramados por S. Paulo, depois que houve de serra acima, a primeira villa chamada de S. André da Borda do Campo" [CDLXXI Rev.ª Inst. Hist.º Geo. Bras.º 2.º Trimestre de 1872].

A loucura do Collaça fôra provocada em fins do século 17, pela recusa de casamento que lhe fez D. Margarida Carvalho da Silva.

3

Pag. 104

As traduções existentes da obra de Schmidel são e muito deficientes. Damos aqui o título da edição original de "Franckfurt am Meyn" 1576, e o trecho relativo a Johann Reimelle.

"*Warhaftige Beschreibunge* aller und mancherley forgseltigen Schiffarten / auch viler unbekanten erfun-

dnen Landtshafften / Insulen / Königreichen / und Stedten / von derselbige gelegenhent / wesen / gebreuchen / sitten / Religion / Künst und hantierung. Item von allerley gewächs / Mettalen / Specereyen / und anderer dinge mehr / so von jhnen in unsere Lande geführt und gebracht werden.

Durch Ulrich Schmidt von Straubingen / und andern mehr / sodaselbst in eigener Person gegenwertig gewesen / und solches erfaren".

(Johannes Reinmelle Ràbhaus) "Nun zogen wir zu einem flecken der gehörete den Christen zu / in welchem der Oberst hiesse Johann Reinmelle / unnd zu unserm glück nicht anheimisch war / dann diesen flecken wil ich schetzen für ein Raub haus / so gemelter Oberster bey einem andern Christen in Vicenda / welche zu zeiten ein Vertrag mit ernander machten / diese (darbey acht hundert Christen in den zweyen flecken) seind den König in Portugal unterworffen / und dem gemelten Johann Reinmelle / welcher nach seinem anzeigen in die vier hundert Jar lang im Landt India gehauser / Regieret / Kriegt und gewunnen. Darumb er billich für einem andern das Landt noch sol regieren / Warumb aber solches nicht geschicht / derwegen führen sie Krieg wider einander. Und dieser mehr gedacht Reinmelle kan in einem tag fünff tausent Indianer zusammen bringen / da der König nicht zwey tausent zusammen bringt / so viel macht und ansehens hat er im Landt".

4

Pag. 100

No arquivo de José Bonifácio o *Patriarca* existia uma cópia do testamento de João Ramalho [DLVIII, Genealogia Paulistana, 9, 66]. A parte em que trata de genealogia diz:

"João Ramalho, natural de Bouzella, comarca de Vizeu, f.º de João Velho Maldonado e de Catharina Affon-

so de Balbode (1) e que ao tempo que a esta terra (Brasil) viera, se casara com uma moça que se chamava Catharina Fernandes das Vacas, a qual lhe parece ao tempo que se della partiu para vir cá, que ficara prenhe e que isto haverá alguns 90 annos (*eu leio* 70 *annos*, observa o copista alludindo á interpretação que desse algarismo fez o padre mestre auctor das *Memorias Impressas*) que elle nesta terra está. Da india Izabel, que elle chamava sua criada, teve os seguintes f.os:

1.º André Ramalho
2.º Joanna Ramalho
3.º Margarida Ramalho
4.º Victorio Ramalho
5.º Antonio de Macedo
6.º Marcos Ramalho
7.º Jordão Ramalho
8.º Antonia Quaresma

"Desta relação se vê — acrecenta Silva Leme — que Catharina Ramalho § 1.º da pag. 31 do V. 1.º, e Beatriz § 3.º da pag. 34 do mesmo V. não foram f.os de João Ramalho. Segundo a genealogia escripta pelo padre Mascarenhas, Beatriz Dias, mulher de Lopo Dias, foi filha de Tebiriçá.

De accordo com esses dous documentos (2) passamos a rectificar a genealogia de João Ramalho..."

---

(1) O fato de filhos de portugueses uzarem nomes muito diversos dos paes não significa bastardia. Frequentemente se assinavam com o nome do avô, ou avó, quando não do padrinho ou bemfeitor. Esse costume foi adotado pelos escravos, que muitas veses tomavam depois de fôrros os apelidos do senhor.

(2) O primeiro documento consiste em estudos criticos do brigadeiro Arouche sobre os trabalhos de Pedro Taques, referentes a João Ramalho.

5

Pag. 113

Tomando como ponto de partida. um decendente de Henrique da Cunha para cada família que ainda conserva varonia deste povoador, temos:

ALMEIDA PRADO

JOSÉ DE ALMEIDA PRADO, filho de Antónia Euphrosina Paes de Barros — filha de Maria Jorge de Almeida Barros e de Fernando Paes de Barros — e de João Baptista de Almeida Prado.

JOÃO BAPTISTA, filho de Maria Dias Pacheco de Arruda — filha de Bento Dias Pacheco (dos Pachecos das Ilhas) e de Izabel de Arruda (Botelho) — e de Francisco de Almeida Prado.

FRANCISCO, filho de Anna de Almeida — filha de João de Almeida Pedroso, e de Izabel Cae.ana do Pilar — e de João de Almeida Prado, cavaleiro de Cristo, capitão mór de Itú.

JOÃO, filho de Maria de Arruda Pacheco — filha de Antonio Ferraz de Arruda (Botelho) e Maria Pacheco (das Ilhas) de Menezes e de Lourenço de Almeida Prado, Ouvidor de Itú.

LOURENÇO, filho de Maria da Silva Furquim — filha de Claudio Furquim de Abreu, e de Leonor Siqueira de Albuquerque — e João da Cunha de Almeida.

JOÃO, filho de Maria de Camargo — filha de Marcellino de Camargo e de Mecia Ferreira Pimentel de Tavora — e Miguel de Almeida Prado.

MIGUEL, filho de Filippa de Almeida Prado — filha de Miguel de Almeida Miranda e de Maria do Prado — e João da Cunha Lobo.

JOÃO, filho de Maria de Freitas — filha de Sebastião de Freitas cavaleiro fidalgo, e Maria Pedroso — e Henrique da Cunha Gago, o Moço, capitão de Bandeiras.

HENRIQUE, filho de Izabel Fernandes — filha do capitão de Bandeiras Salvador Pires, e Mecia Fernandes — e de Henrique da Cunha Gago.

HENRIQUE, filho de Filippa Gago, mulher nobre segundo Silva Leme, que lhe empresta próximo parentesco com o governador da capitania de S. Vicente, Antonio de Oliveira; e Henrique da Cunha, português, povoador afonsino, também tido por homem nobre por Silva Leme. Com efeito o apelido parece indicar essa qualidade; os plebeus da época só tinham nomes batismais.

GODOY MOREIRA

Francisco de Godoy Moreira e Costa, filho de Maria Bella Marcondes Homem de Mello — filha de Francisco Marcondes Homem de Mello, Visconde de Pindamonhangaba, e Antonia Maria Monteiro de Godoy — e Miguel de Godoy Moreira e Costa.

MIGUEL, filho de Izabel Maria de Oliveira, prima de seu marido, commendador capitão Antonio de Godoy Moreira.

ANTONIO, filho de Maria Antonia de Oliveira, prima de seu marido, Miguel de Godoy Moreira.

MIGUEL, filho de Clara Francisca de Oliveira Neves — filha de Manoel de Oliveira Neves e Anna Joaquim Correa — e José de Godoy Moreira e Costa.

JOSÉ, filho de Izabel Cardoso Leite — filha de Miguel de Godoy Moreira e Maria Leite de Araujo — e do tenente Manoel da Costa Paes.

MANOEL, filho de Francisca Romeiro Velho Cabral — filha de Manoel da Costa Leme e Maria Paes Domingues — e Antonio da Cunha Portes de El-Rei, tenente coronel das ordenanças.

ANTONIO, filho de Margarida Bueno da Veiga e de Bartholomeu da Cunha Gago, o moço, capitão de Bandeiras.

BARTHOLOMEU, filho de Maria Portes de El-Rei — filha do Capitão de Bandeiras João Portes de El-Rei e de Julianna Antunes — e Bartholomeu da Cunha Gago.

BARTHOLOMEU, filho de Martha de Miranda — filha de Miguel de Almeida de Miranda e Maria do Prado — e Antonio da Cunha Gago (o Gambeta), capitão de Bandeiras.

ANTONIO, filho de Catharina de Unhatte — filha de Luiz de Unhate (ou Oñate) e Maria Antunes — e Henrique da Cunha Gago, o velho.

HENRIQUE, filho de Filippa Gago e Henrique da Cunha, ambos com ascendência em Portugal.

MARCONDES ROMEIRO

MANOEL Ignacio Marcondes Romeiro, barão de Romeiro, filho de Anna Marcondes de Moura Romeiro — filha do sargento mór Manoel de Moura Fialho e de Anna Marcondes de Oliveira — e sargento mór José Romeiro de Oliveira Godoy.

JOSÉ, filho de Clara Francisca de Oliveira Neves — filha de Manoel de Oliveira Neves e Anna Joaquina Correa — e José de Godoy Moreira Costa.

JOSÉ, filho de Izabel Cardozo Leite — filha de Miguel de Godoy Moreira e Maria Leite de Araujo — e tenente Manoel da Costa Paes.

MANOEL, filho de Francisca Romeiro Velho Cabral — filha de Manoel da Costa Leme e Maria Paes Domingues — e Antonio da Cunha Portes de El-Rei.

ANTONIO, filho de Margarida Bueno da Veiga de Mendonça — filha de Balthazar da Costa da Veiga e de Maria Bueno de Mendonça — e Bartholomeu da Cunha Gago, o moço, capitão de Bandeiras.

BARTHOLOMEU, filho de Maria Portes de El-Rei — filha do capitão de Bandeiras João Portes de El-Rei e Juliana Antunes — e Bartholomeu da Cunha Gago.

BARTHOLOMEU, filho de Martha de Miranda — filha de Miguel de Almeida de Miranda e Maria do Prado — e Antonio da Cunha Gago (o Gambeta), capitão de Bandeiras.

ANTONIO, filho de Catharina de Unhatte — filha de Luiz de Unhatte e Maria Antunes — e Henrique da Cunha Gago, o velho.

HENRIQUE, filho de Filippa Gago e Henrique da Cunha.

As tres familias paulistas que mantêm varonia na decendência de Henrique da Cunha aprezentam mais a

particularidade de não terem quebra de bastardia na sucessão da linhajem, o que não deixa de ser execional em sociedades incipientes. Poucas linhajens reinois poderiam dizer outro tanto num periodo de quatro séculos.

TOLEDO LEME

MANOEL Maximiano de Toledo, taquigrafo das Assembléas Provinciais de S. Paulo, casado com Anna Gabriela da Silveira — filha de Tristão da Silveira Campos e Anna Gabriela de Campos — filho de Catharina Galeano Salinas de Toledo e de José Bonifacio de Toledo.

JOSÉ BONIFACIO, filho de Ignacia Joaquina de Toledo — filha, de Antonio de Freitas de Toledo e Ignacia Maria de Jesus — e José Joaquim de Assumpção.

JOSÉ JOAQUIM, filho de Maria de Oliveira e Bernardino da Silva Monteiro.

BERNARDINO, filho de Francisca do Rosario das Chagas — filha de Simão Correa de Lemos e Moraes e de Izabel da Silva Pinto — e Francisco Pires Monteiro.

FRANCISCO, filho de Maria Luiza — filha de portugueses de Aljubarrota — e José Pires Monteiro, povoador de S. Catharina.

JOSÉ, filho de Maria Pires Fernandes — filha do capitão de Bandeiras, Salvador Pires de Medeiros e de Ignez Monteiro (a Matrona) — e Francisco Dias Velho, capitão de Bandeiras, conquistador e povoador da ilha de S. Catharina.

FRANCISCO, filho de Custodia Gonçalves — filha de Gonçalves Penedo e Helena Gonçalves — e Francisco Dias capitão de Bandeiras, devastador do sertão dos Patos, rio S. Francisco do Sul, Rio Grande de S. Pedro.

FRANCISCO, filho de Antonia Gomes da Silva, — filha de Pedro Gomes e de Izabel Affonso, esta filha do afonsino Pedro Affonso — e Pedro Dias, egresso da Companhia de Jesus, juis ordinário de S. Paulo onde faleceu em 1590.

Tanto Pedro Dias, como Henrique da Cunha e outros povoadores tidos por afonsinos em Silva Leme, parecem-nos das levas colonisadoras posteriores a 1532, quando

vieram para S. Vicente portugueses acompanhados das familias e haveres. Pela data do falecimento de Pedro Dias, talvês tenha sido este dos últimos a chegar (v. Serafim Leite, DXXVII, II.).

6

Pag. 120

Jaboatão enumera a decendência imediata de Caramurú:

"§ Indo Martim Affonso de Sousa para a India, tomou de arribada o porto desta Bahia, e os Padres de S. Francisco, que comsigo levava, bautizarão os filhos, e filhas naturaes do dito Diogo Alvares, e tambem alguns legitimos, que tinha da dita legitima sua mulher; e logo casou uma filha natural com Affonso Rodrigues natural de Obidos, e outra com um fidalgo genovez por nome Paulo Diaz Adornos que havia pouco havião vindo de S. Vicente em huma lancha, por hum omisio, que lá tiverão.

§ Depois veyo Francisco Pereira Coutinho com gente povoar esta Capitania da Bahia, de que El-Rey lhe havia feito mercê, e então casou o dito Diogo Alvares Caramurú suas filhas legitimas de entre elle, e sua mulher; a saber: a mais velha, que se chamou Anna Alvares, com Custodio Rodrigues Correa, pessoa nobre, natural de Santarem, dos quaes nascerão os filhos, e filhas seguintes, a saber: o P. Marçal Rodrigues, Vigario de Villa Velha, e o Capitão André Rodrigues Correa, e Lourenço Correa, e Paulo Rodrigues, e Jorge, e Izabel Rodrigues, que depois casou com João Marante, natural de Coimbra, e Maria Correa, que depois casou com Ayres da Rocha Peixoto, natural de Elvas, e dos mais nobres.

§ Com Genebra Alvares, outra filha de Diogo Alvares Caramurú, casou Vicente Diaz, natural do Além Tejo, criado do Infante D. Luiz, homem fidalgo, e della houve a Diogo Diaz, Belchior Diaz Moreira, Lourenço Diaz, e Vicente Diaz, e Maria Diaz, que casou com Francisco de Araujo, natural de Ponte de Lima, da melhor nobreza de Entre Douro e Minho. Catharina Alvares casou com Balthazar Barbosa, meyo irmão do dito Francisco de

Araujo; Andreza Diaz, que casou com Diogo de Morim Soares, e Francisca Diaz, que casou com Antonio de Araujo, irmão de Gaspar Barbosa de Araujo, todos naturais de Ponte Lima.

§ A terceira filha de Diogo Alvares Caramurú, foy Appollonia Alvares, que casou com o capitão João de Figueiredo Mascarenhas, e pelo nome do gentio o *Buatucá*, era natural da cidade de Faro, filho de Lourenço de Figueiredo, Fidalgo nos livros d'el Rey, que passou á Bahia por matar hum conego seu parente, trazendo comsigo este filho de doze annos, que fez grandes serviços a Deos, e a El Rey, conquistando a mayor parte destas Capitanias; pelo que El-Rey lhe escrevia, que o estimava muito; morreo de meya idade, deixando cinco filhos, de que a mais velha se chamava Filipa de Figueiredo, que casou com o capitão Antonio de Paiva, e a segunda Maria de Figueiredo, casou com o capitão Sebastião de Brito Correa, a quarta, Gracia de Figueiredo, casou com Francisco de Barros, natural de Ponte de Lima; a quinta, Clemencia de Figueiredo, casou com Bento de Barbuda, natural da Bahia, filho de Francisco de Barbuda, o velho.

§ A quarta, e ultima filha de Diogo Alvares Caramurú, foy Gracia Alvares, que casou com Antão Gil, seus filhos e filhas forão Cosmo Gil, Diogo Alvares, Lourenço Sarradas, Antão Gil, Catharina Gil, que casou com Gaspar Barbosa de Araujo, natural de Ponte de Lima, que era irmão de Antonio de Araujo, marido de Francisca Diaz acima dito, e ambos primos de Francisco de Araujo sobredito; e D. Maria Gil, que casou com o Capitão Gonçalo Bezerra de Mesquita, natural da Villa de Vianna.

§ Os filhos naturaes do dito Diogo Alvares forão os seguintes: Gaspar Alvares, que casou com Maria Rebella, irmão de Lopo Rebêllo, escrivão da Alçada, officio, que El Rey lhe deo, pelo que perdeo em Arzila, onde era morador, quando se despojou aquella Fronteira; e Marcos Alvares, que foy o que fez com os Tapuyas e os trouxe á communicação com os Portugueses, e Manoel Alvares e Diogo Alvares, que matarão os Indios em Giquiriçá, quando matarão o filho do Governador Men de Sá.

§ As filhas naturais do dito Diogo Alvares forão, Magdalena Alvares, que casou com Affonso Rodrigues, que já se disse acima, e Felippa Alvares, que casou com

Paulo Diaz Adorno, dos quaes nasceo Antonio Diaz Adorno, Cavalleiro do Habito de Santiago; dos dous acima Affonso Rodrigues e Magdalena Alvares, nascerão o Capitão Rodrigo Martins, o capitão Alvaro Rodrigues, e Gaspar Rodrigues, Senhores do Engenho da Cachoeira, e suas terras. As outras forão, Helena Alvares, casada com João Luiz, e delles houve, Thomé Luiz, Antonio Luiz, Salvador Luiz, Ignez Luiz, que casou com Antonio Rodrigues, Prior; Izabel Alvarez, outra filha do dito Caramurú, foy casada com Francisco Rodrigues; seus filhos Felippe Rodrigues, e Joanna Rodrigues, que casou com Gaspar Melio, sogro de Sebastião Cubêlos. A ultima foy Beatriz Alvares, que casou com Antonio Vaz, e Maria Gonçalves, que casou com Balthazar Margalho de Acupe".

Esta relação tem grande interesse pelas indicações de naturalidade dos genros de Caramurú, que foram dos primeiros povoadores do Norte e Nordeste brasileiros.

7

Pag. 133

Desde os primeiros tempos da descoberta da América, houve preocupação em elucidar a orijem dos indios. Em 1520 Paracelso protestava contra a inclusão do gentio americano na humanidade. Parecia-lhe erro grave a monogenia apregoada por Moisés. Um habitante do Perú no século 16, Gregório Garcia, acreditava que os judeus tinham povoado a América, porque tanto "los Marranos como los indianos" se mostravam erejes, covardes e ingratos para com o bem que os espanhois lhes queriam. Mas a extravagância não parou em épocas tão remotas. Até pouco tempo ainda se arquitetavam ipóteses de todo gênero para explicar a orijem dos indios. Investigações recentes de Hrdlicka trouxeram notáveis subsídios para a ipótese da imigração. Não sabemos comtudo exatamente de que regiões procedem estes imigrantes, nem podemos siquer aventurar si um dia conseguiremos discriminal-os. Das diversas ipóteses existentes ha cinco principais:

1) Imigração do norte da Ásia pelo estreito de Behring;
2) Orijem chinesa, por semelhantes somáticas e linguísticas entre povoações uralo-altáicas e índios. O fenómeno ter-se-ia realisado pela navegação. A curiosa tese de Toung-Dekien recebe hoje reforço com os trabalhos de Michel Honnorat. v. *Demonstration de la Parenté de la langue Chinaise.* Paris, Paul Geuthner (3);
3) Orijem africana. Elliot Smith e sua antiga escola atribuiam ao Egito e regiões visinhas as civilisações ameríndias. Outros autores situam em vários pontos da África os imigrantes que passaram o Oceano;
4) Orijem australiana, e polinésica, por semelhança de língua e costumes (ipótese Paul Rivet);
5) Orijem mista: chinesa e oceânica.

Por ora é cedo para se cogitar da solução do problema. Haja vista a possibilidade, sinão o autoctonismo, pelo menos de uma imigração consideravelmente mais antiga, que as principais a que se atribue povoamento do continente, (vestígios dos sambaquís, cliffdwellings, mounds, pueblos e paraderos, assim como as diferenças da braquicefalia e dolicocefalia das populações das bacias dos grandes rios, ou dos planaltos). Quantas contradições que desnorteam! Os índios da América do Norte são quasi altos e ossudos; os siberianos, tidos por seus próximos parentes, baixos e troncudos, semelhantes a certos aborígenes da Bolívia, Brasil ou Argentina. Fatos parecidos repetem-se a cada passo nos domínios da antropologia e ciências correlatas, tornando arriscada qualquer afirmação por demais categórica, ou teoria exessivamente engenhosa. Poderiamos citar a propósito a severa

---

(3) "Il ressort de ce livre... qu'il y a 8.000 ans les Aryens, les Sémites et les Chamites, en compagnie des Sumériens, formaient un seul peuple parlant une langue unique. M. Honnorat se juge en mesure d'affirmer des maintenant, par l'étude de nombreuses langues de la terre qu'avec eux vivaint les ancêtres de toutes les races actuelles du globe, des Peruviens et des Mexicains aux Chinois et aux Japonais..." Boletim Paul Geuthner 46.

reflexão de um crítico francês (4) sobre miss Churchill Semple, autora do *Geographic Environments* "... il y a une ambition insoutenable et puerile à pretendre d'un bloc traiter de problemes aussi compliqués..."

8

Pag. 145

Certos autores por demasias de erudição, ou preocupados pelas Escrituras, atribuiram orijem ebráica ao índio. Em 1547 Arius Montanus pretendia que a América primitiva fôra povoada pelos filhos de Jectan, bisnetos de Sem, dos quais Seba colonizou a China; Ophis chegou ao nordeste do Novo Mundo, depois deceu pelo continente até o Perú; e o terceiro, Jobal, fixou-se no Brasil. Menasseh Ben Israel tratou longamente do gentio amerindio na sua obra capital *Origen de los Americanos.* Inúmeros outros seguiram os seus conceitos, pelo que seria fastidioso enumeral-os. Entre nós, o padre Luis António da Silva e Sousa, descrevendo os Caiapós, alude a "ritos Judaicos". Teodoro Sampaio cita tradições dos Tupis como a do *"diluvio* (que tinham) *a seu modo.' Quando as aguas cresceram, diz a lenda, cubrindo a terra, todos os viventes pereceram. Tamandaré porem, com a sua familia subiu, para o olho de uma palmeira, cujos fructos o sustentaram por todo o tempo em que durou a inundação, até que elle pôde descer para tornar a povoar a terra".* No *Selvagem* de Couto de Magalhães, vemos a lenda Tupi *Como a noite apareceu,* semelhante, na opinião do almirante Alves Câmara, ao pecado original: *"...os servos do noivo foram buscar em casa do sogro um caroço de tucumã. Elle o entregou, e prohibiu-lhes que o abrissem. A curiosidade perdeu-os. Os canoeiros em caminho abriram o caroço de tucumã, e fez-se immediatamente a noite, e tudo se transformou, principiando por elles..."* O padre Nicolau Badariotti preocupou-se seriamente com a orijem judáica dos Parecis. Fundava

(4) Lucien Febvre. III.

a suposição na teogonia dessa tribu, assim como linguagem e costumes, embora reconhecesse a dificuldade das investigações pela repugnância dos Parecis em revelar pormenores da sua vida intima. Além desses trabalhos, de pessoas sinceras, algumas dezejosas de esclarecer as ciências, outras influenciadas pelo Antigo Testamento onde ocorrem as frotas de Hiram e Salomão, e as maravilhosas regiões de Tarsis e Ofir, temos os de cientistas armados de todas as luses germânicas. Divizou Paul Ehrenreich nos Bacaeris o "semitischer typus", a que as estampas do *Urbewohner Brasiliens* dão alguns visos de verosimilhança. DCXXXVIII 533. Vide também a respeito J. Imbelloni DCLXXI, 22 e Diálogos DCXXXIII, etc...

9

Pag. 153

Das anotações de Rodolfo Garcia ao *Tratados de Cardim* extraimos o seguinte trecho sobre o *magico*: "... dos processos da Inquisição, que levaram o erudito Dr. Capistrano de Abreu a identifical-o com Antonio de Gouvêa, ilheu da Terceira, clerigo de missa, pertencente algum tempo á Companhia de Jesus. Na Europa andou envolvido nas malhas da Inquisição por certas praticas com que não estava de accordo a egreja catholica; vindo degredado para o Brasil, ficou em Pernambuco, obteve do bispo D. Pedro Leitão a reintegração nas ordens sacras e caiu nas graças de Duarte Coelho de Albuquerque. Dava-se por alchimista e grande conhecedor de minas. "Suas facanhas chegaram ao Velho Mundo (escreve o Dr. Capistrano de Abreu — *Um visitador do Santo Officio*, Rio de Janeiro, 1922, p. 4); accusavam-no de dizer missa com paramentos hereticos em sitios vedados pelo concilio tridentino, de matar ou ferrar na cara indios tomados em combate, de arrancar as cunhãs a seus donos ou amantes, de desafiar para duelos, de diffamar os Jesuitas, attribuindo-lhes pensamentos suspeitos, doutrinas hereticas, etc. Preso na rua Nova de Olinda, nas pousadas de Anrique Affonso, Juiz ordinario, a 25 de Abril de 1571, foi internado a 10 de Setembro no carce-

re de Lisbôa, aonde em 30 de Dezembro de 1575 pedia em audiencia aos membros do tribunal que o quizessem despachar ou lhe dar culpas que contra elle tivessem para se defender e livrar dellas". Fernão Cardim, *Tratados*, [DCIX, 276]. v. também CLXVIII H.ª da Col. Port. do Brasil III, 304.

10

Pag. 154

"... no sertão vizinho aos Tupinaquins habitão os Guaimurés, e tomão algumas oitenta leguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usão de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos, para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm á peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são muito temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer; são muitos covardes em campo, e não ousão sair, nem passão agua, nem usão de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do mato; são crueis como leões; quando tomão alguns contrarios cortão-lhe a carne com uma canna de que fazem as frechas, e os esfolão, que lhes não deixão mais que os ossos e tripas; se tomão alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um páu, desentranhão as mulheres prenhes para lhes comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéos e Camamu, e estas terras se vão despovoando por sua causa; não se lhes pode entender a lingua". Fernão Cardim. [*Tratados*, DCIX, 198].

A descrição de Gabriel Soares concorda em tudo com a de Cardim, acrecentando: "... e alguns se tomarão já vivos em Porto Seguro e nos Ilhéos, que se

deixarão morrer de bravos sem quererem comer". Apareceram os Guaimurés, segundo este cronista, tardiamente no litoral de Ilhéos, pois os habitantes da região costumavam corresponder-se pelas praias até cinco anos antes de Gabriel Soares iniciar a sua *Notícia*. Depois, tiveram de suspender o meio de comunicação, porque os Guaimurés (ou Aimorés) esperavam os mensageiros, assaltavam-n'os e comiam-n'os.

11

Pag. 176

Afirma J. C. Rodrigues, "...que elle (Pigafetta) teve, porém, escrevendo-a, as suas notas originaes diante de si, não ha duvida, pois emprega expressões como "hoje", etc. Dessa narrativa tirou cópia com que mimoseou a Rainha Luiza, mãe de Francisco I de França, então menor; e a Rainha deu este manuscripto a Antoine Fabri que, em vez de traduzil-o, resumiu o seu conteudo com sacrificio do original; e este resumo foi impresso, de mais a mais, com erros.

Dessa versão ou de outra se fez a edição de Veneza de 1536 da collecção das duas narrativas da viajem de Magalhães, — a de Maximiliano Transylvano e a de Pigafetta, sob o titulo *Il Viaggio fatto da gli Spagnioli a torno al Mondo;* e apesar de que *Ramusio* pretende ter traduzido do original de Pigafetta, o facto é que, com ligeiras alterações, elle aproveitou-se integralmente desta versão de Fabri para a sua aliás preciosa collecção.

Mais tarde o sabio Amoretti, um dos bibliothecarios da Bibliotheca Ambrosiana, achou alli um velho manuscripto que parece ser, não o original, mas a copia do que mandou á Rainha de França, e juntamente com este manuscripto, com mappas, etc. Esse manuscripto, escripto numa mistura de veneziano, italiano e hespanhol, o Dr. Amoretti verteu para o italiano, e publicou este seu trabalho em Milão, 1800". *Biblioteca Brasiliense,* 490-491.

A nossa tradução foi feita pelo trabalho de Amoretti. Notamos pouca diferença com o de Ramúsio. Ambos mostram evidentes lembranças das *Cartas* de Vespúcio.

Ambas trazem os termos de *hamac* e *canoe* do vocabulário Caraiba, que Vespúcio conhecera quando estivera nas Antilhas, mas estranho a Pigafetta, que do Rio de Janeiro seguira para o Prata e dali para o Pacifico sem ter contato com tribus daquele grupo. Vamos reproduzir a versão de Ramúsio afim do leitor cotejar com a de Amoretti que damos no capítulo *Indios*.

"Le genti di questo paese non adorano alcuna cosa, ma vivono secondo l'uso di natura, e passano vivendo da 125 in 140 anni, gli huomini e le donne vanno nudi, e habitano in alcune case fabricàte lunghe, le qual chiamano Boi. Il lor letto é una rete grandissima fatta di cotone, legata in mezzo la casa, da un capo all'altro ha grossi legni, la qual sta alta da terra, e alcune fiate per cagion di freddo fanno fuoco sotto detta rete sopra la terra, in ciascuno di questi tali letti soglion dormire circa dieci huomini con le donne, e figliuoli, dove si sente che fanno grandissimo romore. Hanno le lor barche fatte di un sol legno nominato Canoe, cavate con alcune punte di pietra, le quali sono tanto dure, che l'adoperano come facciamo noi il ferro, del qual esse' mancano, posson stare in una di dette barche da 30 in 40, huomini, li lor remi con li qual vogano, sono simili ad una pala di forno, e sono le genti di questo paese alquanto nere, ma ben disposte, e agili como noi. Hanno per costumi di mangiar carne humana, e quella delli loro nimici, il qual costume dicono che comincio per cagione d'una femina, che haveva un sol figliulo, la qual, essendole stato morto, e un giorno essendo stati presi alcuni di quelli, che l'havevano amassato, e menati avangli la dette vecchia, quella come un cane arrabiato li corse adosso, e mangiogli una parte d'una spalla. Costui poi essendosi fuggito alli suoi, e mostrandogli il segni della spalla, tutti cominciarano a mãgiar le carni di nimici, iquali non mangiano un pezzo lesso, e altro un'arrosto, per memoria delli lor nimici. Si dipingono maravigiosamente il corpo, si gli huomini, comme le donne, e similmente si levano col fuoco tutti li peli da dosso, di maniera che gli huomini non hanno barba, ne le donne alcun pelo, fanno le lor vesti di penne di pappagalli cou una gran coda nella parte di drieto, e in tal maniera che ci facevan ridere vedendole. Tutti gli huomini, donne, e fan-

ciulli hanno tre buchi nel labbro di sotto, dove portano alcune pietre tonde, lunghe un dito ó piu, che pendono in fuori. Naturalmente non sono ne neri ne bianchi, ma di color di ulivo, hanno sempre le parti vergonhose discoperte senza alcun pelo, si gli huomini, como le donne. Il lor signor chiaman Cacique, il qual ha infinite pappagalli, e ce ne dette da otto in dieci per cambio di uno specchio...

... Per una mannaretta danno in cambio una ò due delle lor figliuole per ischiave, ma per cosa alcuna non dariano la lor mogliere, né quelle fariano vergogna à lor mariti per pretio alcuno, como la loro s'intese, ne vogliono che mai gli huomini giaciano seco di giorno, ma la notte solamente. Questi li portano drieto il lor mangiare in alcuni cesti alle montagne, e altri luoghi, perche non gli abbandonano mai, portano similmente un'arco di verzino, overo di legno di palma negro con un fascio di freccie fatte di canne. Portano gli figlioli in una rete fata di cotone appiccata al collo, e fanno questo per cagion che non siano gelosi. Stettero in questo paese due mesi, nel qual tepo mai nõ piovvé, e andando fra terra tagliarano molti legni di verzino, con liquali fabricarano una casa, e nel ritorno loro al porto peraventura piovvé e gli habitanti dicevano che li nostri erano venuti dal cielo, perche essi havevano menata la pioggia. Questi popoli sono molto docili, e facilmente si convertiriano alla fede christiana".

12

Pag. 197

Embora não seja assunto deste volume, citamos o depoimento de Victor Jacquemont, de tão frisante que é para a formação do Brasil pelos próprios brasileiros. Dá-nos o seu testemunho indicações preciosas, sobre as consequências do que agora começamos a investigar nas orijens mais remotas.

Jacquemont pertencia a um dos grupos de literatos franceses da corrente batizada *romântica*. Companheiro de Stendhal e Merimée, compunha o elemento das capelas literárias, fervorosamente admirado pelos amigos, e

que desaparece quando assomam gerações seguintes. Em vida, Jacquemont fôra considerado pelos intimos espirito superior a Vitor Hugo. Depois de morto, interessa quasi que somente aos brasileiros á cata de documentação sobre o passado.

De todos que escreveram relações da Côrte, é o mais impressionante pelo quadro terrivel que fez em poucas linhas. Horrorizou-se em ver a desproporção dos poucos brancarrões, procurando ocidentalisar o país recem saido da ganga colonial, e a massa enorme de negros e caboclos que os rodeavam. O Brasil parecia-lhe uma espécie de Martinica, onde os crioulos frànceses não puderam rezistir aos escravos revoltados. Para Jacquemont o império brasileiro era uma aberração, que não tardaria a desmoronar sob os golpes do separatismo das provincias rebeladas do norte e do sul, e principalmente pelo levante de negros sempre prestes a estourar. Aqueles dirigentes ridiculos, afogados em fardões de gala; a primitivês do comércio luso nas mãos do labrego gatuno, em concubinato com negras e mulatas; a imensidade de escravos a circular em derredor desses arremedos de civilisação, eram indicios do inevitavel.

Não podia perceber Jacquemont, a profunda ação politica dos homens que menosprezava. Sua atenuante está em que, embora morasse por longos anos no Rio de Janeiro, em contínua observação poderia compreender, porquanto até os protagonistas ignoravam o alcance da própria obra.

13

Pag. 197

Sobre o estado da evolução material e moral dos grupos índios, temos em Jacques de Morgan uma síntese muito interessante acerca de primitivos:

"C'est alors que, parmi ces innombrables familles humaines, intervint un facteur puissant, celui des aptitudes. Toutes les hordes n'étaient point égales en vitalité physique et intellectuelle, soit que l'ambiance dans l'aquelle elles avaient vécu fût impropre à leur développement, soit que par atavisme elles fussent condamnées à l'infériorité.

Lá survint le mistére de l'origine unique ou multiple de la race humaine, problème dont nous ne pouvons même pas entrevoir la solution. Les descendants d'Adam, dit la tradition, ont épousé les filles des hommes. Il existait donc des hommes, des êtres inférieurs, ces vieux souvenirs l'affirment et l'ethnographie semble devoir confirmer leurs dires.

Que penser de cette inégalité de culture chez les aborigènes du Nouveau-Monde, du grand développement de certains peuples au Méxique, au Pérou, et de l'infériorité de certains clans de l'Amérique du Nord, des tribus de l'Amazone, des Guyanes, de Patagons, des Esquimaux, de tous ces êtres inférieurs que l'exemple même n'a pu tirer vie de primitifs? Comment juger ces races noires qui, malgré la culture qu'elles reçoivent dans certains pays, ne fournissent qu'une bien faible proportion d'individus qui véritablement soient des hommes?

Cette inégalité des facultés cérebrales, qui existe encore chez les peuples les plus civilisés, parmi les individus, il la faut accepter aussi chez l'homme d'avant l'Histoire: comme de nos jours elle ne séparait pas seulement les êtres entre eux, mais s'appliquait aux familles humaines elles-mêmes. De lá vint la naissance de foyers de développement multiples, d'intensité diverse, à des époques qu'on ne saurait fixer, car les causes mêmes de ce développement ne permettent de leur assigner ni un lieu ni un temps. Il n'existe pas, pour le progrès intellectuel, de phases comparables à celles des diverses évolutions de la vie animale", J. de Morgan. DCXXV.

14

Pag. 199

Lucien Febvre compara a selva equatorial brasileira á africana. Cita Rivet no que diz da Amazônia: *"la terre y est chaude, d'une chaleur moite d'être vivant, faite de fermentations incessantes et de mille putridités fécondes"*, e se refere no mesmo capitulo á alimentação do negro, muito semelhante á do indio. Tanto o nosso selvajem quanto o africano, viam-se incessantemente

ás voltas com o problema alimentar. O Tupí, como certas povoações da África, curtiu dolorosas privações; "... *les peuples du Centre africain* (região correspondente á Amasônia) *vivent sous le régime permanent de la faim. Manger tout son saoul, se rassassier jusqu à l'indigestion, est l'idée fixe du Nègre"* (Cureau, *Les Societés Primitives de l'Afrique Équatoriale). "Paradoxe apparent, cet état perpétuel de demi-famine sur un sol vierge, qui regorge pourtant de sève et de fécondité... La seule prodigalité de la nature, ce sont les chenilles, les limaces, les grenouilles — et ces insectes sourtont, fournis, termites, sauterelles, papillons, dont nous ne pouvons imaginer, en Europe, l'invencible ténacité ni le grouillement perpétuel: si avides, si devorents, si indomptables qu'on a pu l'écrire: "la vraie bete féroce de l'Afrique équatoriale la plus redoutable, c'est l'insecte* (Cureau ib.) — *Seulement, par compensation, les indigènes, Bandas, Mandjas ou autres, les ramassent à pleins paniers pendant l'hivernage et les mangent; la graisse de termite, notamment, leur est d'une ressource familière* (Chevalier, *l'Afrique Centrale Française).*

Qu'on s'étonne dès lors de voir la famine régner perpétuellement dans ces contrées et le cannibalisme y persister encore? Sans doute, cette pratique n'est pas strictements alimentaire. Elle a pour cause probable une sorte de fétichisme rituel qui pousse l'indigène à s'incorporer les qualités de sa victime en dévorant tout ou partie de son cadavre; il n'en est pas moins vrai que les repas anthropophagiques sont souvent une ressource réelle pour les affamés". L. Febvre, III 222.

15

Pag. 210

Por estranho que pareça, Tupis, Caraibas ou Canadenses, concorreram com os argumentos, por assim dizer decorativos, de certas ideas que tiveram alguma influência na Revolução Francesa, cujos efeitos em ves de se atenuarem com o tempo, cada ves mais se ampliam.

Os golpes que os filósofos do século 18 vibraram no velho edifício monárquico eram dados em nome da ciência.

Como sempre, as revoluções mais profundas começam do alto. Nobres, sábios, filósofos, apaixonavam-se na França de Luis 16 pelos debates sobre a desigualdade politica, agora crismada luta de classes. Era o mesmo fenómeno que hoje por veses prezenciamos com estudantes, engenheiros, médicos, advogados e militares, quando flirtam com o marxismo. Ninguém na França, no fim do século 18, duvidava dos conhecimentos cientificos dos enciclopedistas, assim como dos de seu desafeto, mas correligionário, Jean Jacques Rousseau. Taine mesmo, assim pensava. Nesse ponto, acerca dessa ciencia soberana tão dificil de se definir, o historiador francês Gaxotte elaborou impressionante quadro do periodo anterior á Revolução Francesa: *"Possuia realmente Voltaire o gênio da vulgarisação dos conhecimentos, mas o seu laboratório de Cirey não passava d'uma fantasia de Mme. du Chatelet. Esta, tanto podia interessar-se por uma oficina de siderurgia como por uma capela, contanto estivesse na moda a siderurgia ou a devoção. As experiências de Montesquieu são irrisórias; a mais importante concistia em mergulhar na água a cabeça de um pato e contar o tempo que levava para morrer. Quanto a Diderot e Rousseau, o primeiro era um confuso autodidata e o segundo sabia muito pouca cousa".*

De meados do século 18 em deante a França assistiu no dizer do mesmo autor, ao desfile de *"Indios muito parisienses; persas muito civilisados, ingênuos sem ingenuidade. A poder de hábeis ironias, comparações depreciativas, espantos estudados, conseguiram perturbar espiritos, semear dúvidas e inquietação nos mais sensatos, reprezentar como violências ou usurpações os direitos mais comuns, e como abusos novos, intoleráveis, instituições que durante séculos todos respeitavam e se sentiam honrados em servir".*

No mesmo sentido escreveu outro analista da época, *"Ce qui frappe dans ces romans, c'est une volonté continue de detruire. Pas une tradition qui ne soit contestée, pas une idée familière qui soit admise, pas une autorité qu'on laisse subsister. On demolit toutes les institutions;*

on contredit à cœur joie". Numa palavra, o cristianismo em geral e o catolicismo em particular, são absurdos e bárbaros, a monarquia iniqua, a sociedade necessitada de reforma radical. Com esse programa aprezentavam o paraiso que sanaria as injustiças e infelicidades acumuladas no passado. Os viajantes do tempo dividiam-se em tres classes, os da Europa, bastante pacificos; os de terras exóticas, menos inocentes, *"poussés par le gout de l'aventure, par la cupidité, par la foi, sont plus passionés"*; e os derivantes desses, os ficticios, *"les voyageurs dans l'irrél vont jusqu'a la fureur"*, Paul Hazard, in *La Crise de la Conscience Européenne* (DCLXVII. 32. 33. I.).

Culminou o interesse dos dicípulos do sensualismo de Locke e materialismo de Leibnitz, pelo gentio, com a *História Filosófica das duas Indias*, do abade Reynal, obra enorme e indigesta, em que colaboraram Holbach e Diderot. De fato, os enciclopedistas não podiam dezejar melhor argumento, na sua propaganda, que o selvícola indefeso, bom para tudo, até como paradigma de perfeição humana.

Livrarias Americanistas de acordo com *Internationales Adressbuch der Antiquare* 1934 (Weimar. Alemanha) e outras fontes.

Barbazan, Julian, Constantino Rodrigues, Madrid, Espanha.
Maggs, 35 Conduit Street, London W. Inglaterra.
Quaritch, 11 Grafton Street, London W. I. Inglaterra.
Francis Edwards, 83 High Street, Marylebone, London W. I. Inglaterra.
Besombes. R. Lepelletier, 40, Paris IX.
Nourry, 62 R. des Ecoles, Paris, V. França.
Maisonneuve Freres, 3, R. du Sabot, Paris VI, França.
Adrien Maisonneuve, R. de Tournon, Paris V. França.
Paul Geuthner, 13 R. Jacob, Paris VI, França.
Halle, Ottostrasse 3.ª Muenchen, 2: Alemanha.
Rosenthal, Briennerstrasse 47, Muenchen, Alemanha.
Breslauer, Franzoesischestrasse 46, Berlin W. 8, Alemanha.
Weiss, Karolinenplatz 1, Muenchen, Alemanha.
Hiersemann, Koenigstrasse 29, Leipzig C. 1, Alemanha
Coelho, R. do Mundo 27 Lisboa, Portugal.
Nijhoff, Lange Voorhout 9, Haag, Olanda.
J. Leite, R. S. José 70, Rio de Janeiro, Brasil.
Lange, Via de Seragli 132, Florença, Italia.
Vindel, Prado 5, Madrid, Espanha.

Hassing, Politikens House, Copenhagen, V. Dinamarca.
Bjoerck e Bjoerjesson, 62 Drottninggatan, Stockholm, Suécia.
Molina, Travesia del Arenal 1, Madrid, Espanha.
Mezdunarodnaya Kniga, Kuznetski Most 18, Môscua, U. R. S. S.
Baer, Hochstrasse 6, Francfort, 3, M. Alemanha.
Bannier et Grandmaison, Librairie des Arcades, R. de Castiglione, Paris 1, França.
The Rosenbach C.º 15 East, 51, St. Street, New York, U. S. A.
Brasil, R. Benjamin Constant, S. Paulo, Brasil.
Kosmos, R. do Rosário 137. Rio de Janeiro. Brasil.
Viau, Florida 641. Buenos Aires. Argentina.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA POR ORDEM DE CAPÍTULOS

INTRODUCÇÃO

I Berr, Henri — La Synthèse en Histoire, Paris 1911.

II Berr, H. — L'Histoire Traditionelle et la Synthèse Historique, Paris 1921.

III * Febvre, Lucien — La terre et l'Evolution Humaine, Paris, 1922 (1).

IV Virgílio, P. M. — Geórgica, Liber Primus, Paris, 1931.

I

O PORTUGUÊS NA ERA DOS DESCOBRIMENTOS:

V Accursio das Neves — Considerações sobre os Descobrimentos dos Portugueses, Lisboa 1826.

VI Afonso de Albuquerque — Cartas, Lisboa, 1884-1915.

VII Aires de Sá — Frei Gonçalo Velho, Lisboa, 1899.

VIII Almeida de Eça — Normas Económicas na Colonisação Portuguesa, Coimbra, 1921.

---

(1) As obras precedidas de um asterisco são particularmente indicadas para a documentação do assunto tratado no capítulo.

IX * Almeida, Fortunato de — História de Portugal, Coimbra 1922.
X * Almeida, Fortunato de — História da Igreja em Portugal, Coimbra, 1910.
XI * Almeida, Fortunato de — Subsidios para a História Económica de Portugal, Porto, 1920.
XII Almeida, Fortunato de — Alguns Documentos da Torre do Tombo.
XIII Altamira, Rafael — Historia de España y de la Civilisacion Española, Barcelona, 1913.
XIV Anais das Bibliotecas e Arquivos, Lisboa 1920.
XV Andrade Corvo, João — Roteiro de D. João de Castro, Lisboa 1882.
XVI Anselmo e Proença — Bibliografia... Portugal no século XVI, Lisboa 1926.
XVII Archivo da Biblioteca da Universidade de Coimbra — Coimbra.
XVIII * Archivo Histórico Portuguez, Lisboa.
XIX Archivo Heraldico Genealogico, Lisboa.
XX Archiv Internationales fuer Ethnographie, Leide 1888.
XXI Archivo Portuguez Oriental, Nova Goa 1857-76.
XXII Archivo Pittoresco, Lisboa — 1858-68.
XXIII Archivo Real da Torre do Tombo, Lisboa 1909.
XXIV Archivo Storico Italiano, Firenze.
XXV Azevedo e Baião — O Archivo da Torre do Tombo, Lisboa 1905.
XXVI * Azevedo, João Lúcio d' — Épocas de Portugal Económico, Lisboa 1929.
XXVII Azevedo, João Lúcio d' — A evolução do Sebastianismo, Porto 1918.
XXVIII * Azevedo, João Lúcio d' — Novas Epanáforas, Lisboa 1932.
XXIX Azevedo, Pedro de — Documentos das Chancelarias Reais, Coimbra.
XXX Azevedo, Pedro de — Escravos, in Arch. Hist. de Portugal. I.

XXXI Baião, Antonio — Afonso d'Albuquerque, Lisboa 1913.

XXXII Ballard, G. A. — Rulers of the Indian Ocean, London 1927.

XXXIII Balbi, Adrien — Essai Statitisque sur le Royaume de Portugal, Paris 1822.

XXXIV Barbosa Machado — Bibliotheca Lusitana, Lisboa 1741-59.

XXXV Barros, João de — Decadas da India — Lisboa 1778.

XXXVI Beazley, R. — Prince Henry the Navigator, New York 1895.

XXXVII * Bensaude, J. — Histoire de la Science Nautique des Decouvertes Portugaises, Lisboa 1921.

XXXVIII Bensaude, J. — Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Decouvertes Maritimes Portugaises - Genève, 1920.

XXXIX * Bernardes Branco — Portugal e os Estrangeiros, Lisboa 1873.

XL Bernardes Branco M. — Historia das Ordens Monasticas em Portugal, Lisboa 1889.

XLI Bernardes Branco — El Rei D. Manoel Lisboa 1888.

XLII Bettencourt — Descobrimento e Conquistas — Lisboa 1881.

XLIII Bibliotheca Lusitana, Publicações, Porto.

XLIV Boletim da Sociedade dos Bibliophilos Barbosa Machado, Lisboa.

XLV * Boletim da Academia de Sciencias de Lisboa — Lisboa.

XLVI Borges de Castro — Coleção dos Tratados de Portugal, Lisboa.

XLVII Bosch — Gimpera, P. — Los Celtas en la Peninsola Iberica, Madrid 1923.

XLVIII Braamcamp Freire, A. — Noticia da Feitoria de Flandres, in Archivo Historico de Lisboa.

XLIX Braamcamp Freire, A. — Expedições e Armadas nos annos de 1488 e 89 — Lisboa 1915.

L Braamcamp Freire, A. — Critica e Historia, Lisboa 1910.

LI Braamcamp Freire, A — Armaria Portuguesa, Lisboa.

LII Braamcamp Freire, A. — Os Brasões da sala de Sintra, Coimbra 1921.

LIII Braamcamp Freire, A. — A povoação de Estremadura no XVI sec. in Arch. Hist. Port. Lisboa 1929.

LIV Braga, Theophilo — Poetas Palacianos no seculo XV, Lisboa 1871.

LV Brandão, João — Magestosa Cidade de Lisboa, publ. por Gomes de Brito.

LVI Brito Aranha, P. — A imprensa em Portugal nos seculos XV e XVI. As Ordenações d'el Rei D. Manoel, Lisboa 1898.

LVII Buarcos, João Fernandes de — Tratado da magestade, grandeza e abastança da cidade de Lisboa, in Arquivo Histórico Portuguez.

LVIII Bulletin Hispanique, Paris.

LIX Bulletin de la Societé Geographique d'Anvers, Anvers.

LX Burger, Konrad — Die Drucker und Verleger in Spanien und Portugal, Leipzig, 1913.

LXI Calcoen — publicado por Berjeau, London 1874.

LXII Campos de Andrada, — Os manuscritos da Casa Fronteira, in Revista de Historia, volume 12.

LXIII Campos, A. — Os Cronistas, in História da Literatura Portuguesa Illustrada, Lisboa 1929.

LXIV Canestrini G. — Memoria Interno alle Relazioni Commerciali dei Fiorentini coi Portughesi, in Archivo Storico Italiano.

LXV Cánovas del Castillo — Historia General de España, Madrid 1894.

LXVI Carqueja, Bento — O Capitalismo Moderno e suas origens em Portugal, Porto 1908.

LXVII Castelo Branco, C. — Noites de Insomnia, Porto 1874.

LXVIII Castelo Branco, C. — Scenas Innocentes Lisboa 1863.

LXIX Castelo Branco, C. — Narcoticos, Porto 1882.

LXX Castelo Branco, C. — Sentimentalismo e Historia, Porto 1879.

LXXI Castelo Branco, C. — Historia e Sentimentalismo, Porto 1880.

LXXII Castilho, Julio de — Lisboa Antiga, Lisboa 1893.

LXXIII Catalogo da 3.ª Livraria do 2.º Visconde de Santarem, Lisboa 1918.

LXXIV Chaves, Luis — Lendas de Portugal, Porto 1924.

LXXV Chaves, Luis — Paginas Folcloricas, Lisboa 1920.

LXXVI Clenard, N. — Voyage in het Jaar 1535, Leyden 1706.

LXXVII Coelho, Adolfo — Os Ciganos em Portugal, Lisboa 1892.

LXXVIII Coelho, J. Augusto — Evolução das Sociedades Ibericas, Lisboa 1906.

LXXIX Collecção de Opusculos Relativos á Historia das Navegações dos Portugueses, Lisboa 1844-58.

LXXX Collecção de Noticias para a H. a das Nações Ultramarinas, Lisboa 1812-41.

LXXXI Collecção de Leis da Divida Publica Portuguesa, Lisboa.

LXXXII Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España, Madrid, 1842.

LXXXIII Commemoração do Centenario do Descobrimento da America, Lisboa 1892.

LXXXIV Conestaggio — Dell'unione Del Regno di Portogallo, Venetia 1589.

LXXXV Contrafehe der Herrn und Frawen Fuggerin. Augsburg 1593.

LXXXVI Consiglieri Pedroso, Z. — 4.º Centenario da India, Lisboa 1898.

LXXXVII Consolat de mar, Barcelona 1523.

LXXXVIII Conferencias do Congresso de Sciencias de Coimbra, 1925.

LXXXIX * Corpo Chronologico, in Archivo Nacional, Lisboa.

XC Correia, Gaspar — Lendas da India, Lisboa 1858-66.

XCI Cortesão, J. — Do sigilo Nacional sobre os Descobrimentos, in Lusitania 1924.

XCII Cortesão, J. — Idealisação Legendaria do Povo Portuguez, in revista Aguia, V.

XCIII * Cortesão, Armando — Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos secs. 15 e 16, Lisboa 1935.

XCIV Costa, Pedro da — Epistola de El Rei D. Manoel ao Doge de Veneza, Lisboa, 1907.

XCIII Costa Cabral, F. A. — Dom João II e a Renacença Portuguesa, Lisboa 1914.

XCV Costa Lobo, A. — Origens do Sebastianismo, Lisboa.

XCVI * Costa Lobo, A. — Historia da Sociedade em Portugal no sec. XV, Lisboa 1904.

XCVII Costa de Macedo, J. J. — Memorias para a Historia das Navegações, Lisboa 1835.

XCIX Costa Quintella, J. — Annaes da Marinha Portugueza, Lisboa 1839.

C Couto, Diogo do — Observações das Principais Causas da Decadencia dos Portugueses na Asia, Lisboa 1790.

CI Couto, Diogo do — Soldado Pratico, Lisboa 1790.

CII Cruz, Frei Bernardo da — Chronica de El-Rei D. Sebastião, Lisboa 1837.

CIII Crum Watson, Walter, — Portuguese Architecture, London 1908.

CIV Danvers — The Portuguese in India, London, 1894.

CV Dantas, Júlio — A Livraria do Infante Santo, in Anais das Bibliotecas e Arquivos (vol. II).
CVI Dantas, Júlio — Outros tempos, Lisboa 1916.
CVII Dantas, Júlio — Arte de Amar, Lisboa 1922.
CVIII Darmstaedter, Paul — Geschichte der Aufteilung und Kolonisation, Berlin, 1913.
CIX Demersay, Alfred — Une Mission Geographique das les Archives d'Éspagne et Portugal, Paris, 1864.
CX Denis, Ferdinand — Le Portugal, Paris 1846.
CXI Denucé, Jean — Les Origines de la Cartographie Portugaise, Gand, 1908.
CXII Denucé, Jean — Magellan, Bruxelles 1911.
CXIII Dieulafoy, J. — Isabelle La Grande, Paris 1897.
CXIV Dom Manoel II de Portugal, Catálogo da Coleção de Livros Antigos, London
CXV Dornelas, Afonso de — Tombo Histórico, Lisboa 1911-26.
CXVI Ehrenberg — Das Zeitalter der Fuegger, Iena 1896.
CXVII Ennes, Antonio — Historia de Portugal — Lisboa 1877-84.
CXVIII Engelhardt, Alfons — Arte Manuelina, Regenburg 1911.
CXIX Errera, Carlo — L'Epoca delle Grande Scoperte, Milano 1926.
CXX Esteves Pereira, J. M. — Historia do Progresso das Industrias Portuguesas, Lisboa.
CXXI Esteves Pereira, J. M. — A Industria Portuguesa, Lisboa 1900.
CXXII Faleiro, Francisco — Tratado del Esphera, Sevilla 1537.
CXXIII Falgairolle, E. — Jean Nicot ambassadeur de France en Portugal au XVI.e Siècle, Paris 1897.
CXXIV Faria e Sousa — Historia del Reyno de Portugal — Bruxellas 1730.

CXXV Ferreira da Fonseca, M. A. — Lista de Alguns Catálogos de História, Lisboa 1913.
CXXVI Ferreira Girão, Julio — Desenvolvimento da Monarchia Portuguesa, Porto 1897.
CXXVII Ferreira de Vera, A. — Origem da Nobreza Politica, Lisboa 1791.
CXXVIII Fernandez de Enciso, Martin — Suma de Geographia, Sevilla, 1519.
CXXIX * Ficalho, Conde de — Garcia da Horta e o seu tempo, Lisboa 1886.
CXXX Figanière, J. C. — Bibliographia Historica Portugueza, Lisboa 1850.
CXXXI Figueiredo Falcão, Luis de — Livro... Toda a Fazenda, Lisboa 1859.
CXXXII Figueiredo Anthero de — D. Sebastião, Lisboa 1925.
CXXXIII Figueiredo, Ribeiro, José Anastácio — Synopsis Chronologica... da Legislação Portugueza, Lisboa 1790.
CXXXIV Figueiredo, Fidelino de — Crítica do Exilio, Lisboa 1930.
CXXXV Figueiredo, Fidelino de — Estudos de Historia Americana, S. Paulo.
CXXXVI Figueiredo, José de — A arte Portugueza Primitiva, Lisboa 1910.
CXXXVII Fonseca, Quirino da — Os Portugueses no Mar, Lisboa 1926.
CCCXXXVIII Fonseca, Quirino da — A Caravela Portuguesa, Coimbra 1934.
CXXXIX Fouché Delbosc, R. — Bibliographia des Voyages en Espagne et Portugal, Paris, 1896.
CXL Francisque Michel, R. — Les Portugais en France, Paris 1882.
CXLI Freyre, Gilberto — Casa Grande e Senzala, Rio 1934.
CXLII Fructuoso, Gaspar, Dr. — Saudades da Terra, Ponta Delgada 1876.
CXLIII F. R. — Viajes de Extranjeros por España y Portugal en los Siglos XV, XVI. XVII Madrid, 1878.

CXLIV * Gama Barros — Historia da Administração Publica em Portugal, Lisboa 1885.
CXLV Garcia de Rezende — Chronica del Rey D. João II, Lisboa 1535.
CXLVI Génard — Aanteekening van den Stadspensionaris, Bulletin des Archives d'Anvers.
CXLVII Goes, Damião de — Chronica de D. Manoel I, Coimbra 1926.
CXLVIII Goes, Damião de — Chronica do Principe D. João, Lisboa 1567.
CXLIX Gomes de Carvalho, D. João III e os Franceses, Lisboa 1909.
CL Gomes de Brito, J. J. — Noticia de Livreiros em Lisboa na 2.ª metade do seculo XVI.
CLI * Gonçalves Cerejeira, Cardeal M. — O Humanismo em Portugal, Coimbra 1926.
CLII Gordon Selfridge, H. — The Fugger News Letters, London 1925.
CLIII Guenther — Geschichte der Erdkunde, Leipzig und Wien, 1904.
CLIV Guicciardini, Ludovico — Descrittione di Tutti i Paesi Bassi, Anvers, 1567.
CLV Haebler, Konrad — Die Geschichte der Fueggerschen in Spanien, Weimar 1897.
CLVI Haebler, Konrad — Geschichte des Spanischen Fruehdruckes, Leipzig 1923.
CLVII Haebler, Konrad — Bibliographia Ibérica, Haya 1917.
CLVIII Haebler, Konrad — Spanische und Portugiesische des XV, XVI Jahrhunderts, Strbg, 1898.
CLIX Haebler, Konrad — Der Welser und ihrer Gesellschafter, Leipzig 1903.
CLX Hamy, E. T. — L'Oeuvre Geographique des Reinel, Paris 1891.
CLXI Harisse, H. — Les Corte Real, Paris 1883.
CLXII Harisse, J. — Diplomatic History of America, London 1897.
CLXIII Harden, Ernest — Der Einfluss Portugals bei der Wahl Pius VI, Koenigsberg, 1822.

CLXIV Herculano, Alexandre — Opusculos, Lisboa 1897
CLXV Herculano, Alexandre — Historia de Portugal, Lisboa 1854.
CLXVI Herculano, Alexandre — Da Origem da Inquisição em Portugal, Lisboa 1854.
CLXVII Heyd — Histoire du Commerce du Levant Leipzig 1885.
CLXVIII * Historia da Colonização Portuguesa do Brasil, Lisboa 1922.
CLXIX Hubert, Henri — Les Celtes et L'Expansion Celtique, Paris 1932.
CLXX Huemmerich, Frantz — Die Erste Deutsche Handelsfahrt nach Indien, Muenchen 1922.
CLXXI Huemmerich, Frantz — Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der Ersten Deutschen nach dem Portugiesischen Indien, Muenchen 1918.
CLXXII Huemmerich, F. — Vasco da Gama — Muenchen 1898.
CLXXIII Hutten, P. von — Zeitung aus India, Leipzig 1785.
CLXXIV Ispizua, Segundo de — Los Vascos en America, Barcelona.
CLXXV Ispizua, Segundo de — Historia de la Geografia y de la Cosmografia, Madrid 1922.
CLXXVI Indice Chronologico das Navegações dos Portuguezes, Lisboa 1841.
CLXXVII Kairserling, M. — Christopher Columbus and the Participation of the Jews in the Spanish and Portuguese Discoveries, New-York 1894.
CLXXVIII * Lannoy, Charles de — Histoire de l'Expansion Coloniale du Portugal, Bruxelles 1907.
CLXXIX Lapa Rodrigues — Froissart e Fernão Lopes, Lisboa 1930.
CLXXX La Roncière, C. de — La Decouverte de l'Afrique au Moyen Age, Cairo 1925.
CLXXXI La Roncière, C. de — Les Navigations Françaises au XV Siècle, Paris 1896.

CLXXXII Larsen, Sophus — Dinamarca e Portugal no Seculo XV, Lisboa.
CLXXXIII Latino Coelho, J. M. — Vasco da Gama 1882.
CLXXXIV * Leite, Duarte — Descobridores do Brasil, Porto 1831.
CLXXXV Leite de Vasconcellos, José — Tradições Populares em Portugal, Porto 1882.
CLXXXVI * Leite de Vasconcellos, José — Origem, Historia e Formação do Povo Português, Lisboa 1923.
CLXXXVII Leite de Vasconcellos, José — Signum Salomonis, Lisboa.
CLXXXVIII Leite de Vasconcellos, José — Ensaios Etnograficos, Lisboa 1910.
CLXXXIX Leite de Vasconcellos, José — Religões da Lusitania, Lisboa 1897.
CXC Leitão de Andrada, Miguel — Miscellanea Lisboa 1867,
CXCI Lemos, Maximiano, — Historia da Medecina em Portugal, Lisboa 1899.
CXCII Lembranças da India, in Subsidios para a Historia da India, pub. pela Academia de Sciencias de Lisboa.
CXCIII Lima Felner — Subsidios para a Historia da India Portuguesa, Lisboa 1868.
CXCIV Lisboa, João de — Livro de Marinharia, publ. por Brito Rebello, Lisboa 1908.
CXCV Lopes, Fernão — Crónica de D. Fernando, Lisboa 1895.
CXCVI Lopes, Fernão — Crónica de D. João I, Lisboa 1644.
CXCVII Lopes, Fernão — Crónica de D. Pedro I, Lisboa 1760.
CXCVIII Lopes, David — Crónica de Arzila, Lisboa 1897.
CXCIX Lopes de Mendonça, H. — Estudos sobre Navios Portugueses nos Seculos XV e XVI, Lisboa 1892.
CC Lopes de Castanheda, F. — Historia do Descobrimento da India, Coimbra 1551.
CCI Mac Swiney de Mashanaglass — Le Portugal et le Saint Siège, Paris 1898.

CCII Magalhães Basto, Arthur — Moralidade e Costumes, Portuenses no sec. XVI.

CCIII Major, H. — The Life of Prince Henry of Portugal, London 1868.

CCIV Mariz, Pedro de — Dialogos de Varia Historia, Coimbra 1597.

CCV Marques Braga — Ensaio sobre a Psychologia do Povo Portuguez in Rev. Instituto Coimbra 1903.

CCVI Mariana, Padre Juan — Historia General de España, Madrid 1849.

CCVII * Medina, J. T. — El Veneciano Sebastian Caboto al Servicio de España, Santiago de Chile, 1908.

CCVIII Medina, J. T. — El Portugues Estevam Gomez al Servicio de España, Santiago de Chile 1908.

CCIX Mees, J. — Henri le Navigateur, in Bol. Soc. Geog. de Lisboa.

CCX Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa, Lisboa.

CCXI Memorias e Documentos da Real Academia da Historia Portugueza, Lisboa.

CXII Memorias do Ultramar, Lisboa 1881.

CCXIII Mendes Corrêa — Raça e Nacionalidade, Porto 1919.

CCXIV Mendes Corrêa — Introdução à Antropobiologia, Lisboa 1933.

CCXV Merea, Paulo — Os jurisconsultos Portugueses e a Doutrina do "Mare Clausum" in Revista de Historia n. 13.

CCXVI Morais Sarmento, General — D. Pedro I e sua Epoca, Porto 1924.

CCXVII Morais e Sousa, L. — A Sciencia Nautica dos Portugueses nos Secs. XV e XVI, Lisboa.

CCXVIII Nanninga Uiterdijk, J. — Een Kamper Handelshuis te Lissabon, 1904.

CCXIX Newton, A. — Travel and Travellers of the Middle Ages. (Coletanea) London 1926.

CCXX O Archeologo Português. Dr. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1895-924.

CCXXI Oliveira, A. J. de — Historia de Medicina em Portugal, Coimbra 1883.

CCXXII Oliveira, Fernando — Arte da Guerra no Mar, Lisboa 1937.

CCXXIII Oliveira Martins — Os Filhos de D. João I, Lisboa 1891.

CCXXIV Oliveira Martins, J. P. — Portugal nos Mares, Lisboa 1889.

CCXXV O Instituto, Revista, Coimbra.

CCXXVI O Panorama, Revista, Lisboa.

CCXXVII Oppert, G. — Ueber die Juedischen Colonien in Indien, publ. da Kohut Semitic Studies.

CCXXVIII Osorio, Jeronymo — De Rebus Emmanuelis, Coloniae Aggripinae, 1581.

CCXXIX Pacheco Pereira, Duarte — Esmeraldo de Situ Orbis, ed, Epifanio Dias, Lisboa 1905.

CCXXX Pastor L. e Furcy Rennaud — Histoire des Papes, Paris 1925.

CCXXXI Peragallo, Prospero — La Bibbia dos Jeronymos, Genova 1901.

CCXXXII Peragallo, Prospero — I Pallastreli di Piacenza in Portogallo, Genova 1898.

CCXXXIII Peragallo. Prospero — Cristoforo Colombo in Portogallo, Genova 1882.

CCXXXIV Peragallo. Prospero — Cenni Intorno alla Colonia Italiana in Portogallo, Torino 1904.

CCXXXV Peschel, Oscar — Geschichte der Zeitalters der Entdeckungen, Stuttgart, 1858.

CCXXXVI Pinto de Balsemão — Os Portugueses no Oriente, Nova Goa 1881.

CCXXXVII Pinto de Sousa — Bibliotheca Historica de Portugal, Lisboa 1801.

CCXXXVIII Pinheiro Chagas, Manuel — Historia de Portugal, Lisboa 1899.

CCXXXIX Pinto Leal, A. — Portugal Antigo e Moderno, Lisboa 1873-1890.

CCXL Pina, Ruy de — Chronica de D. Afonso IV, Lisboa 1653.

CCXLI Pina, Ruy de — Chronica de D. Sancho I, Lisboa 1727.

CCXLII Poinsard, Leon — Le Portugal Inconnu, Paris 1910.
CCXLIII Portugalia Monumenta Historica, Lisboa 1867.
CCXLIV Prestage, E. Affonso de Albuquerque, Governor of India, Walford, 1929.
CCXLV Racsynski, A. — Dictionaire Historico — Artistique du Portugal, Paris 1847.
CCXLVI Racsynski, A. — Dictionaire les Arts em Portugal, Paris 1846.
CCXLVII Raccolta Colombiana, Roma 1893.
CCXLVIII Ramalho Ortigão, J. — O Culto de Arte em Portugal, Lisboa 1896.
CCXLIX Ramusio, G. B. — Delle Navigazioni, Venetia 1563-65.
CCL Ramos Coelho — Alguns Documentos da Torre do Tombo, Lisboa 1892.
CCLI Ranke, Leopold — Die Osmanen und die Spanische Monarchie, Leipzig 1887.
CCLII Ravenstein — A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, London 1898.
CCLIII Rebello da Silva, L. A. — Corpo Diplomatico Portuguez, Lisboa 1862.
CCLIV Reiffenberg, de — Coup d'Oeil sur les Relations entre les Pays Bas et le Portugal, in Nouveaux Mémoires de l'Academie de Belgique, Bruxelles.
CCLV Reiffeberg de — Coup d'Oeil sur les Relations entre la Bélgique et le Portugal, in Nouveaux Mémoires de l'Academie de Belgique, Bruxelles.
CCLVI Relação das armadas saidas do Reino desde 1497 até 1566 ed. da Academia de Sciencias de Lisboa.
CCLVII Revista Lusitana de Historia. Lisboa.
CCLVIII Revista de Portugal, Porto 1889-92.
CCLIX Revista Portuguesa Colonial e Maritima, Lisboa, 1900.
CCLX Revista Militar, Lisboa.
CCLXI Revista da Universidade de Coimbra — Coimbra.
CCLXII Rezende, André de — Vida do Infante d. Duarte, Lisboa 1798.

CCLXIII Ribeiro, Aquilino — As Primeiras Gravuras em Livros Portuguesès, in Anais das Bibliotecas e Arquivos, Lisboa.

CCLXIV Ribeiro, J. P. — Additamentos á Synopse Chronologica, Lisboa 1829.

CCLXV Ribeiro, J. P. — Dissertações Chronologicas, Lisboa 1860.

CCLXVI Ribeiro, J. S. — Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Lisboa 1871.

CCLXVII Ribeiro Guimarães — Summario de Varia Historia, Lisboa 1872.

CCLXVIII Rocha, João — A lenda Infantista, Lisboa.

CCLXIX Rodrigues, F. — O Século XVI in Quadro. Chronologico. Rev. de Historia, vol. VI.

CCLXX Rodrigues de Oliveira, Christovam — Summario, Lisboa 1551.

CCLXXI Rodrigues Silveira, Francisco — Memorias de um soldado da India (publ. por Costa Lobo) Lisboa.

CCLXXII Ross, E. — The Portuguese in India and Arabia, between 1507 and 1517, London 1921.

CCLXXIII Royal Asiatic Society, London.

CCLXXIV Ruge, Sophus — Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen, Berlin 1881.

CCLXXV Ruge, Sophus — Die Litteratur zur Geschichte der Neuen Welt. Hamburg 1892.

CCLXXVI Ruge, Sophus — Die Entdekungs — Geschichte der Erdvkunde. 1895.

CCLXXVII Saafeld — Geschichte des Portugiesischen Kolonialwesens in Ostindien. Goettingen 1810.

CCLXXVIII Sabugosa, Conde de — A Rainha D. Leonor, Lisboa 1921.

CCLXXIX • Santarém e Rebello da Silva — Quadro Elementar das Relações Politicas, Lisboa 1864.

CCLXXX Santarém, Visconde de — Essai sur L'Histoire de la Cosmographie du Moyen Age. Paris 1849.

CCLXXXI Santarém, Visconde de — Recherches Historiques, Paris, 1842.

CCLXXXII Santarém, Visconde de — Atlas, Paris 1841.

CCLXXXIII Santarém, Visconde de — Opusculos e Esparsos, Lisboa 1910.

CCLXXXIV Santarém, Visconde de — Memorias das Cortes Geraes, Lisboa.

CCLXXXV Santos, Reynaldo dos — A Torre de Belém, Coimbra 1922.

CCLXXXVI Santos, José dos — Catalogo da Livraria de Azevedo Samodães, Porto 1922.

CCLXXXVII Sampaio, Alberto — Estudos Historicos e Economicos.

CCLXXXVIII Sassetti, Felipo — Cartas in Biblioteca Economica, Milano 1880.

CCLXXXIX Savary des Bruslons, J. — Dictionaire Universel de Commerce, Copenhage, 1759.

CCXC Schmaus, J. J. — Neuester Staat von Portugal, Halle 1759.

CCXCI Shaefer, H. — Historia de Portugal trad. por Assis Lopes, e Pereira de Sampaio, Porto 1893-99.

CCXCII Selvagem, Carlos — Portugal Militar, Lisboa 1931.

CCXCIII Sousa Gomes, A — Carpinteiros da Ribeira das Naus, Coimbra 1931.

CCXCIV Sérgio, Antonio — Antologia dos Economistas Portuguezes, Lisboa 1924.

CCXCV Sérgio, Antonio — Considerações Histórico-Pedagógicas, Lisboa.

CCXCVI * Sérgio, Antonio — Historia de Portugal — Barcelona, 1929.

CCXCVII Severim de Faria, Manuel — Noticias de Portugal, Lisboa 1655.

CCXCVIII Shillington — The Commercial Relations of England and Portugal, London.

CCXCIX * Silva, Innocencio F. da — Diccionario Bibliographico Portuguez, Lisboa 1858.

CCC Silva Contreiras, Abel — Do patriotismo portuguez oriundo do culto do passado, Saudosismo, Lisboa 1899.

CCCI Silva Cordeiro, V. — A Crise Portuguesa, Lisboa 1896.

CCCII Soares de Barros, J. J. — Memorias sobre a Differente População de Portugal, in Memoria da Academia de Sciencias, Lisboa.

CCCIII Soares da Silva J. — Memorias para a Historia de Portugal, Lisboa 1730-34.

CCCIV Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, Lisboa 1915.

CCCV Stier, H. — Calcoen, Braunschweig 1880.

CCCVI Stockler — Ensaio sobre a Origem das Mathematicas em Portugal, Paris 1819.

CCCVII Storck, Wilhelm — Vida e Obra de Luis de Camões, Lisboa 1898.

CCCVIII Strandes J. — Die Portugiesenzeit von Deutsch und English Ostafrica, Berlin 1889.

CCCIX Sousa Viterbo — A Literatura Espanhola em Portugal, Lisboa 1915.

CCCX Sousa Viterbo. — Artes e Artistas em Portugal, 1920.

CCCXI Sousa Viterbo. — O Orientalismo em Portugal no Seculo XVI.

CCCXII * Sousa Viterbo, — Trabalhos Nauticos dos portugueses nos seculos XVI e XVII. Lisboa, 1898.

CCCXIII Sousa Viterbo — Artifices Portugueses ou domiciliados em Portugal, Coimbra 1917.

CCCXIV Sousa Viterbo, D. João, Principe de Gandia, Lisboa 1905.

CCCXV Sousa, Caetano de — Historia Genealogica, Lisboa 1735.

CCCXVI Sousa, Frei Luiz de — Annaes de D. João III publ. por Alexandre Herculano, Lisboa 1844.

CCCXVII Sousa Monteiro, José — Pontos de Historia Portuguesa, in Revista Portuguesa Maritima e Colonial, Lisboa (1900-01).

CCCXVIII Soveral, Visconde de — Apontamentos sobre as Antigas Relações Politicas e Commerciaes de Portugal com a Republica de Veneza, Lisboa 1893.

CCCXIX Subsidios para a Historia da India, publ. Acad. de Sciencias de Lisboa.

CCCXX Teixeira de Carvalho, J. — A Universidade de Coimbra no sec. XVI — Coimbra 1922.

CCCXXI Teichl, Robert — Der Wiegendruck in Kartenbild, Wien 1926.

CCCXXII Thieury, Jules — Le Portugal et la Normandie, Paris.

CCCXXIII Thomas, Henry — Spanisch and Portuguese Romances of Chivalry, Cambridge 1920.

CCCXXIV Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia, Porto.

CCCXXV Uhde, Constantin — Baudenckmaeler in Spanien und Portugal, Berlin 1892.

CCCXXVI Vander Linden, H. — Alexander VI and the Demarcation of the Maritime and Colonial Domains of Spain and Portugal, in American Historical, Review 1916.

CCCXXVII * Varnhagen, F. A. — H.ª Geral do Brasil. S. Paulo. 4.ª ed.

CCCXXVIII Varnhagen, F. A. — Noticia Historica Descriptiva do Mosteiro de Belem, Lisboa 1842.

CCCXXIX Varnhagen, F. — Da Litteratura dos livros de Cavallaria, Vienna 1872.

CCCXXX Varnhagen, F. — Theophilo Braga e os Antigos Romanceiros, Vienna 1872.

CCCXXXI Vasconcellos, Joaquim de — Renascença Portuguesa, Coimbra 1929.

CCCXXXII Vasconcellos, Joaquim de — D. Jorge de Almeida, in Rev. da Univ. de Coimbra.

CCCXXXIII Veiga, Estacio — Antiguidades monumentaes do Algarve, Lisboa 1886-91.

CCCXXXIV Vignaud, H. — Toscanelli and Colombus. London 1902.

CCCXXXV Villas Boas e Sampaio — Nobiliarchia Portuguesa, Lisboa 1676.

CCCXXXVI Vilhena, T. — Historia da Instituição das Ordens-Militares em Portugal. Coimbra 1920.

CCCXXXVII Volkmar Machado, C. — Collecção de Memorias, Coimbra 1922.

CCCXXXVIII Watson, R. G. — Spanish and Portuguese South America, London 1884.

CCCXXXIX Whiteway R. S. The Rise of Portuguese Power, Westminster 1899.

CCCXL Whitney James — Catalog of a Collection of Spanish and Portuguese Books, Boston 1879.

CCCXLI W. B. — De l'Influence de la Religion dans les Decouvertes du XV e siecle, 1876.

CCCXLII Zacuti — Almanach Perpetuum, public. por J. Bensaude, fac simile do exemplar de Augsburg, Leiria 1915.

CCCXLIII Zimmermann, A. — Die Kolonial Politik Portugals und Spaniens Berlin 1896.

CCCXLIV Zurara, G. E. — Chronica de El-Rei D. João I, Lisboa 1644.

JUDEUS

CCCXLV Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris.

IX * Almeida, Fortunato de — Historia de Portugal, Coimbra 1922.

CCCXLVI Amador de los Rios, J. — Historia Social de los Judios de España e Portugal, Madrid 1875.

CCCXLVII Amzalak, Moses Bensabat — A Tipografia Hebraica em Portugal no Seculo Quinze, Coimbra 1922.

XIV Anais das Bibliotecas e Arquivos, Lisboa

XVIII Archivo historico Portuguez, Lisboa.

CCCXLVIII * Azevedo, J. L. d' — Historia dos Christãos Novos Portugueses, Lisboa 1922.

CCCXLIX Baião, António — Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa, Rio e Porto.

CCCL Baião, António — A Inquisição em Portugal e no Brasil, Lisboa 1921.

CCCLI Becker, Jeronymo — Trabajos Geographico-Astronomicos de los Hebreus. Real Sociedad de Geografia de Madrid, Madrid 1918.

CCCLII Budde, Karl — Die altisraelitische Religion, Giessen 1912.

CCCLIII Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris, Paris.

CCCLV Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa, Lisboa 1919.

CCCLVI Fernandez y Gonzalez, F. — Instituciones Juridicas del Pueblo de Israel, Madrid 1881.

CXXXIII Figueiredo, Anastacio — Synopsis Chronologica Lisboa 1790.

CCCLVII Geiger, Abraham — Das Judentum und seine Geschichte, Berlim 1910.

CCCLVIII Goldstein, Ed — Introdution à l'Anthropologie des Juifs, in Revue d'Anthropologie de Paris.

CCCLIX Graetz, H. — History of the Jew, Philadelphia 1891.

CCCLX Guimarães, Argeu — Os Judeus Portuguezes e Brasileiros na America Hespanhola, Paris 1926.

CCCLXI Guthe, Hermann — Geschichte des Volkes Israel, Tubingue, 1914.

CCCLXII Heller, Otto — La Fin du Judaisme, Paris 1933.

CLXVI • Herculano, A. — Da Origem da Inquisição em Portugal, Lisboa 1854.

CCCLXIII Historia da Inquisição, Manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

CCCLXIV Historia Completa das Inquisições de Italia, Hespanha, e Portugal, Lisboa 1801.

CCCLXV Hoelscher, Gustave — Die Profeten, Leipzig 1914.

CLXXVII Kaiserling, M. — Christoph Columbus und der Anteil der Juden in den spanischen und portugiesischen Entdekkungen, Berlin, 1894.

CCCLXVI Kaiserling, M. — Geschichte der Juden in Portugal, Leipzig 1867.

CCCLXVII Lea, Henry Charles — A History of the Inquisition of Spain, London 1907.

CCCLXIII Lea, Henry Charles — The Inquisition in the Spanisch Dependencies, London.

CCCLXIX Leite Filho, Solidonio — Os Judeus no Brasil, Rio 1923.
CCCLXX Lindo, E. H. — The history of the Jews of Spain and Portugal, London 1848.
CCCLXXI Lods, Adolphe — Israel, Paris 1930.
CCVI Marianna, P. J. — Historia General de España, Madrid 1849.
CCCLXXII Medina, J. T. — La Inquisicion en las Provincias del Plata, Santiago de Chile.
CCCLXXIII Medina, J. T. — Historia de la Inquision de Mexico, Santiago de Chile.
CCCLXXIV Medina, J. T. — Inquisicion de Lima, Santiago de Chile 1887.
CCCLXXV Medina, J. T. — H'a, del Tribunal del Santo Oficio de Cartagena de las Indias. Santiago de Chile 1890.
CCCLXXVI Mendes dos Remedios, J. — Os Judeus em Portugal, Coimbra 1895.
CCCLXXVII Montet, Edouard — Histoire du Peuple d'Israel, Paris 1926.
CCXV Monteiro, Frei Pedro — Historia da Santa Inquisição do Reino de Portugal, e suas Conquistas, 1749.
CCCLXXVIII Moore, G. F. — Old Testament and Semitie Studies, London 1908.
CCCLXXIX Mossé, Georges — Histoire Inconnue du Peuple Hebreu, Paris 1932.
CCCLXXX Oesterley, and Robinson — A History of Israel, London 1932.
CCCLXXXI Oppert. G. — Ueber die Juedischen Colonien in Indien, publ. Kohut Semitic Studies.
CCCLXXXII Ordenações Manuelinas, Lisboa 1512.
CCCLXXXIII * Parkes, James — The Jew in the medieval Community, London 1938.
CCCLXXXIV Revue de L'Histoire des Religions, Paris.
CCCLXXXV Ribeiro dos Santos, A. — Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeus Portugueses no Seculo XVI, in Memorias de Litteratura Portuguesa, volume II.
CCCLXXXVI Saa. Mario — A Invasão dos Judeus, Lisboa 1925.

CCCLXXXVII Schorr — Rechtsstelung innere Verfassung der Juden in Polen, Geschichte Rueckblick, 1917.

CCCLXXXVIII Schwarz, Samuel — Os Christãos Novos em Portugal, Lisboa 1925.

CCCLXXXIX Seeligman, Sigmund — Bibliographie en Histoire, Bijtrage tot de Geschiedenis der Erste Sephardim in Amsterdam. Amsterdam 1927.

CCXCVII Severim de Faria, M. — Noticias de Portugal, Lisboa 1655.

CCCXC Singer, Isidore — The Jewish Encyclopedia. New York 1916.

CCCXCI Sousa, Frei Luis de — Historia de S. Domingos. Bemfica 1623.

CCCXCII Sousa Viterbo — Occorrencias da Vida Judaica, Lisboa 1904.

CCCXCIII Stifestungsfest des Akademischen Vereins fuer Juedische Geschichte und Litteratur, Berlin, 1893.

CCCXCIV Torregonsillo, Fr. F. — Sentinella contra Judeos, Lisboa 1684.

CCCXCV Toussaint C. — Origines de la religion d'Israel. Paris, 1931.

CCCXCVI Weil, M. A. — Le Judaisme, ses Dogmes et sa mission. Paris 1866.

CCCXCVII Wolf, Lucian — Report on the "Marranos" or Cryptojews of Portugal, London 1926.

II

PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES

CCCXCVIII — Academie Royale de Belgique, Memoires Bruxelles.

V — Accursio das Neves, J. — Considerações sobre os Descobrimentos dos Portugueses. Lisboa 1826.

CCCXCIX — Alba, Duquesa de — Autógrafos de Colón, Madrid 1892.

IX * — Almeida, Fortunato — Historia de Portugal, Coimbra 1922.

CD — Alphonse, Jean — La Cosmographie, Paris 1904.

CDI — Annaes Maritimos e Coloniaes, Lisboa 1840

XXIII * — Archivo Real da Torre do Tombo, Lisboa 1909.

CDII — Avezac, d' — Considerations Geographiques sur l'Histoire du Brésil, Paris 1857.

CDIII — Avezac, d' — Les Voyages d'Americ Vespuce, Paris 1858.

XXXVII * — Bensaude, J — Histoire de la Science Nautique Portugaise, Genéve 1917.

XXXVIII — Bensaude, J. — Les Légendes Allemandes sur l'Histoire des Decouvertes Maritimes Portugaises, Genéve 1920.

CDIV * — Berchet, trabalhos in Raccolta Colombiana.

XLII — Bettencourt — Descobrimentos e Conquistas, Lisoba 1881.

CDV — Biblioteca Americana John Carter Brown Library, Providence 1866.

CDVI Bibliothéque Américaine Troemel, Leipzig 1861.

CDVII Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, Lisboa.

CDVIII Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, Madrid.

CDIX Boletin del Instituto Geográfico Argentino, Buenos Aires.

CDX Brandenburger, Clemente — A Nova Gazeta da Terra do Brasil, S. Paulo 1922.

CDXI Bulletin de la Socité de Geographie de Paris, Paris.

CDXII Candido, Zeferino — Descobrimento do Brasil, Rio 1900.

CDXIII * Castro, Eugenio de — Roteiro de Pero Lopes de Sousa, Rio 1927.

CDXIV Capistrano de Abreu, J. — O Descobrimento do Brasil, Rio 1929.

CDXV Catalogue de l'Exposition... Quatre Siècles de Colonisation Française, Paris 1931.

CDXVI Catalogue de La Bibliotèque du Dr. Court, Paris 1884.

CDXVII Catálogo da Biblioteca Brasiliense de José Carlos Rodrigues, comentada por Capistrano de Abreu, Rio 1907.

CDXVIII Catálogos das livrarias americanistas Maggs, Quaritch, Halle, Viau y Zona, Bjoerck, Breslaeur, Hiersemann, Chadenat, Rosenthal, Adrien Maisonneuve, Coelho, Weis, Vindel, Nijhoff, Nourry, Lange, Baer, Maisonneuve Frères, Chamònal, J. Leite, Hassing, Francis Edwards e Rosenbach, relativos a navegações e descobrimentos. (V. os endereços no começo da bibliografia).

CDXIX Coleção Hakluyt, Edinburgh 1885.

LXXX Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas. Lisboa 1812-41

LXXIX Collecção de Opusculos Relativos á Historia das Navegações dos Portugueses. Lisboa 1844-58.

LXXXIII Commemoração do Centenario do Descobrimento da America, pub. pela Academia de Sciencias de Lisboa. Lisboa 1892.

XCIII * Cortesão, Armando — Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos secs. 15 e 16. Lisboa 1935.

XCI Cortesão, J. — Do Sigilo Nacional sobre os Descobrimentos. in Lusitania (Rev.) 1924.

. CDXX Cortesão, J. — A Expedição de Pedro Alvares Cabral, Lisboa 1922.

XCC Lopes de Castanheda — Historia do Descobrimento da India. Coimbra 1551.

CIX Demersay, Alfredo — Une Mission Geographique dans les Archives d'Espagne et du Portugal, Paris 1864.

CXI Denucé, Jean — Les Origenes de la Cartographie Portugaise, Gand 1908.

CXII Denucé, Jean — Magellan, Bruxelles 1911.

CDXXI Denucé, Jean — The Discovery of the North Coast of South America, London 1910.

CXVI Ehrenberg, R. — Das Zeitalters der Fuegger, Jena 1896.

CXXIX Ficalho, Conde de — Garcia da Horta e o seu Tempo, Lisboa 1886.

CDXXII English Historical Review — Edinborough.

CDXXIII Fischer J, e Wieser, R. — Die Welt — Kartens Waldseemuelers, Innsbruck 1903.

CDXXIV Fiske, John — The Discovery of America, Boston 1892.

CDXXV Fonseca, J. J. — Descobrimento do Brasil, Rio 1895.

CDXXVI Fonseca, Faustino da — A descoberta do Brasil, Lisboa 1908.

CDXXVII Gaffarel, Paul — Histoire du Brésil Français au XVI siècle, Paris 1878.

CXLIX Gomes de Carvalho — D. João III e os Franceses, Lisboa 1909.

CLII Gordon Selfrige, H. — The Fugger News — Letters, London 1925.

CDXXVIII Gravier, G. — Notice sur Jean Parmentier, Rouen 1902.

CDXXIX * Goes, Damião — Chronica del Rei D. Manoel I. Coimbra 1926.

CDXXX Guénin, E. — Ango et ses Pilotes, Paris 1901.

CLIII Guenther — Geschichte der Erdkunde, Leipzig 1904.

CLV Haebler, Konrad — Die Geschichte der Fueggerschen in Spanien, Weimar 1897.

CDXXXI Haebler, Konrad — Die "Neue Zeitung aus Presilg-Land" Berlin 1895.

CLX Hamy, E. T. — L'Oeuvre Geographique des Reinel, Paris 1891.

CDXXXII Handelmann, H. — Geschichte von Brasilien, Berlin 1860.

CDXXXIII Harisse, H. — Bibliotheca Americana Vetustissima, New-York 1866.

CLXII * Harisse, H. — Diplomatic History of America, London 1897.

CDXXXIV Harisse, H. — Grandeza y Decadencia de la Colombina, Sevilha 1886.

CDXXXV Harisse, H. — Sebastien Cabot, Paris 1909.

CDXXXVI Harisse, H. — Toujours la Colombine! Paris, 1897.

CLXI Harisse, H. — Les Cortes Real, Paris 1883.

CDXXXVII Herrera, — Historia General de las Indias. Madrid 1726.

CLXVIII * Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil, Lisboa 1922.

CDXXXVIII Holmes, Ruth — Bibliographical Description of Oliveira Lima Collection, Washington 1926.

CLXXIII Hutten, P. von — Zeitung aus India, Leipzig 1785.

CLXXVI Indice Chronologico das Navegações dos Portugueses, Lisboa 1841.

CDXXXIX Ispizúa, Segundo de — Historia de la Geografia y de la Cosmografia. Madrid 1922.

CDXL Ispizúa, Segundo de — Los Vascos en America, Barcelona.

CLXXVII Kaiserling, M. — Christoph Columbus und der Anteil der Juden in den Spanischen und Portugiesischen Entdeckungen, Berlin 1894.

CXCIV Lisboa, João de — Livro de Marinharia, Lisboa 1908.

CDXLII Livro do Centenario, Rio 1900, vol. I.

CXCIX Lopes de Mendonça, H. — Estudos sobre Navios Portugueses nos secs. XV e XVI, Lisboa 1892.

CDXLIII Lusitania, Revista, Lisboa.

CDXLIV Macedo, J. J. — Memorias para a Historia das Navegações, Lisboa 1835.

CDXLV Madrignano, Arcangelo, — Itinerarium Portugallensium, Milano 1508.

CDXLVI Margry, P. — Les Navigations Françaises du XVI siècle, Milano 1508.

CDXLVII Martyr, Petrus, — De Rebus Oceanis, Basel 1533.

CDXLVIII Medina, J. T. — Fernando de Magalhães, Santiago de Chile 1920.

CCVII * Medina, J. T. — El Veneciano Sebastian Caboto al servicio de España, Santiago de Chile 1908.

CDXLIX * Medina, J. T. — Juan Dias de Solis, Santiago de Chile 1897.

CDL * Medina, J. T. — El Portugues Gonzalo de Acosta al servicio de España, Santiago de Chile 1908.

CDLI * Medina, J. T. — Los Viajes de Diego Garcia de Moguer, Santiago de Chile 1908.

CDLII Medina, J. T. — Descubrimiento del Rio de las Amazonas, Sevilha, 1894.

CDLIII Montalboddo, Fracanzio di — Paese Novamente Ritrovati, Milano 1519.

CCXVII Morais e Souza, L. — A Sciencia Nautica dos Portugueses nos secs. XV e XVI, Lisboa.

CDLIV Mostra Colombiana e Americana della Reala Biblioteca Estense, comentada por Domenico Fava e Carlo Montagnini — Modena, 1925.

CDLV Navarrete, Martin — Collecion de los Viajes, Madrid 1859.

CDLVI Nordenskioeld, A. E. — Fac Simile Atlas, Stockolm 1889.

CCXXIV Oliveira Martins, M. — Portugal nos Mares, Lisboa 1879.

CDLVII Oliveira Martins, M. — O Brasil e as Colonias, Lisboa 1881.

CDLVIII * Oviedo y Valdes, G. — La Historia General de las Indias, Sevilha 1535.

CDLIX * Oviedo y Valdes, G. — La Historia General — 2.ª parte, Valladolid 1557.

CDLX Pastells, P. Pablo — El Descubrimiento del Estrecho de Magallanes, Madrid, 1920.

CDLXI Paulmier de Gonneville, Relation Authentique, Paris 1869.

CDLXII Peschel, Oscar — Geschichte der Zeitalters der Entdeckungen, Stuttgart 1858.

CDLXIII Pereira da Silva, L. — Pedro Nunes Espoliado por Alonso de Santa Cruz, in Lusitania rev. 1902.

CDLXIV Pigafetta, F. A. — Primo Viaggio, ed. Amoretti Milano, 1800.

CDLXV Pixani, Domenego — Copia di una Letera, pub. por Eugenio do Canto, Coimbra 1907.

CDLXVI Prestage Edgar — The Portuguese Pioneers, London 1933.

CCXLIX Ramusio, G. B. — Delle Navigazione, Venetia 1563-65.

CDLXVII Reale Instituto Veneto, anais e publicações, referentes a navegações e pilotos de Venesa e outros países dos secs. 15 e 16, Venesa.

CDLXIX Real Academia de Historia de Madrid, Madrid.

CDLXX Revista Americana, Rio.

CDLXXI * Revista Maritima Brasileira, Rio.

CDLXVIII Revista do Instituto Historico Geographico Rio.

CDLXXII Ribeiro, João — Historia do Brasil, Rio 1900.

CDLXXIII Ribeiro, João — O Fabordão, Rio 1910.

CDLXXIV Ricard, Robert — Les Problèmes de la Découverte du Brésil, Bulletin Hispanique, 1923.

CDLXXV Rich, O. — American Bibliography, London 1855.

CDLXXVI Rio Branco, Barão do — Atlas Annexe au Memoire... Paris 1899.

CDLXXVII Rio Branco, Barão do — Ephemerides, Rio 1918.

CDLXXVIII Rocha Pombo — Historia do Brasil, Rio 1906.

CDLXXIX Rodrigues Vicente — Roteiros Portugueses, Lisboa 1898.

CCLXXV Ruge. Sophus — Die Entdeckungs — Geschichte der Neuen Welt. Hamburg 1892.

CCLXXIV Ruge, Sophus — Geschichte des Zeitalters de Entdeckungen, Berlin 1881.

CDLXXX Russel, Smith, J.. — Bibliotheca Americana, London 1871.

CDLXXXI Salvador Pires — A Bahia Cabralia, Bahia 1900.

CDLXXXII Sanches de Baena — O descobridor do Brasil, Lisboa 1897.

CDLXXXIII Santarém, Visconde de — Analyse do Jornal de Pedro Lopes de Sousa, Paris 1840.

CCLXXXII Santarém, Visconde de — Atlas, Paris 1841.

CDLXXXIII Santarém, Visconde de — Opusculos e Esparsos, Lisboa 1910.

CDLXXXIV Santa Cruz, Alonso de — Yslario General. in Boletin de la Real Sociedad Geografica de Madrid, Madrid 1920.

CCLXXXVI Santos, José dos — Catalogo da Livraria de Azevedo Samodães, Porto 1922.

CCXCI Schaefer — Historia de Portugal, Lisboa 1893-99.

CCXCIII * Sanches, Alonso. B. — Fuentes de la Historia Española y Hispano Americana, Madrid 1927.

CDLXXXV Shueler, Rodolpho — A Nova Gazeta da Terra do Brasil, Rio 1914.

CCCXVI Sousa, Frei Luis de — Annaes de João III, pub. por A. Herculano, Lisboa 1844.
CCCXII * Sousa Viterbo, F. M. — Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos secs. XVI e XVII. Lisboa 1898.
CDLXXXVI Sousa Viterbo, F. M. — Pero Vaz de Caminha e a Primeira Narrativa do Descobrimento do Brasil, Lisboa 1902.
CDLXXXVII Southey, Robert — History of Brazil, London 1812.
CDLXXXVIII Stevenson, Luther. Ed. — Maps Illustrating Early Discoveries in America, New-Brunswick 1903.
CCCXXI Teichl, Robert — Der Wiegendruck in Kartenbild, Wien, 1926.
CDLXXXIX The Geographical Journal, London.
CDXC Tolomeu — Geographia, Roma 1508.
CCXXVI Van der Linden, H. — Alexander VI and the Demarcation of the Maritime and Colonial Domains of Spain and Portugal, in the American Historical Review, 1916.
CCCXXVII * Varnhagen, F. A. de — Historia Geral do Brasil, 4.ª ed. S. Paulo.
CDXCI Varnhagen, F. A. — Américo Vespucci, Lima 1865.
CDXCII Vercelleze, Albertino — Libretto de Tutta la Navigazione del Re de Spagña, Venesa 1504.
CCCXXXIV Vignaud, H. — Toscanelli and Columbus, London 1903.
CDXCIII Vignaud, H. — Américo Vespuce, Paris 1917.
CCCXXVIII Watson, R. C. — Spanish and Portuguese South-America, London 1884.
CDXCIV Wendel, Guilherme — A Declinação Magnetica no Brasil na Época da Descoberta, S. Paulo.
CDXCIV bis Williamson, J. A. — Sir John Hawkins, Oxford 1927.
CCCXXXIX Whiteway, R. S. — The Rise of Portuguese Power, Westminster 1899.
CCCXL Whitney, James — Catalogue of a Colleciton of Spanish and Portuguese books Boston 1879.

III

POVOADORES EUROPEUS PRE-COLONIAIS

CDXCV Accioly, J. — Memorias e Politicas da Provincia da Bahia, Bahia 1835.

XIII Altamira, Rafael — Historia de España y de la Civilisación Española. Barcelona 1913.

CDXCVI Anglerius, P. M. — De Orbe Novo. Coloniae 1574.

CDXCVII Anales de 1874.

CDXCVIII Ayres de Cazal — Chorographia do Brasil. Rio 1817.

CDXCIX Azevedo Marques, M. E. de — Apontamentos da Provincia de S. Paulo 1879.

D Baudin, Louis — L'Empire de Inkas, Paris 1929.

DI Calixto, Benedicto — Capitanias Paulistas, S. Paulo 1924.

DII Calmon, Pedro — Civilisação Brasileira, S. Paulo 1933.

CDXIV Capistrano de Abreu, J. — O Descobrimento do Brasil, Rio 1929.

DIII Capitrano de Abreu, J. — H.ª Top.ª e Bel.ª da Col.ª do Sacramento, Rio 1900.

DIV Capistrano de Abreu, J. — Capitulos de Historia Colonial, Rio 1928.

DV Capistrano de Abreu, J. — Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, Rio 1930.

DVI Cartas de Fernando Cortes a Carlos I. Sevilha 1522.

DVII Cartas de Indias, Madrid 1877.

DVIII Cartas Jesuiticas, Col. publ.ª Ac.ª Bras.ª de Letras, Rio 1931.

CDXIII * Castro, Eugenio de — Roteiro de Pero Lopes de Sousa, Rio 1932.

DIX * Castro, Eugenio de — A Expedição de Martim Affonso de Sousa, Rio 1932.

CDXVII Catalogo da Bibliotheca Brasiliense de J. C. Rodrigues anotado por C. de Abreu Rio 1907.

DX Cayrú, Visconde de — Historia dos Principais Successos, Rio 1826.

DXI Charlevoix, — Histoire du Paraguay, Paris 1757.

DXII Colección de Publicaciones Históricas de la Biblioteca del Congresso Argentino, Madrid.

LXXIX Collecção de Opusculos Relativos á Historia das Navegações, Lisboa 1844.

LXXX Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas, Lisboa 1812.

CVIII Darmstaedter, Paul — Geschichte der Aufteilung und Kolonisation, Berlin 1913.

DXIII * Diaz de Gusman, R. — La Argentina. in Anales de la Biblioteca, Buenos Aires, tomo IX.

DXIV Documientos del Archivo de Indias, Madrid.

CDXXII Feliciano, José — O Descobrimento do Brasil, S. Paulo 1900.

CXXXV Figueiredo, Fidelino — Estudos de Historia Americana, S. Paulo.

CXXXIII Figueiredo Ribeiro, José Anastacio de — Synopsis Chronologica... da Legislação Portugueza, Lisboa 1790.

DXV Friederici, Georg — Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer, Stuttgart — Gotha, 1925—1936.

DXVI Galanti, Padre Raphael, M. — Historia do Brasil, 2.ª edi. S. Paulo 1911.

DXVII Gandia, Enrique de — Historia de la Conquista del Rio de la Plata y del Paraguay. Buenos Aires 1932.

CXLVIII Goes, Damião de — Chronica do Principe D. João, Lisboa 1567.

DXVIII Gomara — Historia General de las Indias, Zaragoza 1552.

DXIX Groussac, Paul — Notas á "La Argentina", in Anales de la Biblioteca, B. A. 1914.

DXX Gutierrez, J. M. — Nuestro Primer Historiador Ulderico Schmidel, in Revista del Rio de la Plata VI.

CDXXXI Haebler, Konrad — Die "Newe Zeitung aus Presilg Land", Berlim 1895.

CDXXXII Handelmann, H. — Geschichte von Brasilein — Berlin 1860.

DXXI Harcourt, Raoul, d' — L'Amérique avant Colomb, Paris 1925.

CDXXXVII * Herrera, — Historia General de las Indias, Madrid 1726.

CLXVIII * Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil, Lisboa 1922 .

CLXXVI Indice Chronologico das Navegações dos Portugueses, Lisboa 1841.

DXXII * Jaboatam, Frei Antonio — Novo Orbe Seraphico, Lisboa 1791.

DXXIII * Jaboatam, Frei Antonio — Catalogo Genealogico, in Rev. Inst. Hist. Rio.

DXXIV Jarque, F. Ruiz de Montoya en Indias, Madrid 1900.

CLXXVIII * Lannoy de — Expansion Coloniale du Portugal, Bruxelles 1907.

DXXV La Revista de Buenos Aires, Buenos Aires 1863 .

DXXVI Lamego, A — A Terra Goytacá. Paris 1913.

DXXVII * Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa 1938.

DXXVIII * Madre de Deus, Frei Gaspar da — Memorias da Capitania de S. Vicente, Lisboa 1797 .

DXXIX * Magalhães, de Gandavo, Pero de — The History of Brazil, anotada por John B. Stetson Jr. New York 1922.

CCVII * Medina, J. T. — El Veneciano Sebastian Caboto al servico de España, Santiago de Chile 1908.

DXXX Medina, J. T. — Biblioteca Hispano Americana, Santiago de Chile 1898.

DXXXI Medina, J. T. — Alcumas Noticias de Leon Pancaldo. Santiago de Chile, 1908.

CDXLIX * Medina, J. T. — Juan Diaz de Solis, Santiago de Chile 1897.

CCVIII * Medina, J. T. — El Portugues Esteban Gomez al servicio de España, Santiago de Chile, 1908.

CDL * Medina, J. T. — El Portugues Gonzalo de Acosta al servicio de España. Santiago de Chile, 1908.

CDLI * Medina, J. T. — Los Viajes de Diego Garcia de Moguer, Santiago de Chile, 1908.

CDLII Medina, J. T. — Descubrimiento del Rio de las Amazonas. Sevilha 1894.

DXXXII Mello Moraes, A. — Brasil Historico, Rio 1866.

DXXXIII Mello Moraes, A. — Chorographia, Rio 1866.

DXXXIV Mendes Correia — Nova Anthrophologia Criminal, Porto 1931.

DXXXV Montoya, A. — Conquista Espiritual de las Indias, Bilbau 1892.

CDLIII Montalboddo, F. — Paese Novamente Ritrovati, Milano 1516.

DXXXVI Moreno, Fulgencio R. — La Ciudad de Asunción, Buenos Aires, 1926.

DXXXVII Navarro y Lamarca — Historia General de América, Buenos Aires 1913.

CDLV Navarrete, Martin — Collecion de los Viajes, Madrid 1859.

DXXXVIII Nunes de Leão, D. — Leis Extravagantes, Lisboa 1569.

DXXXIX Nunes de Leão, D. — Chronicas del Rey D. Joam, Lisboa 1643.

DXL Nunes de Leão, D. — Descripção do Reino de Portugal, Lisboa 1610.

DXLI Nunes de Leão, D. — Primeira Parte das Chronicas dos reis de Portugal, Lisboa, 1600.

DXLII Ordenações Affonsinas, Coimbra 1792.

CCLXXXIII * Ordenações Manuelinas, Coimbra 1797.

CCXXVIII Osorio, Jeronymo — Chronica de El Rei D. Manoel I. Porto 1866.

DXLIII Pereyra, Carlos — Historia de la America Española, Madrid, 1923.

DXLIV Petit Muñoz, Eugenio — Interpretaciones Esquematicas sobre la Historia de la Conquista y Colonisacion Españolas en America, Montevidéo 1927.

DXLIV Pigafetta, F. A. — Il Viaggio, Venezia 1536.

DXLV * Prado, Paulo — Paulistica, S. Paulo 193

DXLVI Prado, Paulo — Retrato do Brasil, S. Paulo, 1928.

DXLVII Publicações da Hakluyt e Chaucer Society de London.

CCXLIX Ramúsio — Delle Navigazioni... Venetia 1563-65.

DXLVIII Raza Española, revista, Madrid.

DXLIX Revista de la Biblioteca Publica de Buenos Aires, B. A. 1879.

DL Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco, Recife.

DLI * Revista del Rio de la Plata, Buenos Aires, 1871.

CDLXXI * Revista Trimensal do Instituto Historico Brasileiro, Rio.

DLII Revista do Instituto Historico de S. Paulo São Paulo.

DLIII Revista do Instituto Historico da Bahia, Bahia.

CDLXXII Ribeiro, João — Historia do Brasil, Rio 1900.

CDLXXIII Ribeiro, João — O Fabordão, Rio 1910.

CDLXXVIII Rocha Pombo, Historia do Brasil, Rio 1906.

DLIV Sampaio, Theodoro — O Tupy na Geographia Nacional, S. Paulo 1914.

CCLXXXIV Santarém, Visconde de — Memorias para a Historia das Cortes Geraes.

CDLXXXIII Santarém, Visconde de — Analyse du Journal de Pero Lopes de Sousa, Paris 1840.

CDLXXXIV Santa Cruz, Alonso de — Yslario General, in Boletin de la Real Sociedad Geografica de Madrid, Madrid 1918.

DLV Santa Maria, Fr. Agostinho de — Santuario Mariano, Lisboa 1707.

DLVI Schmidel, U. — Warhafftige Beschreibunge Forgseltigen Schiffarten, Franckfurt, am Mein 1567.

CDLXXXV Schueler, Rodolfo — A Nova Gazeta da Terra do Brasil, Rio 1914.

DLVII Silva, J. J. da — Repertorio Alphabetico da Legislação Ultramarina desde a Epocha das Descobertas até 1902, Lisboa 1904.

DLVIII * Silva Leme, — Genealogia Paulistana, São Paulo, 1905.

CDLXXXVII Southey, Roberto — The History of Brazil, London 1812.

DLIX Southey, Robert — The Expedition of Orsua, London 1814.

DLX * Taques de Almeida Paes Leme, P. — Nobiliarchia Paulistana, in Revista do Instituto Historico Geographico Brasileiro.

DLXI Taques de Almeida Paes Leme, P. — Historia da Capitania de S. Vicente, São Paulo.

DLXII Varnhagen, F. A. de — Diario de Pero Lopes de Sousa, Lisboa 1839.

CCCXXVII * Varnhagen, F. A. de — Historia do Brasil, com. por Rodolfo Garcia e Capistrano de Abreu, 4.ª edição, São Paulo.

CDXCI Varnhagen, F. A. de — Américo Vespucci, Lima 1865.

DLXIV Vas de Caminha, Pero — Carta a D. Manoel, in Ha. da Col. Port. do Brasil.

DLXV Vasconcellos, Simão de — Chronica da Cia. de Jesus, Lisboa 1663.

DLXVI Vespucci, A. — Lettera della Isole. Fiorenza 1505.

CDXCIII Vignaud, H. — Améric Vespucc, Paris 1917.

DLXVII Watson, R. G. — Spanish and Portuguese South America, London 1884.

IV

ÍNDIOS

CDXCV Accioly, T. C. — Memorias Historicas e Politicas, Bahia 1835.

DLXVIII Actas dos Congressos Internacionaes dos Americanistas.

DLXIX Acuña, C. — Nuevo Descubrimiento del Gran Rio e de las Amasonas, Madrid 1891.

CD Alfonse, Jean — La Cosmographie, Paris 1904.

DLXX Ambrosetti, J. B. — Los Indios Caĩnguá de Alto Paraná, in Boletin del Instituto Geografico Argentino. tomo XV.

DLXXI Ameghino, Florentino — La Antiguedad del Hombre en la Plata, B. Aires 1918.

DLXXII Anales Cientificos Paraguayos, Puerto Bertoni, Paraguay.

DLXXIII Anales de la S.ª de Est. Geográficos "Gaea" B. Aires 1925.

DLXXIV Anchieta, J. — Informações, Rio 1886.

DLXXV Angelis, Pedro de — Colección de Documentos... del Rio de la Plata, Buenos Aires 1910.

DLXXVI Annuae Litterae Societatis Jesu Anni 1589, Roma 1591.

DLXXVII Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DLXXVIII Araujo, Oreste — Diccionario Géografico del Uruguay, Montevideo 1900.

DLXXIX Archivo per l'Antropologia e Etnologia, Firenze.

XX · Archiv fuer Anthropologie, Braunschweig.

DLXXX Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

DLXXXI Azara, F. de — Voyages dans l'Amérique Méridionale, Paris 1809.

CDXCIX Azevedo Marques, M. E. — Apontamentos da Prov.ª de S. Paulo, S. Paulo 1879.

DLXXXII Badariotti, Padre N. — Exploração do Norte de Matto Grosso, S. Paulo 1898.

DLXXXIII Barbosa Rodrigues, J. — Poranduba Amazonense. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, XIV.

DLXXXIV Bauve, et Ferré — Voyage dans l'Interieur de la Guyane, Bulletin de la Societé de Geografie de Paris XXVII.

D Baudin, Louis — L'Empire des Inkas, Paris 1929.

DLXXXV Baudin, Louis — Les Communautés Agraires du Perou Précolombien, Paris.

DLXXXVI Beauvois, Eugène — Fontaine de Jouvence et le Jourdain dans les traditions des Antilles et de la Floride. Le Museum III. Louvain.

DLXXXVII Bergson, H. — Les Deux Sources de le Morale et de la Religion, Paris 1933.

DLXXXVIII • Baldus, Herbert — Ensaios de Etnologia Brasileira, S. Paulo 1937.

DLXXXIX Baldus, Herbert — La "Mère Comunne" dans la Mythologie de deux tribus Sud-américaines. Trad. A. Metraux. Revista del Instituto de Etnologia, II. Tucumán, Argentina 1932.

DXC Bibliotéca de la Universidad de la Plata,

DXCI Buenos Aires.

DXCII Boletim do Museu Paraense, Pará.

DXCIII Boletim da Comissão Geographica e Geologica, 9. S. Paulo 1893.

DXCIV Boletin del Instituto Geográfico Argentino. Buenos Aires.

DXCV Boletin de la Sociedad Ecuatoriana de Estudos Históricos Americanos. Quito.

DXCVI Boman, Eric. — Migrations Précolombiennes dans les Nordouest de L'Argentine in journal des Américanistes. Paris 1905.

DXCVII Borba, Telemaco — Observações sobre os Indigenas do Estado do Paraná. Revista do Museu Paulista, VI, S. Paulo.

DXCVIII Borba, Telemaco — A Actualidade Indigena, Coritiba, 1908.

DXCIX Branner, John C. — Notes on the Botocudos. conf.ª in An. Philol. 1888.

DC Brunhes, Jean — La Géographie Humaine, Paris 1912.

DCI Bulletin de la Societé de Géographie de Paris, Paris.

LX Burger, Konrad — Die Drucker und Verleger in Spanien und Portugal. Leipzig 1913.

DCII Cabeza de Vaca, A. — Relación, Madrid 1906.

DI Calixto, Benedicto — Capitanias Paulistas, S. Paulo, 1927. 2.ª edição.

DCIII Camara, A. Alves — Ensaio sobre as Construcções Navaes Indigenas do Brasil.

DCIV Campana, Domenico del — Notizie intorno ai Ciriguani. Archivo per l'Antropologia e la Etnologia. XXXII.

DCV Capistrano de Abreu, J. — Prefacio do Roteiro de Pero Lopes de Sousa, Rio, 1927.

CDXIV Capistrano de Abreu, J. — O Descobrimento do Brasil, Rio 1929.

DIV Capistrano de Abreu, J. — Capitulos de Historia Colonial, Rio 1928.

DCVI Capistrano de Abreu, J. — Prefácio da ed. imitativa de Claude d'Abbeville. Paris 1922.

DCVII Capistrano de Abreu, J. — Prolegomenos da Historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador, São Paulo 1918.

DCVIII Captain L. et Lorin H. — Le travail en Amérique avant et après Colomb, Paris 1930.

DCIX * Cardim, Fernão — Tratados da Terra e Gente do Brasil, Rio 1925.

DCX Cardús, J. — Las Misiones Franciscanas entre los Infieles de Bolivia, Barcelona 1886.

DVII Cartas de Indias, Madrid 1877.

DCXI Carvalho, Alfredo de — A Saudação Lacrimosa dos 'Indios, Revista do Inst. Arch. Pernambucano, XI Recife.

DCXII Castelnau, Francis de — Expedition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud. Paris 1852.

DCXIII Castro, Eugenio de — Roteiro de Pero Lopes de Sousa, Rio 1927.

DCXV Catálogo da Exposição da Galeria Mazarina, Paris 1931.

DCXIII Chantre y Herrera, José — Historia de las Misiones de la Compañia de Jesus en el Marañon Espanhol. Madrid 1901.

DCXIV Charlevoix — Histoire de la Nouvelle France. Paris 1744,

DXI Charlevoix — Histoire du Paraguay, Paris 1757.

DCXV * Chinard, Gilbert — Le Rêve Exotique Americain dans la Litterature Française du XVI. e Siècle, Paris.

DCXVI * Chinard, Gilbert — Le Rêve Exotique dans la Litterature Française au XVII. e Siècle, Paris.

DCXVII Chomé, Ignace — Lettre du Père Ignace Chomé. Lettres Edifiantes et Curieuses. VIII. Paris 1781.

DCXVIII Cieza de Léon — Crónica del Perú, Madrid 1889.

DCXIX * Claude d'Abbeville — Histoire de la Mission de Pères Capucins. Paris 1614.

DCXX Coleccion de libros raros que tratan de América, Madrid.

DCXXI Communicaciones del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires.

DCXXII Congrés International des Americanistes. Gotenborg 1925.

DCXXIII Coreal, F. — Relations des Voyages aux Indes Occidentales, Amsterdam 1738.

DCXXIV Coroleu — Historia de la Dominación Española en América, Barcelona 1900.

DCXXV Corrado, A — El Colegio Francisco de Tarija, 1884.

XCI * Cortesão, Armando — Cartografia e Cartografos Portugueses dos secs. 15 e 16. Lisboa 1935.

DCXXVI Coudrau, H. — Obras diversas sobre a Guiana Francesa, Paris.

DCXXVII Couto de Magalhães, General — O Selvagem, Rio 1876.

DCXXVIII Daniel, J. — Segunda Parte do Thesouro, in Rev. do I. Hist. Bras. III.

DCXXIX Daniel, J. — Quinta Parte do Thesouro, Rio 1820.

DCXXX Daniel, J. — De algumas Cousas Mais Notaveis do Brasil R.ª I.º H.º Bras. 94.

DCIII D'Avezac — Les Voyages d'Americ Vespuce, Paris 1858.

DCXXXI Denis, Ferdinand — Arte Plumaria, Paris 1875.

DCXXXII Denis, Ferdinand — Une Fête Brésilienne à Rouen, Paris 1851.

CXI Denucé, J. — Les Origines de la Cartographie. Portugaise, Gand 1908.

DCXXXIII Dialogos das Grandezas do Brasil, Rio 1930.

DCXXXIV Diaz de Gusman, R. — La Argentina, in Anales de la Biblioteca B. Aires.

DCXXXV Dreys, Nicolau — Noticia Descriptiva, Rio 1839.

DCXXXVI Ehrenreich, P. — Die Mythen und Legenden, Zeitschrift fuer Ethnologie XXXVII, Berlin .

DCXXXVII Ehrenreich, P. — Urbewohner Brasiliens, Braunschweig 1897.

DCXXXVIII Ehrenreich, P. — Beiträge zur Voelkerkunde Brasiliens, Berlin 1891.

DCXXXIX Enformação do Brazil e de suas Capitanias, in R.ª I.º H.º Bras. VI.

DCXL Eschwege, W. von — Journal von Brasilien, Weimar 1818.

DCXLI Estudos Criticos acerca de la Dominación Española en América, Madrid.

III * Febvre. Lucien — La Terre et l'Evolution Humaine, Paris 1922.

DCXLII Fehlinger, H. — Sexual Life in Primitive People, London 1921.

DCXLIII Fernandes Netto, C. J. — As Civilizações Precolombianas da America, Rio, 1926.

DCXLIV Figueroa, F. — Relación de las Misiones, Madrid 1904.

DXV Friederici, Georg — Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europear, Stuttgart-Gotha 1925-1936.

DCXLV Friederici, G. — Der Traenengruss der Indianer, Globus LXXXIX, Braunschweig.

DCXLVI Friederici, G. — Ueber eine als Couvade Wiedergeburtszeremonie bei den Tupi id. id.

DCXLVII Friederici, G. — Ueber die Behandlung der Kriegsgefangenen durch die Indianer Amerikas, Festschrift Eduard Seler, Stuttgart 1922.

DCXLVIII Froes de Abreu, S. — Na Terra das Palmeiras, Rio 1931.

CDXXVII Gaffarel Paul — Histoire du Brésil Français, Paris 1878.

DCXLIX Gandia, Enrique de — Historia del Gran Chaco, B. Aires ,1929.

DCL Garay Bras — El Comunismo de las Misiones en el Paraguay, Madrid 1897.

DCLI Garcia de Freitas, José — Os Indios Parintintim, in Journal des Américanistes.

DCLII Garcilazo de la Vega — Primeira Parte de los Comentarios, Madrid.

DCLIII * Garcia, Rodolfo — Ethnographia, in Diccionario do Brasil, Rio 1922.

DCLIV Gaxotte, Pierre — La Revolution Française, Paris 1928.

DCLV Geuthner, Paul — Catálogos da Livraria, Paris.

CDXXX Guénin, E. — Ango et ses Pilotes, Paris 1901.

DCLVI Guevara, J. P. — Historia del Paraguay, in Angelis, II. B. Aires 1910.

DCLVII Gravier, Gabriel. — Étude sur le Sauvage du Brésil, Paris 1881.

DCVIII Gravier, G. — Notice sur Jean Parmentier, Rouen 1902.

DCLIX Grotius, Hugo — Dissertatio Gentium americanorum 1642.

DCLX H. D. — Historia del Uruguay, Montevidéo 1910.

DCLXI Haddon, A. — Les Races Humaines, Paris 1930.

DCLXII Hanstein, O. V. — Die Welt des Inka. Dresden 1923.

DCLXIII Hartt, C. F. — The Indian Cemetery, in American Naturalist, IX 1875.

DCLXIV Harcourt, Raoul d' — L'Amérique avant Colomb. Paris 1925.

DCLXV Hrdlicka A — Trabalhos in Bureau of American Ethnology, Washington.

CDXXXVII * Herrera, Antonio de — Historia General, Madrid 1726.

DCLXVI Hervas, Lorenzo — Catálogo de las Lenguas... Madrid 1800.

DCLXVII Hazard Paul — La Crise de la Conscience Européenne. Paris 1935.

CLXVIII * História da Colonisação Portuguesa do Brasil. Lisboa 1922.

DCLXVIII Hubert, Henri — Les Celtes et L'Expansion Celtique, Paris 1932.

DCLXIX * Huntington, E. — Civilisation and Climate. New Haven, U. S. A. 1915.

DCLXX Ihering, H. v. — zum Vorkommen... in Sambaquis, in Das Ausland 8. 1891.

DCLXXI Imbelloni, J. — La Esfinge Indiana... problema de las origenes americanas. B. Aires 1926.

DCLXXII Imbelloni, J. — Deformaciones Intencionales del cráneo, in Revista del Mu. del Plata, B. Aires, 1925.

DCLXXIII Internationales Archiv für Ethnographie. Leide, de 1888 em deante.

DCLXXIV Jarque, F. — Ruiz de Montoya en Indias, Madrid 1900.

DCLXXV Journal of the Anthropological Institute of Great Britain, London.

DCLXXVI Journal dela Societé des Américanistes de Paris, Paris.

DCLXXVIII Karsten, Rafael — Bland Indianer in Ekvadors Urskogar, Helsingfors 1920.

DCLXXIX Karsten, Rafael — Blodshaemnd, Krig och Segerfester, Helsingfors 1920.

DCLXXX Karsten, Rafael — The Toba Indians, Academia Abonensis, IV, Abo 1923.

DCLXXXI Karsten, Rafael — The Civilization of the South American Indians, London 1926.

DCLXXXII Kelsey, Carl — The Physical Basis of Society, New York 1928.

DCLXXXIII Koch-Gruenberg, Th. — Zum Animismus der Suedamericanischen Indianer.

DCLXXXIV Koch-Gruenberg, Th. — Zwei Jahre unter den Indianen, Berlin 1909.

DCLXXXV Koch-Gruenberg, Th. — Zum Roroima von Orinocco, Berlin.

DCLXXXVI Krause, F. — In den Wildnissen Brasilien, Leipzig 1911.

DCLXXXVII Lafone Quevedo, S. M. — La raza Pampeana y la raza Guarani... en el Siglo XVI no Congresso Latino Americano V. B. Aires 1890.

DCLXXXVIII Lahotan, baron de — Voyages, Amsterdam, 1741.

DXXVI Lamego, A. — A Terra Goytacá — Paris 1913.

DCLXXXIX Langlois, colonel, — L'Amérique Pré-Colombine, in H. du Monde, ed. de Boccard, Paris.

DCC Latzina, F. — Geographia de la Republica Argentina, Buenos Aires 1890.

DCCI Latcham, R. — La Existencia de la Propriedad en lo Antiguo Imperio de los Incas, Chile 1923.

DCCII Lagôa, Visconde de — Fernão de Magalhães. Lisboa 1938.

DCCIII Latcham, R. — Los Indios de la Cordillera... en el Siglo XVI in Rev.a C.a H.a y Geo.a LXII.

DCCIV Lehmann-Nitsche, R. — La Astronomia de los Chiriguanos, Rev. del Museo de La Plata, XXVIII, Buenos Aires.

DCCV * Linschoten, J. H. — Voyage. Amsterdam 1638.

DCCVI * Lery, J. — Histoire d'un Voyage, La Rochelle, 1578.

DCCVII Lescarbot, Marc — He. de la Nouvelle France. Paris 1866.

DCCVII * Lettres Édifiantes et Curieuses, Paris 1717-1776.

DCCVIII Levy Bruhl — Mentalité Primitive, Paris

DCCIX Lizarrága, R. — Descripción Breve, Madrid 1909.

DCCX Lóven, Sven — Ueber die Wurzeln der Tainischen Kultur, Goetenborg, 1924.

DCCXI Lumis, C. F. — Los Exploradores Españoles del Siglo XVI, trad. por A. Cuyás, Barcelona 1927.

DXXIX Magalhães, de Gandavo, Pero de — Historia da Provincia de Santa Cruz, New York 1922.

DCCXII Maroni — Noticias Auténticas del Famoso rio Marañon, in Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, Madrid.

DCCXIII Martius, C. P. von — Através da Bahia, trad. de Pirajá da Silva, Bahia 1916.

DCCXIV Martius, C. P. von — Beiträge zur Ethnographie, Leipzig 1867.

DCCXV Martius, C. P. von — Rechtszustände unter den Ureinwohnern Brasiliens, Muenchen 1832 .

DCCXVI Martius, C. P. von — Zur Ethnographie Amerikas, Leipzig, 1867.

CDLI Medina, J. T. — Los Viages de Diego Garcia de Moguer, Santiago do Chile, 1908.

CDL Medina, J. T. — El Portugues Gonzalo de Acosta al servicio de España, Santiago de Chile 1908.

CDXLIX Medina, J. T. — Juan Diaz de Solis, Santiago de Chile 1897.

CCVII Medina, J. T. — El Veneciano Sebastian Caboto al servicio de España, Santiago de Chile 1908.

DXXXII Man. Revista de Etnologia e Antropologia pf. em London.

DCCXVII Menasseh Ben Israel — Origen de los Americanos, Madrid 1881.

DCCXVIII Metraux, A. — La Religion des Tupinambá, Paris 1928.

DCCXIX * Metraux, A. — Migrations Historiques des Tupi-Guarani, Paris 1927.

DCCXX Metraux, A. — Une Decouverte, Paris 1928.

DCCXXII * Metraux, A. — La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi Guarani, Goetenborg 1928.

DCCXXII Metraux, A. — Le Bâton de Rythme, Paris.

DXXXV Montoya, A. — Conquista Espiritual, Bilbau 1892.

DCCXXIII Montaigne, Michel de — Essais, Paris 1928.

DCCXXIV Montelius, Oskar — Sveriges Hednatid, Stockolm 1877.

DCCXXV Morgan, Jacques de — L'Humanité Préhistorique, Paris 1924.

DCCXXVI Nantes, Bernardo de — Katecismo Indico da Lingua dos Kariris, Lisboa 1719.

DCCXXVII Nantes. Martin de — Histoire de la Mission, Rome 1888.

DCCXXVIII Nieuhofs J. — Gedenkweedige Brasiliaense, Amsterdam 1682.

DCCXXIX Nimuendajú, Curt — Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt, in Zeitschrift' fuer Ethnologie XLVI, Berlin.

DCCXXX Nimuendajú, Curt, — Sagen der Imbé-Indianer, Ethnologie, XLVII, Berlin.

DCCXXXI Nimuendajú, Curt — Bruchstuecke aus Religion und Ueberlieferung der Sipaia-Indianer, Antropos XVI-XVII.

DCCXXXII Nino, B. — Etnographia Chiriguana, La Paz 1912.

DCCXXXIII Nobrega, M. da — Cartas do Brasil, Rio 1886.

DCCXXXIV Nordenskioeld, Erland — L'Archeologie du Bassin de l'Amazone, Paris 1930.

DCCXXXV Nordenskioeld, Erland — Indianerlebeu, Leipzig 1912.

DCCXXXVI Nordenskioeld, Erland — Comparative Ethnographical Studies, Goeteborg, 1919-25.

DCCXXXVII Nordenskioeld, Erland — Sydamerika, Kampen om guld och silver 1498-1600, Stockolm 1919.

DCCXXXVIII Numelin, Ragnar — Orsakerna, Akadenish avanhandling, Helsingfors 1918.

DCDXXXIX Orbigny, A. — L'Homme Américain, Paris 1839.

CCCLXXXIII Ordenações Manuelinas, Lisboa 1512.

CDLVIII Oviedo y Valdes, G. H. de — Ha. General, Sevillà 1535-57.

DCCXL Oyarzúm, A. — Cay Cay y Ten Ten, o sea la tradicion del diluvio universal entre los araucanos, in Museo de Etnologia y Antropologia de Chile, II.

DCCXLI Palafox y Mendoza, J. — Virtudes del Indio, Madrid 1650.

Paulmier de Gonneville — Relation Authentique, Paris 1869

DXLIII Pereyra, Carlos — Historia de la América Española, Madrid 1923.
DCCXLII Pezieu — Brief Recueil, Lyon 1613.
DCCXLIII Piedrahita, L. F. de — Historia General de las Conquistas, 1888.
DCCXLIV Preuss, Konrad Theodor. — Lehrbuch der Völkerkunde, Stuttgard. 1937.
DCCXLV Pigafetta. Les Voyages de — Comt. por J. Denucé, Paris 1923.
DCCXVI Piso et Marcgray. Amstelodami 1648.
DCCXIVII Pittard, Eugène — Les Races et l'Histoire, Paris 1924.
DCCXLVIII * Pinto, Estevam — Os Indigenas do Nordeste, S. Paulo 1935-38.
DXLV * Prado, Paulo — Paulistica, S. Paulo, 1934.
DXLVI Prado, Paulo — Retrato do Brasil, S. Paulo 1928.
DCCXLIX Publicaciones del Museo de Etnologia y Antropologia de Chile, Santiago de Chile.
DCCL Quiroga, J. — Descripción del Rio Paraguay, in Angelis II, B. Aires.
DCCLI Reinach, S. — Répertoire de la Statuaire, Paris 1897-1910.
DCCLII Relaciones Geográficas de Indias (ed. J. de la Espada), Madrid 1881.
DLII Revista do Instituto Historico de S. Paulo, S. Paulo.
DCCLIII * Revista del Museo de La Plata, Buenos Aires.
DL Revista do Instituto Historico e Archeologico Pernambucano, Recife.
CDLXXI * Revista Trimensal do Instituto Historico Brasileiro, Rio de Janeiro.
DCCLIV Revista Chilena de Historia y Geographia, Santiago de Chile.
DCCLV * Revista do Archivo Municipal. São Paulo.
DCCLVI Reynal, Abade — Histoire philosophique... dans les Deux Indes, La Haye 1774.
CCLXIII Ribeiro, Aquilino — As Primeiras Gravuras em Livros Portugueses, in Anais

das Bibliothecas e Arquivos, Lisboa 1921.

DCCLVII Ridder, A. de, et Deonna W. — L'Art au Grèce, Paris 1924.

DCCLVIII Rio Branco, barão do — Atlas Annexe au Memoire, Paris 1899.

DCCLIX Riva Aguero — El Perú Historico e Artistico, Santander, 1921.

DCCLX Rivet, Paul — Les Malayos Polynésiens en Amérique, in Jornal des Americanistes, Paris.

DCCLXI Rocha, — Origen de los Indios Occidentales del Perú, Mexico, Santa Fé y Chile, Lima 1681.

DCCLXII Rochefort, Cesar de — Histoire Naturelle des Antilles, Amsterdam 1658.

DCCLXIII Román — Republicas de Indios, Madrid.

DCCLXIV Rondon. General C. S. — Conferencias, Rio 1916.

DCCLXV Roquette Pinto, E. — Rondonia, Rio 1917.

DCCLXVI Roquette Pinto, E. — Seixos Rolados, Rio 1926.

DCCLXVII Salvador Pires — A Bahia Cabralia, Bahia 1900.

DLIV Sampaio, Theodoro — O Tupy na Geographia Nacional, S. Paulo 1914.

DCCLXVIII Santa Rita Durão — Caramurú, Lisboa 1781.

DCCLXIX Schurtz, Heinrich — Urgeschichte der Kultur, Wien 1900.

DLVI Schmidel, U. — Warhafftige Beschreibunge. Franckfurt a. m. 1567.

DCLXXVII Schmidt, Max — Indianer Studien in Central Brasilien. Berlin, 1905.

CDLXXXV Schueler, R. — A Nova Gazeta da Terra do Brasil, Rio 1914.

DCCLXX Serrano, Antonio — Los Primitivos Habitantes del território Argentino, B. Aires 1930.

DCCLXXI Smithsonian Institution — Washington.

DLVIII Silva Leme — Genealogia Paulistana, S. Paulo 1905.

DCCLXXII * Soares de Sousa, Gabriel — Tratado Descriptivo, in Noticias Ultramarinas.

DCCLXXIII Sorokin, P. — Contemporary Social Theories, London 1928.

DCCLXXIV Staden, Hans — Warhafftige Historia, Marpurg, 1556.

DCCLXXV Steinen, Karl von den — Durch Central Brasilien, Leipzig 1886.

CDXXXVIII Stevenson, Luther — Maps Illustrating early Discoveries in America, New Brunswick 1903.

DCCLXXVI Spix e Martius — Reise in Brasilien, Muenchen 1823.

DCCLXXVII * Thevet, A. — Les Singularitez de la France Antartique 1557.

DCCLXXVIII Thevet, A. — La Cosmographie Universelle, Paris 1575.

DCCLXXIX Tonelli — La Famiglia presso i Bororo-Orari, Paris 1931.

DCCLXXX Torres, L. M. — Clasificáción ... de collecciones arqueológicas em museos argentinos, in Anales del M. N. de Buenos Aires, XIII.

DCCLXXXI Toung Dekien — De l'Origine des Américains Précolombiens, Rio 1924.

DCCLXXXII Trajano de Moura, Julio — Do Homem americano, Rio 1869.

DCCLXXXIII Tylor, E. B. — Primitive Culture, London 1929.

DCCLXXXIV Thurnwald, R. — Geisterverfassung der Naturvölker Stuttgart 1937.

DCCLXXXV Uhle, Max — Los Principios de las Antiguas civilizaciones peruanas, in bol, S. E. E. H. A. IV.

DCCLXXXVI Van Gennep — La Formation des Légendes, Paris 1910.

DCCLXXXVII Vargas Machuca — Description de las Indias, Madrid.

CCCXXVII Varnhagen, F. A. de — H.ª Geral do Brasil, 4.ª ed. S. Paulo.

DLXVI Véspucci, A. — Lettere delle Isole, Fiorenza 1505.
DCCLXXXVIII. * Vicente de Salvador, Frei — Historia do Brasil, S. Paulo 1918.
DCCLXXXIX Vignati, M .A. — Las llamadas hachas patagónicas, Com. del M. N. II, Buenos Aires.
DCCXC Xerez, F. — Conquista del Perú, 1534, Madrid.
DCCXCI * Yves d'Evreux — Voyage dans le Nord du Brésil, Paris 1864.
DCCXCII Zeitschrift fuer Ethnologie, Berlin.
DCCXCIII Willard, Theodore, A. — The Lost Empire of the Itzaes and Mayas, Glendale, California, U. S. A. 1933.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS NOMES PRÓPRIOS

A

Accioly — 63, 122.
Adonai — 20.
Alba, Duque de — 28.
Álvares, Diogo, (aliás Caramurú) — 4, 62, 53, 92, 101, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126.
Afonso V — 9, 11, 13.
Álvares Cabral, Pedro — 11, 41, 42, 55, 59, 60, 61, 125, 170.
Alexandre VI — 38.
Álvares, Marcos — 119, 121.
Albuquerque, Afonso de — 44.
Albuquerque, Jorge de — 51.
Alcazaba, Simão de — 92, 116, 125.
Álvares, Catarina — 119, 120, 121, 122, 123.
Álvares, Madalena — 119, 121, 122, 126.
Álvaro, filho de Caramurú — 126.
Álvaro, D. — 42, 43.
Alfonse, Jean (aliás Fonteneau) —, 180, 181.
Álvares, Felipa — 119, 121, 126.
Almeida Prado — 113, 217.
Almeida Prado, Francisco de — 217.
Adorno, Paulo — 119, 121, 126.
Afonso del Balbode, Catarina — 100, 216.
Álvares, Isabel — 119, 126.
Afonso, Isabel — 111.
Álvares, Gaspar — 119, 126.
Afonso, Gaspar — 110.
Álvares Manoel — 119, 126.
Afonso, Pedro — 109, 110, 111.
Álvares, João — 119, 126.
Afonso, Madalena — 110.
Afonso, Jorge — 192.

Ana, filha de Caramurú — 119, 126.
Andrada e Silva (aliás Patriarca), José Bonifácio — 99, 107, 108, 215.
Anes Grou, Luis — 110.
Anes, Pedro — 86, 93.
Acuña, D. Rodrigo de — 53, 56, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 93.
Ávila — 67.
Anchieta, Joseph de — 46, 63, 100, 104.
Avis, dinastia de — 18.
Azevedo, Pedro de — 32.
Azevedo, João Lúcio d' — 21, 26, 28.
Azevedo Marques, M. E. de — 105, 107.
Azevedo, Belchior de — 111.
Apolônia, filha do Caramurú — 119.
Arouche de Toledo Rendon, José de — 102, 108, 215.
Arístófanes — 193.
Arístóteles — 209.
Augusto — 210.
Ayrosa, Plinio — 107.
Ayres do Cazal — 51.
Álvares, Elena — 120, 126.
Álvares, Beatris — 120, 126.

B

Baldus, Dr. Herbert — 194, 202, 208.
Baião, Antonio — 43.
Braga, João de — 64, 72.
Braga, Manoel de — 72, 124.
Beatris, filha de Caramurú — 120.
Bacharel de Cananéa — 61, 62, 75, 96, 111.
Barros, João de — 42.
Barros, Valentim de — 123, 124.
Batista, Luís, José — 93.
Barbosa, Diogo — 43.
Bernardes Branco — 30.
Borba, Diogo de — 121.
Bragança, duque de — 14.
Brandônio — 203, 206.
Bartira ou M'Boy (aliás Mbcy, Isabel) — 107.

Brebeuf — 209.
Blumenbach — 136, 140.
Bensaude — 30.
Bensabat — 30.
Bixorda — v. Lopes.

C

Caballeria, Pedro de — 21.
Cabral — v. Álvares.
Carlos IX rei de França — 188.
Carlos V — 66, 79, 82, 83, 86.
Calmon, Pedro — 5.
Calixto II — 39.
Caboto, Sebastian — 53, 54, 56, 68, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 93.
Capico, Pero — 66, 86, 106, 111.
Castro, Eugênio de — 49, 78, 80, 90, 92, 106, 113, 116, 117, 139.
Cabeça de Vaca — 87.
Cardim, Fernão — 143, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 158, 159, 161, 165, 202, 203, 207, 208.
Cantino — 61.
Cândido, Zeferino — 5.
Canério — 46.
Capistrano de Abreu, João — 5, 65, 93, 99, 122, 137, 138, 145, 146, 147, 197, 198.
Carvalho da Silva, Margarida — 214.
Cá Masser, Lunardo da — 43.
Cisneiros, Cardeal — 66.
Catan, Jorge (aliás Catorico) — 70.
Catarina, filha de Caramurú — 119.
Cayrú, Visconde de — 63.
Caramurú — v. Álvares.
Chancer — 42.
Coelho, Duarte — 124, 125, 144.
Chaves, Francisco de — 93, 94.
Coelho, Gonçalo — 44, 46, 55, 124.
Coelho de Albuquerque, Duarte — 160.
Chuyt — 165.

Coelho, João — 48, 56.
Coelho de Sousa — 165.
Coelho, Nicolau — 166.
Colaço, Pedro — 111.
Costa, Gonçalo da — 62, 76, 78, 80, 81, 108.
Costa, Lobo — 5.
Couto de Barros, António Carlos — 65.
Cop — 165.
Chinard, Gilbert — 182, 209.
Chamberlain — 135.
Claude d'Abbeville — 150, 154, 159, 162, 163.
Creso — 203.
Crates *o Filósofo* — 209.
Cresques, Abraão — 10.
Crusoé, Robinson — 77.
Cortesão, Jaime — 10.
Cortesão, Armando — 191.
Cortez, Fernando — 82.
Conde da Castanheira — 83.
Crético, Giovanni Matteo — 60, 192.
Colombo, Cristovam — 39, 83.
Coligny — 181.
Cokrane, de Plymouth, Martin — 54.
Cubas, Bras — 114.
Cosme, Mestre — 111.
Correa, Gaspar — 5, 43, 51.
Correia, Pedro — 97, 111.
Corso, Francisco — 130.
Corso, Pedro — 130.
Crespin — 53.
Cunha, Enrique da — 112, 113.

D

Derby, Orville — 5, 93, 193.
Denis, Ferdinand — 65.
Denucé, Jean — 5.
Dias Adorno — v. Adorno.
Dias, Bartolomeu — 39.
Dias, Gaspar — 119, 120.

Dias, Pedro — 109, 110, 111, 113.
Dias de Gusman, Ruy — 139, 146, 153.
Dias de Solis, João — 47, 50, 51, 52, 53, 56, 66, 67, 68, 71, 73, 74, 78, 87, 94.
Dias de Beja, Vicente — 119.
Dias, Diogo — 92, 124.
Dias, Lopo — 107.
Dias, Beatris, — 105.
Diderot — 235.
Dieppe, visconde de — 52.
Diogo, filho de Caramurú — 120.
Du Péret — 191.
Du Tertre — 210.
Duarte I — 9, 10.
Duque de Ferrara — 61.

E

Ekhout — 205.
Espina, Alonso de — 21.
Eugênio IV — 39.
Ehrenreich — 133.
Enrique — v. Infante.
Elena, filha de Caramurú — 20.
Estancelin — 52.

F

Faria, Maria de — 112.
Febvre, Lucien — 6, 133, 151, 225, 232, 233.
Fernandes, Juan — 102.
Fernandes, Baltazar — 101, 103, 107.
Fernandes, Margarida — 110.
Fernandes das Vacas, Catarina — 100.
Fernandes, António — 109.
Feidipos — 193.
Fernando e Isabel — 23, 40, 45.

Felipa, filha de Caramurú — 119, 121.
Figueiredo Mascarenhas, João de — 119, 120, 122, 126,
Ferrara — v. Duque de.
Ferreira, Jorge — 108, 111.
Francisco I, rei de França — 85, 90.
Figueira, Luís — 165.
Foe, Daniel de — 75.
Francisca, mulher de Francisco Ramalho — 107.
Fracanzio de Montalboddo — 170.
Froes, Estevam — 47, 56, 66, 130, 155.
Froes de Abreu — 184, 195.
Freyre, Gilberto — 201.
Fugger — 16.

G

Gabriel, filho de Caramurú — 120.
Gaffarel, Paul — 5, 181.
Galanti, Padre — 5, 89.
Galego, Pedro — 48, 66, 130, 155.
Gama, Estevam da — 44, 55.
Gama, Vasco da — 11, 39.
Garcia, Rodolfo — 5, 49, 107, 120, 163, 226.
Garcia de Rezende — 40.
Garcia, Jofre de Loaysa — 53, 56, 67.
Garcia, Diogo — 53, 54, 56, 62, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 93, 108, 111.
Garcia, Francisco (aliás Diogo), — 79.
Garcia, Aleixo — 153, 154.
Garay, Blas — 187.
Gaspar, filho de Caramurú — 119, 120.
Genebra, filha de Caramurú — 119.
Ginoves, Jerónimo — 71.
Gil, Antão — 119, 126.
Godoy Moreira e Costa — 113.
Goes, Luís de — 111.
Goes da Silveira, Pero de — 106, 108, 112, 113, 114.
Goes, Damião de — 43, 44, 49, 55, 70, 113, 207.
Goes, Catarina de — 123, 124.
Grácia, filha de Caramurú — 119.

Grotius — 209.
Gomes de Carvalho — 5, 46.
Gomes, Jorge — 73.
Gomez, Esteban — 71.
Gomes da Silva, Antónia — 111.
Gomes, Pedro — 111.
Gonçalves, Bras — 109, 110.
Gonçalves Baltasar — 86.
Gonçalves, João — 88, 89.
Gonçalves Moreira, Diogo — 109.
Gonçalves da Câmara, Luís — 104.
Grã, Luís da — 111.
Grou, Domingos Luís — 96, 109, 110.
Grignon, Pierre — 52.
Gumbleton Daunt, Ricardo — 108, 109, 110.
Gusmán, D. Luís de — 51, 56.

H

Hawkins, John — 54.
Haro, Cristovam de — 48, 49, 56, 175.
Hitler — 25.
Hawkins, William — 54, 56.
Herkmans, Elias — 207.
Herrera — 50, 63, 82, 86.
Haddon — 133.
Hébert — 193.
Hrdlicka — 133.
Holbach — 235.
Hubert — 153.
Humboldt — 41, 59.

I

Infante D. Enrique (aliás o Navegador) — 10, 11, 32.
Infante D. Pedro — 11.
Isabel, mulher de Caramurú — 99.
Isabel, filha de Caramurú — 119.

Isabel, filha de Tibiriçá — 107.

J

Jaboatão — 88, 92, 118, 120, 121, 122, 126, 221.
Jacques, Cristovam — 49, 51, 53, 54, 56, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 84, 85, 86.
João I, (aliás Mestre de Avís) — 9, 10, 13, 27, 29.
João II, (aliás Principe Perfeito) — 9, 11, 13, 14, 19, 21, 23, 24, 37, 38, 39, 40, 49.
João III — 5, 23, 67, 81, 82, 84, 87, 115, 120, 121, 144.
João VI — 14.
João Lourenço — 122.
José Bonifácio (aliás Patriarca) — v. Andrada e Silva.
João, filho de Caramurú — 119.
Jorge, filho de Caramurú — 120.
Juian, Camille — 151.
Júlio Cesar — 210.
Junot — 20.
Justina, mulhér de Francisco Ramalho — 107.

K

Krickeberg — 135, 136, 139.
Knivet — 182.
Koch-Grünberg — 135.
Kunstmann II — 139, 191.

L

Lamego, Alberto — 203.
La Roncière, C. — 191.
La Popellinière — 182.
La Faitada — 43.
Lahotan — 209, 210.

La Ravardière — 162, 164.
Lagoa, visconde de — 64.
La Motte — 114.
Latimer, Henry — 79.
Leblanc, Vincent — 182.
Lescarbot — 180, 181, 209.
Lefevre, Nicolau — 55.
Lejeune — 209.
Leitão de Andrada, Miguel — 27.
Leitão, Domingos — 112.
Lery, Jean de — 65, 182.
Leão, Ermelino de — 146.
Leibnitz — 235.
Lehmann-Nitsche — 135, 147.
Leite, Duarte — 38, 39, 46.
Leite, Serafim — 96, 99, 106, 110, 111.
Leite, Diogo — 86.
Le Testu, Guillaume — 181.
Lisboa, João de — 49.
Linschoten — 187, 198, 200.
Lomaria — 69.
Lochê — 235.
Lopes de Carvalho, João — 47, 64, 116.
Lopes Bixorda, João — 49, 56, 207.
Lopes de Moura, Caetano — 162.
Lopes de Sousa, Pero — 71, 90, 93, 95, 108, 113, 114, 115, 117, 124, 125, 154, 201.
Lopes, Fernão — 12.
Loronha, Fernão de — 42, 43, 45, 46, 47, 55, 99.
Lobo Pinheiro, Pero — 86, 94, 95, 113, 114, 125.
Loyola, Inácio de — 110.
Luís, João — 120.

M

Macedo, Antonio de — 107, 108.
Madalena, filha de Caramurú — 119, 121.
Madre de Deus, Gaspar — 88, 107.
Magalhães, (aliás Magalhães de Gandavo) Pero de — 155, 156, 157, 158.
Magalhães, Fernão de — 48, 51, 56, 64, 116, 176, 191.

Melo da Câmara, João — 84, 101.
Malheiro Dias, Carlos — 172.
Marchione — 16, 42, 43, 44, 47.
Marcondes Romeiro — 113.
Mateo — 164.
Marcos, filho de Caramurú — 119.
Martir de Angleria, ou Anghieria, Pedro — 47.
Martius — 135, 141, 142, 156, 157, 195, 205.
Martins, Francisco — 47.
Martins Ferreira, Vicente — 115, 124.
Martins Francisco III — 5, 16.
Mendes Correia, —
Mendes de Almeida, Cândido — 5.
Mendes de Almeida, João — 5.
Mendes de Vasconcelos. Álvaro — 49.
Melo Moraes — 119, 120, 122.
Manoel I, (aliás o Venturoso), — 9, 11, 23, 24, 28, 42, 43, 44, 49, 64, 68, 165.
Manoel, Nuno — 49, 73.
Manoel, filho de Caramurú — 119.
Medina, Toríbio de — v. Toríbio.
Metraux — 137, 150, 155, 204.
Morelli, Benedetto — 42, 47.
Meung, Jehan de — 52.
Mendez — 75, 79.
Moema — 63.
Montes, Enrique — 71, 74, 76, 80, 81, 86, 87, 93, 111, 116.
Monteiro, Gonçalo — 88, 89, 112.
Moslieuse — 69.
Morgan, Jacques de — 231.
Mocquet, Jean — 182.
Montaigne — 182, 186, 187, 188, 189, 210.

N

Nássau — 204, 205.
Navarrete — 69, 70.
Navarro — 151.
Nápoles, Afonso de — 71.
Negro, Pascoal de — 71.
Nicolau V — 39.

Nóbrega — 96, 98, 99, 103, 104, 106.
Nordenskioeld — 154, 157.
Nova, João da — 43, 55.
Nunes, Paulo — 124.
Nunes, Pedro — 190
Nuno, D. — 49, 56, 175.

O

Oliveira, Bras de — 5.
Offenbach — 17.
Orsúa — 157.
Outes — 135.
Oviedo — 62, 80, 108, 116, 126, 130, 202.
Ortiguera — 156.
Otão — 210.

P

Paez — 65.
Paiva, Manoel de — 96, 99.
Parmentier — 52, 56, 68, 164, 179.
Patriarca — v. José Bonifácio e Andrada e Silva.
Paulmier de Gonneville — 46, 55, 172, 174, 202.
Paz, Duarte da — 180.
Pedro — v. Infante.
Pereira da Silva — 5.
Pereira de Sousa, Washington Luis — 107.
Pereira Coutinho, Francisco — 105, 117.
Pedroso de Barros, Luís — 124.
Pequirobi — 109.
Pilola, Juande — 69.
Pinto, Estevam — 141.
Pittacus — 209.
Pigafetta — 176, 179.
Pires, Cristovam — 47.
Pires — 113.
Pires, Salvador — 112.

Pires, João — 112.
Pires, Jorge. — 111.
Peres (ou Pires), Duarte — 111.
Pinto, Rui — 112, 113, 114.
Pinto, Francisco — 112, 113.
Plutarco — 151.
Pizarro — 83.
Portalegre, conde de — 42.
Post, Franz — 205.
Pompeu — 210.
Prado. João de — 112, 113.
Prado, Paulo — 101, 102.
Pravia, Juan Lópes de — 80.
Puerto, Francisco del — 94.

Q

Quaresma, Antónia — 108.

R

Rabelais — 180.
Rabelo, Lopo — 120.
Rabelo, Maria, — 119, 120, 126.
Ramalho, André — 108.
Ramalho, João (aliás Reinmelle) — 4, 62, 79, 80, 95, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 113, 118, 123, 127, 214, 215.
Ramalho, Francisco — 107.
Ramalho, João ou Jordão — 108.
Ramalho, Joana — 108.
Ramalho, Margarida — 108.
Ramalho, Marcos 108.
Ramalho, Victório ou Vitorino — 108.
Ribeiro, Afonso — 60, 125.
Rodas, — 75, 79.
Rodrigues, Afonso — 92, 116. 119, 120, 121, 122, 126.
Rodrigues, António — 106, 109.

Ramires, Melchior — 71, 74, 76, 111.
Reynal — 235.
Rodrigues, António — 101, 108, 109, 111.
Rodrigues, Francisco — 119, 120.
Rodrigues, Garcia — 109.
Rodrigues, Jerónimo — 111.
Rodrigues, Maria — 112.
Rodrigues, Pero — 109:
Rodrigues, Corrêa — 119,
Rocha, Pombo — 5.
Ridder, et Deóna — 193.
Rivet, Paul — 135.
Reinel — 139, 208.
Rousard — 192.
Rousseau — 209, 210.
Rondon, Cândido — 140.
Rodrigo, D. — v. Acuña.
Rojas — 75, 76, 79.
Ramúsio — 52.
Roger, Hugues — 52, 56.
Roupinho, Fuas — 20.

S

Sá, Mem de — 106.
Saint Blancard, barão almirante de — 114.
Santa Maria, Paulo de — 21.
Santa Maria — 88.
Salema — 160.
Sassetti — 23, 27, 28, 29.
Santa Cruz, Alonso de — 62, 76, 77, 80, 86.
Santa Rita Durão — 63.
Saint Gelays, Mellin de — 180.
Schmidel, Ulderico — 104, 182, 214.
Schoener — 48.
Selkirk, Alexandre — 75.
Serrano, António — 140, 196.
Sebastião I — 15, 16, 26.
Sernige — 42.
Sexta Feira — 77.

Siqueira e Mendonça, Ana de — 88.
Siqueira de Goes, Leonor — 124.
Simão, Padre Mestre — 97.
Silva Leme — 108, 109, 110, 112.
Sousa, Martim Afonso de — 55, 56, 73, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 101, 102, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126 127, 139, 153, 154, 159, 221.
Sousa, João de — 83.
Sousa, Luís de — 5.
Sousa Tomé de — 102, 105, 107.
Sousa Viterbo — 120, 126.
Suidas — 183.
Soares de Sousa, Gabriel — 143, 144, 145, 146, 147, 148, 160, 161, 162, 165, 186, 202,
Shylock — 20.
Spix — 95.
Soderini — 172.
Staden, Hans — 65, 182, 206.
Steinen, von den — 137.
Stevenson — 5.
Strabão — 151.
Syens — 165.

T

Tácito — 209.
Taunay, Afonso de — 5, 114, 146, 147.
Taques, Pedro — 107, 109, 114, 124, 214, 215.
Tibiriçá — 100, 102, 105, 107, 111, 113, 114, 215.
Terebebê, Princesa — 111.
Thevet, A — 65, 182, 197, 198, 204, 205.
Tito Lívio — 209.
Tristão, Duarte — 51, 56.
Toledo Leme — 113.
Toríbio de Medina — 47, 53, 54, 66, 68, 71, 74, 102, 108.
Twiss — 192.

V

Valle, António do — 88.
Valori, Bácio — 23.
Vas, António — 120, 126.
Vas, de Caminha — 41, 60, 150, 165, 170.
Vasconcelos, Simão de — 122.
Vaz, Diogo — 115.
Van Gennep — 143.
Varnhagen — 5, 46, 48, 51, 52, 60, 61, 62, 66, 68, 87, 88, 92, 101, 116, 122, 137.
Velho Maldonado, João — 100.
Velho, Isabel — 109.
Vespúcio, Américo — 39, 44, 45, 61, 127, 170, 171, 172, 176.
Vicente do Salvador — 123.
Vicente, Pedro — 112.
Vieira, Colaça — 214.
Villegagnon — 192.
Vinet, Fernando — 43.
Virgílio — 6, 151.
Viscaino, Bartholomé — 71.
Vizcaino, Marchin — 70.

W

Welser — 16.
Williamson — 54.

Y

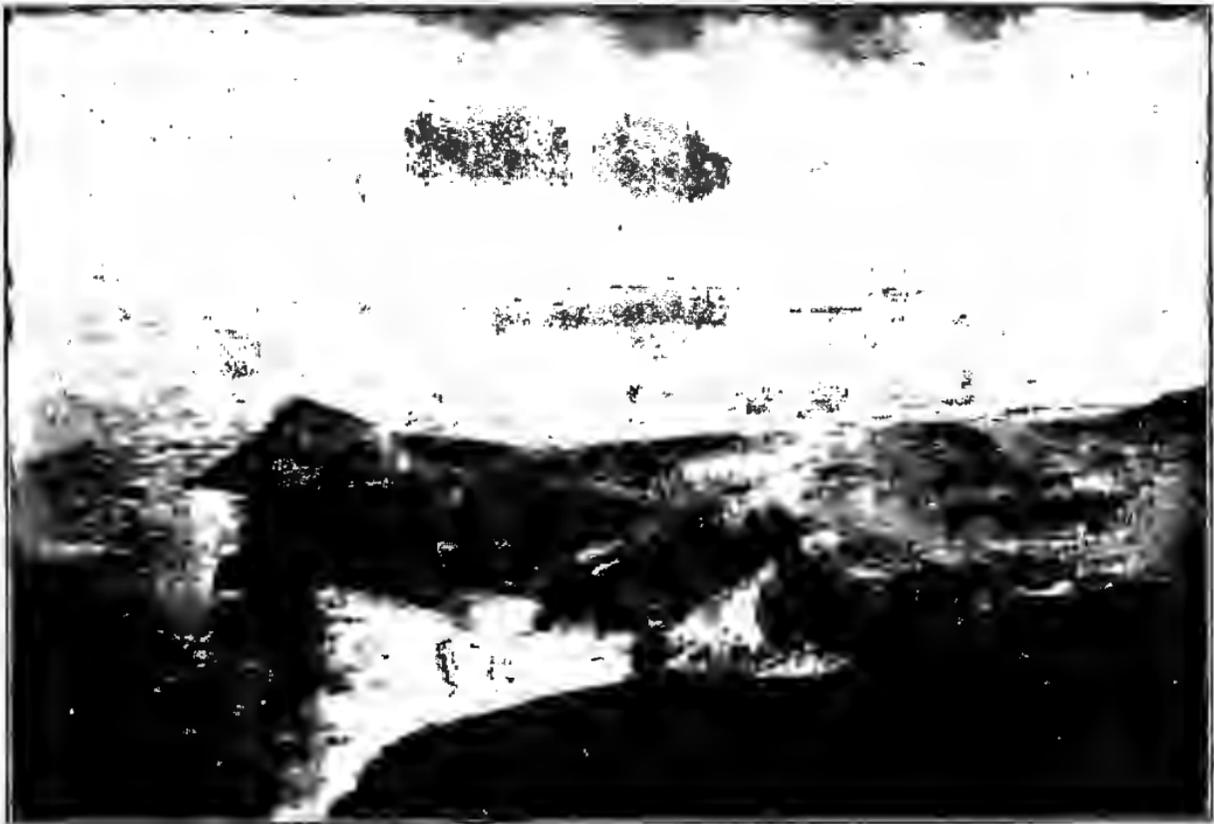
Yañez Pinzon, Vicente — 47.
Yves d'Evreux — 163, 200, 209.

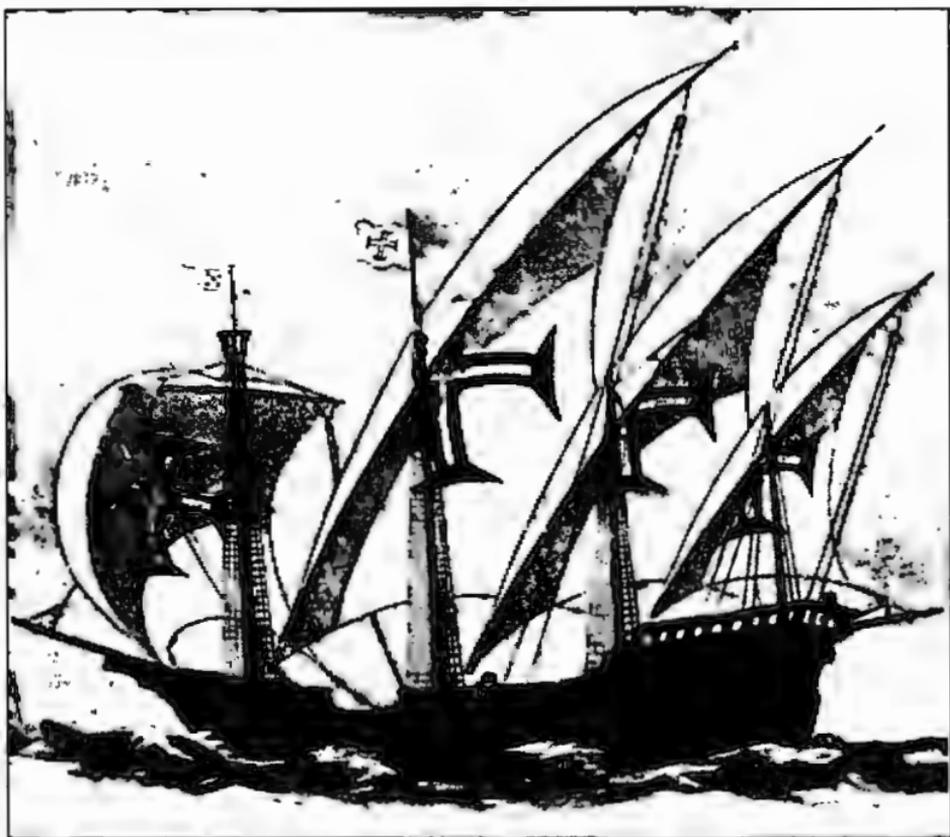
Z

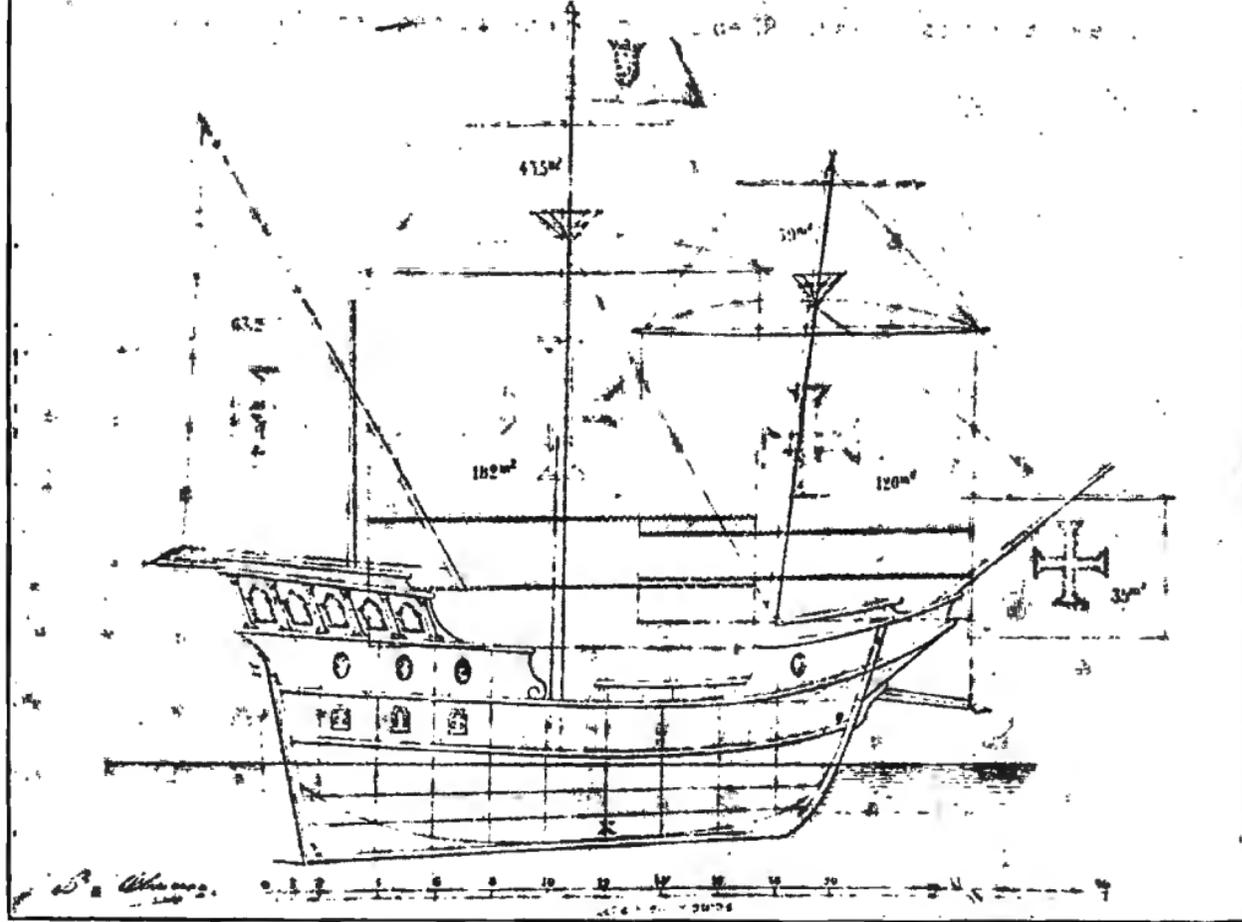
Zuñiga, (aliás Çuñiga) — 52, 66, 67, 68.

D. MANOEL I
Rei de Portugal

Pintura flamenga atribuida á escola de Harlem.

INFANTE D. ENRIQUE

Cabo da Boa Esperança

Fidalgos Portugueses do Século 16
(do **Portugal** de F. Denis).

Nau Portuguesa do Século 16
(Reconstituição do Almirante Gago Coutinho)

ESTEVAM DA GAMA
suposto descobridor da Ilha da Trindade
(da Asia Portuguesa de Faria e Souza)

Medidas de uma Nau Portuguesa do Século 16
20 metros de comprimento.

Martim Affonso de Souza
(da Asia Portuguesa de Faria e Souza)

Floresta Brasileira

(Desenho e litografia de Mauricio Rugendas).

Indígenas Antropófagos

(Portada da 1.ª edição de Hens Staden).

Mapa do gentio do Brasil no Século 16